

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

MEMÓRIA:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"

Ano 6 - Nº 35 - Edição Janeiro e Fevereiro 2026

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



REVISTA THE BARD

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

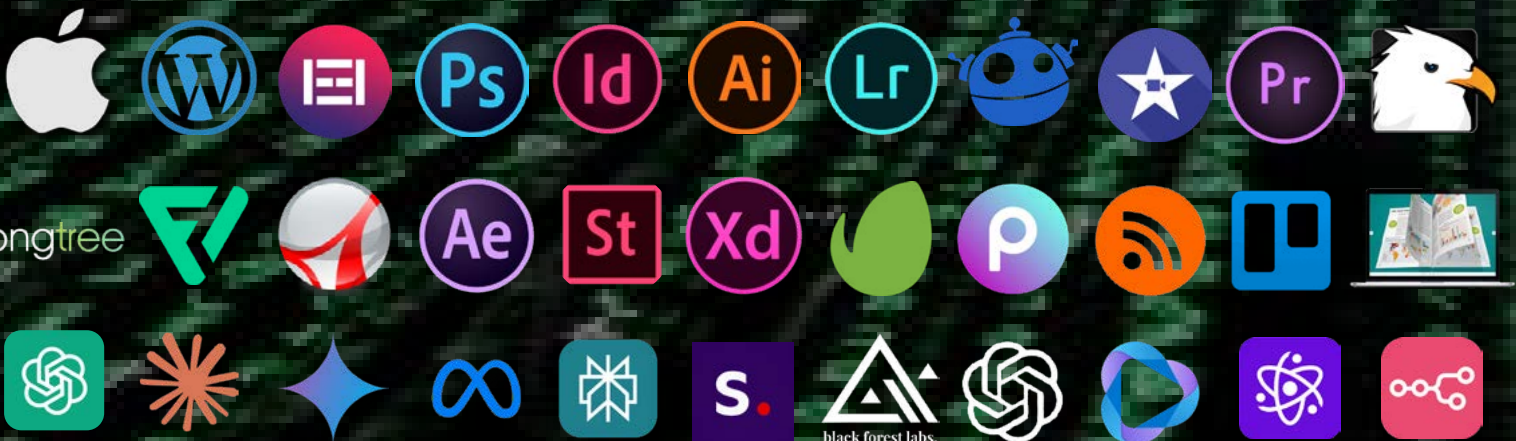
Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente acessível, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e vinte e cinco Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



the

WOLF BARD
POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



JORNAL THE BARD NEWS



Edição da Revista

ED. JAN/FEV 26



Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25



ED. SET/OUT 25



ED. JUL/AGO 25



ED. MAI/JUN 25



ED. MAR/ABR 25



ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24



ED. SET/OUT 24



ED. JUL/AGO 24



ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



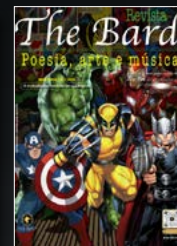
ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23



Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com imensa satisfação que damos as boas-vindas à primeira edição de 2026 da Revista Interativa The Bard, 35ª edição. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Dedicamos um espaço aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado de participação nº 1 - Ouro.

Nessa edição vem com o tema da Matéria de Capa: "Memória - a memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo", por Jeane Tertuliano.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil e da Angola.

Nesta edição trazemos a volta das colunas: "Contadores de Histórias, por Fagner Lima", "Alma em Perspectiva, por Rute Ella Dominici", "Desejando a Fantasia, por Renato Mota", "Momento Resenha, por Natália Carmo", "Recanto das Culturas Tradicionais, por Nazareth Arrais" e o "Mundo da Fantasia, por Karol Artioli".

E com grande novidade, temos o lançamento de uma coluna chamada: "Liter'Alma, por Mia Koda".

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também "Frases e Pensamentos", "Artigos", "Minicontos", "Contos" e "Crônicas". Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de "Vitrine The Bard", prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.



Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
36ª Edição **MAR/ABR 2026**



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

MEMÓRIA:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"



35ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2026

Uma viagem nos tempos:

"a expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"

**36^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MARÇO & ABRIL DE 2026**

PERÍODO DE 03 DE DEZEMBRO À 31 DE JANEIRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso

Da Revista Internacional The Bard

35ª edição



APOIADOR(A) THE BARD



MEMÓRIAS: "A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 35ª edição Janeiro e Fevereiro 2026, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 35ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Cláudia Faggi

Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti a um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

INSTAGRAM



Stella Gaspar

Stella Gaspar, nascida em João Pessoa – Paraíba. Pedagoga, professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um PhD na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha. Escritora, poetisa, contista. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus", ao mesmo tempo coautora e autora livros técnicos e didáticos na área das Ciências Humanas. Colunista no Blog da Editora Valletti Books, além escritora. Colunista e pesquisadora da Revista Internacional The Bard. Colunista do "Jornal Internacional The Bard News". Pesquisadora registrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) no Brasil, com afiliação ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Sua obra se expande como coautora em mais de 30 antologias. Atua também como prefaciadora e pós-prefaciadora.

INSTAGRAM



Rute Ella Dominici

Rute Ella Dominici Escritora e Poetisa, paulistana, odontóloga. Superior Língua francesa. Civilization Écriture et Littérature/ Alliance Française. Livro Solo de Poemas 'Mar Germinal' lançado em 09/2023. Livro Solo de Poemas 'lava Incontida' a ser lançado au 'Salon du Livre à Genève', Membro da AMCL Academia Mundial de Cultura e Literatura, Membro imortal/ Cadeira 117/ Olga Savary, Membro Internacional da FEBACLA Cadeira 345/Amós Oz, Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa, Cadeira 113/Miryam Fraga, Participação em Antologias Diversas.

INSTAGRAM



Ari Gëisler

Ari Gëisler é professora, historiadora, geógrafa e pós-graduanda em Edição Editorial. Autora independente, publicou os livros Os Rabiscos Coloridos, O Menino que Tinha Medo de Trovão e O Menino que Queria Ser Guerreiro. Natural de Rio Grande (RS), escreve contos e crônicas sobre memória, ancestralidade e a força feminina.

INSTAGRAM



Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Matéria de Capa
JEANE TERTULIANO



ACESSE A COLUNA

Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGCI



ACESSE A COLUNA

Autopoiese & Narrativas
STELLA GASPAR



ACESSE A COLUNA

Frases e Pensamentos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Crônicas
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



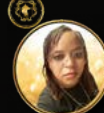
ACESSE A COLUNA

Vida de Autor
LILIAN STOCO



ACESSE A COLUNA

Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



ACESSE A COLUNA

Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



ACESSE A COLUNA

Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



ACESSE A COLUNA

Dialética
CLAYTON ZOCARATO



ACESSE A COLUNA

Artigos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Grandes Autores
ANGELA DANELUCI



ACESSE A COLUNA

Nossa Literatura - Virtudes Poéticas
MARCIA NEVES



ACESSE A COLUNA

A Língua em movimento
ALINE ABRÉU SANTANA



ACESSE A COLUNA

MiniContos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Tons do Cotidiano
ADRIANA MOURA



ACESSE A COLUNA

Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ



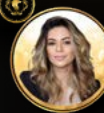
ACESSE A COLUNA

Contos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ



ACESSE A COLUNA

LiterAlma
MÍIA KODA

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Nau Literária - Entrevistas
MAGDA ASPÁSIA



ACESSE A COLUNA

Florescendo em
Pensamentos
CRISTINA GOMES



ACESSE A COLUNA

Literatura de Cordel
BEYN BALTAR



ACESSE A COLUNA

Mãe África
FÁTIMA MONIZ



ACESSE A COLUNA

Vai um livro aí?
ARELY SOARES



ACESSE A COLUNA

Caldeirão Cultural
LUIZ SOLRAK LIMA



ACESSE A COLUNA

Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



ACESSE A COLUNA

Nem te conto
FABIANA FRANCISCO



ACESSE A COLUNA

Contadores de Histórias
FAGNER LIMA



ACESSE A COLUNA

Alma em Perspectiva
RUTE ELLA DOMINICI



ACESSE A COLUNA

Desvendando a Fantasia
RENATO MOTA



ACESSE A COLUNA

Momento Resenha
NATÁLIA CARMO



ACESSE A COLUNA

Recanto das Culturas
Tradicionais
NAZARETH ABRAIZ



ACESSE A COLUNA

O Mundo da Fantasia
KAROL ARTIGOLI



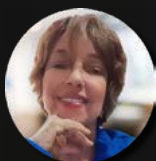
ACESSE A COLUNA

Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora

ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora

ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora

ACESSE



Luciana Fernandes Fujioka
Poetisa
Divulgadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Redatores Digitais

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



LUIZ SOLRAK
Redator Digital

ACESSE



MIA KODA
Redatora Digital

ACESSE



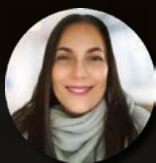
SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras

ACESSE



Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



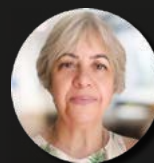
STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora

ACESSE



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
Revisora

ACESSE



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
Revisora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Pesquisadora

ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora

ACESSE



TÔNIA LAVÍNIA
Escritora
Pesquisadora

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE



SEU NOME
Venha fazer partedo Time de
Marketing e Divulgação

ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA





01



Jeane Tertuliano



Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas, é professora, escritora e palestrante com 20 livros publicados. Graduada em Letras, com pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina, é autista, com altas habilidades, TDAH e baixa visão. Feminista e ativista sociocultural, recebeu prêmios como o 1º lugar no Destaques Literários Focus Brasil – New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura (2023). Em 2024, foi eleita delegada para representar o setor "Livro, Leitura e Literatura" na 4ª Conferência Nacional de Cultura. Colunista da The Bard e membro da AIL e UBE, organiza projetos antológicos e utiliza a literatura como ferramenta de transformação.

A memória imaterial popular
passada pelas festividades
ao longo do tempo

A memória imaterial popular não se conserva em arquivos nem se sustenta apenas por registros oficiais. Ela sobrevive no exercício contínuo da transmissão. Passa de geração em geração por meio da experiência vivida, do gesto repetido, da palavra cantada, do rito encenado coletivamente.

Ao longo do tempo, são as festividades que se tornam seu principal terri-

tório de permanência.

As festas populares funcionam como espaços privilegiados de perpetuação da memória. Não apenas porque reúnem pessoas, mas porque convocam práticas herdadas. Preparativos, rituais, músicas, danças, comidas, indumentárias e narrativas reaparecem ano após ano, criando uma continuidade simbólica que atravessa décadas e, muitas vezes, séculos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 11/01/2026"

Nesse contexto, a memória não é lembrança distante. É ação reiterada. No curso da história, as festividades populares assumiram diferentes formas, acompanhando transformações sociais, históricas e culturais, sem romper completamente com suas origens. Celebrações religiosas, profanas ou híbridas preservam elementos ancestrais mesmo quando incorporam novas linguagens e sentidos.

Procissões mantêm percursos simbólicos. Carnavais atualizam antigas inversões sociais. Festas juninas reafirmam ciclos ligados à terra, à colheita e à vida comunitária. Celebrações afro-brasileiras e indígenas mantêm vivos mitos, cosmologias e formas próprias de relação com o sagrado e com a natureza.

É nesse movimento contínuo que a memória imaterial se sustenta. Ela não permanece porque se mantém idêntica, mas porque se adapta sem perder seus núcleos simbólicos. Cada edição de uma festividade carrega marcas do presente, ao mesmo tempo em que resgata práticas herdadas. O tempo, longe de apagar a memória, passa a ser seu aliado.

A propagação dessa memória não ocorre de forma formalizada. Não há manuais nem instruções escritas. Aprende-se observando, participando, repetindo.

Crianças acompanham os mais velhos. Jovens assumem pa-

péis progressivamente. Adultos transmitem saberes sem nomeá-los como tal. O conhecimento passa pelo corpo, pelo afeto e pela convivência. A festividade torna-se, assim, um espaço de aprendizagem cultural contínua.

Cada elemento da prática festiva carrega memória. A música repete versos antigos. A dança mantém gestos reconhecíveis. A comida preparada para a celebração preserva modos tradicionais de fazer. As vestimentas evocam identidades coletivas. Tudo isso constitui um conjunto de saberes que não se fixa em documentos, mas se renova na prática.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 11/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 11/01/2025"

Com o passar do tempo, essa forma de transmissão garantiu a sobrevivência de expressões culturais que, de outro modo, teriam se perdido. Mesmo diante de processos de colonização, urbanização acelerada e homogeneização cultural, as festividades populares funcionaram como espaços de resistência simbólica.

A memória imaterial encon-

trou nelas um meio de continuar circulando, mesmo quando outros registros foram silenciados. Entretanto, essa memória não está imune a riscos. A descaracterização das festas, sua transformação em produtos turísticos desvinculados da comunidade e o enfraquecimento da continuidade entre gerações ameaçam a continuidade desses saberes.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 11/01/2026"

Quando a festividade perde seu sentido coletivo, a memória que ela carrega se fragiliza. Preservar a memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo não significa congelar tradições. Significa garantir que continuem sendo vividas por aqueles que as reconhecem como parte de sua história. Significa valorizar a festa como espaço de encontro, legado e pertencimento.

Ao atravessarem o tempo, as festividades populares demonstram que a memória não fica para trás. Ela se refaz no presente, a cada celebração. Enquanto houver quem repita o gesto, cante o canto, prepare o alimento e ocupe o lugar simbólico herdado, a memória imaterial seguirá existindo. Não como lembrança distante, mas como prática viva.

JEANE TERTULIANO

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**



COLUMNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



CONHEÇA O CURSO

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



*Escreva contos e torne-se um **escritor***

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



CONHEÇA O CURSO! >>

CLIQUE AQUI



Sumário



16

Matéria de Capa:

Memória: "a memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo", por Jeane Tertuliano



66

Mitologias e Crônicas

Império Mongol,
por Ladylene Aparecida

80

Poetas e Poetisas

por Edna Lessa

88

Coluna Dialética

A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo,
por Clayton Zocarato



106

Grandes Autores

Rachel de Queiroz: a mulher que escreveu o Sertão e o Coração, por Angela Daneluci

116

Nossa Literatura

O brincar e a literatura na construção da identidade de um povo, por Márcia Neves

122

A Língua em Movimento

por Aline Abreu Santana

Edição Jan/Fev 2026

26

Tudo Sobre Cinema

Por Claudia Faggi

34

Autopoiese & Narrativas

Memória: a memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo, por Stella Gaspar

48

História das Artes

A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo, por Betânia Pereira

56

Vida de Autor

"Microcontos: onde o silêncio também escreve", por Lilian Stocco

64

Prosa Poética

por Jeane Tertuliano



132

Crônicas Tons do Cotidiano

por Adriana Moura Salles



136

Raízes do Brasil

por Renata Munhoz



154

As Cores da Sociedade

por Elke Lubitz



160 **Liter'Alma**
por Mía Koda



168 **Nau Literária**
por Magna Aspásia



174

Florescendo em Pensamentos

Feliz Ano Novo de novo,
por Cris Gomes



180 **Literatura de Cordel**
Sincretismo religioso
em versos de cordel, por
Beth Baltar

186 **Mãe África** 
Festas da Ilha de Luanda,
por Fátima Moniz

190 **Vai um livro aí?**
por Arely Soares

194 **Caldeirão Cultural**
Por Luiz Solrak

200 **Desnuda em Palavras -
Erótico**
por Tônia Lavínia



210 **Nem te conto -
Minicontos**
Por Fabiana Francisco



214 **Contadores de Histórias**
Por Fagner Lima

220 **Alma em Perspectiva**
Alter Ego e Arquétipo Feminino,
por Rute Ella Dominici

226 **Desvendando a Fantasia**
O cristal encantado e as camadas
da fantasia, por Renato Mota

234 **Momento Resenha**
por Natália Carmo



238 **Recanto das Culturas
Tradicionais**
por Nazareth Arrais

248 **O Mundo da Fantasia**
Por Karol Artioli



Ficha Técnica



Expediente

Revista The Bard
Ano 6, Nº 35, Janeiro e Fevereiro 2026
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, X, Wattpad, Pinterest

YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Criação IA da Capa: J.B Wolf

Design de Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar, Cristina Gomes e Márcia Neves

Curadora de vídeos: Tônia Lavínia

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - Jeane Tertuliano
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de Autor - Lillian Stocco
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Grandes Autores - Angela Daneluci
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- A Língua em Movimento - Aline Abreu Santana
- Crônica Tons do Cotidiano - Adriana Moura
- Raízes do Brasil - Renata Munhoz
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Liter'Alma - Mia Koda
- Nau Literária - Magna Aspásia
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Mãe África - Fátima Moniz
- Vai um livro aí? - Arelly Soares
- Caldeirão Cultural - Luiz Solrak
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavínia
- Nemw Te Conto - Minicontos - Fabiana Francisco
- Contadores de Histórias - Fagner Lima
- Alma em Perspectiva - Rute Ella Dominici
- Desvendando Fantasia - Renato Mota
- Momento Resenha - Natália Carmo
- Recanto das Culturas Tradicionais - Nazareth Arrais
- O Mundo da Fantasia - Karol Artioli
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 14 e 15

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

Revista The Bard

Poesia, arte e música



ISSN 2764-9768

SNIIC AG-217193

125 Países





23



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte. Eu me apaixonei pela sétima arte desde a primeira vez que assisti à um filme em um cinema, o filme era "História Sem Fim" de 1984. Foi incrível. As sensações eram diversas. Viajei sem sair do lugar, a música me envolveu, a história me inspirou e por quase duas horas eu me desliguei do mundo real e naquele momento eu fazia parte do elenco do "História Sem Fim." Foi paixão à primeira vista pelo cinema.

A vida imita a arte ou a arte imita a vida?



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/11/2025"

Iniciamos 2026 com uma seleção poderosa, intensa e plural, exatamente como o cinema deve ser. Nesta primeira edição do ano, percorremos narrativas que investigam a condição humana sob diferentes prismas: da política à música, da ficção brilhantemente construída ao horror real que marcou a história.

Abrimos com "Hitler e o Nazismo: começo, meio e fim", um mergulho documental que revisita, com rigor e clareza, os mecanismos que permitiram a ascensão do totalitarismo e seus desdobramentos, um alerta necessário para

qualquer tempo.

Em seguida, celebramos a genialidade indômita de "Raul Seixas: Eu sou", obra que ilumina camadas pouco exploradas do artista que mudou a música brasileira, revelando suas inquietações, sua ousadia e sua filosofia de vida.

Migramos, então, para o universo das séries com "And Just Like That", que retoma a trajetória das icônicas personagens de Sex and the City, agora mais maduras, enfrentando novas dores, redescobertas e reinvenções possíveis apenas com o tempo.



Prepare sua lista, abra espaço na agenda e mergulhe nessas narrativas que atravessam épocas, estilos e emoções.

Bem-vindo(a) à primeira edição cinematográfica de 2026 , que ela marque o início de um ano repleto de boas histórias, na tela e fora dela.

E já que falamos de séries inesquecíveis, revisitamos “Breaking Bad”, um clássico moderno que permanece insuperável na construção psicológica de seus personagens e no estudo das fronteiras éticas que se rompem quando a sobrevivência exige mais do que coragem.

No gênero de ação, trazemos “A Vizinha Perfeita”, que brinca com o suspense do cotidiano, revelando como o perigo pode estar a poucos passos da porta ou por trás de um sorriso impecável.

Fechamos com “Monstro: A História de Ed Gein”, uma viagem perturbadora aos abismos da mente de um dos criminosos mais assustadores dos Estados Unidos, obra essencial para quem se interessa pelo crime e psicologia criminal.



CLAUDIA FAGGI

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



YOUTUBE



THREADS



POST NO SITE



Hitler e o Nazismo: Começo, Meio e Fim

Eu me interessei profundamente pela história da segunda guerra mundial. Acredito que quando investimos em conhecimento a história não se repete.

Porém, por mais que eu estude esse período sombrio da história, fica difícil entender como um homem comum conseguiu unir pessoas e forças para provocar um estrago gigantesco e grotesco.

Quando assisti Hitler e o Nazismo: Começo, Meio e Fim eu entendi como e porque o fanatismo nazista foi crescendo e inflamando pessoas comuns.

A série mostra o contexto da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um país derrotado, em crise econômica e social, humilhado pelo Tratado de Versalhes. Nesse cenário de pobreza e instabilidade política, surge Adolf Hitler, um ex-soldado que encontra na política um espaço para difundir suas ideias extremistas.

Sim... os planos da segunda guerra mundial começaram na primeira guerra mundial, com a Criação do Partido Nazista (NSDAP).

Não podemos esquecer o grande e importante investimento na propaganda intensa contra judeus, comunistas e minorias.

E por fim a ascensão de Hitler como líder carismático que prometia devolver a grandeza à Alemanha.

A fase central da série acompanha a tomada do poder e o auge do regime nazista.

Em 1933, Hitler se torna chanceler e rapidamente implanta uma ditadura.

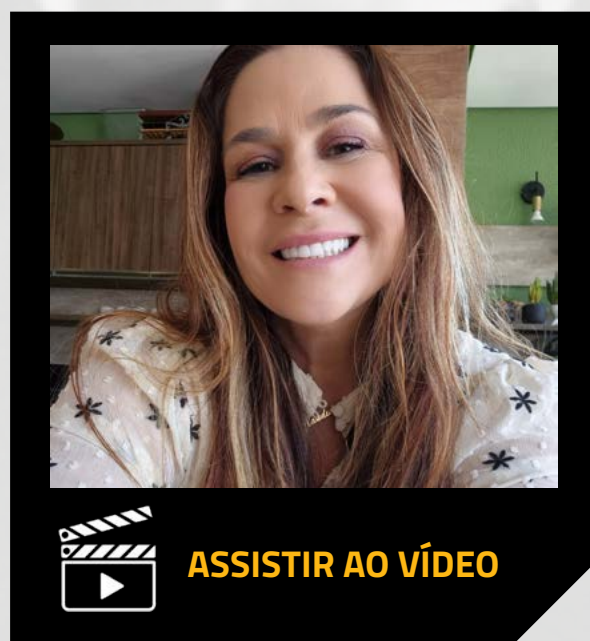
Mas, não é o fim dessa história...

A série da Netflix de 2024 com seis episódios tem muito mais a acrescentar.

Você conta com imagens e áudios reais do julgamento de Nuremberg.

Essa série é uma aula de história sem precedentes.

Beijos
Claudia Faggi



POST NO SITE



Raul Seixas: Eu Sou



Raul Seixas: Eu Sou é uma minissérie biográfica sobre o cantor, compositor e ícone do rock brasileiro Raul Seixas.

Quando o Raul faleceu eu estava na quadra da escola em que eu estudava. A notícia veio através de uma rádio do vizinho ao lado. Confesso que fiquei muito triste.

A série produzida pelo Globoplay, em parceria com a O2 Filmes, estreou em 2025 e tem oito episódios.

Ravel Andrade interpreta Raul Seixas com maestria.

A série retrata a trajetória de vida de Raul Seixas, desde sua infância em Salvador até sua fase adulta no Rio de Janeiro, destacando sua carreira musical e seus relacionamentos pessoais.

Explora não só os momentos de glória (shows, hits famosos), mas também seus conflitos internos: vícios, dúvidas existenciais, busca por liberdade e autenticidade.

Tem um foco especial nas influências culturais, políticas e espirituais que marcaram Raul: sua relação com misticismo, filosofia e amizade com Paulo Coelho.

Raul Seixas: Eu Sou foi destaque no Series Mania, festival de séries na França, sendo a primeira produção brasileira selecionada para o evento.

Vale a pena conferir!

Raul Seixas foi um artista muito à frente de sua época.

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



And Just Like That

Quando a renomada e icônica série que fala sobre relacionamentos, amizades e moda chegou ao fim, muitas mulheres ficaram órfãs. Afinal de contas, as meninas de Sex And City tinham crescido e completado seis temporadas.

And Just Like That é nada mais, nada menos que a continuação de Sex And City.

Sim, as meninas se tornaram mulheres lindas, com suas carreiras, vidas, algumas com filhos, novos relacionamentos, novas amizades e lindos closets recheados de peças de cair o queixo. Uma inspiração para a moda vintage e contemporânea.

O mais bacana é que o universo de Sex And City, nessa nova versão, foi atualizada para temas atuais.

Identidade de gênero, diversidade cultural, menopausa e mudanças corporais, carreira, redes sociais e novas formas de relacionamento são temas relevantes e recorrentes nesse momento.

Se vale a pena?

Muito... cada episódio é uma reinvenção de nós mesmas. As mulheres merecem um presente como And Just Like That.

Beijos

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



Breaking Bad



Imagina uma série onde cada episódio consegue nos surpreender?

Breaking Bad é uma das séries mais aclamadas da história da televisão, criada por Vince Gilligan e exibida entre 2008 e 2013. Misturando drama, suspense e estudo psicológico de personagens, a produção se tornou referência em narrativa, direção e construção moral.

A história acompanha Walter White, um professor de química talentoso, porém frustrado, levando uma vida simples em Albuquerque. Após ser diagnosticado com câncer de pulmão, Walter decide usar seus conhecimentos para produzir metanfetamina de alta pureza como forma de garantir o futuro financeiro da família.

Para isso, ele se une ao ex-aluno Jesse Pinkman, um pequeno traficante impulsivo e carismático.

A partir dessa premissa, a série mostra a transformação gradativa — e sombria — de Walter, que passa de um homem comum para o temido Heisenberg.

Breaking Bad explora questões profundas como, moralidade e escolhas éticas, poder, orgulho e ego, consequências da violência, família e lealdade e transformação do indivíduo diante do desespero e da ambição.

Cada temporada aprofunda a tensão e mostra como pequenas decisões podem criar ondas de destruição.

Assista

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



A Vizinha Perfeita

A Vizinha Perfeita é um documentário que investiga como aparências podem esconder conflitos profundos, revelando a complexidade das relações humanas e a fragilidade da confiança no ambiente doméstico. A narrativa se desenvolve a partir da convivência aparentemente harmoniosa entre vizinhos, que aos poucos se mostra permeada por tensões, segredos e comportamentos que desafiam a ideia de normalidade e bom convívio.

O filme documentário constrói sua força ao explorar o contraste entre a imagem pública — aquela vizinha simpática, prestativa e sempre bem-vista — e a vida privada, marcada por atitudes inquietantes e episódios que levantam dúvidas sobre sua verdadeira personalidade.

Ao longo do documentário, depoimentos, registros do cotidiano e material de arquivo ajudam a montar um quebra-cabeça psicológico que prende o espectador não pelo sensacionalismo, mas pelo caráter profundamente humano de seus personagens.

Além da investigação factual, A Vizinha Perfeita se destaca por levantar temas importantes: a idealização das pessoas que convivem ao nosso redor, a linha tênue entre curiosidade e vigilância, e a dificuldade de reconhecer sinais de manipulação emocional ou comportamentos abusivos quando eles acontecem tão perto — às vezes, literalmente do outro lado da parede.

O resultado é uma obra que instiga, provoca e convida a refletir sobre como julgamos o outro e sobre o quanto realmente conhecemos quem está ao nosso lado. É um documentário envolvente, que combina mistério, análise social e um olhar sensível para a complexidade das relações de vizinhança.

E a pergunta que fica é: A Vizinha Perfeita existe?

Beijos

Claudia Faggi



POST NO SITE



Monstro: A História de Ed Gein



Monstro: A História de Ed Gein é um documentário que revisita a trajetória de um dos criminosos mais perturbadores da história dos Estados Unidos.

Ed Gein, que viveu na pequena cidade rural de Plainfield, Wisconsin, nos anos 1940 e 1950, tornou-se infame após a polícia descobrir, em sua propriedade, uma série de artefatos macabros feitos a partir de restos humanos. Embora tenha sido condenado formalmente por apenas dois assassinatos, sua obsessão por cadáveres e seus rituais mórbidos marcaram profundamente o imaginário popular e influenciaram inúmeras obras de terror como Psicose e O Massacre da Serra Elétrica.

O documentário busca ir além do sensacionalismo, investigando as influências psicológicas, familiares e sociais que moldaram a personalidade de Gein. Um dos elementos principais é sua relação com a mãe, Augusta: uma mulher extremamente rígida, religiosa e controladora, cuja visão moralista do mundo parecia ter moldado de forma intensa a mente frágil do filho. Após sua morte, Ed mergulhou em um isolamento crescente, que acabou servindo de terreno fértil para distúrbios que se manifestaram em comportamentos cada vez mais anormais.

Beijos

Claudia Faggi



ASSISTIR AO VÍDEO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Stella Gaspar



Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro “Um amor em poesias como uma Flor de Lótus”. Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

“Memória: a memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo.”

1. INTRODUÇÃO

Querido(a) leitor(a)!
Bem-vindos à 35ª Edição — janeiro & fevereiro da Revista Internacional The Bard, com o tema: “MEMÓRIA: A MEMÓRIA IMATERIAL POPULAR PASSADA PELAS FESTIVIDADES AO LONGO DO TEMPO.”

A memória imaterial popular transmitida por meio de festividades ao longo do tempo é definida como Patrimônio Cultural Imaterial, o qual refere-se às prá-

ticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas — com os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes são associados — que comunidades e grupos reconhecem como parte de seu legado cultural.

A salvaguarda desses bens culturais é responsabilidade do “Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)”, que os registra para garantir a continuidade e o respeito a essas práticas.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

O patrimônio imaterial popular transmitido através das festividades inclui as expressões culturais vivas, saberes, celebrações e rituais que uma comunidade preserva e passa adiante de geração em geração. As festas populares brasileiras são veículos cruciais para essa transmissão, mantendo a identidade e a memória cultural vibrantes.

As festividades, como o Carnaval, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, o Samba de Roda e a Folia de Reis, são exemplos proeminentes desse tipo de patrimônio, por preservarem tradições e memórias coletivas vivas por meio de sua atuação e participação contínuas.

Ao fazer a leitura da coluna Autopoiese Y Narrativas, você irá alegrar a sua memória de tempos inesquecíveis vivenciados em algumas regiões do Brasil.



Tecendo pesquisas, apresentamos o artigo com o título “MEMÓRIA IMATERIAL: NARRATIVAS DE VIDA, CULTURA E BELEZAS”.

As temáticas aqui apresentadas podem oferecer excelente aporte para pesquisadores que se dedicam ao estudo e à pesquisa que permeiam e compõem o universo de diferentes festividades (festas religiosas, festas populares, comemorações cívicas).

Com carinho e alegrias,

Stella Gaspar

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

2. MEMÓRIA IMATERIAL: NARRATIVAS DE VIDA, CULTURA E BELEZAS.

“Pela memória, o passado não só revisita as águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, descola estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (Bosi, 2003, p. 36).

Até o momento já foram registrados como Patrimônio Imaterial os seguintes bens brasileiros: Arte Kusiwa dos Índios Wajãpi (técnica de pintura e arte gráfica própria desse grupo indígena que vive no Amapá); Ofício das Paneleiras de Goiabeiras (assim chamadas por ser a maioria das artesãs, mulheres que residem no bairro de Goiabeiras, em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo); Samba de Roda no Recôncavo Baiano (o samba praticado, principalmente, na região do Recôncavo é uma mistura de música, dança, poesia e festa aos orixás); Círio de Nossa Senhora de Nazaré (celebração religiosa que se caracteriza por uma procissão em que milhares de romeiros acompanham a imagem de Senhora de Fátima pelas ruas de Belém do Pará); Ofício das Baianas de Acarajé (o qual é tradicionalmente feito pelas chamadas “baianas de tabuleiro”); o Jongo (dança de origem africana que chegou ao Brasil colônia com os negros trazidos como escravos para o trabalho forçado nas fazendas de café); o frevo e a feira de Caruaru de Pernambuco e a Viola-de-cocho (encontrada no Pantanal do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, recebe este nome porque é confeccionada em um tronco de madeira inteiriço esculpido no formato de um cocho).

De acordo com o IPHAN, a preservação dessas culturas visa assegurar que os conhecimentos culturais de um grupo ou comunidade sejam transmitidos de geração em geração, sendo constantemente reinventados por essas comunidades e grupos com base em seu ambiente, na sua interação com a natureza e na sua história. Isso promove um sentimento de identidade e persistência, contribuindo para o estímulo do respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,sob a direção de Arety Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

As sensações, os sentimentos e emoções são necessários à preservação dessa cultura imaterial. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações, tal como afirma o autor (Nora, 1993, p. 9). O registro desses costumes e tradições significa a reconstrução da história desses lugares e, como tal, uma reconstrução incompleta do que não existe mais, pois “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.” Olhar o próprio conteúdo da memória implica olhar para si, para a própria história. O ato de lembrar pode trazer consigo recursos de vitalidade e ânimo gerados na espessura de uma experiência. Esse movimento favorece possíveis inclusões e interpretações, atuando diretamente sobre nossa porosidade.

Assim, experiências, sabedorias, passado e presente, são caminhos ressignificados, fornecendo elementos para a continuidade da história. A memória nos enriquece com seus conteúdos, empresta cor, profundidade, significados e percepções. Armazena um pouco de tudo vivido com sensações, sentimentos e saberes. Esses aspectos são “rios da vida” desaguando no grupo, na cultura, em realidades territoriais e regionais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

Em outras palavras, a memória deve ser entendida sempre como uma mistura da relação entre o indivíduo e o grupo. Ela é um ponto de partida e de chegada, recriamos o legado de gerações com olhos de “hoje”. Há sempre uma troca entre memórias individuais e memórias coletivas. A construção das memórias se constitui tanto do que se apreende das lembranças individuais e se transferiu para a esfera social quanto do que se ensaiou na esfera social e se reexportou para a memória individual.

Vale lembrar que, enquanto patrimônio, esses saberes, costumes e modos de viver se ancoram em memórias que circulam, física ou metaforicamente, entre os membros de um grupo e, para serem preservados, devem permanecer simultânea ou alternadamente nas lembranças de todos. Dessa forma, a preservação desses bens deve se dar de forma que cada indivíduo possa inscrever nela sua representação, sua contribuição, sua versão, permitindo o sentimento de pertença e de implicação. As políticas culturais em prol da

preservação desses bens devem ampliar as concepções de vida sem excluir a diversidade cultural e sem modelar a forma de preservação das lembranças, desqualificando as formas de passar conhecimentos e saberes tradicionais que marcam a construção das memórias coletivas e individuais nessas comunidades.

A memória concretiza e refaz, afasta e aproxima, ela se amplia significativamente a conteúdos culturais e emocionais, filtrando acontecimentos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

Em suma, a memória imaterial é a alma de uma comunidade, um repositório de conhecimentos, evocações e práticas que, embora intangíveis, são essenciais para a identidade e a vitalidade cultural de um povo.

3. IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA IMATERIAL POPULAR.

“Desprende as bolhas, as amarras da memória e vai além... Há horizontes e caminhadas à tua espera. Fica sempre o que significou, iluminando as lembranças, que guardadas em gavetas, saem do seu recôncavo, e seguem entre árvores, nuvens em festividades longevas” (Stella G., 2025)

A memória imaterial expõe os aromas, os tons, as sonoridades marcantes de um determinado período do tempo histórico e seus arranjos culturais, construções e ruínas, festas e cortejos etc. Todas estas formas são lembranças, lugares de memórias, que guardam e produzem as identidades. Revisar e refazer o acervo de nossas memórias são oportunidades de rememorar, constituem a consciência do agora.

O conhecimento histórico, portanto, não pode ser limitado ao estudo dos fatos e à reprodução do saber sem reflexão ou novas indagações, ao contrário, ele necessita da afirmação e da interrogação permanentes, é, portanto, neste processo dialético (abstra-

ção e concretude num só tempo) que se dá a construção dos conceitos e do conhecimento.

Visto assim, a noção de patrimônio material e imaterial deve ser compreendida sempre como complementar, dado que são materiais, funcionais e simbólicos simultaneamente.

“Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Tudo pode ser continuamente remexido e cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos reordenados de todas as maneiras possíveis” (Calvino, 1990, p.138).

Uma cerimônia religiosa e uma festa em torno de um prato típico, ou até mesmo eventos populares como o carnaval, são assuntos de estudo aprofundados e pesquisados. Para entender essas atividades, precisamos conhecer sua história, que mostra como elas mudaram ao longo do tempo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT AL sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 02/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKT AL sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 02/12/2025"





IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

Preservar o patrimônio é garantir que o passado inspire o presente e o futuro, pois, como disse o filósofo francês Henri Bergson, "A memória não é o que se recorda, mas o que se transmite." E é essa transmissão contínua que forma o alicerce para a construção de uma sociedade mais coesa, consciente e próspera.

A visão moderna sobre o patrimônio cultural reconhece que as tradições não são estáticas; elas são processos de constante evolução. O patrimônio imaterial, como festas populares, danças e músicas, está em constante transformação, pois se adapta ao contexto social e às novas gerações. Assim, a preservação das tradições não significa somente conservar o que é antigo, mas garantir que essas expressões culturais continuem a evoluir, sem perder sua essência, de forma a refletir as mudanças da sociedade.

Portanto, proteger o patrimônio cultural é mais do que uma tarefa burocrática ou legal, é uma forma de garantir que a história de uma cidade seja preservada e que as futuras gerações possam se orgulhar de suas raízes culturais. A cidade que valoriza seu patrimônio — seja ele material ou imaterial — está investindo em seu futuro, criando um ambiente onde a identidade cultural é a base para um desenvolvimento sustentável, próspero e integrado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

4. ASPECTOS DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E FESTIVAS.

Não existe sociedade humana sem festas, sejam elas seculares, tradicionais ou modernas, pois a festa é "um espelho no qual o ser humano se reflete.

"A festa é a ocasião em que, nas sociedades hierarquizadas, se aproximam e confraternizam com as diferentes classes sociais e onde, nas sociedades de fratrias, os grupos complementares e antagonistas se confundem, atestam sua solidariedade" (CAILLOIS, 1950). In: Tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. Paulo: Ateliê. (2003, p. 166).

Deve-se, portanto, procurar

compreender as festas enquanto fatos sociais, antropológicos, complexos, advindos de tradições arraigadas na cultura brasileira. As festividades populares promovem e reavivam recordações e sentimentos, recriando elementos que permanecem na memória coletiva, servindo como instrumentos significativos para a preservação dessa memória. Não se trata somente de reconstruir fragmentos da imagem de um evento pretérito, mas sim de assegurar que essa reconstrução opere com base em informações e conceitos que estejam enraizados em nosso íntimo, assim como nos dos demais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI,sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

As festas são sempre as mesmas, sem nunca serem iguais, por serem resultantes do momento que se dá pela interação social. Possuem dinâmica própria, transformando-se, atualizando-se, lentamente, fora do ritmo acelerado das expressões massivas, embora apresentem uma relação entre tradição e inovação, constituindo um forte dinamismo, um elemento de vitalidade.

O rico calendário festivo brasileiro congrega diversas modalidades de festas: cívicas, profanas, religiosas, públicas, privadas, de brancos, de negros, de indígenas, do calendário agrícola e tantas outras que acabam evidenciando uma grande mistura de gente, raças, crenças e

valores, que sempre estiveram presentes na história do país, emanando uma grande profusão de símbolos, que muitas vezes se misturam, se confundem.

Diversas festividades no Brasil são reconhecidas como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e ilustram como a memória popular é mantida viva:

O Rodeio, a Carreteada e os Ternos de Reis — integram o conceito de patrimônio imaterial por representarem o imaginário simbólico e a memória coletiva de nosso povo, além de manterem vivas práticas culturais que conectam gerações e fortalecem a identidade local.

O Brique da Redenção, em Porto Alegre, e o programa Rua Aberta, são exemplos de como aquilo que é novo pode se transformar em parte da imaterialidade cultural, uma vez que tudo o que hoje é tradicional já foi, em algum momento, uma novidade. Isso reforça a ideia de que a cultura é um processo vivo e dinâmico, em constante transformação, onde práticas emergentes podem adquirir o mesmo valor simbólico das heranças mais antigas, conectando comunidades ao longo do tempo.

O Círio de Nazaré, devoção, rituais religiosos, culinária, cantos e a organização coletiva da procissão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

O Carnaval com o frevo (em Pernambuco), o samba (no Rio e Bahia), as marchinhas, os desfiles de blocos e escolas, e toda a expressividade lúdica e cênica.

O Bumba meu boi. Danças, músicas, lendas, os "autos" (encenações dramáticas), a confecção de indumentárias e a organização dos grupos folclóricos.

O Nordeste com as Festas

de São João. Quadrilhas, forró, comidas típicas, fogueiras e a forte ligação com o ciclo junino e a vida rural.

Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis (GO) e Paraty (RJ): A celebração envolve rituais complexos, como as Cavalhadas, as máscaras, os cantos e a hierarquia dos festeiros, que mantêm viva a tradição e a fé da comunidade.



Tambor de Crioula do Maranhão: uma forma de expressão musical e coreográfica que acontece em diversas ocasiões festivas e é um importante símbolo da identidade afro-brasileira.

As celebrações garantem que a coletividade e os valores culturais de um povo não se percam

no tempo, mas sim se renovem a cada ciclo festivo.

O patrimônio imaterial do Brasil inclui manifestações culturais como a capoeira, o samba, o acarajé e o carimbó, além de saberes, ofícios e festas tradicionais, como o modo de fazer queijo de Minas e a Festa do Divino.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI,sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI,sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI,sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A memória imaterial popular refere-se aos aspectos intangíveis da cultura de um povo, que não podem ser tocados, mas são vividos e repassados oralmente por meio da prática. A modernidade pode se adaptar a essa memória sem destruí-la, possibilitando que no futuro ainda persistam essas manifestações que resumem a tradição mais legítima do Brasil.

Tudo aquilo que faz parte da vasta gama cultural de uma sociedade pode ser considerado cultura imaterial. O idioma, as gírias e variações linguísticas, a religião, as festas populares, as festas religiosas, a dança, a música, as lendas e crenças populares, e a culinária são manifestações culturais que identificam determinadas sociedades e não existem materialmente.

Uma das características mais importantes dos patrimônios imateriais é a sua capacidade de mudar, de adaptar-se e de construir novos significados simbólicos, conforme as demandas do ambiente e de seus atores. Esse entendimento pode ser retomado com a definição sobre patrimônio

imaterial da Convenção da Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da UNESCO.

Ao finalizar esse artigo, destacamos o importante conteúdo para o respeito e o desenvolvimento social, cognitivo e econômico da sociedade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 02/12/2025"

“A preservação do patrimônio não é somente um ato de memória, mas uma forma de fortalecer os laços entre os cidadãos, garantindo que as próximas gerações continuem a construir sobre as bases da cultura e história que receberam. A preservação do patrimônio é a manutenção do imaginário coletivo, um processo contínuo de reafirmação da identidade cultural de

um povo”, afirma a filósofa Marilena Chauí (Disponível em: <https://seguinte.inf.br/a> importância do patrimônio material e imaterial para o desenvolvimento e identidade de uma cidade e de um povo).

Belezas e boas lembranças.

De mim, para todos(as).

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



FRASES E PENSAMENTOS

A calma é o abrigo dos fortes.
Quem domina o próprio caos,
vence o dia. E dorme em paz
com o que foi possível.

J.B Wolf

“Olhando para o infinito, veremos
que o céu é receptivo e que
o hoje tem força vital”

Stella Gaspar

Não havendo nada que perdure, é natural que a
memória se esvaeça, porque ela não é uma
planta aérea, precisa de chão.

Machado de Assis

As ideias estabelecidas, fluando difusamente na
nossa memória, depois de leituras e conversas,
nos parecem ser as nossas próprias.

Eça de Queiroz

“A melhor medicina contra a saudade é
a falta de memória.”

Carlos Drummond de Andrade

“Diga-me e eu vou esquecer. Mostre-me
e eu posso não me lembrar. Envolve-me
e eu vou entender.”

Confúcio

O dom de recordar anula as noções de tempo e
de espaço. Traz-se o passado ao presente,
afastando tudo quanto possa perturbar a
harmonia e a beleza das coisas idas.

Bastos Tigre

“A vantagem de ter péssima memória
é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas
boas como se fosse a primeira vez.”

Friedrich Nietzsche

“A vida é toda ela memória, exceto por
um momento presente indo embora tão
rápido que você mal percebe ele ir.”

Tennessee Williams

A memória apresenta às vezes um fenômeno
curioso; conserva por muito tempo oculta e so-
pitada uma impressão de que não temos a menor
consciência. De repente, porém, uma circunstância
qualquer evoca essa reminiscência apagada; e ela
ressurge com vigor e fidelidade.

José de Alencar

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUNISTAS

"Ninguém ignora que os sucessos deste mundo, domésticos ou estranhos, uma vez que se liguem de algum modo aos nossos primeiros anos, ficam-nos perpetuados na memória."

Machado de Assis

"Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória."

José Saramago

"Nós não conhecemos o verdadeiro valor de nossos momentos até que eles se submetam ao teste da memória."

Georges Duhamel

"Um homem de letras, que não escreve as suas memórias, tem realmente o direito a que os outros lhas não escrevam."

Eça de Queiroz

"SUA FRASE AQUI"

"A memória dos velhos é menos pronta, porque o seu arquivo é muito extenso."

Marques de Maricá

"Assim como a memória pode ser um paraíso do qual não podemos ser levados, ela pode também ser um inferno do qual não conseguimos escapar."

John Lancaster Spalding

"Navego pela memória sem margens."

Cecília Meireles

"Nossos dias são como as estrelas cadentes. Mal as vemos enquanto passam; deixam depois que passam um sulco indelével na memória."

Benjamin Franklin

"Estou correndo atrás do tempo que já passou...
No tempo que está passando...
Não sei mais pra onde vou."

Grande Otelo





NERI LUIZ CAPPELLARI

Cidade: Capão da Canoa
Estado: Rio Grande do Sul
País: Brasil

BEETHOVEN NÃO PRECISA DE BLACK TIE

Todos os dias, ele puxa o seu carrinho recolhendo o lixo. Como ele, existem vários coletores de sucata e de outros dejetos. Todos seguem a mesma rotina. A mesma sina de juntar as sobras dos que têm muito e ver através do descarte as suas chances de sobreviver. Entretanto, um deles chamou a atenção. Seu nome não sei, se tem um sobrenome deve ter se perdido entre as sobras de comida achadas no dia a dia. Porém, quando ele surge, ao longe, todos sabemos da sua aproximação. Uma pequena caixa de som, provavelmente recolhida em um canto qualquer, demonstra o seu refinado gosto musical. As músicas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da Música Popular Brasileira (MPB) são sua marca. Suas melodias o tornam visível, instiga a nossa imaginação e nos faz pensar. Qual é a sua história? O que o levou a deambular pelas ruas?

Existem dezenas de catadores de lixo perambulando pelas cidades todos os dias. Nós já nos acostumamos com sua invisibilidade. Eles percorrem as ruas e é como se habitassem em um planeta diferente do nosso. Nossas histórias se cruzam, mas não se tocam. Nossos olhares se desencontram. Nossas vidas seguem rumos diferentes. Embora passemos pelas mesmas calçadas, pelas mesmas ruas, suas pegadas são imperceptíveis ao nosso olhar. Sua dor não nos atinge, seu cheiro nos afasta, sua aparência triste não toca o nosso coração.

Entretanto, há uma música linda do mais insólito lugar, e soa estranhamente em nossos ouvidos. É como se aquele clássico de Beethoven nos incomodasse. Não pela melodia que soa dentro de nós, mas como Beethoven chegou a esse carrinho de lixo? Por que este mendigo chama tanto a nossa atenção? Para quem tem um ouvido privilegiado, é perfeitamente possível ouvir os belos clássicos de Beethoven, Bach e as músicas do MPB. Para esse homem, sobre quem todas as carências parecem recair, não há limites. Seus ouvidos não conhecem as barreiras erguidas pelos eruditos.

Se, por um lado, estamos acostumados a ouvir os clássicos em um belo teatro, com uma acústica impecável, os homens de black tie, as mulheres trajadas com lindos vestidos, um maestro regendo a orquestra e dezenas de músicos tocando divinamente. Por um outro lado, nos causa estranheza, um clássico vindo sem glamour, sem arautos que anunciam a sua chegada, através de uma caixa de som recolhida em um descarte qualquer.

Um homem pobre passa, todos os dias, desafiando nossas ideias pré-concebidas da elitização de uma música conhecida por poucos. Sua presença desconstrói nossa maneira de pensar, adquirida durante anos, de que uma linda sinfonia é para um público seletos e restrito.

Sim, esse catador de lixo nos mostra que um som que estimula os nossos ouvidos é muito mais do que um alento para o ego de uma classe mais privilegiada.

Sua visibilidade se dá pelo fato de que ele nos faz enxergar, todos os dias, a socialização de melodias como meio de comunicação. As músicas eruditas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da MPB estão disponíveis para todos ouvir independentemente do lugar de onde nós viemos. Sejam ricos ou catadores de lixo. A arte veio para resgatar a nossa dignidade como pessoas, alimentar a nossa alma. Esse catador nos mostra antes de tudo, antes mesmo de sua própria história, que não há lugar intransponível.

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Betânia Pereira



Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em História do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de várias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo

A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato.

Nildo Lage

Sem a cultura imaterial viva, nossa vida e a de todos os outros seria profundamente diferente e, para muitos, desprovida de um significado essencial. Em essência, sem a cultura imaterial viva, a experiência humana seria muito mais árida, silenciosa e desumanizada, pois é ela que dá cor, som e significado à nossa existência partilhada.

É preciso preservar a memória para que a história não morra"

Tallison Ferreira



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"

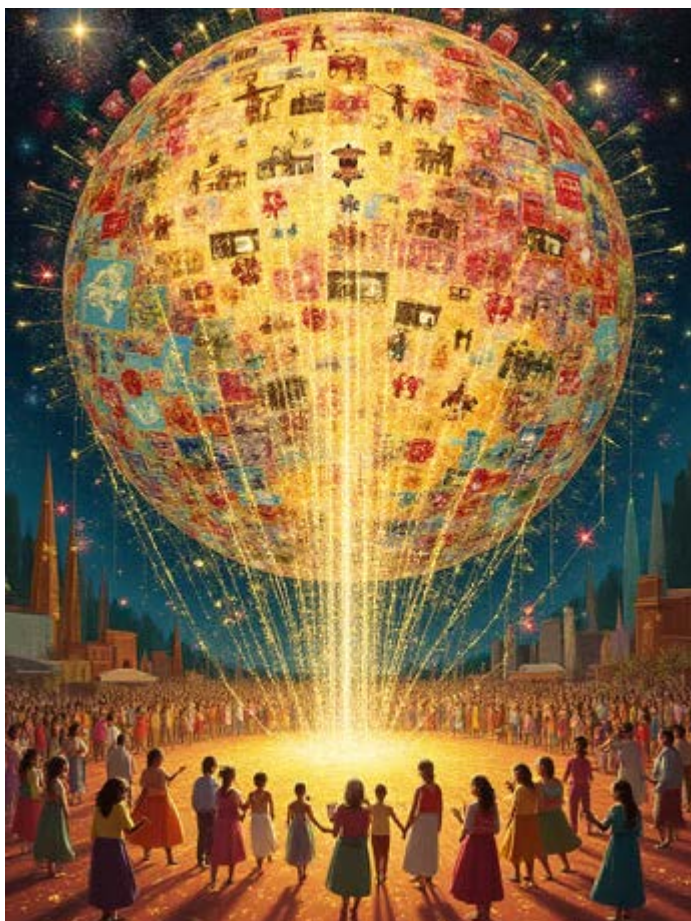


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"

Antes de trazer elementos históricos sobre a memória imaterial quero ressaltar a sua importância, como alicerce para a formação da identidade coletiva e a preservação da história de uma sociedade, como transmissão de conhecimentos e tradições, fortalecimento da coesão social, desenvolvimento da consciência crítica, e valorização da diversidade. Permitindo que os grupos sociais se reconheçam, valorizem suas origens e transmitam conhecimentos e tradições às futuras gerações. Ao honrar e compreender a memória coletiva, a sociedade fortalece seus laços internos, celebra a diversidade e promove a convivência harmônica entre diferentes culturas. A memória imaterial permite a nos enxergar e possuir pertencimento numa região, valorizando as raízes, reconhecendo a identidade, preservando originalidade. É a multiculturalidade da cultura que traz reconhecimento e pertencimento.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"



Um dia, nossa existência será apenas uma vaga lembrança, preservada na memória por um período efêmero.

Leandro Feitosa



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"

Mas o que é memória imaterial, o que a diferença da memória material? Memória material e imaterial são formas de Patrimônio Cultural: o material inclui elementos físicos e tangíveis (edifícios, obras de arte, objetos) que podemos ver e tocar; o imaterial abrange as práticas, saberes, celebrações e expressões que não têm forma física, como danças, músicas, culinária e rituais, transmitidos oralmente e vividos por uma comunidade. Ambos são cruciais para a identidade de um povo, sendo o material mais durável fisicamente, enquanto o imaterial depende da memória e da participação para se manter vivo.

"A memória imaterial é como um sopro de vida que dá alma à cultura, transmitindo histórias, saberes e tradições de geração em geração."

A memória imaterial, esse conjunto de elementos culturais abstratos e intangíveis que expressam a identidade e as tradições de um grupo social ou região, não pode ser tocada fisicamente, mas é vivida e transmitida de geração em geração, abrangendo os saberes, fazeres, modos de expressão, celebrações, rituais, línguas e costumes que moldam a maneira como uma comunidade se vê e interage com o mundo.

O processo histórico da memória imaterial envolve o reconhecimento global (UNESCO, 2003) e nacional (Decreto 3.551/2000 no Brasil) das expressões culturais vivas — saberes, celebrações, tradições orais, rituais — que são transmitidas entre gerações, reforçam identidades e precisam de políticas de salvaguarda para serem mantidas, indo

do movimento folclórico pós-guerra até o registro formal pelo IPHAN e a criação de programas como o PNPI, que visam sua preservação através de inventários e reconhecimento legal para garantir sua continuidade e o respeito à diversidade cultural.

Ela passa por um processo contínuo de transformação e adaptação ao longo do tempo, sendo as festividades um dos principais veículos para essa transmissão e ressignificação e, não são estáticas, mas sim dinâmicas, refletindo as mudanças sociais, econômicas e culturais das comunidades que as praticam.

Citaremos os passos principais de reconhecimento da memória imaterial no Brasil:

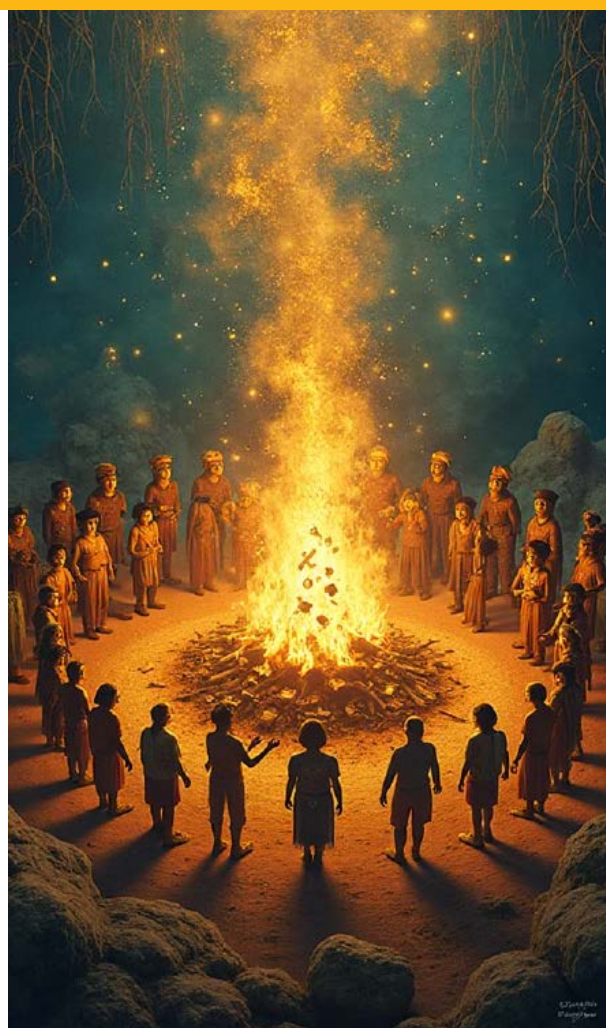


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"

1. Identificação: Comunidades, grupos ou indivíduos identificam práticas, saberes, celebrações, formas de expressão ou lugares que representam sua identidade.

2. Solicitação: Uma solicitação é feita ao IPHAN (nível federal), com apoio de documentos e inventários.

3. Registro: O bem é inscrito em um dos Livros de Registro do Patrimônio Imaterial (Saberes, Celebrações, Formas de Expressão, Lugares).

4. Salvaguarda: A comunidade, com apoio público, implementa medidas para manter viva e transmitir a prática, que é constantemente recriada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 já havia ampliado a noção de patrimônio cultural para incluir bens de natureza material e imaterial:

- Decreto nº 3.551/2000: Este decreto instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio

Imaterial (PNPI), estabelecendo instrumentos legais para a preservação desses bens no país, como celebrações, saberes e formas de expressão.

- Ratificação da Convenção: O Brasil ratificou a Convenção da UNESCO de 2003 em março de 2006.

A memória imaterial popular é fluida e resiliente, persiste nas festividades não por ser imutável, mas por sua capacidade de se adaptar, dialogar com o presente e continuar a fazer sentido para as comunidades que a mantêm viva. Passando por processos de transformações e adaptações que ocorrem de diversas formas como pela transmissão Geracional e Memória Coletiva, perpetuada através da transmissão oral, práticas e rituais passados de uma geração para outra. Nesse sentido as festividades funcionam como "lugares de memória" onde essas tradições são revividas e ensinadas, fortalecendo a identidade e o sentimento de pertencimento de um grupo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"

Ocorre também, pela adaptação e ressignificação quando ao longo do tempo, elementos das festas podem ser adaptados para se adequar a novos contextos. Por exemplo, festas com raízes religiosas profundas podem, com o tempo, adquirir um caráter mais cultural ou profano, ou incorporar novos elementos tecnológicos e de entretenimento; sucede também por Influência da glo-

balização e comercialização quando os fatores modernos, como a globalização e o turismo, levam à comercialização de algumas festividades. Isso pode resultar na introdução de novos elementos ou na diluição de práticas mais autênticas para atrair um público mais amplo, gerando uma tensão entre a preservação da tradição e os interesses econômicos.



Imagem gerada com IA por Aldileonardo977 - Freepik

Acontece ainda por reconhecimento e políticas de preservação: O reconhecimento de certas festividades como patrimônio cultural imaterial (pelo Iphan no Brasil ou pela UNESCO internacionalmente) pode, paradoxalmente, influenciar sua evolução. Políticas de salvaguarda buscam preservar a autenticidade, mas o próprio processo de documentação e visibilidade pública pode alterar a forma como a festa é vivenciada pela comunidade. E por último por expressão do Sagrado

e do Profano: Muitas festas populares brasileiras coexistem com a dualidade do sagrado e do profano. O Carnaval, o Círio de Nazaré, o Bumba-Meu-Boi e o Frevo são exemplos de manifestações que, embora possam ter raízes em crenças ou práticas específicas, evoluíram para incluir diversas formas de expressão e sociabilidade.

Para manter a cultura imaterial viva, é essencial adotar abordagens ativas que envol-

vam a comunidade, o governo e as instituições educacionais na sua identificação, preservação e transmissão contínua.

Percebe-se que as sociedades atuais tem buscado manter viva a cultura imaterial e preservá-la por meio da educação, do turismo cultural, de registros audiovisuais, de políticas de preservação do patrimônio cultural, entre outras práticas.

Em suma, a preservação da cultura imaterial não se trata de "congelar" tradições, mas de garantir que elas continuem a ser praticadas, adaptadas e recriadas pelas comunidades como parte viva e relevante de suas identidades. Uma forma coerente para manter a nossa cultura viva é investir, acreditar e consumir a cultura local. Prestigiar as apresentações da banda de sua cidade, por exemplo, ou ainda comparecer às peças de teatro encenadas por um grupo local, mesmo que amador, o incentivo e a participação ativa da comunidade, garantindo a continuidade histórica por meio de estudos, divulgação e o uso de tecnologias para registro (vídeos, áudios).



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/12/2025"



Imagem – Centro Histórico de São Luís-MA de Turismo São Luís por Google

Ao fechar essa coluna à matéria jornalística que nos chama a atenção é justamente o descaso com o patrimônio material e imaterial na capital do Maranhão, o Centro Histórico de São Luís na madrugada da sexta-feira (12) foi atingido por um incêndio de grandes proporções. Os vídeos mostram a intensidade das chamas e a fumaça densa que se espalhou por parte da área tombada pela UNESCO. Mais uma vez se cobra das autoridades providências quando ao cuidado e preservação do patrimônio material e imaterial para garantir que a cultura (de uma cidade) seja lida e compreendida por todas as gerações, enriquecendo a vida dos habitantes e permitindo que eles se reconheçam.

Enquanto permanecer em muitos a visão de que o patrimônio é apenas uma "coisa velha" persistirá também a falta de compreensão sobre sua importância fundamental para a identidade e memória coletiva de uma nação. Essa percepção limitada que poderá levar ao abandono e à perda de bens culturais valiosos.

BETÂNIA PEREIRA

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

BLOG

LINKS

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





CURSO PARA ESCRITORES

Como escrever seu
primeiro livro!

6 módulos em vídeoaula.

CLIQUE AQUI



Conheça o curso

CAMINHO DO ESCRITOR 2.0



CLIQUE AQUI



COLUNA

Vida de Autor

24



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca.



"Como será que o autor pensou nesse personagem?"

"Realmente essa reviravolta da história me pegou."

"Esse mundo ficou muito bom, como ela pode ser tão criativa?"

Fale a verdade, se esse não é

o tipo de comentário que a gente mais deseja ao finalizar uma história? Foi pensando nessas reações de leitores, que iremos trabalhar neste ano. Vamos desvendar os caminhos da criatividade e compartilhar boas ideias que permitam que cada um de vocês utilize sua criatividade ao máximo como autores.

"Microcontos: onde o silêncio também escreve"

Nem sempre muitas palavras são sinônimo de qualidade na escrita de uma história. Escrever bem não é escrever muito. De certo modo, escrever em poucas palavras algo que cause um verdadeiro choque, é mais importante do que escrever 400 páginas onde o leitor se perderá da essência da história e de seus personagens.

Para se ter uma ideia, na indústria cinematográfica, os roteiristas passam por um processo interessante de sintetização da história para poucas palavras, e assim vendem seu peixe para as companhias de cinema.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/11/2025"

"Como assim?"

No cinema os roteiristas, tem que passar tudo o que sua história irá oferecer de melhor em poucas linhas. Essa técnica no cinema é chamada de "apresentação de Plot".

Na escrita já é um pouco diferente, nós temos o microconto como nosso grande parceiro para transformar ideias em algo surpreendente.

"Mas como o microconto pode nos ajudar no campo da criatividade?"

Simples. Teve uma ideia? Escreva um microconto sobre essa ideia, ou mesmo vários microcontos para te auxiliar a expandir sem forçar demais. Corte palavras desnecessárias, deixe seu texto o mais enxuto possível. Dessa forma, da mesma maneira que o roteirista consegue vender seu peixe para os diretores cinematográficos, nós conseguimos vender nosso peixe para os leitores.

Para nós, irá aguçar nossa criatividade e agilidade na escrita, já para os leitores, pode criar vínculos e gerar nossos seguidores para suas criações literárias.

Mas será que o microconto pode alavancar uma história nas redes sociais?

Pensando no cenário atual em que o tempo parece sempre insuficiente e a concentração se torna um recurso precioso, o microconto é um formato literário de destaque por dialogar diretamente com o ritmo da vida moderna.

As narrativas ultracurtas, que muitas vezes cabem em uma única linha, vêm conquistando leitores, escritores e espaços editoriais, mostrando que a ficção não depende de extensos capítulos para emocionar, surpreender e provocar reflexão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/11/2025"



"O formato que nasceu antes da pressa"

Embora hoje pareça completamente alinhado ao consumo rápido das redes sociais, o microconto não é uma invenção contemporânea. Escritores como Augusto Monterroso, Ernest Hemingway e o brasileiro Dalton Trevisan, já exploravam a potência da brevidade décadas atrás. O famoso "For sale: baby shoes, never worn." é citado até hoje como um dos microcontos mais im-

pactantes da literatura mundial.

No entanto, o ambiente digital impulsionou o formato. Plataformas como Twitter (X), Instagram, TikTok e concursos literários geraram um campo fértil para narrativas curtas, levando muitos leitores a conhecerem o gênero por meio de desafios criativos, hashtags e editoras especializadas.

O que define um microconto?

Se você deseja explorar esse nicho tanto para aguçar sua criatividade como autor ou atrair novos leitores para seu estilo de escrita seguem algumas dicas para você começar a se divertir com os microcosmos:





1. Brevidade extrema

O microconto é uma narrativa condensada. Pode ter 1 frase, 1 parágrafo ou alguns poucos blocos de texto, mas sempre ocupa um espaço reduzido. Em concursos, é comum haver limites como 140, 150 ou 300 caracteres. Quando lanço o desafio do microconto na minha página de autora, por exemplo, o limite de palavras é 20 apenas. Dessa maneira eu permito que os autores participantes usem ao máximo a brevidade para escrever microcosmos de forte impacto.

2. Enredo sugerido, não explicitado

O microconto costuma trabalhar com lacunas. Ele insinua, aponta, sugere. Parte da história está nas entrelinhas — e o leitor se torna co-autor ao preencher os vazios.

3. Conflito ou tensão perceptível

Mesmo breve, precisa haver uma ação, uma mudança, um evento que altere o estado das coisas. A narrativa curta deve oferecer movimento, nem que seja mínimo.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAA-RT-AI, sob a direção de J.B. Wolf, Criada em 21/11/2025"

4. Economia e precisão

Cada palavra é funcional. Termos vagos ou explicações longas não têm espaço. O microconto vive da síntese.

5. Impacto final

O desfecho é frequentemente o ponto forte: uma reviravolta, uma frase que recontextualiza o texto, um detalhe que só faz sentido ao final.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAA-RT-AI, sob a direção de J.B. Wolf, Criada em 21/11/2025"

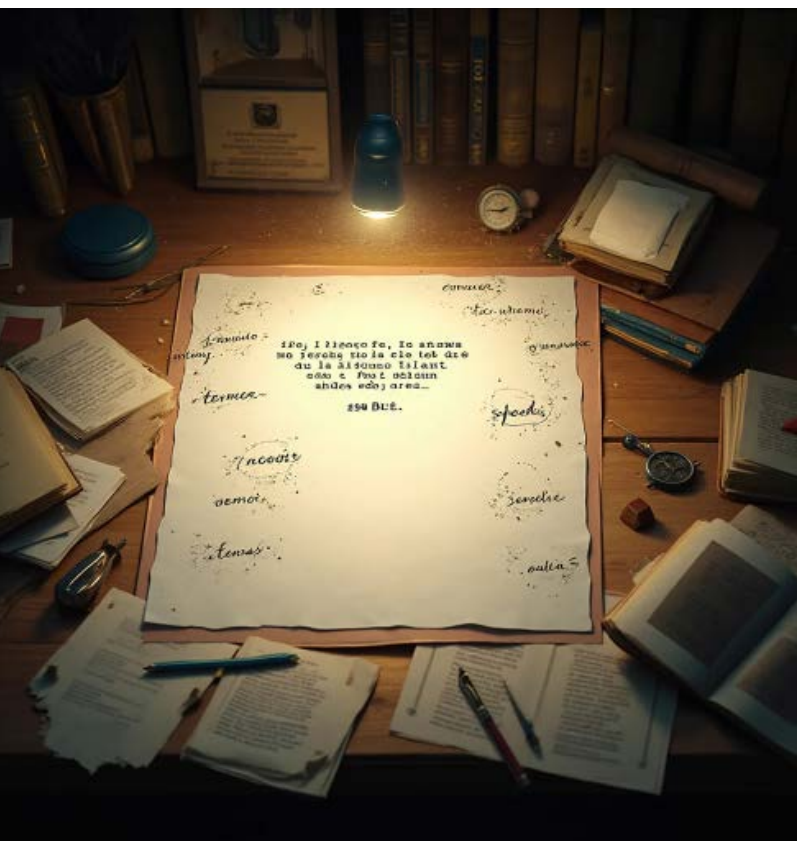


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/11/2025"

"Por que o microconto cresce tanto hoje?"

O formato conversa com comportamentos típicos da atualidade:

- Leituras rápidas, ideais para quem tem pouco tempo.
- Facilidade de compartilhamento nas redes sociais.
- Desafios criativos, que estimulam tanto amadores quanto escritores experientes.
- Versatilidade, cabendo em legendas, imagens, cards, livros curtos e newsletters.

Para nós autores, o microconto funciona como laboratório fantástico: treina síntese, ritmo, impacto e criatividade, além de permitir que possamos divagar nas ideias e sair da folha em branco.

"O futuro da narrativa mínima"

Com o avanço das plataformas digitais e a busca por conteúdos de forte impacto emocional, é provável que o microconto continue a crescer. Ele ocupa poucas linhas, mas deixa rastros longos no leitor — e talvez seja exatamente isso que o torna tão essencial no panorama literário contemporâneo.

Curto? Sim.

Pequeno? Nunca.

O microconto é prova viva de que histórias não precisam de tamanho — precisam de alma.

Nos encontraremos na próxima edição para falarmos sobre o poder dos contos longos na vida do autor.

Aguardo vocês!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/11/2025"

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



OLUNAS E COLUNISTAS

LILIAN STOCCO

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

MEMÓRIA:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"



35ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2026

Uma viagem nos tempos:

"a expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"

**36^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MARÇO & ABRIL DE 2026**

PERÍODO DE 03 DE DEZEMBRO À 31 DE JANEIRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



JEANE TERTULIANO



Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas. Graduada em Letras Natural de São Miguel dos Campos e residente em Campo Alegre, Alagoas, é professora, escritora e palestrante com 20 livros publicados. Graduada em Letras, com pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina, é autista, com altas habilidades, TDAH e baixa visão. Feminista e ativista sociocultural, recebeu prêmios como o 1º lugar no Destaques Literários Focus Brasil – New York (2022) e o Título de Notório Saber em Literatura (2023). Em 2024, foi eleita delegada para representar o setor "Livro, Leitura e Literatura" na 4ª Conferência Nacional de Cultura. Colunista da The Bard e membro da AIL e UBE, organiza projetos antológicos e utiliza a literatura como ferramenta de transformação.

A Prosa Poética

A prosa poética é o território onde a palavra desaprende o passo reto e se entrega ao tropeço do sentir. Não quer medir-se em versos nem caber no compasso da narrativa, prefere vagar. É o instante em que o texto se abre em poros e deixa o ar passar, o som, o silêncio, o sopro daquilo que ainda não tem nome.

Não se trata de contar, mas de escutar o que pulsa entre as coisas. A prosa poética é o intervalo que o mundo faz quando respira. É nesse intervalo que as imagens nascem, indomadas, atravessando o corpo do leitor.

A palavra aqui não é ferramenta, é presença. Toca, e ao tocar, revela. Carrega dentro o peso do instante e a leveza do que escapa. Clarice, com sua lucidez quase febril, sabia disso e escrevia como quem encosta o ouvido na beira do abismo para ouvir o rumor da alma.

A prosa poética é essa travessia sem mapa, um lugar onde o pensamento se curva, cansado de si, e o coração assume o timão. É escrita que respira entre o visível e o sagrado, que se recusa à pressa e prefere o murmúrio à certeza.

Não explica. Não conclui. Apenas abre uma fresta para o indizível e, por um breve instante, o invisível passa por nós.



A comunicação muda

Clarice Lispector

O que nos salva da solidão é a solidão de cada um dos outros. Às vezes, quando duas pessoas estão juntas, apesar de falarem, o que elas comunicam silenciosamente uma à outra é o sentimento de solidão.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Jeane Tertuliano
Feminista, Literata e Professora

A Vida em Suspenso

A vida não cabe no calendário! Ela escapa entre os dias, como água que insiste em ser rio mesmo dentro da pedra! Há sempre algo que pulsa fora do alcance, um sopro que nos atravessa quando esquecemos de tentar entender!

Viver é habitar o instante sem possuir! É caminhar sobre o fio do agora, sabendo que tudo é passagem, até o que parece eterno! Às vezes é queda, às vezes é voo, e há beleza nos dois movimentos!

A vida, afinal, não se explica! Apenas acontece, no gesto que acolhe, no olhar que demora, no silêncio que sabe mais do que a palavra! E talvez seja isso, viver: deixar-se tocar pelo invisível até que o coração aprenda a respirar por si!

INSTAGRAM



POST NO SITE





J.B Wolf
Poeta e Escritor

O Fio Invisível

A memória popular, a imaterial, não reside em pedra ou papel. É um sopro invisível, um fio que tece o tempo, e seu tear são as festividades. Ela vive no aroma da receita que a avó de nossa avó já preparava, cujo segredo não está escrito, mas sentido no paladar. Mora na melodia que surge sem autor, cantada em coro por bocas que nunca se conheceram, mas que partilham o mesmo refrão ancestral.

Nas festividades, ela se encarna. As gerações mais novas aprendem a dança não porque leem as instruções, mas porque veem os corpos dos mais velhos se moverem. Repetem o gesto, o canto, o rito. O porquê original pode ter se perdido na névoa dos séculos, mas o como sobrevive, sagrado e vibrante. A razão da fogueira ou o significado daquela flor no altar podem ser desconhecidos, mas o ato de acender e de ofertar se torna a própria razão.

Cada vez que a comunidade se reúne, que a canção é entoada em uníssono, o fio invisível nos conecta ao primeiro que celebrou. Não possuímos essa memória; somos possuídos por ela. Somos o elo vivo, a matéria quente que dá corpo ao fantasma feliz da continuidade. A festa é o seu coração pulsante, e a alegria, o sangue que a mantém viva.

WOLFBIO

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





23



Ladylene Aparecida



Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

Sob o Céu Azul Eterno: Império Mongol

Olá, querido leitor! Estamos aqui mais uma vez, para trazer a história incrível de uma mitologia, já quase esquecida por muitos; o Império Mongol, comandada pelo poderoso Gengis Khan. Contra todas as probabilidades, Temüdjin cresceu e se tornou um dos maiores líderes da sua época, se não o maior.

Mesmo que a história conte como ele foi cruel e impiedoso com seus inimigos, na minha humilde opinião ele apenas devolveu na

mesma moeda o que a vida lhe trouxe e com certos juro. E por mais que achemos que não, ele tem muito a ensinar, mesmo nos dias atuais.

Mas nem só de violência e poder viveu o Império Mogol, também tem muita beleza, ocultismo e respeito pelas coisas vivas.

Então sem mais delongas, pegue a sua bebida favorita, se aconchegue e boa história...



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"

O Espírito das Estepes

A mitologia mongol é o reflexo de um povo moldado pelo vento e pelo infinito.

Profundamente ligada ao xamanismo, à natureza e às crenças nômades da Ásia Central, ela tece um universo onde cada rio possui alma, cada montanha respira e cada animal é um mensageiro entre mundos.

Essa cosmovisão — uma fusão

de tradições turcomano tibetanas, chinesas e budistas — cria uma teia espiritual densa e viva, em que o xamã é o mediador entre o humano e o divino.

O fogo sagrado é o centro de toda oferenda; os yadadji, com seu bezoar de cavalo, invocam tempestades; e os astrólogos e arúspices interpretam os presságios do Céu Azul, onde habita o deus supremo: Tengri.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 29/11/2025"



Era a ele que se dedicavam sacrifícios de animais, orações e corridas cerimoniais, e a ele pertenciam as bênçãos do vento, da chuva e da abundância.

Nas casas, pequenas estatuetas de feltro e madeira recebiam aspersões de kumis (leite fermentado) — oferendas à fertilidade, à terra e aos antepassados.

Assim viviam os filhos do Céu Azul: entre o visível e o invisível, entre o fogo e o vento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavinia, Criada em 29/11/2025"

A Criação do Mundo

Segundo a mitologia mongol, no princípio não havia nada — nem som, nem forma, nem tempo.

Apenas uma névoa silenciosa em que Tengri, o Grande Céu Azul, dormia.

Quando despertou, soprou três vezes sobre o abismo, e desse sopro nasceram o vento, o fogo e a água — as forças primordiais que dariam corpo ao universo.

Das profundezas lamacentas surgiu um broto de luz, e dele nasceu o primeiro solo sagrado.

O mundo, então, emergiu da poeira, da areia e do caos — um plane-

ta moldado pelo sopro e pelo silêncio dos deuses.

Há ainda variações xamânicas e budistas dessa cosmogonia.

Em uma delas, um Lama sagrado revolveu as águas com uma barra de ferro, criando o fogo e o vento que formaram as montanhas e vales.

Em outra, o Lama Udan separou o Céu e a Terra em nove níveis, criando nove rios que correm eternamente entre os mundos.

Cada mito reflete a mesma ideia: o universo é um ato contínuo de respiração divina, e o homem vive dentro dessa respiração — não fora dela.



Os Deuses e os Espíritos

A mitologia mongol é profundamente xamânica, tecida entre o vento, o céu e o espírito dos ancestrais. Cada deus é uma força viva da natureza e do destino, e os xamãs (ou boos) eram seus intérpretes no mundo dos homens.

TENGRI - O Céu Azul Eterno



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"

Chamado também de Köke Möngke Tengri, ele é o deus supremo, o Pai Celestial que tudo vê.

Segundo os antigos xamãs, antes do tempo contar o tempo, só havia o imenso céu azul e o vazio. Tengri ergueu-se como uma consciência pura nesse espaço e soprou sobre o nada. De seu sopro nasceram os ventos, e dos ventos, o movimento.

Assim o mundo começou.

Tengri é o criador do destino (sülde), e cada homem nasce com um fio invisível que o liga ao Céu Azul. Mesmo Gêngis Khan afirmava que seu poder vinha “pela vontade de Tengri”. Ele não é um deus de castigos, mas de equilíbrio — quem vive em harmonia com a Terra, o vento e a honra, vive sob sua bênção.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"

BAI-ULGAN e ESEGE MALAN - Os Criadores

Esses dois deuses são considerados os arquitetos do mundo material.

Bai-Ulgan é a essência da força vital. Diz-se que ele moldou as primeiras montanhas com suas próprias mãos e semeou a terra com o sopro quente da vida.

Esege Malan, por sua vez, é o deus da sabedoria e do pensamento criador. Foi

ele quem ensinou as palavras aos homens e revelou os segredos dos céus aos xamãs.

Em algumas versões, ambos desceram à Terra em forma de águias brancas, observando o caos e decidindo dar forma e ordem às coisas. Trabalharam juntos: Bai-Ulgan criou a matéria, e Esege Malan lhe deu sentido.



OT - Deusa do Fogo, Casamento e Fertilidade

O nome "Ot" significa literalmente fogo — e o fogo, para os mongóis, é sagrado.

Ela é a guardiã do lar e da união. Quando um casal se casava, acendia-se uma chama em homenagem a Ot, pedindo que o amor fosse tão duradouro quanto o fogo que aquece a tenda no inverno.

Diz-se que Ot vive dentro da chama de cada fogueira familiar, e apagá-la bruscamente é ofendê-la. Ela protege os nascimentos e o ventre das mulheres, abençoando o sangue que gera a vida.

Sua fúria, porém, é temida: quando desrespeitada, o fogo que aquece pode virar incêndio.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"



ERLIG KHAN - O Senhor do Submundo

Também chamado Erlik, é o deus da morte e o guardião do submundo (Tamag). Segundo o mito, quando Tengri criou o mundo, Erlik Khan ajudou, mas foi tomado pela vaidade e quis ser adorado como o criador supremo. Como punição, foi banido para o submundo, onde passou a governar as sombras e julgar as almas. Ele aparece como um rei sombrio montado em um búfalo negro, com nove coroas e uma barba feita de serpentes.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"



Não é um demônio, mas uma força necessária: seu papel é pesar o coração das almas e decidir seu destino.

Os xamãs diziam que apenas os mais poderosos conseguiam viajar ao reino de Erlik e voltar vivos.

"Só que quero dizer que a semelha desse deus com outras mitologias e religiões, é mera coincidência ou não..."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"

TUNG-AK - O Guardiã da Liderança

Tung-ak é o espírito patrono dos chefes tribais e governantes justos. Ele simboliza a sabedoria política e o dever com o povo.

Nas antigas tradições, os khans consultavam os xamãs para saber se Tung-ak aprovava suas decisões antes de guerras ou alianças.



DAICHIN TENGRI - O Deus Vermelho da Guerra

Um dos deuses mais temidos e respeitados pelos guerreiros mongóis.

Daichin Tengri representa o sangue derramado pela honra. Ele é invocado antes das batalhas para conceder coragem e sorte.

Seu nome significa "Tengri o Vermelho", e o vermelho simboliza tanto a fúria quanto a vitalidade.

As oferendas a ele eram feitas com carne crua e vinho de leite (airag). Os generais juravam por Daichin Tengri que lutariam até a morte.

Mas ele também é o deus que cobra caro: quem luta apenas por ganância, e não por

dever, atrai sua ira. Muitos acreditavam que uma derrota humilhante era castigo dele.



ZAARIN TENGRI - O Espírito das Visões

Zaarin é o espírito oracular, mensageiro entre o visível e o invisível.

Ele aparece aos xamãs em sonhos ou sob a forma de águia dourada, revelando mensagens do Céu Azul.

Foi Zaarin quem teria dado a Gêngis Khan sua visão profética de unificar as tribos, ao lhe mostrar um cavalo branco que subia aos céus — símbolo da ascensão espiritual e do destino grandioso.

Zaarin não fala com palavras, mas com símbolos e preságios. Ele representa a intuição, o sexto sentido e a ponte entre o homem e Tengri.

Seu poder é sutil, mas absoluto: quem aprende a ouvir o silêncio, ouve Zaarin.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"

O COSMOS SEGUNDO OS MONGOIS

A mitologia mongol é dividida em três mundos:

1. O Céu Azul de Tengri — morada das forças divinas.
2. A Terra dos Homens — o domínio de Bai-Ulgan, Esege Malan e Ot.
3. O Submundo de Erlic Khan — onde as almas são julgadas.

Esses mundos coexistem, e o dever do homem é viver em harmonia entre eles. Para os mongóis, morrer não era o fim — era apenas retornar ao ciclo, guiado pelos deuses e espíritos que moldaram o vento e a alma.

Os Animais Sagrados

Na alma da estepe, onde o vento fala em línguas esquecidas, os animais não são meras criaturas — são ecos de deuses antigos, sombras que cruzam o limiar entre o visível e o eterno.

O Lobo, primeiro espírito do clã, uiva à lua para lembrar aos homens de onde vieram. Ele guarda a bravura dos guerreiros e a sabedoria dos ancestrais. Seus olhos refletem o abismo e a lealdade em igual medida.

O cavalo, sopro vivo do vento, é mais que companheiro — é a própria alma mongol em movimento. Seus cascos escrevem a história sobre a terra, e cada galope é um cântico de liberdade.

A Águia, senhora dos céus, en-

xerga o que está além do alcance dos mortais. Ela corta o firmamento com a precisão da justiça e leva as preces dos vivos até o ouvido de Tengri.

E o Dragão, filho do trovão e do relâmpago, governa os elementos como um tirano divino. Nele o fogo e a água se reconciliam, e através de suas escamas flui o poder que une o alto e o baixo, o espírito e a carne.

Esses seres não são alegorias — são pulsações da própria natureza, manifestações de uma força que antecede o homem e o julga em silêncio.

Pois na mitologia mongol, até o menor dos ventos pode carregar a respiração de um deus disfarçado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"



Gêngis Khan - O Filho do Lobo Azul

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"



Enquanto as tribos mongóis se devoravam em guerras e traições, Temüdjín aprendeu a unir o que era impossível: medo e esperança, lealdade e brutalidade.

Homens o seguiam não por sangue, mas por fé — uma fé que crescia a cada vitória, a cada inimigo que caía sob seu comando.

Em 1206, quando finalmente subjugou as tribos dispersas, ergueu-se como Gêngis Khan, o “Governante Universal”.

O título não era apenas político — era um presságio.

Daquele momento em diante, o vento das estepes tornou-se sua voz, e o céu, seu trono.

Sob seu comando, as fronteiras se dobraram como grama sob a tempestade.

Da China à Pérsia, da Sibéria às fronteiras da Europa, o império mongol se expandiu como um rugido sem fim.

Mas Gêngis não era apenas conquistador — era legislador, profeta, estrategista. Criou a Yassa, uma lei severa e sagrada; protegeu as rotas da Rota da Seda como quem guarda veias do próprio mundo; praticou a meritocracia entre guerreiros e mostrou uma tolerância religiosa rara para o seu tempo.

Morreu em 1227, envolto em mistério — sem túmulo, sem corpo, sem adeus. Dizem que não morreu: apenas retornou ao vento, ao Céu Azul de Tengri, de onde viera.

O império que deixou tornou-se o maior território contínuo já criado por mãos humanas, mas sua verdadeira conquista foi outra — ele domou o caos e o fez servir ao destino.

Assim, o menino abandonado das estepes tornou-se o homem que mudou o mapa do mundo e o curso da própria história.

“Se quer uma história mais completa sobre Gengis Khan e seu poder, aguarde a próxima coluna”.



O Império Sob o Céu Azul

Séculos depois, a antiga espiritualidade das estepes tomara carne e fúria na figura de Gêngis Khan — o homem que acreditava ser escolhido por Tengri, o Céu Azul Eterno.

Antes de conquistar terras, ele conquistou o direito celestial de governar.

E ao erguer seu império, ergueu também o mito do Mandato do Céu, o Suü Tenger — a crença de que apenas aquele em harmonia com o Céu pode dominar a Terra sem profaná-la.

A história o chama Temüjin, mas

o destino o nomeou Gêngis Khan, o Soberano Universal.

Dizia-se que seu sangue não corria, queimava — herança divina de Borte Chino, o Lobo Azul Celestial, e de Gua Maral, a Corça Branca das Montanhas.

Do ventre dessa união mística nasceu o menino com um coágulo de sangue na mão — presságio de guerra, conquista e glória.

Sua vida, gravada na História Secreta dos Mongóis, atravessa a linha tênue entre mito e memória:

o menino abandonado nas estepes, que ouviu o vento chamá-lo pelo nome;

o prisioneiro que fugiu para se tornar caçador de impérios;

o líder que transformou a fé em espada e uniu sob uma só bandeira os povos que antes se devoravam.

Sob o olhar de Tengri, o império ergueu-se não apenas sobre a terra, mas sobre o destino — um reino onde cada cavalo era prece, cada lobo, ancestral, e cada batalha, um rito sagrado de continuidade.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"





IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"

O Fogo e o Tambor

Nenhum exército mongol partia sem a bênção dos xamãs.

Eles acendiam o fogo sagrado, cuja chama jamais deveria morrer, e batiam seus tambores até que o som se confundisse com o próprio coração da Terra.

As planícies tremiam — o trovão respondia.

Então, invocavam os ongon, os espíritos ancestrais que velam sobre o sangue dos vivos, e chamavam o sülde, o cavalo

espiritual do Khan, que galopa entre mundos e leva consigo a força de todos os guerreiros caídos.

Gêngis acreditava que, enquanto o fogo ardesse e o tambor soasse, Tengri cavalgava ao seu lado.

Para seus homens, ele não era apenas um conquistador — era um xamã coroado pela eternidade, aquele que ouvira o chamado do Céu Azul e o transformara em império.

Sobre as tendas, o estandarte branco de nove caudas de iaque tremulava ao vento, representando os nove deuses celestes que guardavam o destino mongol.

Cada batalha era uma oferenda. Cada vitória, um decreto divino.

E quando o sangue tocava o chão, dizia-se que Tengri o bebia — não em sede de guerra, mas em promessa de continuidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"



A Harmonia do Caos

O império mongol estendia-se do mar da China às florestas da Europa — um corpo vasto sob a pele do mesmo Céu Azul.

Mas, para os mongóis, não era conquista o que se erguiam — era harmonização cósmica.

Submeter um povo era restaurar a ordem perdida, não oprimir, mas alinhar o caos ao destino traçado por Tengri.

Mesmo entre o sangue e as cinzas, Gêngis Khan via-se não como tirano, mas como instrumento do equilíbrio — o braço terreno de uma vontade celeste.

Sua fé em Tengri lhe concedia legitimidade espiritual: a certeza de que cada

império erguido e cada reino derrubado eram apenas movimentos dentro de uma dança maior, a coreografia do próprio universo.

Sob sua sombra, todas as fés eram permitidas, pois todas emanavam do mesmo sopro divino.

O comércio florescia como se fosse um ritual de troca entre mundos, e a Yassa, sua lei, refletia a disciplina do cosmos — rígida, mas justa; severa, mas sagrada.

Assim, enquanto o Ocidente o via como conquistador, os xamãs o chamavam de Guardiã da Harmonia — aquele que, com espada e fogo, costurava novamente os rasgos do Céu.

O Khan Que Voltou ao Céu

A morte de Gêngis Khan, no longínquo ano de 1227, envolveu-se em véus de silêncio e mistério.

Nenhum túmulo, nenhum corpo, nenhum nome gravado na pedra.

A terra não o reteve — e o Céu Azul permaneceu mudo, como se guardasse um segredo que os mortais não mereciam ouvir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/11/2025"

Diziam os xamãs que ele não morreu.

Apenas desmontou de seu cavalo terreno e subiu montado no vento, regressando ao mesmo Céu que o havia enviado.

O império que abandonou era apenas a sombra de sua vontade; seu verdadeiro reino, diziam, estendia-se entre as nuvens e os relâmpagos.

E ainda hoje, quando o trovão despedaça o horizonte e o vento corta as planícies como uma lâmina antiga, os mongóis sussurram entre si — com reverência e temor:

“O Khan não morreu.
Ele cavalga no Céu.”

Sob o Céu Azul Eterno

Há terras onde o vento fala, e o som dos cavalos mistura-se às preces antigas.

Ali, o tempo não avança — ele gira, como as rodas de uma caravana, como os ciclos do próprio céu.

Entre o pó das estepes e o silêncio das montanhas, ergue-se um nome que o mundo jamais esqueceu: Gêngis Khan, o homem que uniu o caos sob a vontade do Céu.

"O império de Gêngis Khan foi um turbilhão que redesenhou o mapa do mundo, deixando uma marca indelével na história."

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poëzie



Poesia



Poesia



Poesía



Poësie



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Poesía



Poesia



Поэзия



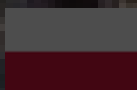
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



رعرشلا



Poesía



Poesía



Poesía



Ποίηση





Edna Lessa



Natural de Fortaleza, Ceará, professora da Rede Estadual de Ensino, professora da rede estadual, escritora e poeta. Graduada em História e Geografia, é especialista em Gestão da Educação Pública e ocupa atualmente a vice-presidência da Academia Tauaense de Letras (ATL). Atualmente, exerce a função de Assessora Técnica na Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM), na Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc). Autora do livro *Para Além de Mim – A Essência do Olhar*, também é co-autora de dez antologias poéticas, com destaque para *Antologia Escritoras Nordestinas* (Editora Casa de Bonecas) e *Mulherio das Letras Portugal – Poesia* (Editora In-Finita, 2021), obras que enaltecem a produção literária feminina no Brasil e no exterior. Colunista da Revista Internacional *The Bard*, compartilha sua escrita sensível e profunda por meio de seu perfil literário – um espaço dedicado a cultivar poesia, provocar reflexões e ressignificar sentimentos através da palavra.

Querido(a)s leitores e leitoras, poetisas e poetisas da Revista *The Bard*, apresento-lhes a 35ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas.

Este espaço é um refúgio onde a poesia ganha corpo, voz e ressonância. Aqui, cada autor e autora deixa à mostra um fragmento de si, permitindo que seus versos conversem entre si e construam pontes invisíveis entre corações. A Coluna Poetas e Poetisas, em sua essência, é um território de encontros: entre tempos, estilos, gestos sensíveis e olhares que se tocam pela força da poesia.

Em cada poema, há um universo inteiro pulsando, memórias que despertam emoções e sentimentos que nos atravessam. Nesta coluna, poetisas e poetisas de diferentes tempos e lugares se encontram e se permitem sentir mais fundo, ver mais longe e deixar que a poesia se transforme na mais incrível experiência das emoções.

Aos poetisas e poetisas que integram esta edição, meu apreço pela inspiradora participação! E a vocês, leitoras/es que acompanham esta jornada poética, desejo uma leitura que inspire, toque e expanda horizontes.

Abraços poéticos!

Edna Lessa

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



RESSURGÊNCIA II

Ele voltou a mesma praia,
Onde o vento guardava lembranças
Mas ele não era o mesmo de outrora
Já não era dor que seus olhos traziam
Era vida ressurgente em abundância

O homem que um dia chorou
Ao andar com seu cachorro na praia
Caminhava leve, sem peso nos ombros
Acompanhado de seu fiel amigo
Que jamais o abandonou

Ele ressignificou seu jeito de amar
Não nas promessas, mas na presença
No abraço que acolheu sem perguntas
No olhar apaixonado se viu por inteiro
Na ternura que recebeu genuinamente
E na coragem de sentir de novo.

O mar, antes espelho de saudade e dor
tornou-se casa de reencontro e amor
Cada onda que beijava suave seus pés
Dizia que o tempo cura e faz tudo passar
E que o amor é o milagre silencioso
que ressuscita a alma cansada

Mas foi preciso acreditar e se entregar.
E ao pôr do sol, quando o céu se rendeu à luz,
ele escreveu na areia com o coração pleno
“Renascido, enfim. O amor me encontrou —
e na pureza de sua essência,
reconheci quem sou.

COLONISTA EDNA LESSA



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE





FRANCISCO MARTINS

Cidade: Uruçuí
Estado: Piauí
País: Brasil



O AMANHÃ

Tenho muita esperança
E sonho com o amanhã,
Espero-o com a sóbria confiança.

Diante de qualquer peleja,
Com otimismo me empenho
Até que se esgote qualquer tipo de fraqueza,
E espero a cada dia, um amanhã que seja próspero,
E com toda a firmeza,
Pois, trabalho, rezo, amo e resisto a tudo que não constrói
Só pra viver os encantos e os louros de uma amanhã
Envolto de riquezas.

INSTAGRAM



POST NO SITE





RUTE ELLA

Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil



A VOZ QUE CAI NA TARDE

No véu da tarde teu gesto escorre,
luz e sombra misturam-se sobre a pele.
O riso se derrama, água viva que não se cansa,
e meu desvario acompanha cada curva tua.
O ar se curva, quente, ao redor de nossos corpos;
teu passo inventa sons,
música que nasce da terra e toca meus ossos.
Sou viajante do sopro distante,
onde o desejo se dobra em ternura silenciosa.

Não nomeio a chama que te procura;
palavras pesam, ferem. Mas teu perfume
me veste inteiro,
me mede na ausência de medida.
Teus olhos guardam luz que devora e,
ao mesmo tempo,
se esconde, céu secreto na curva da aurora.
Quando a noite cresce em teu olhar,
surge um mundo novo,
feito de murmúrios, de pele e sombra,
onde nos reconhecemos sem pressa, sem fronteiras.

Se a manhã nos tocar devagar,
será teu nome, escrito no ar,
a forma do meu amor.

Quando a manhã ascende, branca e silenciosa,
tudo que foi chama recua ao invisível.
De ti resta um véu de luz que o dia hesita tocar,
rumor breve, sombra que cintila antes de partir.
Deixo que essa claridade em mim se instale,
como se a aurora respirasse pelo meu peito.
A Voz: amar-te é seguir essa linha onde presença
se torna música e ausência brilha...
ouro suspenso no ar.

INSTAGRAM



POST NO SITE





MARIA LÚCIA

Cidade: Rio de Janeiro

Estado: Rio de Janeiro

País: Brasil



A MEMÓRIA IMATERIAL

A memória imaterial

Há algo que não cabe nas caixas guardadas no armário,
nem desaparece quando desmontamos a árvore.

É um sopro que atravessa gerações,
feito de cheiros, gestos e histórias repetidas,
como quem insiste em lembrar o que vale a pena.

As festas mudam, as casas também,
mas o brilho nos olhos permanece.

É o pão dividido na mesa,
o abraço que faz cada um se sentir de volta,
a música que ninguém aprende, mas todos sabem cantar.

Essa memória vive no que não se fotografa,
num riso que ainda fica dentro da gente,
numa saudade que chega sem aviso.

É o que permanece quando tudo passa,
o que nos acompanha sem pedir nada em troca.

INSTAGRAM



POST NO SITE





STELLA GASPAR

Cidade: João Pessoa
Estado: Paraíba
País: Brasil



ENTRE LENÇÓIS DE ESTRELAS E CORAÇÕES DE FLORES

Sou órfão das canções
E ouvirei apenas a tua voz
Entre lençóis de estrelas
Serei a tua cúmplice
Noite e dia.

Entre lençóis com corações de flores
Deixarei desnudos os meus contornos
Para receber tuas mãos macias
Acariciando a poesia da minha pele
Do antes e do depois.

Você é oceano, e me faz imensa
Me deixando com esse amor infinito
Ao mesmo tempo, me tirando o ar
Com o teu jeito de amar.

Somos estrelas, flores e lua
Somos livres como folhas
Eu sei, eu sei ...
É tão bonito o tangível.
A sensação ao te tocar
É tão intensa ...
Como juntos em uma tempestade
De arrepios.

INSTAGRAM



POST NO SITE





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



O BEIJO DA SEREIA

Beija-me!
Olha-me!
Respira meu ar,
Sinta meu suor e...
Recolha-se ao seu barco,
fugas ao tentar.
Não quero inundá-lo de imprudência.
Que culpa tenho se a quero,
Se for feitiço,
vivo ou morro a não tê-la,
em beijos atentos em
minha borda traiçoeira.

WOLFBIO



POST NO SITE





J. B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



INQUIETA LUZ

Já passará a noite,
ventos frios e uivos de procuras
retardam cada segundo de vida.
Tudo passa, tudo se faz.
O meu crepúsculo são lâminas de sol,
Que lascam a cada sereno contínuo,
Já teus girassóis inquietos
Namorarão com os meus raios de sol,
Em brilhos de manhãs eternas

WOLFBIO



POST NO SITE



COLUNA *Dialética*

22



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias. Formado Especialista em Medina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário - Argentina.

A MEMÓRIA IMATERIAL POPULAR PASSADA PELAS FESTIVIDADES AO LONGO DO TEMPO

A memória humana, em suas múltiplas formas, constitui um dos alicerces mais potentes da vida social e cultural, emergindo não apenas como arquivo do passado, mas como organismo vivo, afetivo e dinâmico.

Entre suas expressões, a memória imaterial ocupa um lugar de destaque por atravessar práticas populares, festividades, gestos simbólicos e rituais que se projetam ao longo do tempo.

Em contraponto à memória material — fundada em documentos, monumentos, objetos, artefatos e registros tangíveis

— a memória imaterial apresenta-se como fluxo, vibração e transmissão sensível, característica que foi profundamente teorizada por correntes historiográficas como a Escola dos Annales, por estudiosos da cultura de massa e pelos teóricos da contemporaneidade que investigam a construção narrativa do passado.

As festividades populares surgem, nesse contexto, como um dos mais importantes suportes de continuidade cultural, pois condensam repertórios simbólicos, afetivos, musicais, corporais, estéticos e comunitários.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025

Ao mesmo tempo, dialogam com o imaginário da cultura pop, com a psicanálise, com a poesia e com as literaturas que se nutrem dessas heranças para repensar a relação entre passado e presente.

Na tradição dos Annales, Marc Bloch afirmava, em “Apologia da História”, que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado”, mas acrescentava que o passado permanece naquilo que os homens fazem, dizem e celebram.

Essa indicação abre caminho para compreender que as festividades populares — como o carnaval, o Dia dos Mortos mexicano, o Bumba Meu Boi, as festas juninas, as romarias, as congadas, as procissões e as feiras — configuram-se como exercícios contínuos de memória viva, nos quais a comunidade reinscreve

sua identidade.

Lucien Febvre, ao tratar das “sensibilidades” como categorias de análise histórica, insistia que as emoções coletivas são fundamentais para entender a ação humana e que “a história é ciência do homem, e o homem sente, deseja, teme, celebra”.

Fernand Braudel, por sua vez, em “A Longa Duração”, enfatiza que certos elementos culturais se fixam nas estruturas mais profundas da vida social, resistindo às rápidas mudanças políticas ou econômicas.

Essa perspectiva braudeliiana ilumina a compreensão da memória imaterial, pois esta não se fixa em objetos, mas em práticas recorrentes que, de geração em geração, atualizam antigas experiências sociais.

As festas populares, frequentemente desprezadas por historiografias tradicionais, ganham centralidade quando se adota a abordagem dos Annales, que ampliou o conceito de documento histórico para incluir toda forma de testemunho humano.

Para Bloch, “todo vestígio do homem é documento”; para Febvre, a história deveria considerar “a totalidade da vida”.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAKTAL”, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025

IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAKTAL”, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025



Assim, uma dança, um canto, uma comida ritual, uma máscara carnavalesca, um cortejo, um mito de origem ou um verso popular são também registros históricos, ou melhor, são manifestações de uma memória imaterial que se conserva no corpo e na fala.

Em contraste, a memória material — exemplificada por monumentos, arquivos e museus — fornece, é certo, estabilidade documental, mas não possui a maleabilidade expressiva da tradição viva.

Pierre Nora, em sua obra monumental “Les Lieux de Mémoire”, argumenta que a modernidade produziu uma ruptura entre memória e história, o que fez com que a sociedade passasse a depender de lugares artificiais de rememoração.

Nora afirma que “a memória é vida” enquanto “a história é reconstrução”, definindo que a memória imaterial é espontânea, múltipla, afetiva, enquanto a material é monumentalizada.

Ele afirma ainda que os lugares de memória surgem quando os meios de memória — como as tradições vivas — começam a

desaparecer.

Contudo, as festas populares tornam essa separação menos rígida, pois mantêm viva uma forma de rememoração que não precisa de mediação monumental.

A cultura de massa, analisada por Edgar Morin em “Cultura de Massa no Século XX”, por Adorno e Horkheimer em “Dialética do Esclarecimento”, por Walter Benjamin em “A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica” e por Umberto Eco em “Apocalípticos e Integrados”, introduziu novas dimensões para o debate sobre memória.

Morin assinala que a cultura de massa não apenas consome elementos da tradição, mas os transforma e devolve ao público em novas molduras simbólicas.

Benjamin observa que a reprodutibilidade técnica democratiza o acesso à imagem, mas ao mesmo tempo dissolve a “aura” do ritual original.

Adorno sustenta que a indústria cultural tende a homogeneizar experiências e transformar tradições em mercadorias.

Contudo, Eco, em sua visão menos pessimista, sugere que a cultura pop também cria vínculos simbólicos novos, capazes de reintegrar elementos tradicionais ao consumo cotidiano.

Assim, as festas populares passam a existir simultaneamente em seus contextos originais e em versões midiáticas, televisivas, turísticas e globais.

O carnaval brasileiro, por exemplo, torna-se espetáculo televisivo e produto cultural, mas mantém, em sua vivência de rua e em suas escolas de samba, um profundo vínculo com a ancestralidade afro-brasileira, com a memória da escravidão, com a resistência popular e com o sentido comunitário.

No cinema, a memória imaterial surge como tema privilegiado em obras que exploram tradições festivas, rituais e filiações afetivas. O filme “Coco” (2017), da Pixar, tornou globalmente conhecido o Dia dos Mortos, apresentando-o como ritual no qual a memória dos antepassados garante sua permanência simbólica.

A trama do filme incorpora os princípios da memória comunicativa descritos por Aleida Assmann, para quem a memória transmitida oralmente nas famílias e nas comunidades é um dos

pilares fundamentais da identidade.

Em “Bacurau” (2019), Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles exibem uma comunidade que se reconhece por meio de narrativas orais, música e ritualizações de resistência, em consonância com as análises de Paul Ricoeur em “A Memória, a História, o Esquecimento”, onde o autor sublinha que a memória é sempre uma narrativa situada, atravessada por disputas de poder. Já filmes como “Blade Runner 2049” (2017) e “Mad Max: Fury Road” (2015) exploram ficcionalmente a possibilidade de memórias fabricadas, manipuladas ou esvaziadas, reforçando, por contraste, o valor da memória imaterial ligada às práticas comunitárias.

Essas abordagens dialogam intensamente com a psicanálise.

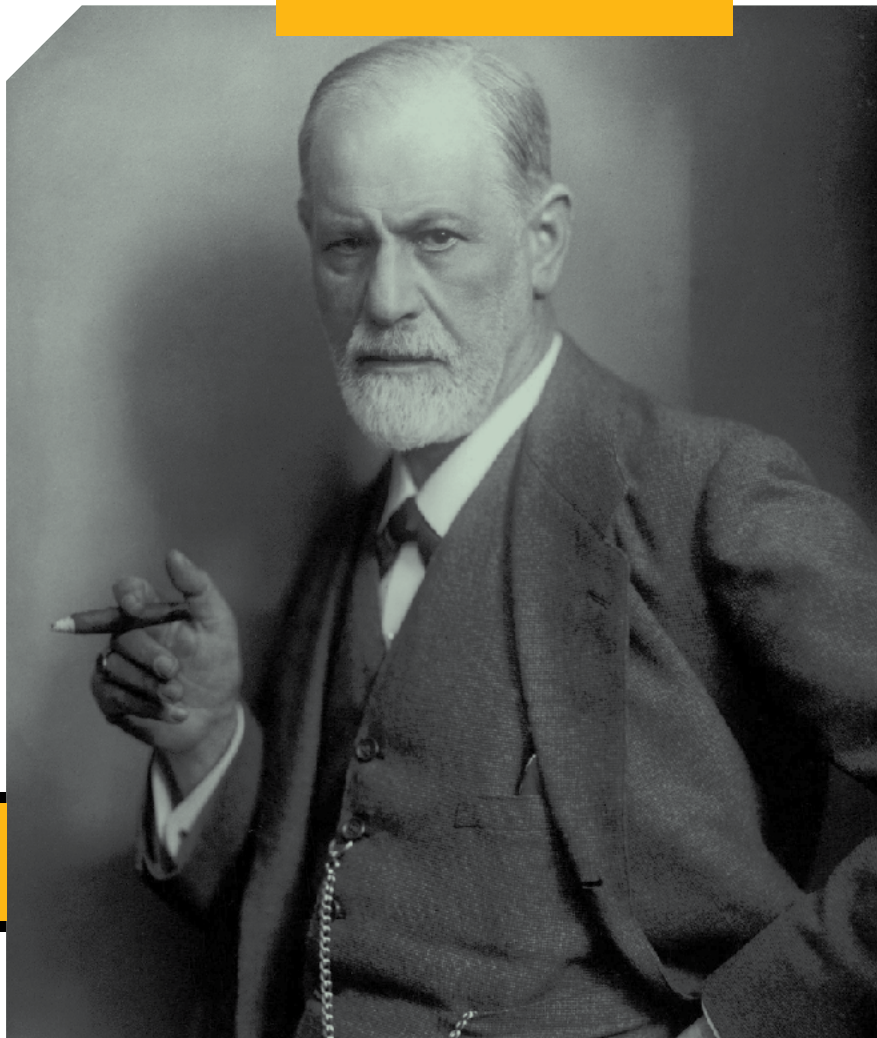
Freud, desde seus “Estudos sobre a Histeria” até “O Inconsciente”, demonstra que a memória não é arquivo estático, mas reconstrução constante.

A lembrança é trabalhada pela censura, pela repetição e pelo desejo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tânia Lavinia, Criada em 09/12/2025"

Imagem de Wikipedia



Em “Além do Princípio do Prazer”, Freud introduz a noção de compulsão à repetição, que pode ser interpretada como mecanismo de elaboração psíquica do trauma.

Essa repetição, deslocada para o campo social, ajuda a explicar a função catártica das festas populares, que repetem rituais ancestrais como forma de organizar o psiquismo coletivo.

Lacan, ao definir que “o inconsciente é estruturado como linguagem”, sugere que a memória depende do simbólico, dos significantes que circulam na comunidade.

As festividades populares, ao produzirem redes simbólicas compartilhadas — músicas, danças, narrativas, mitos — funcionam como organizadores psíquicos coletivos, aproximando-se do que Durkheim já chamava de “efervescência social”.

A poesia, por sua vez, fornece uma chave sensível para compreender a potência da memória imaterial.

Em Cecília Meireles, o passado aparece como canto e vento, como eco de tradições, como em “Romanceiro da Inconfidência”, onde a história se torna balada popular e a oralidade transforma fatos em mito.

Manuel Bandeira, em poemas como “Evocação do Recife”, recupera a memória afetiva da infância e das festas de rua, em que a cidade se torna corpo e voz.

João Cabral de Melo Neto, em “Morte e Vida Severina”, transforma a memória coletiva do sertão em estrutura dramática, fazendo do maracatu, do vilancete e da fala cantada elementos que sobrevivem como memória imaterial do Nordeste.

Já Milton Hatoum, em “Dois Irmãos”, trabalha com memórias familiares que se entrelaçam com tradições culturais, enquanto Mia Couto, em “Terra Sonâmbula”, cria uma tessitura poética na qual a memória das guerras se conserva nos cantos, nos avós e nos mitos.

Conceição Evaristo, com sua escrita do vivido — a escritvivência — inscreve a memória das mulheres negras como força histórica e literária que desafia o apagamento.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025”

Sua obra dialoga profundamente com as formulações de Andreas Huyssen, que em “Seduzidos pela Memória” afirma que a contemporaneidade vive uma “hipertrofia memorial”, mas que somente as memórias corporais, sensíveis e comunitárias conseguem resistir ao esquecimento acelerado.

Comparar memória material e imaterial, portanto, não significa opor termos excludentes, mas reconhecer suas funções complementares.

A material fornece estabilidade, registro e documentação; a imaterial, movimento, afeto e recriação.

As festividades populares exemplificam essa convivência: elas são, simultaneamente, performance viva e arquivo simbólico.

Ao reunir teoria histórica, psicanálise, cinema, poesia, cultura pop e estudos contemporâneos, percebe-se que a memória imaterial é uma das maiores fontes de resistência cultural.

Ela ultrapassa gerações porque se reinventa, porque vive no corpo, na voz, na música e no gesto.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"

Como afirma Ricoeur, “a memória é a guardiã da identidade”, e essa guarda se realiza, sobretudo, naquilo que as comunidades celebram.

A ampliação da reflexão sobre memória imaterial, sobretudo no entrecruzamento entre festividades populares e os novos regimes de sensibilidade da contemporaneidade, pode ser aprofundada ao mobilizar outros teóricos da cultura, da sociedade, da antropologia e da filosofia que reforçam a importância da permanência ritualizada como forma de resistência aos processos históricos de esquecimento.

Maurice Halbwachs, em “A Memória Coletiva”, estabelece que a memória não é atributo individual, mas construção so-

cial, compartilhada por grupos e moldada pelas interações entre pessoas.

Ao afirmar que “lembramos porque pertencemos”, Halbwachs ilumina a função das festas populares como estruturas de pertencimento, pois nelas a memória é atualizada em um contexto coletivo, no qual o indivíduo se reconhece como parte de uma continuidade.

Halbwachs explica também que cada grupo social seleciona aquilo que deseja lembrar e aquilo que decide esquecer, e as festividades funcionam como mecanismos privilegiados dessa seleção, preservando determinados gestos, símbolos, cantos e narrativas enquanto outras práticas desaparecem.

Assim, a memória imaterial não é apenas transmissão espontânea: ela é uma construção ativa, atravessada por disputas entre grupos, entre o tradicional e o moderno, e entre as forças da globalização e da memória local.

No campo da antropologia, Clifford Geertz contribuiu significativamente ao pensar as festas como “textos culturais” que podem ser interpretados como sistemas simbólicos.

Em sua análise clássica do combate de galos balinês, Geertz demonstra que o ritual é uma forma condensada de narrativa social, na qual as identidades e tensões da comunidade são representadas simbolicamente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"

A mesma lógica serve para compreender o carnaval, as congadas, as festas do Divino, as festas indígenas de iniciação, os reisados e outras celebrações populares, pois cada uma delas constitui uma espécie de dramaturgia social que revela valores, conflitos e hierarquias.

Victor Turner, por sua vez, com sua teoria dos ritos de passagem e da “communitas”, amplia essa reflexão ao afirmar que as festividades criam um momento de suspensão das estruturas formais, no qual os participantes experi-

mentam uma intensidade comunitária e igualitária.

Essa “communitas” é um espaço de renovação social e emocional, e reforça a ideia de que a memória imaterial é inseparável da experiência do corpo, do encontro e da coletividade.

No campo da filosofia, Henri Bergson é fundamental ao estabelecer, em “Matéria e Memória”, que a memória não é simples registro do passado, mas força ativa que interfere diretamente no presente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"

Bergson diferencia a memória-hábito, ligada aos costumes e repetições inconscientes, da memória pura, ligada à evocação consciente do passado.

Essa distinção ajuda a compreender que muitas práticas festivas operam como memória-hábito, pois são realizadas mesmo sem plena consciência de sua origem histórica, mas também como memória pura, quando seus praticantes conscientemente evocam significados ancestrais.

Gilles Deleuze, em seus estudos sobre o cinema e sobre Bergson, retoma essa ideia propondo que a memória é matéria virtual que se atualiza continuamente.

Para Deleuze e Guattari, em "Mil Platôs", a memória imaterial possui uma lógica rizomática: ela se expande, se conecta, se transforma, em redes e trajetórias imprevisíveis, algo perfeitamente visível na

circulação global das festas populares e na maneira como influenciam estéticas contemporâneas da música, da moda, da dança e da cultura pop.

Ao considerar a relação entre memória imaterial e práticas culturais do presente, não se pode ignorar a contribuição de Michel de Certeau.

Em "A Invenção do Cotidiano", Certeau apresenta o conceito de táticas, formas criativas pelas quais os sujeitos subvertem estruturas de poder e reinventam espaços.

As festividades populares podem ser compreendidas como táticas coletivas que, muitas vezes, desestabilizam a ordem institucional ou política.

Ao ocupar ruas, praças e igrejas, as comunidades reinventam o sentido desses espaços, criando zonas de liberdade simbólica.

As festas, portanto, são não apenas formas de memória, mas estratégias de sobrevivência cultural.

Marcel Mauss, em seu estudo sobre a dádiva e sobre as técnicas do corpo, reforça que práticas culturais se transmitem por imitação, repetição e corporeidade, sendo a festa um ambiente privilegiado desse aprendizado sensível.

A dádiva ritual, as oferendas, os cânticos e os presentes simbólicos dos cortejos são expressões da memória que se transmite pela experiência compartilhada.

No campo da sociologia contemporânea, Zygmunt Bauman, ao falar da “modernidade líquida”, identifica que vivemos um tempo de vínculos frágeis e memórias voláteis.

Em contraposição a essa liquidez, as memórias imateriais das festividades funcionam como âncoras comunitárias.

Bauman explica que a sociedade global tende a dissolver tradições e criar identidades flexíveis, mas as festas resistem a essa dissolução ao proporcionar experiências de continuidade e permanência.

Anthony Giddens, por sua vez, ao falar da reflexividade da modernidade, indica que as identidades são construções reflexivas, constantemente reinventadas.

As festas populares participam dessa reinvenção ao oferecer repertórios simbólicos que possibilitam novas formas de autorreconhecimento.

No campo da história cultural, Roger Chartier destaca que as práticas culturais são sempre mediadas por modos de apropriação.

Isso significa que as festas podem ser vividas de maneiras diferentes por diferentes grupos sociais, e que a memória imaterial não é homogênea.

Peter Burke, em seus estudos sobre a cultura popular da Europa moderna, demonstra que as festas foram historicamente espaços de negociação entre culturas eruditas e populares, entre ordem e subversão.

Essa ambivalência permanece até hoje.



Carlo Ginzburg, com seu conceito de “paradigma indiciário”, mostra que vestígios aparentemente menores — como cantos, provérbios, rituais — são fundamentais para compreender a história das mentalidades. A memória imaterial, portanto, não é objeto secundário, mas fonte privilegiada para o historiador atento às sutilezas.

Na América Latina, autores como Ángel Rama, Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero contribuem para entender como a cultura popular se articula com a modernidade.

García Canclini, em “Culturas Híbridas”, defende que não há uma oposição entre tradição e modernidade, mas processos de hibridação contínuos.

As festas populares, assim, incorporam elementos da tecnologia, da mídia e da globalização sem perder seus significados profundos.

Martín-Barbero argumenta, em “Dos Meios às Mediações”, que a cultura é uma trama de mediações, e que a memória imaterial circula por meios comunicativos diversos, desde a oralidade até a televisão e a internet.

Ángel Rama, com o conceito de “cidade letrada”, mostra como as elites históricas tentaram controlar as narrativas culturais, enquanto a cidade popular manteve vivas outras formas de memória.

As festas surgem como um dos espaços em que a cidade popular afirma sua autonomia simbólica.

No campo da antropologia brasileira, Roberto DaMatta é central ao analisar o carnaval e outras festividades, especialmente em “Carnavais, Malandros e Heróis”. DaMatta observa que a festa opera como inversão ritual e como narrativa identitária do Brasil, onde se dramatizam tensões entre indivíduo e sociedade.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025”

Hermano Vianna, em “O Mistério do Samba”, mostra como o samba, a partir das festas e tradições da cultura negra, torna-se parte da identidade nacional, articulando memória imaterial e construção política do Brasil moderno.

Darcy Ribeiro, em “O Povo Brasileiro”, destaca que as festas populares são espaços de síntese criativa das matrizes indígenas, africanas e europeias que compõem a formação do país, e que sua permanência revela a força da memória coletiva.

A ampliação dessa perspectiva permite incluir também pensadores do pós-colonialismo, como Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Dipesh Chakrabarty.

Bhabha, em “O Local da Cultura”, argumenta que a identidade é sempre produzida no entre-lugar, no espaço híbrido entre tradição e modernidade.

As festas populares, nesse sentido, constituem territórios híbridos por excelência.

Spivak chama atenção para a necessidade de ouvir as vozes subalternas; muitas festividades, especialmente de origem indígena e africana, são precisamente vozes subalternas que resistem pela memória.

Chakrabarty, em “Provincializar a Europa”, defende que outras concepções de tempo — não apenas o tempo linear ocidental — devem ser consideradas; as festas operam com tempos cíclicos, ancestrais e míticos, que desafiam a narrativa histórica eurocêntrica.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"

No campo da fenomenologia, Merleau-Ponty oferece uma reflexão valiosa sobre corpo e percepção.

Para ele, a memória está inscrita no corpo, nos gestos, nas posturas, nos ritmos da experiência.

As festas populares são laboratórios da corporeidade, nas quais o corpo se torna meio de transmissão histórica.

Jean-Luc Nancy, em "A Comunidade Inoperante", propõe que a comunidade é antes uma partilha sensível do que uma instituição.

A festa é essa partilha no seu grau máximo: um estar-junto que não precisa de finalidade além da experiência compartilhada.

Com a ascensão da tecnologia digital, a memória imaterial encontra novas condições de transmissão. Henry Jenkins, em "Cultura da Con-

vergência", explica como práticas tradicionais são reapropriadas em ambientes digitais, multiplicando significados.

As festas, antes locais, tornam-se globais pela circulação de vídeos, imagens e trilhas sonoras.

Sherry Turkle, ao discutir a formação do "self" na era digital, sugere que a identidade contemporânea é múltipla e fragmentada, mas que experiências comunitárias ainda são fundamentais para dar coesão ao sujeito.

As festas desempenham esse papel, mesmo quando experimentadas através de mídias.

Pierre Lévy, em "Cibercultura", mostra que a memória coletiva se expande com as tecnologias digitais, criando novas modalidades de arquivo vivo.

No campo da estética, Hans-Georg Gadamer — especialmente em "Verdade e Método" — argumenta que a tradição não é peso morto, mas diálogo contínuo entre passado e presente.

A hermenêutica gadameriana revela que compreender uma festa, um canto ou um rito implica participar do horizonte simbólico que o gerou.

Paul Zumthor, estudioso da oralidade, destaca que a performance é o modo por excelência da memória imaterial.

A voz, o ritmo, o corpo em ato constituem a preservação viva do passado. Mikhail Bakhtin, ao tratar do carnaval medieval, mostra que a

festa cria um espaço de paródia, inversão e crítica social.

Sua teoria da "carnavalização" evidencia que as festas são linguagens alternativas, capazes de contestar poderes instituídos.

A lógica da memória imaterial também se manifesta nas literaturas contemporâneas que revisitam tradições.

José Saramago, em romances como "Memorial do Convento", apresenta festas populares como núcleos de resistência simbólica.

Gabriel García Márquez, em "Cem Anos de Solidão", transforma a cultura popular do Caribe em cosmogonia literária.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"

Jorge Amado insere festas baianas em suas narrativas como elementos estruturantes da identidade afro-brasileira.

Clarice Lispector, em chave introspectiva, revela como a memória se inscreve na experiência sensível do cotidiano.

A poesia de Adelia Prado, por exemplo, celebra o sagrado no comum, recuperando memórias afetivas da roça, das procissões e dos costumes familiares.

A literatura indígena contemporânea, representada por autores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku e Eliane Potiguara, reafirma a memória imaterial de seus povos como força espiritual e política, apresentando festas, mitos e narrativas ancestrais como caminhos para a preservação da identidade.

Dessa maneira, a memória imaterial se revela não apenas como categoria cultural, mas como força transversal que atravessa história, filosofia, antropologia, sociologia, literatura, psicanálise, estética e estudos da mídia.

Ao dialogar com tantos campos, torna-se evidente que as festividades populares constituem um dos mais potentes laboratórios de experiência comunitária, capazes de articular passado e presente de forma criativa.

Nelas, a memória imaterial manifesta sua vitalidade: ela não está encerrada em monumentos, mas respira no corpo que dança, no canto que se repete, na comida que se prepara, nas ruas que se enchem de cores, nos gestos que se renovam.

A memória material fixa, mas a imaterial reinventa; a material documenta, mas a imaterial encarna; a material preserva, mas a imaterial vive.

E é justamente nessa vitalidade que se encontra a força que mantém sociedades inteiras conectadas à sua história profunda.

A Congada, manifestação profundamente enraizada nas tradições afro-brasileiras, constitui um dos exemplos mais vigorosos da memória imaterial transmitida por meio de festividades populares.

Misturando devoção católica, elementos da cultura banto e iorubá, teatralidade, canto e dança, a Congada é uma celebração marcada pela coroação simbólica de reis negros e por um conjunto de rituais que expressam resistência, ancestralidade e pertencimento.

Em sua essência, a Congada é uma “litania performática da memória”, operando como espaço de transmissão cultural e de elaboração coletiva da história da diáspora africana no Brasil.

Essa dimensão se torna evidente quando se considera o que Paul Gilroy chama, em “The Black Atlantic”, de “memória atlântica”, ou seja, um repertório comum de práticas culturais de origem africana que se reconfiguram nos territórios onde se estabeleceram populações negras.

A Congada é uma dessas reconfigurações, mistu-

rando catolicismo popular, mitologias de reis africanos e memórias da escravidão.

Antropólogos como Roger Bastide, em “As Religiões Africanas no Brasil”, já haviam destacado que manifestações como a Congada representam formas de resistência simbólica, nas quais elementos africanos sobrevivem e se reinventam dentro de estruturas religiosas coloniais.

Bastide lembra que, embora a Congada frequentemente se apresente como festa cristã, sua essência é africana na forma de dançar, cantar e organizar o cortejo.

Já Edison Carneiro, em “Negros Bantos”, observa que a Congada cristaliza valores comunitários, especialmente a solidariedade e a reciprocidade, funcionando como ritual de reencantamento da vida coletiva.

Leda Maria Martins, em seus estudos sobre teatralidades negras, das quais se destacam “Afrografias da Memória”, mostra que a Congada é performance que inscreve no corpo a memória histórica da escravidão e da realeza negra.

Martins analisa o “tempo espiralar” das tradições afro-diaspóricas, no qual passado, presente e futuro se enroscam.

A Congada é expressão plena desse tempo espiralar: a cada ato performado, os congadeiros reencenam episódios simbólicos de sua ancestralidade africana, enquanto criam memórias afetivas do presente.

Essa lógica da repetição ritual, própria da memória imaterial, aproxima-se também das formulações de Victor Turner acerca dos rituais de passagem e da “communitas”. Turner explica que os rituais produzem momentos de suspensão das hierarquias sociais e criam uma experiência de união emocional e espiritual.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"

A Congada, ao organizar cortejos, coroações e encenações, cria um sistema de papéis simbólicos que articula estrutura e antiestrutura.

É festa, mas é também ritual; é performance, mas é também arquivo vivo.

Marcel Mauss ajuda a compreender que a Congada transmite técnicas do corpo que são aprendidas pela prática e pela convivência. As coreografias, os gestos com espadas e bastões, o cantar responsorial entre mestre e coro são “saberes inscritos” que se difundem por imitação e repetição.

Do ponto de vista da história cultural, a Congada se insere no que Carlo Ginzburg chamaria de “indícios da cultura subalterna”, pois ela preserva traços e símbolos que não aparecem nos documentos oficiais, mas que revelam práticas e mentalidades das populações negras excluídas do registro hegemônico.

Peter Burke aponta que as festas populares são espaços de negociação entre práticas eruditas e populares; a Congada exemplifica esse encontro entre o catolicismo oficial e a religiosidade afro-brasileira.

Roger Chartier acrescentaria que as formas de apropriação variam conforme os grupos, e isso se verifica na diversidade das Congadas brasileiras — em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná e outros estados, cada Congada possui variações próprias de canto, vestuário e narrativa, revelando adaptações locais.

No campo da psicanálise e da estética, a Congada pode ser lida como processo de elaboração coletiva. Freud afirma que certos rituais operam como repetição transformadora, mecanismo pelo qual a comunidade reelabora traumas históricos.

A Congada contém, em sua estrutura simbólica, uma narrativa de perda, dor e resgate — a coroação dos reis negros, o conflito teatralizado entre grupos, a evocação dos antepassados — elementos que funcionam como elaboração de um passado marcado pela violência da escravidão.

Lacan, ao enfatizar que o simbólico ordena a subjetividade, permite entender que a Congada estrutura para os congadeiros um lugar no campo do simbólico: participar da festa significa ocupar uma posição de pertencimento e reconhecimento. Paul Ricoeur, em “A Memória, a História, o Esquecimento”, ajuda a compreender que a Congada é um dispositivo de narrativa coletiva, no qual a comunidade dá sentido ao passado e reafirma sua identidade.

A Congada também dialoga com a literatura e com o cinema. Em “Grande Sertão: Veredas”, João Guimarães Rosa evoca imagens de cortejos e festas que remetem às Congadas do interior de Minas Gerais.

De forma mais direta, autores como Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis e Ana Maria Gonçalves exploram memórias afro-brasileiras que dialogam com a performatividade da Congada.

IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAMANTAI, sob a direção de Tânia Lavinha, Criada em 09/12/2025”



Na música, grupos como o congado mineiro do Rosário, o Moçambique e o Candombe influenciam artistas contemporâneos que resgatam ritmos tradicionais.

No cinema, documentários como “Congado – Reinado de Nossa Senhora do Rosário” e registros de congadeiros mostram como a cultura pop e a indústria audiovisual ajudam a divulgar a Congada, inserindo-a em circuitos mais amplos de memória e representação.



DANÇADA CONGADA POR LA "sumido SEANET AI, sob a direção de Tânia Lavinia, Grãda em 09/12/2025"

Se a memória material precisa de monumentos, a Congada é ela própria monumento vivo, que respira, dança e canta.

Seu valor cultural está justamente no fato de que não depende de pedras ou arquivos, mas de corpos que se movimentam, vozes que ecoam, gestos que se repetem e significados que se renovam.

A Congada também dialoga com o pensamento de Néstor García Canclini acerca da hibridez. Canclini explica que não existe tradição pura, pois a modernidade atualiza continuamente as práticas culturais.

A Congada é exemplo vivo dessa dinâmica: embora mantenha elementos seculares, incorpora instrumentos modernos, cores contemporâneas, microfones e caixas de som, criando uma estética híbrida que não dilui, mas fortalece sua identidade.

Martín-Barbero acrescenta que as mediações culturais — rádio, televisão, internet — contribuem para transformações nas formas de celebração da Congada, permitindo que grupos distintos troquem repertórios, preservando a tradição enquanto a reinventam.

A partir do pensamento de Stuart Hall, pode-se compreender a Congada como afirmação identitária de matriz negra, pois Hall lembra que as identidades culturais são formadas no entrecruzamento entre diáspora, resistência e reinterpretação.

Do ponto de vista filosófico, Jacques Derrida oferece contribuições essenciais ao propor o conceito de hauntologia em textos como “Espe-

A Congada exemplifica, como poucas manifestações, aquilo que Leda Martins chama de “corpo-arquivo”: o corpo como lugar onde a memória se deposita, se reinventa e se transmite.

Já os galos balineses, tal como magistralmente interpretados por Clifford Geertz em seu célebre ensaio “Deep Play: Notes on the Balinese Cockfight”, constituem um dos exemplos mais ricos da antropologia interpretativa contemporânea e ocupam posição central no debate sobre memória imaterial, performance ritual, simbolismo e representação

tros de Marx”. A Congada é, de certa forma, uma prática hauntológica: nela, o passado retorna como espectro, presença ausente que insiste em se manifestar no corpo da comunidade.

Derrida afirma que o espectro não é fantasma, mas memória que ainda não foi inteiramente resolvida.

A Congada corporifica essa memória irresoluta da diáspora africana, tornando visível aquilo que muitas vezes é silenciado nos discursos oficiais.

Jean-Luc Nancy, ao discutir a ideia de comunidade, diria que a Congada é forma de “partilha do sensível”, ecoando também o pensamento de Jacques Rancière, para quem a estética é sempre política. A Congada distribui e reorganiza o sensível: sons, cores, ritmos, corações, gestos — tudo produz uma política da memória que afirma a existência negra no Brasil.

Por fim, a Congada sintetiza de maneira exemplar a força da memória imaterial.

Ela é simultaneamente história viva, rito, espetáculo, arquivo, performance, resistência e celebração.

coletiva.

Para Geertz, o combate de galos — longe de ser mero entretenimento — funciona como um “texto cultural”, uma narrativa densa na qual a sociedade balinesa se lê, se representa e se interpreta. O que está em jogo não são apenas animais lutando, mas cosmogonias sociais, reputações, afeitos, hierarquias, emoções e estruturas profundas de significação., como a Congada, o maracatu ou as festas de reis africanas no Brasil, o combate de galos balinês é um modo de inscrição da memória imaterial em performances corporais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"

Isso se aproxima de Marcel Mauss e de sua teoria das “técnicas do corpo”, pois toda a preparação do galo — o modo como é alimentado, treinado, massageado, acariciado ou exibido — funciona como transmissão tácita de um saber ancestral que se perpetua através da prática. Victor Turner contribuiria indicando que o combate funciona como “drama social”, uma encenação na qual se atualizam tensões comunitárias, tal como ocorre nos rituais de passagem e nas festas populares.

A psicanálise também ajuda a compreender por que a luta de galos é tão carregada de significados.

Geertz argumenta que o combate de galos é um “jogo profundo” porque envolve apostas simbólicas intensas: o que se arrisca não é dinheiro, e sim prestígio, honra, pertencimento e identidade.

A memória imaterial da comunidade balinesa é ativada a cada combate, pois o galo é extensão do próprio homem — um “duplo metafórico”, como diria Lévi-Strauss ao falar da função simbólica dos animais para os grupos humanos.

O animal é signo; o combate é narração; a aposta é ritual de sociabilidade.

Freud, ao discutir a sublimação e a transferência de energia pulsional para objetos simbólicos, permite interpretar a identificação entre homens e galos como processo de investimento libidinal.

O galo encarna a virilidade idealizada, a energia vital e o desafio ao destino.

Lacan, ao enfatizar o papel do olhar e do imaginário, sugere que o galo funciona como “imagem especular” do sujeito balinês: ao observar a luta, o homem vê a si mesmo — sua coragem, sua agressividade,

Cada família, cada aldeia, cada linhagem projeta no animal sua própria memória coletiva. Assim, quando dois galos se enfrentam, enfrentam-se duas histórias, duas constelações afetivas, duas tradições. O galo é o arquivo vivo de sua linhagem, simbolizando ao mesmo tempo virilidade, honra e continuidade.

A dimensão da memória imaterial aparece com clareza quando Geertz mostra que o combate de galos expressa códigos sociais que não estão explicitados verbalmente, mas que são compreendidos intuitivamente pela comunidade.

seu medo, sua honra. O combate, portanto, é arena de projeções, onde o inconsciente coletivo se manifesta.

A análise de Geertz dialoga ainda com Lévi-Strauss, que afirma em “O Pensamento Selvagem” que os rituais funcionam como mecanismos de classificação simbólica. A luta de galos classifica, organiza e hierarquiza a sociedade balinesa, tornando visíveis as distinções sociais que, no cotidiano, são vividas de forma mais difusa.

A memória imaterial opera justamente nessa camada, onde práticas aparentemente simples codificam estruturas mentais profundas.

Pierre Bourdieu complementaria essa visão ao falar do habitus: participar do combate de galos — seja como apostador, como treinador, como espectador ou como criador — forma parte de um conjunto de disposições corporais e

mentais que constroem a identidade de prática dos indivíduos.

A estética do combate também revela seu caráter de arquivo imaterial. O galo, com penas coloridas, crista ereta, movimentos rápidos e ritmados, compõe uma coreografia que se aproxima daquilo que Paul Zumthor chamaria de “performance poética”.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 09/12/2025"

A luta é espetáculo, mas é também narrativa estética. O som das apostas, o tamborilar dos pés, o murmúrio da multidão — tudo isso constitui um ambiente sonoro que funciona como memória auditiva da comunidade.

O combate de galos é, nesse sentido, performance total, na qual corpo, som e olhar se entrelaçam. A poética da luta — sua velocidade, seu drama, sua imprevisibilidade — lembra as descrições que García Márquez faz do real maravilhoso latino-americano, nas quais o ritual e a vida cotidiana se misturam.

Do ponto de vista da sociologia contemporânea, Zygmunt Bauman, ao analisar a dissolução dos vínculos tradicionais na modernidade líquida, permitiria ler o combate de galos como prática que resiste à fluidez contemporânea, ancorando a comunidade em símbolos duráveis.

Anthony Giddens, ao discutir a reflexividade, indicaria que a luta de galos é espaço de autorrepresentação: o balinês se reconhece naquilo que celebra.

Stuart Hall, ao tratar de identidades diaspóricas, sugere que tradições culturais não são está-

ticas, mas resultado de hibridizações; o combate de galos, embora antigo, se reinventa no turismo, nas mídias e na reinterpretação antropológica.

No campo da filosofia, Nietzsche via no combate e no risco uma forma de afirmação da vida, e essa perspectiva ecoa no modo como a comunidade balinesa vivencia a luta de galos como exaltação do vigor vital.

Heidegger, ao falar do “ser-no-mundo”, mostraria que a luta insere o sujeito em uma temporalidade compartilhada, na qual a repetição ritual cria continuidade histórica.

Derrida, com sua “hauntologia”, ajuda a perceber que a luta de galos é ritual espectral: a memória dos antepassados e dos galos antigos assombra cada novo confronto, como se cada animal carregasse consigo espectros de lutas passadas.

A cultura pop contemporânea também se apropria da estética dos galos balineses.

Filmes e animações representam lutas de animais como metáforas de honra e destino — de “Kung Fu Panda” a certas cenas

de “Mulher-Gato” ou “Kill Bill”, onde a estética coreográfica remete à luta ritualizada.

Em muitos videogames, personagens e criaturas inspiradas em galos guerreiros retomam, inconscientemente, essa tradição simbólica de masculinidade ritualizada, reforçando a tese de Umberto Eco de que símbolos antigos reaparecem transfigurados na cultura pop.

Assim, os galos balineses exemplificam de maneira extraordinária como a memória imaterial se manifesta em uma prática que é ao mesmo tempo espetáculo, ritual, narrativa identitária, arquivo corporal e metáfora social.

O combate de galos é lugar onde passado e presente se encontram, onde a comunidade lê a si mesma e onde se atualiza um patrimônio simbólico que não precisa de museus ou documentos para continuar vivo.

Como na Congada, no maracatu, nas festas afro-brasileiras e nas procissões católicas, o que se vê é um tipo de memória que pulsa, respira, luta — e permanece apesar das transformações históricas.

Clayton Alexandre Zocarato

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



ARTIGOS

ANDRÉ R. FERNANDES

Cidade: Manaus
Estado: Amazonas
País: Brasil

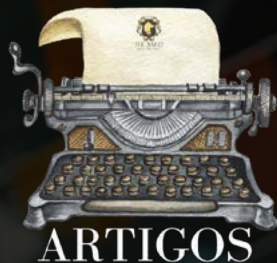
AS MEMÓRIAS IMATERIAIS DAS FESTIVIDADES DA INFÂNCIA NO BAIRRO SÃO FRANCISCO, EM MANAUS

As lembranças das festividades da infância no bairro São Francisco, em Manaus, formam um patrimônio imaterial que ultrapassa o tempo e as mudanças urbanas. São memórias afetivas que se entrelaçam com os sons, as cores e os cheiros das tradições locais — heranças que moldam a identidade de quem cresceu naquela comunidade.

Nas décadas passadas, o bairro se transformava em um cenário vibrante durante as festas juninas, procissões religiosas e celebrações de fim de ano. As ruas eram enfeitadas com bandeirolas coloridas, e o som das quadrilhas ecoava entre as casas simples, enquanto as famílias preparavam comidas típicas como mungunzá, pamonha e tacacá. Cada morador participava com entusiasmo, e as crianças experimentavam o encanto de um mundo feito de partilha, música e fé.

Essas festividades não eram apenas momentos de lazer, mas também de construção de laços sociais e transmissão de valores. A solidariedade, o respeito pelos mais velhos e o sentimento de pertencimento eram aprendidos nas pequenas tarefas coletivas — como ajudar a montar a barraca de doces, decorar a igreja ou ensaiar as danças.

Hoje, mesmo com as transformações do bairro e a modernização dos costumes, essas memórias permanecem vivas na lembrança de quem viveu essa época. Elas compõem um patrimônio imaterial que resiste no imaginário dos moradores, rea-



firmando a importância da cultura comunitária e da infância como espaços de formação afetiva e identitária.

Preservar essas lembranças é também valorizar a história de Manaus e reconhecer o papel dos bairros tradicionais na construção da memória coletiva da cidade. O São Francisco, com suas festas e tradições, continua a pulsar na memória daqueles que guardam o brilho das luzes, o som das risadas e o calor das noites festivas de outrora.



IMAGEM GERADA POR IA * usando SE KARTAL, sob a direção de Ardy Soares Reis, Criada em 09/12/2025

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



05



Angela Daneluci



Professora e membra fundadora da Academia Biriguiense de Letras. Escritora e poeta, especialista em Matemática pela UNICAMP e possui licenciatura em Matemática, Ciências, Química, Física e Pedagogia. Autora do livro *Poetize-se: Literatura Poética Escrita por uma Mulher* (2024) e coautora de *Florilégio do Brasil XVIII e Eu Brilho com as Estrelas* (2024).

Rachel de Queiroz

A Mulher que escreveu o Sertão e o Coração



Imagem de Projeto Abelha por Google

Inicar esta coluna falando de Rachel de Queiroz é para mim uma alegria profunda e um tributo merecido. Sua voz, que brotou no sertão nordestino, atravessou lentas secas, migrações e desencontros para conquistar um lugar eterno na literatura brasileira.

Rachel de Queiroz não foi apenas uma grande escritora — ela foi pioneira, coragem convertida em prosa, luz que rasgou convenções. Como a primeira mulher a tomar assento na Academia Brasileira de Letras, ela mostrou que a palavra tem peso, poder e horizonte.

Nesta “Coluna Grandes Autores”, convido você a peregrinar comigo pelos caminhos por onde Rachel caminhou: os chalés sertanejos, os dramas íntimos, as

crônicas mordazes e os romances épicos. Vamos redescobrir como sua escrita social, sutil e cheia de humanidade continua a falar conosco — sobre tempo, identidade, resistência e afeto.

Aqui, cada edição será um encontro com a força serena de sua pena, um refúgio para refletir e se maravilhar. Que esta homenagem seja mais que leitura: que seja um abraço entre gerações, entre a Rachel que foi e a Rachel que permanece viva nos corações que a lêem.

Bem-vindos a este encontro literário. A literatura vive — e com Rachel, ela pulsa ainda mais forte.

Com admiração,

Ângela Maria Daneluci Crespo



Imagem de Correios IMS por Google

RACHEL DE QUEIROZ: PIONEIRA, SERTANEJA E IMORTAL DAS LETRAS BRASILEIRAS

1. Introdução — Um marco na literatura brasileira

Rachel de Queiroz (1910–2003) foi mais do que uma escritora: foi uma voz pioneira do Nordeste, uma cronista que atravessou décadas, uma mulher que quebrou barreiras e entrou para a história como a primeira imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). Sua vida e obra dialogam com a seca, a migração, a força rural, a sensibilidade social — e ecoam até hoje como espelho para o Brasil profundo.

2. Origens nordestinas e a seca que moldou sua arte

Rachel nasceu em Fortaleza (Ceará), em 17 de novembro de 1910.

Quando criança, enfrentou a seca histórica de 1915 — sua família migrou para o Rio de Janeiro, depois para Belém, antes de retornar a Fortaleza.

Esse episódio não foi apenas biográfico: tornou-se matéria-prima literária. Em seu primeiro romance, *O Quinze* (1930), ela descreveu com sensibilidade e realismo a miséria dos retirantes nordestinos.

A juventude de Rachel foi marcada pela leitura e pela educação formal: formando-se professora aos 15 anos no Colégio da Imaculada Conceição.



Imagem de Blog Tocalivos por Google

“

O que leva a gente a escrever o primeiro livro? Não sei. (...) O que tinha lido de literatura sobre seca não era satisfatório para mim e quis dar uma espécie de testemunho. E, com essa petulância da juventude, eu me meti a escrever o romance.

3. O sucesso literário: O Quinze e além

Aos 20 anos, Rachel publicou *O Quinze*, financiando a edição por conta própria. A recepção foi rápida e intensa: a obra a colocou no centro literário nacional.

Nos anos seguintes, ela escreveu romances significativos como *João Miguel* (1932), *Caminho de Pedras* (1937) e *As Três Marias* (1939), este último premiado.

Décadas depois, entregou ao público *Memorial de Maria Moura* (1992), um romance épico que explora a figura de uma mulher sertaneja forte, líder e simbólica.



Imagem: Reprodução Acervo IMS

4. Diversidade de vozes: jornalismo, crônicas, teatro e tradução

A escrita de Rachel vai muito além do romance. Ela foi jornalista e cronista — produziu mais de 2 mil crônicas para jornais como O Cruzeiro, Diário de Notícias e O Jornal.

No teatro, assinou peças marcantes: Lampião (1953) e A Beata Maria do Egito (1958).

Além disso, traduziu para o português cerca de 40 obras de autores estrangeiros, como Dostoiévski, Conrad e Faulkner.

Também escreveu para o público infantil: sua obra O Menino Mágico nasceu de histórias que inventava para os netos.

5. Engajamento social, institucional e político

Rachel de Queiroz não se limitou à literatura. Foi membro do Conselho Federal de Cultura, desde sua criação, e participou ativamente da vida cultural brasileira. Ela também ocupou um papel diplomático: em 1966, integrou a delegação brasileira à ONU, na Comissão dos Direitos do Homem.

Politicamente, seu percurso foi complexo: jovem envolvida com ideais de esquerda, mais tarde seu apoio a partes controversas da política nacional gerou debates sobre sua atuação intelectual. (Para aprofundar, recomenda-se leitura de estudos acadêmicos.)



Imagem: Reprodução Acervo IMS

6. A cadeira na ABL: um marco feminino

Em 4 de agosto de 1977, Rachel foi eleita para a Cadeira 5 da ABL, sendo oficialmente recebida como imortal em 4 de novembro do mesmo ano por Adonias Filho. Esse evento foi simbólico: pela primeira vez uma mulher ingressava em uma instituição tradicionalmente masculina, rompendo barreiras no mundo literário brasileiro. Sua contribuição à academia e à cultura nacional foi reconhecida com diversos prêmios, incluindo o Prêmio Camões (1993) e o Prêmio Machado de Assis entregue pela ABL.

7. Legado literário e cultural

O estilo de Rachel mistura realismo social com ternura, denúncia com empatia. Em seus romances, ela revela o sertão — não apenas como cenário, mas como personagem viva, carregada de sofrimento e resistência.

Como cronista, suas reflexões são pontuais, um espelho das transformações do Brasil ao longo de décadas.

No teatro e na tradução, sua voz ressoa como ponte entre culturas e gerações.

Mais do que escritora, Rachel de Queiroz é símbolo: de resiliência feminina, das letras nordestinas, da luta por espaço e reconhecimento. Seu legado inspira autoras, leitores e pensadores até hoje.



Imagem de Wikipedia por Google

8. Exposições, memória e homenagens

- A Academia Brasileira de Letras organizou a exposição “Rachel de Queiroz – atravessando o século”, celebrando seu centenário, com módulos que narram sua vida literária e pessoal.
- Também existe premiação literária em seu nome: o concurso de crônicas “Prêmio ABL/CFN Rachel de Queiroz”.
- Após sua morte em 2003, a ABL publicou tributos e reportagens destacando seu papel fundamental nas letras brasileiras.



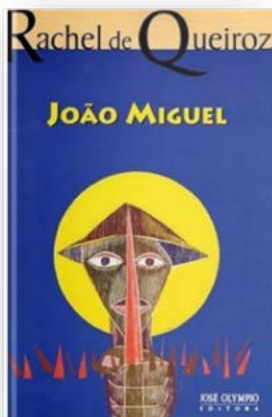
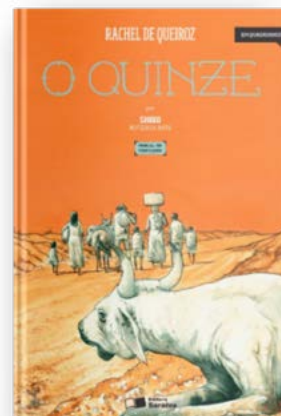
IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/11/2025"

9. As 10 maiores obras de Rachel de Queiroz

O Quinze (1930)

Romance de estreia que a consagrou, retrata a seca de 1915 e o drama dos retirantes com profundidade emocional e força social. É considerado sua obra-prima.

A trama se dá em dois planos, o primeiro focando no vaqueiro Chico Bento e sua família, o outro na relação afetiva de Vicente, rude proprietário e criador de gado, e Conceição, sua prima culta e professora na capital.

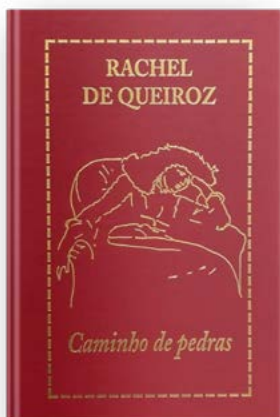


João Miguel (1932)

Segundo romance da escritora: João Miguel é um trabalhador da classe rural que tira a vida de um companheiro após embriagar-se durante uma festa. O enredo do livro trata de sua vida na prisão, a traição de sua companheira com o soldado que guardava o presídio local e sua rotina angustiada de isolamento, inação e solidão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/11/2025"



Caminho de Pedras (1937)

Escrita enquanto Rachel de Queiroz estava presa, a obra é marcada por engajamento político e crítica social. Reflete seu envolvimento com a esquerda e suas inquietações diante das desigualdades do país.

Conta a história da paixão proibida entre Roberto e Noemi, esposa do ex-comunista João Jaques e mãe de um menino de colo identificado apenas como Guri. O romance traz como plano de fundo um retrato da luta social daqueles anos, contendo denúncias ao Integralismo e ao autoritarismo do Estado Novo de Getúlio Vargas.

As Três Marias (1939)

Último romance da primeira fase da obra de Rachel de Queiroz, “As Três Marias” é escrito em primeira pessoa e traz fatos biográficos, ligados à sua vivência no Colégio Imaculada Conceição.

O enredo da obra acompanha o encontro e a trajetória de vida de três amigas, Maria José, Maria da Glória e Maria Augusta, desde o internato de freiras, onde se conhecem, até a vida adulta. Sempre unidas, as jovens são apelidadas por uma freira como “As Três Marias”, em alusão a seus nomes e às estrelas pertencentes à constelação de Órion.



A Donzela e a Moura Torta (1948)

Seu primeiro volume de crônicas publicadas, com seleção da própria autora, em que Rachel de Queiroz evidencia sua habilidade para transformar cotidiano, memória e cultura nordestina em literatura da melhor qualidade.



Lampião (1953)

Peça teatral que leva aos palcos as figuras emblemáticas do famoso cangaceiro nordestino, Virgulino Ferreira – o Lampião – e de sua corajosa companheira, Maria Bonita, refletindo sobre violência, cultura popular e mitologias do sertão.

A Beata Maria do Egito (1958)



Peça em três atos, que tem como ambientação uma pequena prisão de uma cidade do interior, onde a personagem título, uma jovem mulher conhecida como a Beata Maria do Egito, tida como santa pelos populares, após se encontrar presa a caminho de Juazeiro, acaba por entregar-se sexualmente ao tenente em troca da liberdade, para que possa seguir o seu caminho e sair em defesa do Padre Cícero.

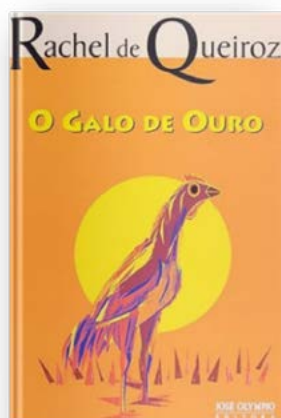
Obra marcada pelo simbolismo religioso e por uma discussão profunda sobre moralidade e redenção.

Dôra Doralina (1975)

Retornando ao romance após um hiato de mais de 35 anos (o último havia sido “As Três Marias”), “Dôra Doralina” tem também evidentes traços biográficos. A trama é dividida em três partes e narra a história de Maria das Dores, apelidada por Dôra, jovem que vive à sombra da autoritária mãe a quem trata apenas pelo pronome “Senhora”.

Já viúva, após a morte misteriosa do marido, Dôra embarca rumo à capital Fortaleza, onde se torna atriz de uma companhia de teatro mambembe, percorrendo várias regiões do país, até conhecer o homem que seria grande amor de sua vida, o “Comandante”, com quem tenta construir uma família.

O romance foi adaptado para o cinema, em 1982, dirigida por Perry Salles, que atuou ao lado de Vera Fischer e Cleyde Yáconis.



O Galo de Ouro (1985)

Romance em folhetim lançado semanalmente pela revista O Cruzeiro, em 1950, mas só publicado em formato de livro vinte e cinco anos depois, em 1985. O livro narra a trajetória de Mariano, um garçom que após sofrer um acidente automobilístico, além de perder a esposa, fica com o braço direito seriamente comprometido. Mariano deixa a filha criança aos cuidados de uma comadre, tenta a sorte em brigas de galo e como bicheiro.



Imagem: Reprodução Acervo DNS

Memorial de Maria Moura (1992)

Seu último grande romance, escrito aos 82 anos, acompanha a trajetória de Maria Moura, uma das mais fortes personagens femininas da literatura brasileira. A obra mistura saga, política, conflitos familiares e poder feminino, e ganhou uma versão nas telas em 1994 – em formato minissérie, pela Rede Globo – com Maria Moura interpretada por Glória Pires.

O romance conta a saga da personagem título, que de sinhozinha órfã passa a cangaceira e chefe de bando, além de narrar tramas paralelas que vão se interligando com a história de crime e expiação do padre José Maria e o amor proibido entre Marialva e o atirador de facas circense, Valentim.

A personagem Maria Moura foi inspirada, particularmente, em duas personagens históricas: a Rainha Elizabeth I, a rainha virgem, cujo poder e autonomia eram notáveis à sua época, e a figura de Maria de Oliveira, uma cearense que organizou, ainda no século XVIII, o primeiro bando no sertão de que se tem notícia, e por isso é considerada a precursora de Lampião.

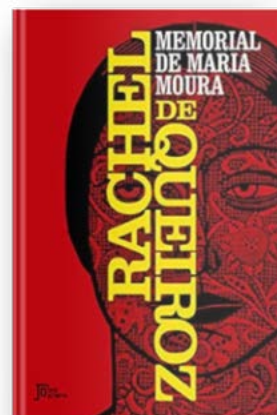


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/11/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/11/2025"

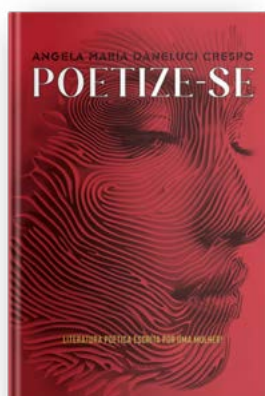
10. Conclusão

Rachel de Queiroz foi, sem dúvida, uma das grandes vozes da literatura brasileira. Sua trajetória vai além da ficção — ela personificou a coragem de ser mulher, nordestina, artista, intelectual. Ao celebrar sua vida, somos convidados a revisitar seus livros, suas crônicas e suas traduções; a reconhecer o Brasil de ontem e de hoje através de seus olhos sensíveis. E, mais que tudo, a sentir que sua imortalidade na ABL não foi apenas institucional: é literária, humana, eterna.



Imagem de Templo Cultural Delfos por Google

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

ANGELA DELANUCI
CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

TIKTOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

MEMÓRIA:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"



35ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2026

Uma viagem nos tempos:

"a expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"

**36^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MARÇO & ABRIL DE 2026**

PERÍODO DE 03 DE DEZEMBRO À 31 DE JANEIRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS

13



MÁRCIA NEVES



Professora, graduada em Letras pela Unisantos e pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta; multiplicadora do EducaMídia; brasileira, baiana de origem, vicentina e santista de coração, mãe do Yohan, amante das letras e da poesia e apaixonada pela educação. Autora do livro de poesia Grades de liberdade (Editora Provérbio), do livro infantojuvenil Poesia – o lugar encantado das crianças (Editora Asinha) e haicais Bucólicos (Editora Pangeia). Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias, coautora no manifesto Korja Sacrílega, (Editora Armazém De Quinquilharias E Utopias).

A sombra que nos tece

Por Márcia Neves



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 05/12/2025"

Um dia,
A vida nos convidou a pertencê-la
E foi nos mostrando como ser.
Apresentou-nos o olhar
E nos despertou à própria natureza.
À natureza das coisas, aguçou nossos sentidos
E nos fez sensíveis.
Ganhamos o universo
E conquistamos o mundo.
Entre uma natureza e outra,
Deixou em nós
Todas as percepções
Para ganharmos o infinito
Naturalmente por ela mesma.
E nos fez criança,
Para a enxergarmos,
Exatamente como ela é
Uma frondosa copa, da qual somos parte,
Sendo folhas e frutos da própria sombra.

Apreciados leitores da Coluna Nossa Literatura, virtudes poéticas

Agradeço imensamente por estarem aqui conosco! Nossa Literatura: virtudes poéticas é uma coluna originalmente voltada ao que faz sentido nas entrelinhas que lemos, àquilo que eleva nossas reflexões, questionamentos e nos submete ao prazer literário pela nossa e pela essência da vida.

É com alegria que iniciamos mais um ano nesta jornada literária, desta vez, nesta edição, celebrando memórias que atravessam gerações e dão sentido aos dias atuais. Cada verso, poema, texto que aqui compartilhamos são fragmentos de um passado rico, que nos conecta com o presente e nos ensina sobre quem somos.

Todo início é como

um recomeço, um processo vital e abundante no ciclo da vida. Iniciar 2026 apresentando a vocês mais uma edição desta coluna na revista internacional The Bard é como respirar despropositadamente a vida, querendo-a sensata, só e simplesmente, pelo belo que as palavras nos inserem e a leveza que nos é exigida para termos a memória real “das coisas”. Afinal, para que razão diante do que é?

É singular e cativante o modo como a revista The Bard nos envolve nas raízes de nossa história, para nos devolver de forma completamente tecida, nas memórias que se eternizam ao longo do tempo, e que formam a identidade de nossas culturas, de nossa nação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"

Entre todas as idas, o recomeço é uma delas. Nenhum recomeço se esvazia, e nenhum deles parte do zero. Sempre há espaço em nossas bagagens para aquilo que confronta nossas viagens, convidando-nos a retroceder para reparar e seguir construindo narrativas que nunca se esgotam, ou nunca deveriam se esgotar. Sigamos, portanto, juntos em 2026, esvaziando e preenchendo nossas bagagens daquilo, somente daquilo que nos leva adiante e que a história e a literatura dão conta de sua vivacidade.

Aqui, nesta edição, Nossa Literatura: virtudes poéticas tratou de refletir uma das memórias mais bonitas de nossa existência que, assim como muitas outras, fica camuflada, às vezes até esquecida, em meio à explosão capitalista que determina, desafortunadamente, o rumo de nossas comemorações: brincadeiras da infância. Se você nunca ouviu a frase: “Na minha época, não era assim...” essa leitura também é para você.

E como se brincássemos, leiamos!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArtAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 05/12/2025"

O Brincar e a Literatura na construção da identidade de um povo

Brincadeiras da infância

Para além do entretenimento, brincadeiras são parte das tradições culturais, reflexos da história de um povo e valores de uma sociedade que se constroem ao longo do tempo. E é interessante o quanto essas tradições, reflexões e valores culturais traçam identidades que delimitam regiões e desaguam no mesmo rio, carregando a história de nossa nação.

Certa vez, ao ouvir um cidadão indígena, em uma entrevista concedida a um documentário, em que dizia: “hoje as brincadeiras são diferentes, já não são mais como na minha infância”, fez-me pensar no quanto a vida é cíclica e na forma com que todas as gerações são responsáveis pelo tecer de nossa identidade cultural.

Brincar é parte fundamental da infância e desempenha um papel indispensável e intransponível nessa fase de cognição e desenvolvimento humano. Outrossim, brincadeiras se desenvolvem naturalmente, seja pela imitação do real nas experiências sociais, pela criatividade ou por incentivos de tudo e todos em torno do universo da criança. E, como a vida não para, tudo o que lhe compõe torna-se algo em constante mutação. Ocorre que, em meio a todas as mudanças que vão surgindo, advindas de novas gerações e realidades sociais, existem as memórias culturais que precisam ser reavivadas e mantidas ao longo do tempo para a preservação e fortalecimento da identidade de um povo.

Muitas brincadeiras acabam sendo universais, tidas como tradicionais; mas todas traçam elementos únicos que refletem a história e a cultura de uma comunidade. A exemplo, temos as cirandas (brincadeiras de roda), queimada, amarelinha, pega-pega, esconde-esconde, passa o anel, e brincadeiras que incorporam histórias e personagens da literatura popular, como lendas, fábulas e con-

tos que ajudam a reforçar valores e lições de vida.

Diante da necessidade do brincar e sua eficiência em fazer a criança aprender naturalmente, muitas brincadeiras surgem intencionalmente da interação com adultos que, ao envolver elementos da vida cotidiana, oferecem ensinamentos que favorecem o bem-estar social, por

meio da cooperação, criatividade e competitividade, unindo-os no exercício necessário de equilíbrio para a construção única de sua história na história de todos. Surge, então, a responsabilidade dos adultos por atuar conscientemente no mundo das infâncias, permitindo que as crianças, além da diversão, explorem ideias e mundos possíveis a partir do que já existe, sendo apresentado a elas.

O que a literatura e a poesia têm a ver com isso?

É comum que histórias literárias ofereçam temas centrais na identificação de um povo, por meio de suas crenças e costumes, bem como de sua relação familiar e conexão com a natureza, o que já é próprio da contação de histórias. Não há outra forma de tornar viva a história de uma comunidade, senão por meio da reflexão-prática de seus próprios hábitos, crenças e costumes.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTE AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTE AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"



Perder de vista a identidade de uma comunidade é como perder-se do universo inteiro. Os pés do homem que pisa a terra que o sustenta carregam em si a essência do que lhe atribui sentido ao ato de viver.

Nesse sentido, a literatura se encarrega de nutrir o homem, por meio de suas narrativas orais e escritas, de experiências coletivas que fazem de cada um universo completo. É preciso valorizar práticas que mantêm o homem conectado com a natureza que o mantém vivo na história de um povo, a começar pelas brincadeiras que o formam.

É na infância que está o mundo completo de um adulto. A infância é o mundo mais cuidadoso por onde um adulto deve andar. A infância não é um espaço para qualquer um adentrar. Não é um espaço para caber comparações. Não é à toa que a infância é nosso lugar da saudade. Todos lembramos da infância com saudade, embora nem sempre a saudade faça notícia boa para todos. Mas é para onde todos voltaríamos sem medo, se fosse uma viagem de volta possível.

“No meu tempo, não era assim”. Que bom que no nosso tempo não era assim! Isso reforça a percepção de que não ficamos parados no tempo. E que as crianças de hoje podem entender a história que as insere em sua própria história. Que elas possuem um repertório muito maior que o nosso. Que são a continuação da sensibilidade de uma geração que precisa ter sensibilidade para inseri-las num contexto social divertido e confiável, para terem capacidade de seguir moldando histórias, mantendo e aprimorando identidades culturais. Para a vida continuar fazendo sentido e sendo boa também para elas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArtAI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA de Halaistock por Freepik

A infância é a poesia mais vívida de um ser humano. O que vemos em uma criança não é ingenuidade, é fidelidade à vida, é a tal simplicidade que perdemos diante dos moldes sociais inventados. E por que não celebrar a infância? Festividades marcam memórias, por isso, memórias nunca se perdem nas lembranças. Comemorar o dia das crianças é celebrar a vida pela abundância da poesia. E quem tem dúvidas disso, leia todas as obras de Manoel de Barros. O que me incomoda, atualmente, no Dia das Crianças é não poder celebrar a infância, é não poder brincar. É ver a sociedade reforçar mais e mais o luxo do lixo que destruirá, feito bomba atômica, a infância de todos nós. Quando deveríamos consumir a vida, deixamos o mundo nos consumir e, tão ligeiramente, perdemos a poesia mais bonita da vida, sem direito à volta. Por que não celebramos a infância? Já que festividades são memórias vivas da história de um povo, por que não celebramos a fase que nos conecta com todas as gerações?



Imagem de Freepik

O fato é que o “mundo globalizado” apresenta “vaidades” que desafiam todas as identidades. É inegável que a homogeneização cultural, que se forma constantemente por conta da indústria, faz com que brigemos por manter a diversidade cultural para além de nosso próprio contexto. Nesse cenário, VIVA À LITERATURA, À ARTE E À POESIA que nos permitem olhar a vida com discernimento, empatia e amor, ampliando nossos horizontes e compreensão do que foge do nosso alcance.

Brincadeiras, em um contexto formal ou informal, são cruciais para fomentar o desenvolvimento humano, inclusive cognitivamente. A literatura, portanto, possui ferramentas que nos garantem expandir e eternizar vivências dessa natureza. Assim, entre o antes e o depois, a vida acontece; e ao explorarmos a coluna Nossa Literatura: virtudes poéticas, fica o convite, imaterial do que não cabe em monumentos, à reflexão e celebração do que nos diverte lembrar e transmitir incansavelmente: a infância e suas brincadeiras.

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui



Clique aqui

MÁRCIA NEVES

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS**

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





07



ALINE ABREU SANTANA



Autora de livros acadêmicos, técnicos e didáticos, professora de Português e Literatura, colunista da THE BARD e escritora. Recebeu o título de Comendadora do Brasil, é Doutora Honoris Causa, ocupa cadeiras na Academia Mundial de Letras e AMLH e foi laureada como Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Fundadora do projeto Quais de Mim Você Procura, atua como palestrante, mentora e diretora pedagógica.

Amor Panderô em Seul



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

Seul nos recebeu como se já soubesse da nossa chegada. Não com alarde, mas com delicadezas quase invisíveis: a água colocada à mesa antes do pedido, o sorriso curto e respeitoso da recepcionista, o som contínuo das lojas, dos passos e das buzinas, compondo uma trilha urbana constante, como se a cidade respirasse ao nosso redor. Estávamos longe de casa, mas não deslocados. Há lugares que não nos estranham. A Coreia do Sul foi assim, um encaixe silencioso

entre o que éramos e aquilo que ainda estávamos aprendendo a ser.

Acordamos cedo. A luz entrava filtrada pela cortina do hotel, fria e clara. Lallo levantou em silêncio, os olhos ainda pesados de sono, o cabelo desalinhado. Seu silêncio habitual, que em São Paulo às vezes me machucava por parecer distância, ali ganhava outro sentido. Em Seul, o silêncio parecia parte da paisagem. Não era ausência. Era respeito.

Descemos caminhando em direção ao Bukchon Hanok Village. As casas tradicionais, com seus telhados curvos e madeira antiga, pareciam suspensas no tempo. Entre uma rua e outra, mulheres vestidas com hanboks coloridos passavam lentamente, tecidos amplos dançando ao vento, como flores em movimento. Eu caminhava devagar,

sentindo que aquela cena me atravessava. Como se, por algum motivo que eu não sabia explicar, tudo aquilo coubesse dentro de mim.

Foi ali que escutamos a primeira palavra curiosa do dia. Um grupo de estudantes correu pela viela estreita, rindo alto. Um deles virou o rosto e gritou:

— Panderô torayô!

Lallo parou, confuso, com a so-brancelha levemente arqueada.

— Já estão ensaiando para o carnaval?

Ri.

— Calma. Aqui “Panderô” não tem nada a ver com pandeiro. Parece, mas significa “ao contrário”. E “torayô” é algo como “vire”. Ele estava avisando alguém para mudar de direção. Nada de samba.

Lallo riu daquele jeito contido, como quem gosta, mas não faz alarde.

— É por isso que eu gosto de viajar contigo — disse. — Tu traduz as placas, as palavras e até o que não é dito.

Seguimos até a Namsan Tower. A subida foi lenta, quase cerimonial. À medida que avançávamos, a cidade ia se abrindo abaixo de nós. Do alto, Seul parecia um organismo vivo: prédios alinhados, avenidas iluminadas, o rio cortando tudo com paciência. O vento era frio, mas não hostil.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

Os cadeados do amor estavam por toda parte. Milhares. Coloridos, metálicos, gastos pelo tempo e pelo toque de tantas mãos. Presos em grades, correntes, árvores artificiais. De longe, pareciam pétalas duras brilhando sob o céu. De perto, cada um carregava uma promessa silenciosa.

Eu quis um.

— Vamos colocar o nosso?

Lallo demorou a responder. Não era recusa.

Era pensamento mesmo.

— Eu escrevo — disse eu.

— Eu fico com a chave — respondeu ele.

Fechei o cadeado com as mãos frias. O som do metal se encontrando foi seco, definitivo. Guardei a chave no bolso interno da jaqueta, junto ao peito. Algumas coisas não podem plateia. Mas tirei uma foto, claro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

À noite, a cidade mudou de tom. As luzes acenderam uma a uma, como se alguém tivesse decidido acordá-la outra vez. Do alto, Seul parecia um cenário de série: intensa, organizada, distante e íntima ao mesmo tempo.

No dia seguinte, caminhamos à beira do Rio Han. A água refletia o céu cinza, e os barcos passavam lentamente, como se o tempo ali tivesse outro ritmo. Paramos para beber chá gelado. Um senhor se aproximou e nos ofereceu figos secos. Lallo agradeceu com uma leve inclinação de cabeça, um gesto simples que parecia atravessar idiomas.

Foi quando ouvi outra palavra estranha e familiar.

— Xingô.

Inclinei a cabeça.

— Xingô? Isso não é briga?

Peguei o dicionário de bolso, aquele que já começava a se dobrar nas bordas.

— Aqui não. “Xingô” quer dizer “denunciar”.

Parece com “xingar”, mas é outra coisa. Mais formal.

Lallo franziu o cenho, pensativo.

— Então denunciar é um tipo de xingamento educado?

— Talvez — sorri. — Ou só mais direto.

Ele segurou minha mão. Ficamos ali, sem pressa, observando o movimento da água. Ao longe, uma criança apontou para a trilha e gritou com convicção:

— Tôkpáro casêyo!

Lallo abriu um sorriso quase vitorioso.

— Essa eu sei. Quer dizer “vá reto”.

— Isso mesmo — respondi. — E olha que curioso: “Tôkpáro” soa como “toparam”, não soa? A palavra parece até um acordo. Mas é só um simples “ siga em frente”.

Ele apertou minha mão.

— Como a gente.

— Como a gente — repeti.

Seul seguia ao nosso redor com seus contrastes bem marcados: vidro e madeira antiga, mercados barulhentos e ruas silenciosas, palavras que parecem uma coisa e significam outra. Como nós dois. Às vezes desencontrados, às vezes próximos demais. Mas sempre caminhando lado a lado.

Ali, entre traduções imperfeitas, passos lentos e promessas guardadas no bolso, entendemos que amor também é linguagem. E que, às vezes, ele só pede tempo, cuidado e a disposição de seguir em frente.



IMAGEM GERADA POR IA, "usando SERRAVAL, sob a direção de J. Wolf, Criada em 09/01/2025"

PARA SABER MAIS:

Vocabulário Coreano – Português

Coreano (transliteração)	Português
Bandaero / Pandeoro (반대로)	Ao contrário; em sentido oposto
Torayô / Dorayô (돌아요 / 돌아요)	Gire; vire; dê a volta
Panderô torayô (반대로 돌아요)	Vire ao contrário; mude de direção
Hanbok (한복)	Traje tradicional coreano
Xingô (신고)	Denúncia; registro formal
Tòkpárô / Tteokbaro (떡바로)	Reto; diretamente; corretamente
Casêyo / Gaseyo (가세요)	Vá; siga
Tòkpárô casêyo (떡바로 가세요)	Siga em frente; vá reto
Namsan Tower / N Seoul Tower (남산타워 / N서울타워)	Torre no Monte Namsan, ponto turístico de Seul
Rio Han / Hangang (한강)	Rio Han, principal rio de Seul



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEEART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

O MENINO QUE CARREGAVA O MUNDO NO BOLSO

Sergio Rodrigues de Abreu nunca perdeu o olhar do menino. Mesmo quando o corpo cresceu, quando os cabelos escureceram e depois embranqueceram, quando a vida lhe exigiu ser homem antes da hora, o olhar permaneceu ali, intacto, com aquela mistura de curiosidade, espanto e coragem que só as crianças muito pobres e muito vivas carregam.

Aos oito anos, Sergio já sabia o caminho do centro de São Paulo. Sabia o peso do saco de biscoito de polvilho, o barulho dos passos apressados na calçada, o cuidado para não derramar o pouco que tinha. Sabia também o nome da mãe, Gonçalina, e sabia que tinha irmãos demais para contar sem errar. Dez. Um de cada pai. Sabia ainda que tinha tido três padrastos. Mas pai mesmo, aquele nome que a gente diz com segurança, aquele que responde quando alguém pergunta “quem é seu pai?”, ele não tinha. Existia apenas um boato, um nome solto no ar: Melo. Um homem que nunca chegou, nunca ficou, nunca foi visto pelo menino.

Houve um dia em que um rapaz o enganou. Sergio lembraria desse dia mesmo sem querer. O sujeito pegou todos os biscoitos, sorriu com a confiança falsa dos adultos e disse que o pai dele compraria tudo. Apontou para um dono de bar qualquer, desses que vivem atrás do balcão, cercados de copos e histórias alheias e disse: “olha ali, meu pai”. Sergio acreditou por segundos. Talvez menos. O suficiente para o mundo escurecer um pouco quando percebeu que não havia pai nenhum ali. Voltou para casa com as mãos vazias e um choro parado na garganta. Não chorou alto. Crianças como ele aprendem cedo que chorar alto chama atenção demais para quem já não tem nada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

Com a mesma idade, pegava ônibus sozinho e ia até o Belenzinho. Descia perto da Vila Operária Maria Zélia, aquele conjunto antigo, de 1917, feito para trabalhadores da indústria de juta. Um lugar com escola, biblioteca, armazém, quadra. Não havia estádio grande, desses que aparecem em fotografia aérea. Havia uma quadra. E era ali que o Guarani jogava. Era ali que o menino Sergio vendia seus biscoitos.

Em todo jogo tinha o seu João que vendia lanches. Sergio nunca esqueceu do cheiro. Carne picadinha, salsinha, cebolinha, tudo dentro do pão. O dia inteiro aquele aroma atravessava o ar, misturado ao grito da torcida, ao barulho da bola batendo, ao pó levantado pelos pés. Sergio vendia biscoito para os jogadores, para quem assistia, para quem passava. No fim do dia, separava o dinheiro da matéria-prima, o dinheiro que precisava devolver para a mãe. O que sobrava eram moedas tímidas. Não dava para o lanche completo. Só dava para o pão com salsinha. A carne ficava para depois. “Depois” sempre foi uma palavra frequente na vida dele.

Ainda assim, o menino voltava feliz. Ele acreditava que ia ganhar o mundo vendendo biscoitos. Não era uma metáfora. Era um plano.

O mundo veio de outro jeito, mas veio. Sergio cresceu, virou gráfico. Aprendeu a amar o papel, a tinta, o desenho que nasce do nada e vira coisa. Casou-se com dona Jane. Jane tinha treze anos quando ele começou a paquerar aquela menina de voz levada, cheia de travessura nos olhos. Sergio se apaixonou com a mesma inteireza com que fazia tudo. Chegou para a mãe dela e disse, sem rodeios: “nós nos amamos”. E assim foi.

Vinte anos se passaram. Vieram dois filhos. E veio também uma casa. Sergio construiu uma casa grande, daquelas que nascem mais do desejo do que do dinheiro. Dois andares, churrasqueira, escadas largas, paredes pensadas para durar. No alto, um mirante. Não era vaidade, era contemplação. Sergio amava ver a chuva cair devagar. Gostava de subir ali quando o céu escurecia, apoiar os braços no parapeito e acompanhar o tempo escorrendo, gota por gota, como se pudesse entender o mundo observando a água encontrar o chão. Ele também amava as estrelas. Iria comprar um telescópio. Não deu tempo. A casa era abrigo, era ponto de encontro, era promessa silenciosa de permanência. Ali, ele fincou raízes, como quem diz, sem palavras: “daqui, eu fico”.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

Depois, outra mudança. Sergio foi para o ramo da energia elétrica. Mas o orgulho de ter sido gráfico nunca saiu do peito. Ele falava disso como quem fala de um primeiro amor. E havia nele uma qualidade rara: ele amava qualquer coisa que fazia. Amava fazer filtro de linha elétrica como se fosse obra de arte. Amava acordar e tomar café demorado conversando na mesa. Amava resolver problemas. Amava estar inteiro no que estava fazendo.

E então, Sergio conheceu uma alegria nova, destas que não se explicam, apenas tomam conta: a de ser avô. Vô do Theodoro. Com ele, Sergio voltou a correr, voltou a suar, voltou a cair no chão sem medo. Jogava bola, brincava de lulinha, ria

alto, ria fácil. Levava Theo para a natação com um orgulho barulhento, daqueles que enchem o peito anunciando. Ensinou o neto a andar de bicicleta, segurando firme no começo e soltando aos poucos, como quem entende que amar também é saber a hora de soltar. No batente da porta da casa, marcou a altura do menino, risco após risco, acompanhando o crescimento com atenção quase solene, por 10 anos. Theo seria grande. Sergio tinha certeza. Ele queria mais netos. Imaginava a casa cheia outra vez, os corredores ocupados por risadas pequenas. Eles não vieram. Mas aquele que veio bastou para que Sergio experimentasse um amor inteiro, destes que mudam a forma como a gente olha o tempo - THEO.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEEART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

Ele amava tudo, como quem não economiza sentimento. Amou vender biscoitos quando o mundo ainda era pequeno demais. Amou o papel, a tinta e o ofício de ser gráfico. Amou o trabalho no ramo elétrico, os fios, as soluções, o fazer diário. Não importava o nome da tarefa, ele a vestia com amor. Era afeto em forma de gente. Vô de todo mundo. Pai de todo mundo. Sabia conversar sem pressa, fazer rir sem esforço, ouvir como quem realmente fica. Quando estava, estava inteiro. Sergio não habitava o mundo. Ele era o mundo para quem estava perto.

Sergio nunca foi rico. Mas foi viajado. Levou Jane para conhecer quatro continentes, dez países, cidades e estados inumeráveis: Paris, Buenos Aires, Las Vegas, Harare, África do Sul, Califórnia, Istambul, Montevidéu, Lisboa. O Brasil inteiro. O Brasilzão. Prometeu Veneza. Não levou. Prometeu ficar velhinho segurando a mão de Jane. E segurou, de certa forma. Até o fim.

Aliás, Sergio era desses

homens que seguram todas as pontas. Ele ilhava as pessoas. Cuidava por todos os lados. Protegia sem alarde. Amava tirar fotos. Muitas fotos. Às vezes irritava. Mas é dele a maior coleção de sorrisos do mundo. Tem fotos dele sorrindo em tudo quanto é lugar. Tem uma diante da Monalisa. Sergio pirou na Monalisa. Leonardo da Vinci teria inveja daquele encantamento inteiro, daquele menino de oito anos que ainda morava dentro do homem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEEART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

Até que um dia, quase sem aviso, Sergio atravessou a porta de um hospital como quem atravessa mais uma manhã comum. Andava. Sorria. Levava consigo a confiança de quem sempre voltou para casa. Mas aquela porta não se abriu de novo para ele. O tempo ali dentro passou diferente. Foram vinte dias que escorreram lentos, como chuva grossa em vidro

fechado. Nos dois primeiros, ainda houve sorriso. Depois, o rosto aquietou, e o menino foi ficando distante. Vieram os amigos, um a um, muitos. Vieram as mãos dadas do lado de fora, as orações sussurradas, as esperanças repetidas. Vieram despedidas que ninguém reconhecia como despedidas. E então, em silêncio, o menino partiu.



SERGIO RODRIGUES DE ABREU

(04, OUT 1958 – 03, DEZ 2025)

“Quando um homem morre, pode ele viver novamente? (...) Tu chamarás, e eu te responderei. Terás saudades do trabalho das tuas mãos.” - Jó 14:14,15

ATÉ BREVE!

Hoje, Sergio Rodrigues de Abreu vive onde a ausência não alcança. Mora na lembrança das pessoas e repousa na memória de Deus. Não levou Jane a Veneza. Não envelheceu do jeito que sonhou, de mãos dadas, atravessando os anos com calma. Mas irá. Depois do sono profundo, cada promessa encontra o seu tempo. Até lá, quem ficou escreve diários que não têm papel, apenas saudade. Anota

lugares, gestos, cenas simples que o menino Sergio ainda vai amar. Tudo o que ficou suspenso segue guardado. Nada se perdeu. Apenas espera.

Sergio já está no futuro. Difícil está para nós, que ainda estamos presos ao presente, aprendendo a viver sem aquele olhar do menino que sabia, desde os oito anos, carregar o mundo inteiro no bolso.

Imagem de arquivo pessoal por Aline Abreu Santana - Em memória de Sergio Rodrigues de Abreu

LIVRO DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





MINI Cantos

A Sétima Tranca

Por J.B Wolf

Toda noite,
ela conferia a tranca da porta sete vezes
antes de se deitar.
Era um ritual sagrado contra o
caos do mundo.
Mas naquela noite, exausta,
conferiu apenas uma.
E sonhou, pela primeira vez em anos,
com a porta aberta para
um campo ensolarado.

WOLFBIO



POST NO SITE





Título do seu Miniconto

Seu Nome aqui

Seu miniconto aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL "EDITAL CATEGORIAS" ENVIE O
SEU MINICONTO



SUA REDE SOCIAL



COLUNAS E COLUNISTAS





ADRIANA MOURA SALLES



Linguista. Educadora. Professora. Contadora de histórias. Terapeuta sistêmica e bioenergética. Podcaster. Tutora de dois pets: Flic e Princesa, amores da vida toda! Amo natureza, cores e mandalas. Sou fascinada pelos mecanismos inconscientes e autorreguladores da expressão emocional por meio do corpo – nosso santuário. A escrita é uma paixão e a leitura fonte inesgotável de prazer. Amo borboletas e observar o céu a qualquer hora do dia ou da noite me conecta com o Divino em mim.

Quando ligamos o botão “modo robô ativado”, raramente nos damos conta de olhar o que acontece a nossa volta. Podemos até olhar, mas enxergar... nem sempre. “Se podes ver, repara.” já diz o adágio popular.

A questão é essa: o quanto ficamos desatentos ao que ocorre em nosso entorno e até que ponto

essa cegueira funcional nos desconecta de nós e dos outros.

Nas próximas páginas, compartilho uma experiência que me marcou profundamente e, embora singela e pontual, tomara que chegue ao seu coração.

Drummond já enunciou: veja:

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

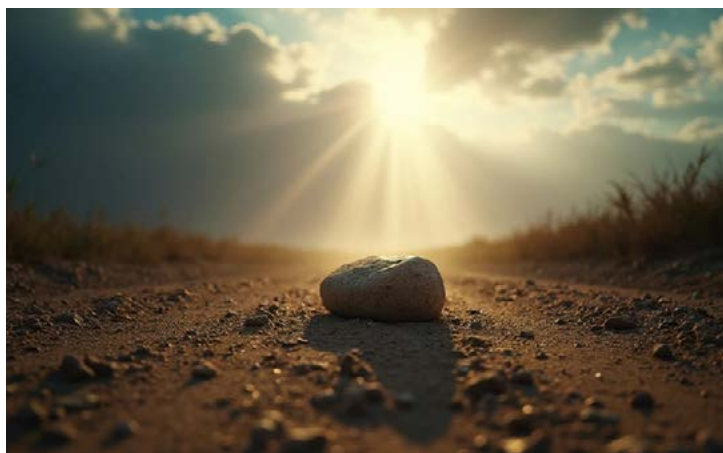


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI", sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 09/12/2025

Observe, a pedra pode ser exatamente o material de que você precisa para construir o passo seguinte... a pedra – em si – não é ruim... ser ruim ou não é interpretação nossa. Pode ser um obstáculo assim como pode ser uma bênção... Afinal, o que fazemos com o que nos acontece? Atente!



A sacola e a mulher

Quase sempre, vivemos em estado defensivo e nem nos damos conta. Aconteceu há muitos anos, quando eu era adolescente, na época em que minha avó estava doente.

Voltava da feira num sol escaldante, com sacolas pesadas, repletas de frutas, legumes e alguns pastéis. Tinha um imenso e extenuante desafio: subir a ladeira que daria acesso à rua onde eu morava.

Pois bem: ia eu, num esforço só, carregando todo aquele peso e de mau humor. Até já estava resignada e havia avançado alguns metros. De repente, o inesperado.

Uma mulher desconhecida, sem anúncio prévio, simplesmente tirou as sacolas da minha mão e, como se nada de estranho houvesse acontecido, prosseguiu andando ao meu lado inabalavelmente. Susto e medo: ladra? Louca? Corro atrás dela? E se me bater?

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 09/12/2025"



Nada disso: quando indaguei o motivo daquela atitude impetuosa, falou apenas que queria ajudar, porque as sacolas pareciam pesadas... Nunca me esqueço da cena e nem do meu espanto e, sempre que relembro da ocorrência inusitada, surgem desdobramentos em mim.



Inicialmente, considerei a atitude da mulher interessante porque não nos damos conta de que somos observados: os outros estão atentos e, algumas vezes, dispostos a minimizar nosso sofrimento. É raro, convenhamos, especialmente nas grandes cidades, que nos detenhamos para olhar o outro. Ainda mais para nos dispor a ajudá-lo sem expectativas. Então, fui presenteada! Você reconhece os presentes que a vida lhe oferta?

Aliás, nesse contexto, expectativa parece uma palavra-chave: ela, às vezes, nos rouba a espontaneidade, nos paralisa diante de um suposto – e quase sempre – fantasioso “o que vai pensar de mim?”.

Singular foi o modo como a senhora resolveu ser gentil: com ímpeto e determinação. Definitivamente, tal gesto não é comum. Destemida, ela me ensinou o valor da liberdade, pois, se tivesse ficado preocupada com minha condenação nada teria ocorrido.

Condenação é diferente de julgamento. Concorde? O julgamento faz parte de nosso funcionamento cognitivo, pois pressupõe nossa capacidade de discernir sobre os fatos e sentimentos da vida. A partir daí, podemos ou não apelar para a condenação. Com frequência, é o medo da condenação que nos paralisa porque, seres de conexão que somos e, por isso mesmo, sociais, a condenação equivale à exclusão de nossos grupos de afeto.

Sob diversas abordagens que estudam a questão do pertencimento, uma delas – a abordagem sistêmica – propõe que, para per-

tencer, somos capazes das maiores proezas e quase sempre agimos de modo inconsciente. Na verdade, sem pertencimento, equivalemos a seres desgarrados perambulando pela vida em busca de um porto seguro: um clã que nos dê senso de identidade e de pertença.

Sob a inspiração dos recentes estudos do trauma, Ediane Ribeiro diz: “Se vínculo é nossa primeira necessidade essencial, desamparo é nosso medo primordial. Por isso, facilmente negociamos nossas outras necessidades por medo do desamparo, inclusive nossa necessidade de autenticidade.”

Pertencer nos dá um lugar no mundo e um chão para aonde voltar.

Você tem clareza a quais territórios/chãos você pertence? De onde veio e para onde deseja ir?



IMAGE M GERARDIN POR IA "usando SEAMT AI, sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 09/12/2025"

Em relação ao pertencimento, há também – verdade seja dita – aqueles que sofrem exatamente por não conseguirem pertencer: simplesmente transitam pelas experiências, mas não se sentem vinculados a nada nem ninguém. São andarilhos humanos e não me refiro a uma situação material de pobreza ou mendicância: falo de um não-lugar existencial. Você já pensou nisso? Ou, ainda, será um funcionamento diferente de existência?



IMAGE M GERARDIN POR IA "usando SEAMT AI, sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 09/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 09/12/2025"

O gesto da mulher corajosa também me fez olhar para minha (in) disponibilidade para os encontros. Como reajo diante do inesperado? Sinto-me curiosa e disponível para que a interação ocorra ou me retraio? Em outras palavras, qual é meu grau de rigidez? Como estrutura saudável, a rigidez é desejável e necessária, mas como constituição disfuncional, promove enrijecimento e paralisia, tornando-se um entrave que promove sofrimento e desco-

nexão. Você sente-se receptivo (a) às surpresas do cotidiano? Como canta Marisa Monte, em Infinito particular, "Eis o melhor e o pior de mim/no meu termômetro o meu quilate/ (...) só não se perca ao entrar/ no meu infinito particular/ em alguns instantes sou pequenina e também gigante" Fiquei curiosa: como você reagiria à atitude da mulher desconhecida? A metáfora do inusitado é inerente à vida: isso conforta ou desestabiliza sua rotina?

Neste novo ano, desejo que você se disponha a viver a vida com todos as dores e delícias que ela apresenta! Que você se permita fluir e receber todos (se você souber enxergar, serão muitos...) os presentes que, certamente, chegarão a você! E que, diante do inesperado, você consiga relaxar, receber e sentir a vida sorrindo para você e sussurrando (mas, se você insistir em não ouvir, ela gritará...) – "Hey, confia, é só a vida trazendo um convite para você se reinventar mais uma vez. " Até logo e que seja muito abençoada a nova jornada para nós!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 09/12/2025"

Colunista Adriana Moura Salles

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





05



RENATA MUNHOZ



Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

Os indígenas brasileiros no discurso colonial

Já passou o tempo em que afirmar que “todo dia é dia de índio” poderia ser tido como um discurso educativo... Embora de fato todos os dias devamos celebrar a memória de nossos antepassados, o termo “índio” não é mais apropriado por remeter ao histórico dos colonizadores portugueses que, ao chegarem, pensavam estar nas Índias. Além disso, a palavra “índio” carrega uma carga histórica de preconceito e estereótipos. Dentre esses preconceitos, destaca-se o de se

tratarmos todos os povos originários como se fossem um só. Essa generalização linguística apaga a rica diversidade cultural de nosso povo. Sendo assim, ao invés de “índio”, é preferível que se use de maneira geral “indígena” ou “povos originários” para referir-se aos habitantes do território brasileiro anteriores à chegada dos europeus. De maneira mais específica, é preferível que se empregue o nome específico de cada identidade, por exemplo, “Pataxó, Guarani, Yanomami, Munduruku”.

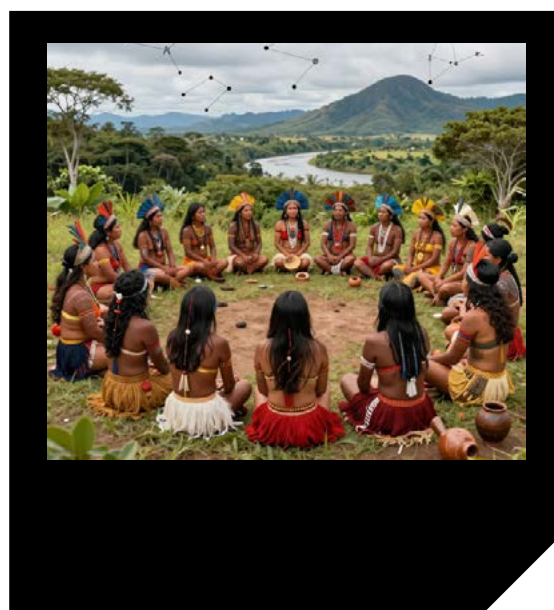


IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPK, sob a direção de JB Wolf, Criada em 19/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/12/2025"

Essa questão de nomenclatura para designar os povos originários, contudo, já era um problema no século XVIII, quando o Marquês de Pombal, primeiro-ministro do Rei de Portugal D. José I, decretou que a língua portuguesa deveria ser a língua oficial em todo o território do Brasil. Para isso, o ministro compôs vários documentos que atestaram sua ideologia. Nesse sentido, há o regimento intitulado “Diretório dos Índios”, elaborado em 1755, que expressa importantes aspectos da política indígena do período colonial do Brasil.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/12/2025"

Publicados em 1757, os 95 artigos desse regimento foram criados na troca de correspondências entre Portugal, onde estava Sebastião Joseph de Carvalho e Mello, o Marquês de Pombal, e Brasil, onde estava seu irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que no período governava parte do Brasil. O chamado Grão-Pará e Maranhão era um Estado independente que compreendia as capitanias do Pará, Maranhão, Piauí e Rio Negro. Em 1621, essa região passou a ter administração separada do restante do Brasil para facilitar o controle e o comércio direto com Portugal. Essa estrutura foi dividida em dois: “Estado do Grão-Pará e Rio Negro”, que abrangia as capitanias do Pará e do Rio Negro, e “Estado do Maranhão e Piauí”, formado pelas capitanias do Maranhão e do Piauí.

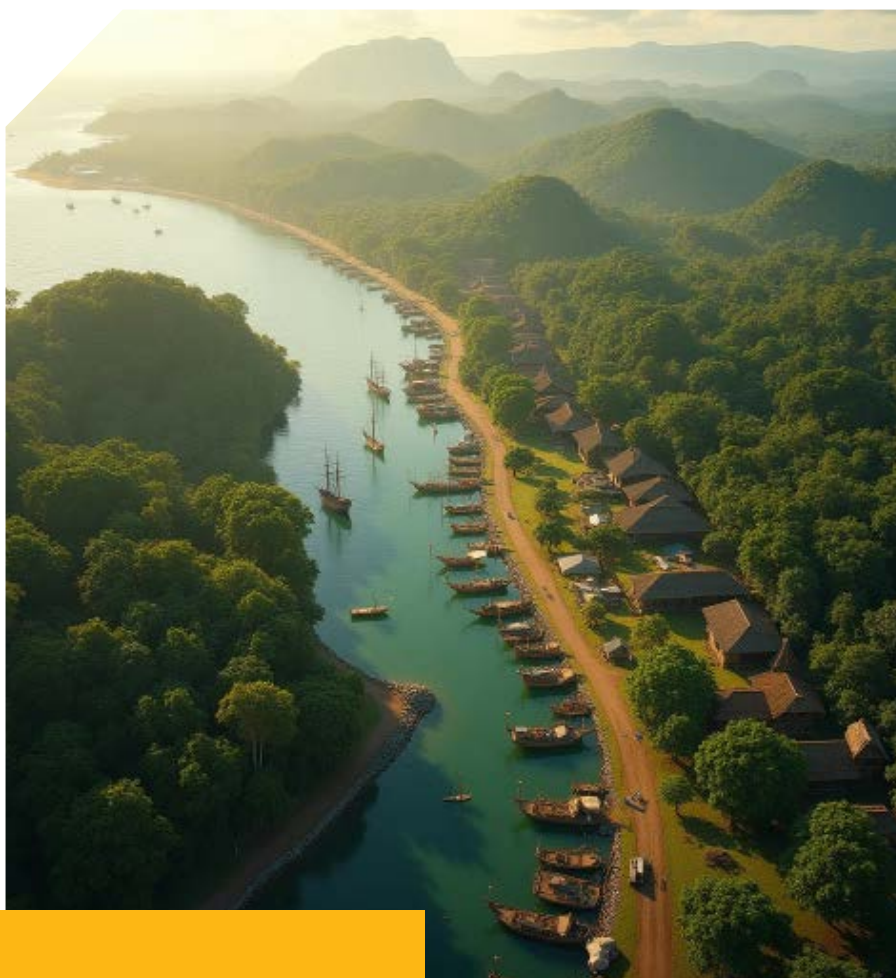


IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/12/2025"

Esse regimento chamado de “Diretório dos índios” divide-se em 95 parágrafos numerados, tendo sido assinado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado no Pará, no dia 03 de maio de 1757. Posteriormente, foi registrado pelo oficial Filipe Joseph da Gama, em Belém, na “Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, no livro da Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão”, no dia 18 de agosto de 1758.

O documento estabelece, entre outras medidas, a proibição do uso do termo “negro” para referir-se aos indígenas, que, na ocasião, deveriam ser nomeados “índios”. A denominação “negro” é classificada como “injusta e escandalosa”, a fim de reservar o conceito de “destinado para escravos dos brancos” aos africanos.

O texto foi aprovado na íntegra pelo Rei, sob o olhar de seu primeiro-ministro, o Marquês de Pombal (irmão do redator...). Para isso, o seguinte texto foi anexado ao Diretório:

“EU EL REY”. Faço saber aos que este Alvará de confirmação virem: Que sendo-me presente o Regimento, que baixa incluso, e tem por título: Diretório, que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão, enquanto sua Majestade não mandar o oposto: deduzido nos noventa e cinco Parágrafos, que nele se contém, e publicado em três de maio do ano próximo precedente de mil setecentos e cinquenta e sete por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, do meu Conselho, Governador e Capitão General do mesmo Estado, e meu Principal Comissário, e Ministro Plenipotenciário nas Conferências sobre a Demarcação dos Limites Setentrionais do Estado do Brasil: e por que sendo visto, e examinado

com maduro conselho, e prudente deliberação por Pessoas doulas, e timoratas, que mandei consultar sobre esta matéria se achou por todos uniformemente, serem muito convenientes para o serviço de Deus, e meu, e para o Bem Comum, e felicidade daqueles Índios, as Disposições conteúdas no dito Regimento: Hei por bem, e me apraz de confirmar o mesmo Regimento em geral, e cada um dos seus noventa e cinco Parágrafos em particular, com se aqui por extenso fossem insertos, e transcritos: E por este Alvará o confirmo do meu próprio Motu (livre vontade), certa Ciência, poder Real, e absoluto; para que por ele se governem as Povoações dos Índios, que já se acham associados, e pelo tempo futuro se associarem, e reduzirem a viver civilmente. Pelo que: Mando ao Presidente do Conselho Ultramarino, Regedor da Casa da Suplicação, Presidente da Mesa da Consciência, e Ordens; Vice-Rei, e Capitão General do Estado do Brasil, e a todos os Governadores, e Capitães Generais dele; como também aos Governadores das Relações da Bahia, e Rio de Janeiro; Junta do Comércio destes Reinos, e seus Domínios; Junta da Administração da Companhia Geral do Grão Pará, e Maranhão; Governadores das Capitánias do Grão Pará, e Maranhão; de S. Joseph do Rio Negro, do Piauí, e de quaisquer outras Capitánias; Desembargadores, Ouvidores, Provedores, Intendentes, e Diretores das Colônias; e a todos os Ministros, Juizes, Justças, e mais Pessoas, a quem o conhecimento deste pertencer, o cumpram, e guardem, e o façam cumprir, e guardar tão inteiramente, como nele se contém; sem embargo, nem dúvida alguma; não obstante quaisquer Leis, Regimentos, Alvarás, Provisões, Extravagantes, Opiniões, e Glossas de doutores, e costumes, e estilos contrários: Porque tudo Hei por derogado para este efeito somente, ficando



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREPIK, sob a direção de JB Wolf, Criada em 19/12/2025"

aliás sempre em seu vigor. E hei de outrossim por bem, que este Alvará se registre com o mesmo Regimento nos livros das Câmaras, onde pertencer, após haver sido publicado por Editais: E que valha como Carta feita em meu Nome, passada pela Chancelaria, e selada com os Selos pendentes das minhas Armas; ainda que pela dita Chancelaria não faça trânsito, e o seu efeito haja de durar mais de um ano, sem embargo das Ordenações em contrário. Dado em Belém, aos dezessete dias do mês de agosto de mil setecentos e cinquenta e oito. REY.

De maneira ilustrativa, por tratar precisamente da questão terminológica, reproduz-se o parágrafo 10 a seguir:

“10. Entre os lastimosos princípios e perniciosos abusos, de que tem resultado nos indígenas o abatimento ponderado, é sem dúvida um deles a injusta e escandalosa introdução de lhes chamarem negros; querendo talvez com a infâmia e vileza deste nome, persuadir-lhes, que a natureza os havia destinado para escravos dos brancos, como regularmente se imagina a respeito dos pretos da Costa da África. E por que, além de ser prejudicialíssimo à civilidade dos mesmos in-

dígenas, este abominável abuso seria indecoroso às Reais Leis de Sua Majestade chamar Negros a uns homens, que o mesmo Senhor foi servido nobilitar, e declarar por isentos de toda, e qualquer infâmia, habilitando-os para todo o emprego honorífico: Não consentirão os Diretores daqui por diante, que pessoa alguma chame Negros aos Índios, nem que eles mesmos usem entre si deste nome como até agora praticavam; para que compreendendo eles, que lhes não compete a vileza do mesmo nome, possam conceber aquelas nobres ideias, que naturalmente infundem nos homens a estimação e a honra.”



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando FREEPIK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/12/2025"

Nesse sentido, apresenta-se aqui o parágrafo 6 do Diretório dos Índios, no qual os argumentos justificam a língua portuguesa ser oficializada nas colônias portuguesas:

“6. Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as nações que conquistaram novos domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da

Língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração e a obediência ao mesmo Príncipe. Observando, pois, todas as nações polidas do mundo, este prudente e sólido sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros Conquistadores estabelecer nela o uso da língua, que chamaram geral; invenção verdadeiramente abominável e diabólica, para que privados os índios de todos aqueles meios que os podiam civilizar, permanecessem na rústica e bárbara sujeição em que até agora se conservavam. Para desterrar esse perniciosíssimo abuso,

será um dos principais cuidados dos Diretores estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que os Meninos e as Meninas, que pertencerem às Escolas e todos aqueles Índios que forem capazes de instrução nesta matéria usem da língua própria das suas Nações ou da chamada geral, mas unicamente da Portuguesa, na forma que Sua Majestade recomenda em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína Espiritual e Temporal do Estado.”



IMAGEM GERADA POR IA "suanda FREEPIK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/12/2025"

Vale notar que todos os adjetivos de polaridade negativa se referem àquilo que deve ser eliminado: todas as outras manifestações culturais e linguísticas que extrapolem a ideologia eurocêntrica. Sendo assim, os falares indígenas, bem como a língua geral (que também carregava em si marcas indígenas), estavam severamente proibidos em todo o território, sob pena de sanções. O emprego de uma língua de contato que permitisse a inclusão de falares locais (“rústicos” e “bárbaros”) seria uma “abominável” e até “diabólica” invenção, capaz de arruinar um Estado.

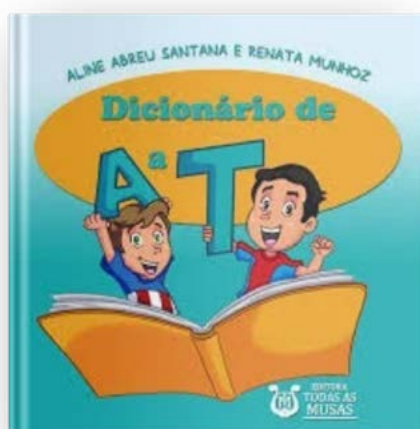
Os conceitos de “rústico” e “bárbaro”, atribuídos aos indígenas, contrapõem-se imediatamente ao Príncipe, que deve ser alvo de afeto, veneração e obediência. Esse

sistema de adotar a língua do príncipe seria pressuposto para uma nação ser considerada “polida”.

É fato que não se pode analisar documentos de um período anterior com os olhos de hoje. Contudo, vale observar que são esses discursos oficiais que contribuíram para a construção de nossa identidade social como povo. Cabe, portanto, notar que as escolhas lexicais, bem como a construção discursiva, revelam o caráter de segregação criado pelos “brancos”. Compreender essa ideologia que direcionou nosso país por longos anos permite entender, por decorrência, muitos de nossos tão arraigados preconceitos linguísticos/sociais.

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)

Colunista Renata Munhoz

INSTAGRAM

LINKEDIN

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Contos

RUTE ELLA DOMINICI

Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

As imagens de cristal

As fases da vida se revelam como frutos sazonais. Alguns amadurecem no tempo certo, embriagando o ar com perfumes doces e macios. Outros, porém, rompem os ciclos, nascem à revelia das estações, inesperados, intrusos, ásperos ao tato, estranhos ao gosto. Há frutos que causam perplexidade, que ferem antes de nutrir.

Quando a verdade emerge, pensamentos que antes flutuavam à deriva despertam em sobressalto. O inconsciente se rasga como um vitral ao impacto da luz. Estilhaços de memória atravessam o tempo e se fixam em imagem.

Era ela, Rachelle. Saltava no mesmo lugar, os pés mal tocavam o chão antes de serem lançados de novo ao alto, em um vaivém de desespero e repetição. Os braços se erguiam como prece e desabavam como praga. A mão direita, desgovernada, golpeava os próprios lábios, feria a boca, rachava os dentes. O sangue escorria, testemunha silenciosa de uma guerra invisível.

A menina, com seus três ou quatro anos, assistia. Olhos grandes, perplexos. Por que a mãe se castigava? Quem era o algoz que a feria, que a obrigava a dizer palavras de expulsão, como se sua culpa fosse um bicho entranhado na alma? O que ela queria varrer para as trevas?

A criança não via o inimigo, mas sentia seu peso. O medo de Rachelle era denso como neblina, sufocava, empapava os olhos da menina até que ela também chorasse. Às vezes, sem compreender, repetia as palavras da mãe, conjurando o desconhecido, desejando afastá-lo. Mas o que se afasta quando não se sabe o que se teme?

Foram muitas as vezes em que Sophia a viu ferir-se, consumida por uma dor sem nome. Foram tantas, que um dia fechou os olhos para não mais ver. Enterrou as imagens em seu peito, trancou-as em uma caixa funda dentro de si.

Mas a infância enterrada não morre. Apenas dorme.

Anos depois, agora adulta, conhecendo enfim o diagnóstico de Rachelle, esquizofrenia do tipo paranoica, imagens ressurgiram. Não como lembranças isoladas, mas como um turbilhão. Um grande cristal se partia em mil lâminas dentro dela. O vidro estilhaçado vertia sangue e espelhava o rosto da mãe.

Sophia sentiu o impulso. A mão ergueu-se por instinto, pronta para repetir o gesto de Rachele, para golpear a própria boca, para sangrar da mesma dor.

Mas então, no exato instante em que a pele tocava os lábios, algo se rompeu de outra forma.

A lucidez veio como um vento seco, cortando a névoa.

Ela viu.

Viu a Rachele menina, assombrada pelo que nunca compreendeu. Viu a Rachele mulher, submersa em um mar revolto. Viu a si mesma, segurando uma herança de dor que não lhe pertencia.

E compreendeu.

Não era preciso repetir para entender. Não era preciso sangrar para sentir.

A dor da mãe não era culpa dela. A ferida da mãe não era a sua.

A mão, ainda erguida, hesitou. Depois, desceu devagar. Tocou o próprio rosto, mas não para ferir—para acolher.

E então Sophia chorou.

As lágrimas escorriam como o cristal que se derrete, como o vidro que já não corta.

Chorou pela mãe. Chorou pela menina que foi. Chorou pelo que não pôde mudar. Mas, ao chorar, algo se aliviava, algo se dissolvia.

O cristal íntimo de Sophia não sangrava mais. Apenas vertia lágrimas.

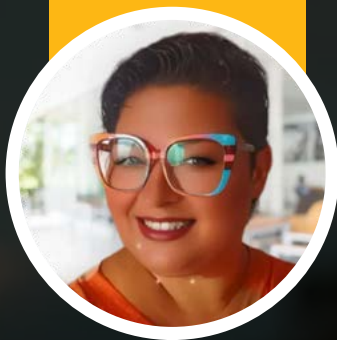
E, pela primeira vez, essas lágrimas não eram de dor.

(Esse momento é um ponto de virada para Sophia, onde ela rompe o ciclo da repetição traumática sem negar sua história, mas transformando-a.)

INSTAGRAM

POST NO SITE





ARI GËISLER

Cidade: São Bernardo do Campo
Estado: São Paulo
País: Brasil



Contos

Eu a vi nascer sob o baobá

O vento trazia o cheiro da chuva e o murmúrio dos espíritos antigos. As folhas sussurravam segredos que só as mães entendem. Abeni chegou ao mundo com os olhos abertos, como se já buscasse o caminho de volta para casa.

Na vila, os tambores anunciavam a colheita, e o sol dourava as tranças das meninas que dançavam ao redor da árvore. O baobá era mais que sombra — era altar, era ventre. Ali os nomes dos nossos antepassados dormiam, enroscados nas raízes.

Mas naquela manhã o mar rugiu diferente. Homens de ferro surgiram, e o pó se ergueu como fumaça de guerra. Levaram nossos filhos, nossas vozes, nossos deuses. Levaram Abeni.

Mandaram-na girar três vezes em torno da árvore antes de partir — rito imposto para esquecer. Eu a vi dar cada volta com o corpo firme e o coração em silêncio. Uma, por quem foi. Duas, por quem amou. Três, por quem haveria de lembrar.

Quando o último passo se perdeu na poeira, o vento soprou em meu ouvido: ela levou a semente.

Desde então, o baobá cresce mais lento, como se esperasse o retorno da filha arrancada. E eu, que sou mãe e sou memória, continuo de pé à sua sombra, guardando o tempo em que ela voltará — ou alguém, com o mesmo sangue, plantará outra árvore em terra livre.

Chamaram-na Rosa, como se um novo nome pudesse podar suas raízes.

Mas eu ainda a reconhecia quando o vento do Atlântico soprava sobre os canaviais. Era minha filha, Abeni — o sal da pele, o brilho do olhar, o ritmo do tambor batendo dentro do peito.

O engenho rangia como fera faminta. O ar cheirava a caldo queimado e suor. As mãos dela, que um dia trançaram palha e esperança, agora sangravam ao tocar o fio cortante da cana.

Mesmo assim, toda noite, quando o silêncio dormia entre as senzalas, ela se curvava sobre a terra e sussurrava em iorubá: “N’gbo, o tempo não me apagará.”

Nas dobras do vestido, escondia a semente que trouxera do outro lado do mar. Uma semente pequena, de cor escura, quente como lembrança. Enterrou-a atrás do engenho, onde ninguém olhava, misturada ao pó e às lágrimas.

Sobre ela, deixou um cântico — metade oração, metade promessa:

“Que o que me tiraram, brote.

Que o que esqueceram, floresça.”

A cada lua, a terra respondia.

Uma muda teimosa ergueu-se, curvada, como se lembrasse do vento africano. Rosa cuidava dela em segredo, e os outros cativos vinham tocá-la com reverência, chamando-a de árvore da memória.

Um dia, quando o senhor morreu e a casa grande se esvaziou, o tronco já era grosso e o tempo já a chamava de mãe.

Sob sua sombra, crianças nasciam e velhos contavam histórias — histórias que eu mesma contei, agora vivas de novo, renascidas no chão estrangeiro.

Abeni não voltou ao baobá do Benim.

Mas o baobá voltou a ela.

Hoje a praça acordou vestida de festa.

Tecidos coloridos tremulam como asas, crianças correm com o riso solto, e os tambores costuram o tempo com linha de som. O cheiro de dendê e flor recém-colhida abraça o ar.



Entre os rostos, reconheço o dela — Ana Clara — que carrega no corpo a luz de muitas avós. Traz nas mãos uma muda de baobá, pequena como uma esperança pronunciada pela primeira vez.

A velha Dona Zefa indica o círculo aberto no chão. Gente da cidade se aproxima, vizinhos, estudantes, mulheres de turbante e homens com chapéu de palha, todos reunidos para celebrar o plantio. Não é só uma árvore que toca a terra; é um nome antigo voltando a respirar.

Eu, que sou mãe e sou memória, falo por dentro das folhas e do vento.

Sopro o segredo no ouvido da menina: dá três voltas, filha.

Ana não sabe de onde vem o impulso, mas obedece ao chamado que percorre sua pele como água clara. Uma volta, para saudar quem partiu. Duas, para abraçar quem ficou. Três, para unir o que fomos ao que seremos.

Quando o primeiro punhado de terra cobre as raízes, a praça silencia.

No instante em que a muda se assenta, ouço longe o mar do Benim respondendo, como se duas margens se tocassem. Os tambores recomeçam manso, e alguém inicia um canto que parece oração: “Que cresça a lembrança, que floresça a vida.” As palmas acompanham o refrão, e a poeira da tarde dança ouro no ar.

Vejo então Abeni — Rosa — surgir no reflexo de cada olhar.

Ela estende as mãos de muitos nomes e recolhe, enfim, o que lhe prometeram. A semente atravessou séculos, canaviais, águas amargas. Agora, no corpo fino dessa muda, a filha que partiu e a filha que ficou se reconhecem. E eu, árvore e mãe, descanso minhas raízes na paz do encontro.

As crianças cercam o baobá recém-nascido e lhe oferecem água em cuia pequena. Ana sorri, os olhos úmidos de um choro que não dói; é um choro de casa encontrada. Dona Zefa faz um gesto com a mão — o mesmo que minhas mães faziam — e benze o tronco miúdo, pedindo sombra larga, frutos de histórias, ninhos de esperança.

A festa segue até que a noite acende suas estrelas.

Eu a vi nascer sob o baobá

Por Ari Göisler

Quando a lua sobe, o baobá parece mais alto do que era pela manhã. Há árvores que crescem no relógio do visível; outras, como esta, crescem na memória. E a memória também é tronco, folha, raiz.

Eu fico.

Fico onde sempre estive: colada ao tempo, de braço dado com a terra.

Se alguém encostar o ouvido no silêncio do parque, há de ouvir meus passos em torno do tronco — uma, duas, três voltas — ensinando às gerações que o caminho de volta se planta. E que cada festa que celebra a vida é uma ponte para o mar que nos trouxe, para o céu que nos guarda, para o futuro que, enfim, aprende o nosso nome.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAIKT AI, sob a direção de J. B. Wolff, Criada em 01/01/2026"

INSTAGRAM

POST NO SITE



APOIADOR(A) THE BARD





J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil



Contos

O Café Passagem

Capítulo 4: O Segundo Domingo

Luísa chegou ao Café Passagem às 10h10, dois minutos antes do horário habitual de Daniel. Escolheu a mesa do canto — a mesa deles, como já pensava — e colocou sobre a superfície de madeira escura um exemplar gasto de "Mensagem", de Fernando Pessoa.

Havia passado a semana inteira em estado de suspensão, como se vivesse entre dois mundos. No trabalho, traduzia textos técnicos com a mesma competência de sempre, mas sua mente vagava constantemente para Daniel e suas impossibilidades. À noite, reorganizava compulsivamente a coleção de faróis, como se pudesse encontrar alguma pista sobre como ele sabia de sua existência.

Quarta-feira havia sido cancelada. Daniel ligara na terça à noite, voz tensa, dizendo apenas que "algo estava errado" e que precisava entender o que estava acontecendo antes de vê-la novamente. Luísa ficou dividida entre alívio e decepção.

Agora, observando a porta do café, sentia o coração acelerar a cada cliente que entrava.

10h12. Daniel apareceu na porta, pontual como sempre, mas algo havia mudado. Seus cabelos estavam mais desalinhados, havia olheiras profundas sob os olhos castanhos, e ele carregava o caderno como se fosse um fardo pesado.

Quando a viu, parou por um momento, como se não esperasse encontrá-la ali.

— Oi — disse Luísa, tentando soar casual.

— Oi — ele respondeu, aproximando-se hesitante. — Você veio.

— Você duvidou?

Daniel sentou-se à frente dela, mas não abriu o caderno. Em vez disso, fixou os olhos no livro de Pessoa.

— "Mensagem" — ele murmurou. — Não estava nas minhas...

— Nas suas visões? — Luísa completou.

Ele assentiu, parecendo perturbado.

— Daniel, o que aconteceu esta semana? Por que cancelou quarta-feira?

O garçom trouxe o café sem açúcar e o copo d'água, seguindo o ritual estabelecido. Para Luísa, chá de jasmim. Quando se afastou, Daniel finalmente falou:

— Não consigo mais escrever sobre você.

— Como assim?

— Desde domingo passado, quando te conheci pessoalmente, as páginas ficam em branco. É como se... como se você tivesse saído do futuro e entrado no presente.

Luísa sentiu um arrepio estranho, uma mistura de medo e excitação.

— E isso é ruim?

— Não sei — Daniel admitiu. — Nunca aconteceu antes. Durante três anos, eu via você claramente. Agora, quando tento escrever, só vejo... nada.

— Talvez seja porque agora sou real. Não mais uma visão, mas uma pessoa de verdade, com escolhas próprias.

Daniel ergueu os olhos para ela, e Luísa viu algo que não havia notado antes: vulnerabilidade pura.

— Você trouxe o livro por algum motivo específico? — ele perguntou.

— Você disse que queria ouvir minha voz contando uma história que não fosse a nossa — Luísa sorriu. — Pessoa sempre foi meu poeta favorito. Pensei em ler algo para você.



— Qual poema?

Luísa abriu o livro numa página marcada com um guardanapo do próprio café.

— "Autopsicografia". Sempre me identifiquei com ele.

Ela começou a ler, sua voz baixa e melodiosa cortando o murmúrio do café:

"O poeta é um fingidor. Finge tão completamente Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente."

Daniel a observava intensamente, como se cada palavra fosse uma revelação.

"E os que leem o que escreve, Na dor lida sentem bem, Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm."

Quando ela terminou, o silêncio se estendeu entre eles como uma ponte invisível.

— Por que esse poema? — Daniel perguntou.

— Porque fala sobre a diferença entre sentir e escrever sobre o sentimento. Entre viver e descrever a vida — Luísa fechou o livro. — Você passou três anos escrevendo sobre mim, sobre nós. Mas agora estamos aqui, vivendo de verdade. Talvez seja por isso que não consegue mais escrever.

Daniel pegou o caderno e o abriu numa página em branco.

— Posso tentar algo?

— Claro.

Ele começou a escrever, mas não sobre o futuro. Escrevia sobre o presente: a forma como a luz da manhã iluminava o rosto de Luísa, o vapor subindo de sua xícara de chá, o jeito como ela mordida levemente o lábio inferior quando estava concentrada.

— Está funcionando — ele disse, surpreso.

— O quê?

— Consigo escrever sobre você. Mas só sobre agora, sobre este momento.

Luísa se inclinou para ver o que ele escrevia. As palavras fluíam naturalmente, descrevendo não uma visão do futuro, mas a realidade do presente.

— Talvez seja isso — ela disse. — Talvez você não precise ver o futuro. Talvez precise apenas viver o presente.

Daniel parou de escrever e a encarou.

— Mas e se eu perder completamente a capacidade? E se não conseguir mais ver nada?

— Seria tão ruim assim?

A pergunta o pegou desprevenido. Ele nunca havia considerado a possibilidade de que perder o dom pudesse ser uma libertação.

— Não sei — admitiu. — É a única coisa que me define há tanto tempo.

— Não é verdade — Luísa disse suavemente. — Você é muito mais do que suas visões, Daniel. É gentil, observador, tem uma forma única de ver o mundo. Essas qualidades não vêm do dom.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Finalmente, Luísa perguntou:

— Posso fazer um experimento?

— Que tipo de experimento?

— Feche os olhos e tente escrever sobre amanhã. Não sobre mim, sobre qualquer coisa. O tempo, as notícias, qualquer evento futuro.

Daniel fechou os olhos e posicionou a caneta sobre o papel. Ficou assim por um longo momento, concentrado. Quando abriu os olhos, havia escrito apenas uma linha:



"Amanhã será segunda-feira, e o mundo continuará girando."

— Só isso? — Luísa perguntou.

— Só isso. Antes, eu conseguia ver detalhes específicos: quem ganharia jogos de futebol, que tempo faria, pequenos eventos cotidianos. Agora... nada.

— E como se sente?

Daniel considerou a pergunta cuidadosamente.

— Assustado — ele admitiu. — Mas também... livre? É estranho. Como se eu tivesse vivido a vida inteira olhando para frente e agora, finalmente, pudesse olhar ao redor.

Luísa estendeu a mão sobre a mesa e tocou levemente os dedos dele.

— Talvez seja um presente, não uma perda.

— Você realmente acredita nisso?

— Acredito que algumas coisas são mais importantes que conhecer o futuro. Como construir o presente com alguém especial.

Daniel virou a mão e entrelaçou os dedos com os dela. Era o primeiro toque físico deliberado entre eles, e ambos sentiram uma corrente elétrica percorrer a conexão.

— Luísa?

— Sim?

— Posso te fazer uma pergunta que não tem nada a ver com visões ou futuros?

— Pode.

— Você gostaria de jantar comigo amanhã? Como duas pessoas normais que se conheceram num café e querem se conhecer melhor?

Luísa sorriu, e pela primeira vez desde que se conheceram, o sorriso não carregava peso de mistério ou impossibilidade. Era apenas alegria pura.

— Adoraria.

— Ótimo. Porque eu não faço ideia de como vai ser, e isso é a coisa mais emocionante que me aconteceu em anos.

Eles riram juntos, e o som ecoou pelo Café Passagem como uma música nova, uma melodia que não estava escrita em nenhum caderno, mas que nascia espontaneamente do encontro de duas almas que haviam decidido trocar a certeza do futuro pela aventura do presente.

Quando saíram do café naquela manhã, Daniel deixou o caderno fechado. Pela primeira vez em três anos, não havia escrito sobre visões ou destinos. Havia apenas documentado um momento real, vivido, compartilhado.

E isso, descobriram ambos, era muito mais valioso que qualquer futuro que pudesse ser previsto.



COLUNAS E COLUNISTAS

CAPÍTULO 1



CAPÍTULO 2



CAPÍTULO 3



WOLFBIO



POST NO SITE





12



ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

Literatura e Psicologia, uma breve introdução

Literatura e Psicologia são áreas que conversam entre si, coexistem numa mesma esfera. A ampliação da busca pela compreensão da condição humana, trazendo infinitas possibilidades de estudo. Ambas se cruzam em muitos pontos permitindo uma imersão ao inconsciente por meio da estrutura das narrativas.

A literatura e a psicologia dialogam por meio do estudo da mente humana. Há um crescimento interdisciplinar com o conhecimento aprofundado destas áreas na rela-

ção do ser humano com o mundo.

Aos que me leem através dos artigos na minha coluna da revista @The_Bard, meus agradecimentos. Juntos buscamos maior compreensão sobre os temas aqui propostos, juntos estamos nesta jornada em busca de conhecimento.

A mente humana aprimora as ferramentas do pensamento quando estimulada pela leitura. Uma mente que se abre ao conhecimento não se fechará frente a um universo de possibilidades.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

Muitas vezes subestimamos o valor da literatura no campo da Psicologia, erro que empobrece a experiência de existir no mundo.

A literatura com sua riqueza de personagens e argumentos oferece um campo promissor para os estudos psicológicos, ambas as áreas se debruçam sobre o comportamento humano, como o pensamento criativo e a leitura de obras literárias.

A experiência humana expressa e compreendida possibilita maior compreensão dos conflitos internos que os indivíduos enfrentam.

O Leitor como sujeito psicológico no processo de interpretação

Uma obra literária só se completa no ato da leitura. Sem a leitura não há sentido na escrita. Cabe ao leitor interpretar e trazer um sentido aos textos. A subjetividade do leitor confere vida às obras literárias, trata-se de um envolvimento necessário, uma simbiose perfeita. Leitor e autor são duas faces de uma mesma moeda. O leitor é um ser ativo neste processo, ele atua questionando a narrativa e trazendo novas nuances no significado da obra.

A vivência do leitor sempre garantirá novas maneiras de ver o texto, sua experiência fará com que os textos tragam a tona reflexões profundas. Refletir é transformar, mudar o pensamento, ajustar os próprios padrões, flexibilizar a rigidez cognitiva.

Repito:

Refletir é transformar.

Muito se fala em memórias, e sim, elas correm como um rio na nossa mente. Memórias são pulso latente em nossas vidas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

A leitura promove um significado maior às nossas memórias. Os personagens da construção literária permitem que revisitemos o nosso passado, ampliando os horizontes do ontem para expandir os horizontes do “agora”.

Tão breve é a vida para que não nos envolvamos com a leitura... Uma obra literária nos faz transcender,

voar para lugares que nunca visitamos, nos faz compreender comportamentos e hábitos que não conseguimos interpretar sem a leitura.

Como é bom ter maior conhecimento do comportamento humano. Como é bom buscar o autoconhecimento através da leitura.... Esta é uma eterna busca em nossa jornada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"



Imagem de Deeply Silence Creations por Freepik

Comportamento e Emoções

O comportamento humano está relacionado às emoções. O que vivenciamos, o que sentimos está vinculado ao nosso comportamento. Compreender nossas emoções e as dos outros, poderá mudar nossa maneira de interpretar o mundo, e isso atuará na nossa forma de agir.

De maneira geral nossas emoções são instintivas

e inconscientes, causando respostas corporais como: suor, tremores, choro, aumento de frequência cardíaca, dilatação da pupila, expressões de sorriso, franzir a testa, rubor, etc.

As emoções servem de base para a interação social. São recursos internos que preparam o corpo para a ação.

Tudo isso tem relação com a psicologia, a psicologia também trata das emoções e do comportamento humano. Cultivando boas emoções teremos como resposta bons comportamentos, isso está interligado a vida na própria essência.

A literatura desperta um leque de emoções. Tudo sempre interligado, pois a psicologia e a literatura dialogam com todas as nuances de comportamentos e emoções.

Mas, afinal, o que é comportamento?

O comportamento é, geralmente, ditado pelas respostas às emoções que sentimos. As reações comportamentais e emocionais descrevem como reagimos a estímulos internos e externos. As reações emocionais são respostas automáticas e, muitas vezes, imediatas ao organismo. São importantes para a sobrevivência e a adaptação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

Benefícios da Literatura para a saúde mental e psicológica

A literatura oferece um campo seguro para explorar emoções, o que desenvolve o autoconhecimento e a empatia. Os diferentes cenários e dilemas na literatura permitem acesso a novas perspectivas no universo psicológico do indivíduo.

As pessoas conseguem lidar de maneira indireta (por meio da leitura), com emoções complexas e isso permite uma identificação maior com o universo da mente de cada um. Deparando-se com vari-

adas realidades, a literatura leva à reflexão sobre a vida, a perspectiva do indivíduo se expande e amplia sua visão da condição humana.

O cérebro ao exercer a leitura recebe variados estímulos, o que o estimula como se fosse um exercício cerebral, aumentando o seu poder de concentração.

Em síntese, a leitura é um estímulo à cognição.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

Livros expandem o conhecimento sobre outras culturas e contextos sociais. A literatura oferece apoio para a análise psicológica, pode ser uma ferramenta terapêutica na psicologia. Reduz o estresse, atua no contexto terapêutico no processo de maturação emocional.

Uma outra perspectiva é a humanização dos profissionais da saúde mental:

A prática dos profissionais da saúde mental pode ser mais humanizada quando o profissional fizer uso da literatura, questões que envolvem empatia e valorização do ser humano em tratamento podem ser mais benéficas e leves para todas as partes envolvidas no processo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

A Análise psicológica da Literatura

A análise psicológica não busca dar um veredicto a uma obra literária, e sim, ajudar a ressignificá-la. Não existe uma verdade absoluta neste processo, ao contrário, é aberto um leque de possibilidades de compreensão da obra literária, revelando novas camadas de interpretação, a obra é analisada por várias perspectivas possibilitando a abertura de inúmeros e múltiplos sentidos.

Os textos em análise podem provocar respostas psicológicas no leitor. O que transforma todo o processo analítico em grandes revelações de significados inconscientes. Para o leitor isso significa uma grande viagem de autoconhecimento e expansão da consciência, uma abertura para questionamentos à vida pessoal e seu propósito.

Cito aqui alguns exemplos de aplicação:

- 1-Estudo de temas psicológicos
- 2-Função psicológica da literatura
- 3-Análise de personagens
- 4-Análise de gênero

Sobre a profundidade psicológica, há uma frase de Nietzsche que enfatiza a capacidade de Dostoiévski de sondar a alma humana com profundidade, o que faz dele um autor crucial para o estudo da psicologia e da literatura.



Uma simbiose

A relação entre literatura e psicologia, poderíamos considerar simbiótica.

As narrativas ficcionais ou não, trazem enfoque no comportamento dos personagens envolvidos na trama, carregam em si diversas facetas que revelam a psique humana. Medos, traumas, desejos, angústias, elementos que dão vida a narrativa e derivam das características dos diversos personagens criados pelo autor.

O papel da literatura é como um espelho da experiência humana e as camadas mais profundas dos textos servem como ferramentas valiosas para a Psicologia. A obra literária pelas lentes da Psicologia pode ser um mecanismo de cura e compreensão.

As melhores respostas para a busca da autodescoberta, significado da vida, processamento de emoções profundas e complexas, são, muitas vezes encontradas nas páginas de um bom livro.

Citações de autores e pensadores:

"A arte existe para que a realidade não nos destrua". (Nietzsche)

"Para entender seu paciente, você precisa ser um romancista". (Oliver Sacks) – Neurocientista e escritor.



Reforço aqui os meus agradecimentos a toda equipe The Bard que nos acolhe neste belo espaço.

Agradeço aos leitores desta revista que tem apoiado este projeto com a sua preciosa leitura e apreço.

Para finalizar, deixo aqui duas frases do grande poeta Ferreira Gullar:

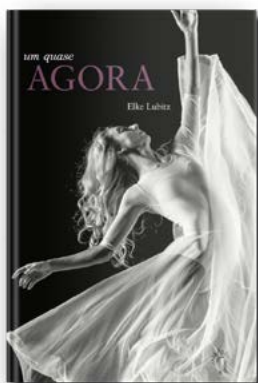
"A arte existe porque a vida não basta".

"A função da arte é inventar a realidade".



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 09/01/2026"

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

Colunista Elke Lubitz

INSTAGRAM

FACEBOOK

X.COM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





01



MIA KODA



Psicanalista, poetisa, espiritualista, escritora e criadora de conteúdo digital. Autora de seis obras, sendo “Rios Internos – Deixe sua essência fluir” sua publicação mais recente. Defensora da causa animal, destina parte dos direitos autorais para abrigos que resgatam animais abandonados. Membro da FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – e vice-presidente da APL – Academia Penapolense de Letras. Redatora digital e colunista da Revista Internacional The Bard.

Muito prazer! Sou Mia Koda, escritora e psicanalista apaixonada pela literatura e pelas profundezas da alma. Há mais de vinte anos me dedico ao estudo da mente, do comportamento humano e das sutilezas da existência, entrelaçando psicanálise, filosofia e espiritualidade como caminhos de autoconhecimento e transformação.

Na minha trajetória literária, destaco minha obra mais recente: Rios Internos – Deixe sua essência fluir, à qual deixo o convite para sua leitura.

Nesta coluna, expresso minha alegria em integrar a Revista The Bard. Sou grata por este espaço e desejo que cada palavra aqui seja ponte, inspiração e recomeço.

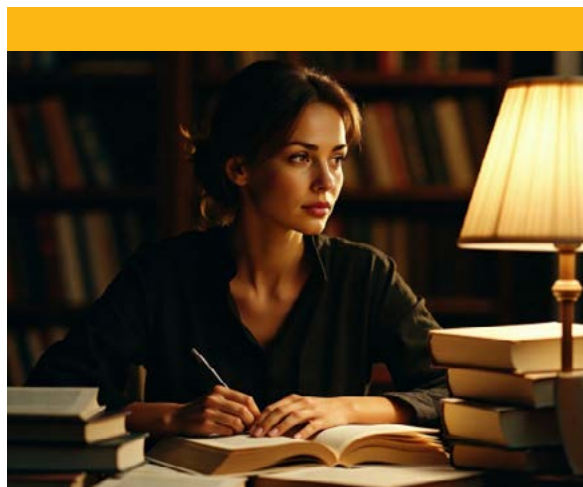


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"

Esse espaço foi pensado para quem, como eu, acredita que recomeçar é sempre uma possibilidade e que a vida pode ser reescrita com criatividade e amor.

A escolha do nome Liter'Alma não foi mero acaso: ele representa a possibilidade dos recomeços, unindo duas palavras que se completam, Literatura e Alma. Se a literatura nos abre a mundos e pensamentos, a alma é quem dá morada a esses significados. Uma completa a outra, como voz e escuta.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"



Aqui, encontraremos inspiração em reflexões que bebem da filosofia, da espiritualidade e da psicanálise. Minha intenção é nos lembrar de que não precisamos ser reféns de capítulos que já não nos representam. Sempre é hora de começar de novo, de reescrever a própria vida.

Em cada edição, você encontrará uma reflexão e, depois, quadros especiais como: “Caderno de Recomeços”, “Cartografia da Alma” e “Criar-se”, com histórias e práticas

que dialogam com o tema. Também teremos “Alma em Versos”, “Histórias que Escolho” e “Essentia”, com poesias, indicações inspiradoras e um tempo de respiro para fechar nosso encontro.

Que esse espaço inspire novas histórias em você. E que, ao ler, você se sinta chamado a se escutar, a se reinventar e a dialogar comigo no Instagram @miakodaoficial. Porque literatura da alma a gente só constrói juntos.



Imagem de QuantumEdge por Freepik



Imagem de Freepik



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTEAI, sob a direção de J.B. Wolf, Criada em 08/01/2025"

ENTRE VÍRGULAS E RETICÊNCIAS, PODEMOS RECOMEÇAR SEM PRESSA

Muitas vezes confundimos pausa com fraqueza. Talvez porque crescemos acreditando que só tem valor quem produz sem parar, quem não cansa, quem segue em linha reta. Mas a verdade é que a vida não é um trilho, e sim um rio: curva e potente, às vezes transborda e, às vezes se aquieta.

Parar não significa desistir. Significa reconhecer que o corpo pede descanso, que a mente precisa de silêncio, que a alma exige cuidado.

“Seus projetos podem ter ficado em espera, mas isso não apaga o brilho da sua criatividade, nem o talento que pulsa dentro de você.” Ouvi essa frase de um mentor que muito tem contribuído com minha carreira literária, nosso editor-chefe J. B. Wolf. E foi essa conversa

que inspirou este primeiro texto da Coluna.

Em momentos de confusão e desânimo, é muito bom poder contar com um olhar externo, que nos faça recordar que nossa essência continua viva, apesar de passar por períodos de adormecimento, à espera do momento certo para despertar novamente.

É importante lembrarmos de não nos cobrarmos começar grande. Às vezes, uma página escrita, uma ideia anotada, uma respiração consciente já são vitórias imensas. Tudo o que construímos com amor e verdade respeita o tempo da vida. O que sentimos hoje não é o fim, é apenas uma pausa. E toda pausa guarda em si a força do recomeço. Respiremos. Tudo o que não for essência da alma vai passar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"

CADERNO DE RECOMEÇOS

Quantas vezes eu desisti de projetos que pareciam incríveis, mas que, na verdade, não me despertavam verdadeira paixão. Outras vezes parei no meio do caminho e tive que fazer um esforço gigante para continuar, mesmo querendo jogar tudo para o alto. Foi assim com minha faculdade, que quase abandonei no último ano; foi assim também com um excelente emprego, em que, após apenas três anos, comecei a me sentir entediada e sem desafios, o que me levou a pedir demissão sem que ninguém entendesse o motivo.

Também acontece quando digo que vou começar uma dieta e, depois de alguns dias, me pego desviando do caminho. E nem vou entrar no assunto "livros", pois tenho uma pasta no computador com várias ideias engavetadas e ainda não retomadas.

Imagem de Milankov por Freepik



De tanto desistir, já me senti frustrada. Quantas histórias foram deixadas de lado e empoeiradas! Isso me fez acreditar que não tinha talento, competência, que era preguiçosa ou que precisava de algum curso novo, um medicamento novo. Quando, na verdade, o que eu precisava era de uma pausa.

Hoje sei que o segredo é escrever uma página por dia, manter uma alimentação equilibrada por dia, dar um passo de cada vez. Mas, para isso, precisamos de energia. E essa energia só acontece quando paramos, nos reabastecemos e encontramos um motivo para continuar.

CARTOGRAFIA DA ALMA

Às vezes, desistimos de um projeto não porque seja ruim, mas porque nos falta energia emocional. E nessa pausa surgem duas vozes: a culpa, que insiste que parar é retroceder, e a esperança, que sussurra que a vida pode ser retomada no seu tempo. Nessas ocasiões, é bom lembrar que não somos máquinas de produção, somos feitos de carne, emoção e espírito. E está tudo bem em fazer pausas para cuidar de si mesmo.

Olhar para si é necessário. Freud nos mostrou que o inconsciente guarda dores não resolvidas que, se não forem compreendidas, se repetem. É como se parte de nós ficasse presa em um passado que já se foi, impedindo-nos de avançar.

CRIAR-SE

Heráclito já anunciava: “Nenhum homem entra no mesmo rio duas vezes, pois já não é o mesmo homem, nem o rio é o mesmo rio.” O fluxo da vida nos pede coragem para soltar as margens conhecidas e permitir o movimento.

Do ponto de vista espiritual, manter-se fixado no passado é negar o presente, onde a vida realmente acontece. É como exilar a alma de si mesma.

Encerrar capítulos, portanto, não é esquecer, mas honrar o que já foi vivido e abrir espaço para novas experiências. Se você se sente travado, talvez seja a hora de respirar e refletir: que dor te impede de seguir? Medo do sucesso ou do fracasso? Falta de confiança no seu potencial? Uma voz antiga que prega a segurança do conhecido, mesmo que nada desafiador?

Cada dor guardada pode ser uma prisão ou uma chave que liberta. A verdadeira cartografia da alma está em reconhecer onde estamos presos, entender os mapas que carregamos e, então, escolher com consciência os caminhos que queremos trilhar.

Encerrar capítulos é escrever, com as próprias mãos, o mapa de uma vida mais livre.



Imagem de Fijulanam por Freepik

Que tal reservar um momento para listar três pequenos gestos de carinho que você pode oferecer a si mesmo nos dias em que o mundo pesa?

Pode ser algo simples e cheio de significado, como:

- Caminhar sem pressa, deixando que o sol ou a brisa lavem a alma.
- Ouvir aquela música

que aquece o peito e renova a esperança.

- Escrever um ou duas páginas em seu diário, longe das telas e das obrigações.

- Ler um livro que transporte para histórias que inspirem e acolhem.

São gestos como esses que nos ajudam a reencontrar e reconstruir a nós mesmos.

ALMA EM VERSOS

Às vezes, a vida pede um instante de quietude e poesia. Um respiro para escutar não só o mundo lá fora, mas o que pulsa dentro da gente. E a poesia de Débora Lima nos inspira a pensar sobre o tempo, a presença e a beleza sutil de estarmos vivos.



Imagem de Fateetech por Freepik



Imagem de Talha por Freepik



IMAGEM GERADA POR IA Usando SEAMLESS, sob a direção de LB Wolff Criada em 08/01/2026

O relógio – Débora Lima

*Há tanto que precisa ser feito
Todo dia, sem trégua, sem pausa
Não sobra tempo qualquer que seja
Tempo sequer pra sentir náusea.*

*Não tem hora para o sono da tarde
Para buscar o que se perdeu lá dentro
Para brincar um pouco com os filhos
E alimentar velhos sentimentos.*

*É compra, trabalho, curso, curso, curso
Que faz a vida em pedacinhos tristes
E deixa o viver bem mais curto
Sem tempo de viver, a gente só existe*

*Sonhamos em ter uma casa
Mas o financiamento dura tanto
Que nem sentimos se é nossa
E para pagar, então: só pranto
O mesmo para ter carro, filho
Saúde, e o mínimo de segurança
Então percebemos que tivemos
Que crescer, para querer ser criança.*

*Mas depois que se cresce
Quando não tem mais jeito
Melhor ir mais devagar
Frear a vida, tentar sentir direito*

*Antes do relógio parar
E percebermos, de repente
Que corremos desesperadamente
Para chegar a nenhum lugar.*

ESSENTIA

A pausa não é o fim. É o respiro que antecede o próximo passo. Como a lua, que nunca deixa de brilhar mesmo quando não a vemos inteira, sua luz também permanece, aguardando o momento certo de retornar.

É sempre uma honra ter você aqui, do outro lado. Se este eco fez sentido para você, vou adorar seguir essa conversa nas redes sociais. Me acompanhe no @miakodaoficial, um espaço onde compartilhamos afetos, palavras e pequenos recomeços.

Com carinho.
Mia Koda

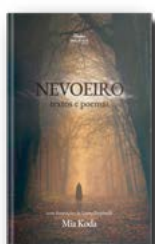
LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

MEMÓRIA:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"



35ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2026

Uma viagem nos tempos:

"a expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"

**36^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MARÇO & ABRIL DE 2026**

PERÍODO DE 03 DE DEZEMBRO À 31 DE JANEIRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



POR MAGNA ASPÁSIA



Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA e residente em Uberaba-MG, é professora, escritora, tradutora e consultora educacional. Mestre, possui graduação em Letras e várias especializações. É autora e coautora de obras acadêmicas e literárias publicadas no Brasil e no exterior. Doutora em Filosofia Universica (Ph.I.) e Doutora Honoris Causa em Literatura, fundou e preside a Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba e a Akademia Alternative Pegasiane Brasil/Albânia. Atua em entidades culturais como FEBACLA e Academia Internacional de Literatura Brasileira, e colabora com revistas e jornais literários. Reconhecida por sua contribuição à educação, literatura e artes, recebeu diversos prêmios e honrarias nacionais e internacionais.

Entrevista

Por meio de uma escrita sensível e imagética, o autor constrói universos narrativos nos quais a fantasia dialoga com a realidade, tornando verossímeis as trajetórias de seus personagens.

DR. CARLOS MAGNO DE MELO



Nasceu em Piracanjuba (GO), em 6 de novembro de 1948. É médico, diplomado em Medicina, e transferiu-se para Brasília em 1966, onde construiu sólida trajetória profissional, institucional e cultural.

Além da atuação na área da saúde, destacou-se no campo associativo e administrativo, tendo exercido os cargos de ex-presidente da Federação das Associações Comerciais do Distrito Federal e da Associação Comercial do Distrito Federal, contribuindo significativamente para o desenvolvimento econômico e social da capital.

Carlos Magno de Melo é escritor goiano, cuja trajetória literária se constrói a partir de um profundo respeito pela palavra e de um compromisso constante com a reflexão humana, cultural e existencial. Sua obra revela sensibilidade estética aliada a uma consciência crítica, fazendo da literatura um espaço de

escuta, memória e interpretação do mundo.

Sua escrita transita com fluidez entre a poesia e a prosa, explorando temas como o tempo, a identidade, o cotidiano, a condição humana e os vínculos entre o indivíduo e a coletividade. O estilo é marcado por linguagem clara, por vezes lírica, por vezes reflexiva, sempre atenta ao valor simbólico das imagens e à densidade emocional do texto. Há, em sua produção, um diálogo permanente entre o interior humano e a paisagem cultural que o cerca, especialmente aquela ligada ao universo goiano e ao Cerrado, compreendido não somente como espaço geográfico, mas como território simbólico e afetivo.

Como autor, demonstra apreço pela tradição literária, sem renunciar à contemporaneidade. Seus textos estabelecem pontes entre o clássico e o atual, entre o regional e o universal, valorizando a experiência humana em suas múltiplas dimensões. A palavra, em sua obra, assume função ética e estética: provoca, acolhe, questiona e ilumina.

Integra a Academia Valenciana de Educadores, Letras e Artes (Valença/BA) e a Associação Nacional de Escritores (ANE), além de colaborar regularmente em periódicos culturais e literários. Academia do Brasil de Letras e Música-DF. Academia de Letras do Brasil de São José do Rio Preto-SP. Cidadão Honorário de Brasília e Comenda-

dor da República da Romênia. Foi colunista do Jornal Valença Agora durante oito anos.

Foi premiado no Concurso Atheneu, promovido para ginásios em Goiânia, em 1975, revelando desde cedo sua vocação literária.

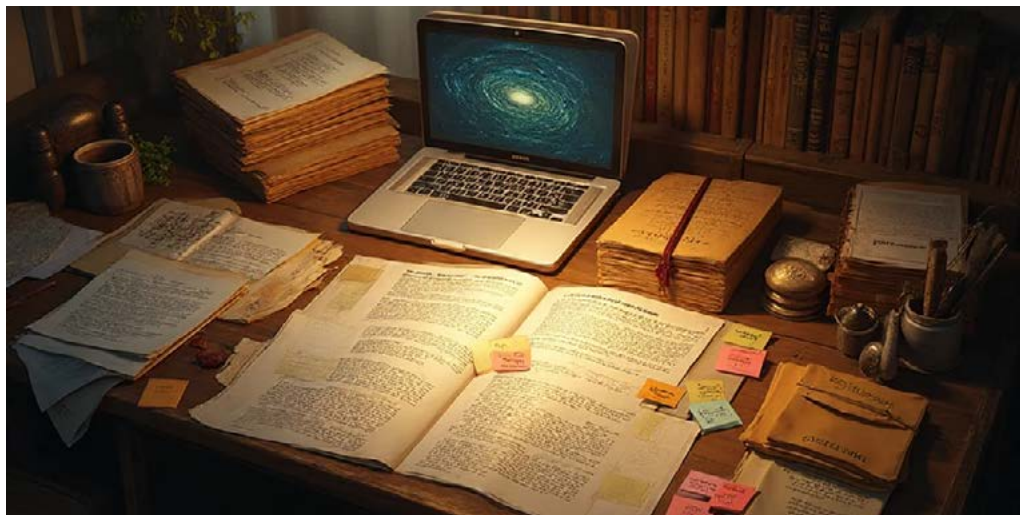
Participou de importantes coletâneas nacionais, entre as quais:

- Antologia do conto brasileiro (2004);
- Todas as gerações — o conto brasileiro contemporâneo (2006), ambas organizadas por Ronaldo Cagiano;
- Antologia dos escritores de Valença (2010), organizada por Arakem Vaz Galvão;
- ANE — cinquenta anos (2013), organizada por Napoleão Valadares.
- Acadêmico Imortal da Academia de Letras do Brasil, São José do Rio Preto-SP (2017).
- Indicado ao Prêmio Jabuti (2023)

Entre suas principais obras publicadas, destacam-se:

- Bar Castelo (2000)
- O espírito do rabo do fogão (2001)
- Casos em três tempos (2002)
- Mata Serena (2003)
- Relatório Mandaras (2004)
- Bom dia, Armagedom! (2005)
- Longe da mão do Rei (2006)
- Livramento Pentecostes (2007)
- Manuscrito de Madri (2008)
- Uma Canção de Ninar para o Diabo (2012)
- O Guaibimpará Caramuru — Das Areias às Estrelas (2020)
- Pandemias (2022)
- O canto do verso 4 volumes (2024).
- As ventosas do polvo (2025)

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEART-AL sob a direção de Arley Soares Reis, Criada em 04/12/2025"



Inserido no cenário cultural de Goiás e do Brasil, Carlos Magno de Melo contribui para o fortalecimento da literatura regional e nacional, reafirmando a importância da produção intelectual como instrumento de preservação da memória, formação do pensamento crítico e ampliação do diálogo entre culturas. Sua obra convida o leitor a um percurso de introspecção e sensibilidade, no qual a literatura se apresenta como espaço de encontro entre palavra, pensamento e humanidade.

INSTAGRAM



1

REVISTA THE BARD - Quais lembranças da infância ainda navegam em suas páginas e inspiram seus textos?

CARLOS MAGNO - A escrita é o acúmulo de sensações do escritor durante a vida. Todo acontecimento vivido, em qualquer fase da vida, compõe o material. Da infância, vêm-me desde as fragrâncias aos medos, passando pelos encantamentos de uma infância feliz de menino livre do interior e depois da capital Goiânia, onde vivi a segunda fase da infância.



3

REVISTA THE BARD - Quando escreve, você sente que a história vem de dentro de você ou da observação do mundo ao redor?

CARLOS MAGNO - As histórias sempre vêm de dentro, por ser lá que estão guardadas as observações.

2

REVISTA THE BARD - Existe algum autor, livro ou experiência que tenha acendido em você a chama da literatura?

CARLOS MAGNO - Ainda no terceiro ano primário, eu e mais três colegas fomos transferidos do 3º para o 4º ano. Sofremos um grande isolamento. Os alunos do 4º ano ficaram muito agastados. Eles ralharam no 3º ano e nós caímos de paraquedas. Os colegas do 3º ano ficaram enciumados, muitos invejosos. Ninguém falava conosco. Um bullying silencioso. Pois bem, na segunda semana, houve uma redação e a minha foi lida pela professora como a melhor da turma. Mas, três semanas subsequentes, repetiu-se. Então, fui aceito.

A turma entendeu que eu tinha méritos. Entendi que sabia escrever. Então, o entusiasmo me levou a ler. “Os serões de dona Benta” — Lobato. Comecei a ler de maneira ávida. Tudo que caía às mãos. Desde jornais, revistas em quadrinho, tudo. Logo estava lendo Herman Hesse e por aí ia. Continuei escrevendo minhas redações. Eu ficava na casa lotérica do Papai à noite.

Lá, eu pegava as listas com os resultados da loteria, da dimensão de uma folha de jornal. Escrevia no verso. Até que o pai descobriu e me deu. De presente, uma máquina de escrever. Levei-a para casa e criei contos. Enfim, até que me aventurei e levei um conto para a Folha de Goiás. Foi publicado.

Todas às vezes que eu os enviava, publicavam. Assim nasci como escritor, até publicar o primeiro romance “Castelo”. Foi quando achei que estava pronto.

4

REVISTA THE BARD - O amor aos personagens.

CARLOS MAGNO - Amor que me leva a dar vida a seres vivos ou fictícios. Penso que este amor é recorrente na minha literatura.

5

REVISTA THE BARD - Quais lembranças da infância ainda navegam em duas páginas e inspiram seus textos?

CARLOS MAGNO - A escrita é o acúmulo de sensações do escritor durante a vida. Todo acontecimento vivido, em qualquer fase da vida, compõe o material. Da infância, vêm-me desde as fragrâncias aos medos, passando pelos encantamentos de uma infância feliz de menino livre do interior e depois da capital Goiânia, onde vivi a segunda fase da infância.

6

REVISTA THE BARD - Penso que o leitor é, antes, um agente literário. Sem ele, quem escreveria?

CARLOS MAGNO - Eu escrevo como quem quer conversar com o leitor. Quando autografo um livro, fico imaginando o leitor abrindo-o, sentindo o peso e o cheiro. Eu “vejo” o leitor lendo o meu livro. Imagino a emoção que ele possa sentir.

7

REVISTA THE BARD - Que conselho poético ou filosófico daria aos jovens que desejam se lançar no ofício da escrita hoje?

CARLOS MAGNO - A mensagem aos novos escritores é que escrevam. Escrevam. Escrevam. Gostem de escrever.



8

REVISTA THE BARD - Quais projetos futuros você vislumbra para continuar navegando nas águas da literatura e da cultura?

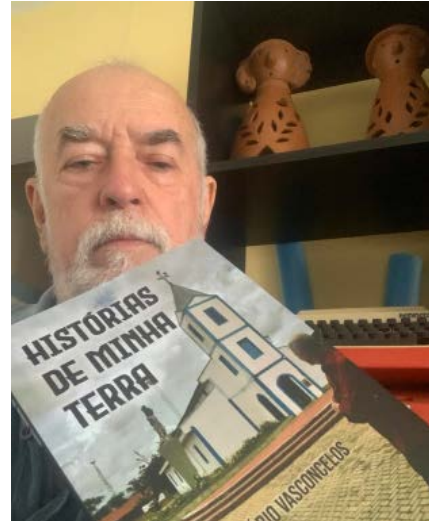
CARLOS MAGNO - Projetos. Projetos de continuar. Seja escrevendo poemas. Seja escrevendo. Sempre escrevendo. Contos, romances, contos e poemas. Agora, estou fazendo um livro de contos. Tenho a intenção de escrever um romance. Mais do que sempre, eu me coloco à disposição para palestras. É importante para mim. Escrevo porque gosto de conversar. Escrever e conversar.



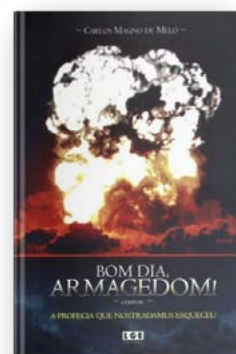
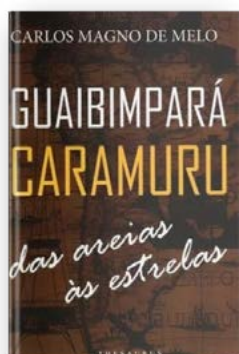
REVISTA THE BARD - Deixe uma mensagem para os leitores da revista The Bard.

CARLOS MAGNO - “Leitores da Revista The Bard, divulguem este veículo. É muito importante acampar apoios que fortaleçam iniciativas de meios de divulgação, como:

esta revista. Desejo e agradeço aos responsáveis por ela existir. Agradeço à oportunidade que me foi dada pela incansável Magna Aspásia.



LIVROS - CARLOS MAGNO DE MELO



MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS
REDES SOCIAIS



COLUNAS E COLUNISTAS

SITE

FACEBOOK

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE





CRIS GOMES



Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

Feliz Ano Novo de novo



Nesta hora em que estamos juntos e conectados pelo poder da palavra, peço licença para invadir sua energia e te convoco a alinhar-se às vibrações sagradas da terra, da água, do fogo e do ar. Em um ritual de amor e luz, dancemos à vida e diante do divino cuidadosamente guardado nas esquinas da nossa alma, rogo que deixe fluir rumo ao sol as benesses, criando um campo blindado de

irmandade.

Permita que reverberem orações expandindo amor, percorra caminhos deixando a luz entrar, trace a rota da lua protegendo-se para receber o novo. Que ele chegue em paz, trazendo a boa nova, esperança liberta das prisões limitantes. Deixe os cabelos ao vento e se entregue à liberdade de ouvir o sussurro das brisas matinais.

Suba numa colina e pouse o olhar no horizonte verde, fixe no ponto onde se encontram céu e terra. Fique ali. Sozinha. Na imensidão da terra, inspire a força da natureza. A fluidez da entrega é mar de emoção, rio navegando por águas raras, tomando todo seu ser. Perceba que a correnteza te leva em canoa deslizando rumo a uma aventura santa diante de tanta beleza.

Feche os olhos, então. Que as legiões de amor se revelem em dádivas. Abra os braços para recebê-las. São sopros vindos dos quatro cantos do mundo, trazendo memórias ancestrais para conectar às lembranças de outras existências. Abra sua porta e permita que as bênçãos se aproximem. É um novo ciclo. Nova fase dentro das quatro luas que se transformam junto às estrelas.

No balanço da vida, seja alegria e esperança saudando as forças do mar e do ar a fim de que aconteça a fusão amorosa do aço e da flor. Seja valentia, homem ou mulher, onde o rastro é caminho levando ao destino; às escolhas que voam leves, borboletas azuis pulsando mistério e força para honrar sua história. Seja coração cheio de amor; alma vinda de outros lugares, forjada na espada da verdade, onde a jornada molda o caráter, modelando a argila sob as mãos do artista.

Acorda para o novo que se desenha, empunha vigilante a espada e sobe a estrada rumo ao encontro consigo mesmo; descubra a fé e professe livre seu credo. As mudanças chegarão aos poucos;

espelho para aqueles que conseguem enxergar o ouro. Rara beleza se revelará aos que estiverem prontos para ver; entretanto, aos que ainda tiverem véu nos olhos, serão dias iguais. Tempo comum. Teoria egocêntrica.

O banquete será servido aos convidados. Mesa farta de amor aos filhos da luz, aqueles que seguem o voo da liberdade. Vida que se fará na criação da nova esperança, rompendo o ventre para o novo nascer. No canto do pássaro, o rufar do tambor vai oferecer energia e proteção. É o som da prosperidade, da vida pegando pela mão, exigindo movimento. Ninguém ficará para trás, ninguém também se negará à ação.



IMAGENS GERADAS POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 08/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMART AI", sob a direção de Aracy Soares Reis, Criada em 08/12/2025

Dias novos para os filhos da vida que sorriem para dentro de si mesmos. Não o riso vazio; o sorriso-sol-nascente que abraça e cura. Despejando mágoas profundas nas águas do rio que recolhe na margem e entrega ao mar. Assim, batizados na magia das dores tratadas, elevar-se-ão ao alto os clamores gratos, bendizendo a paz conquistada.

A prece do andarilho com igual peso ao tratado do rico; cada um visto por dentro, sem o brilho do ouro, apenas o dom de ser. Estrelas, histórias e sementes carregadas no bolso para construir o amanhã e preparar para os que virão, amparados nos que partiram. Nessa comunhão de ontem-hoje-amanhã, o novo tempo será celeiro das novas experiências porque “AMANHÃ TUDO PODE ACONTECER, INCLUSIVE NADA”.

Conforme a letra da música, tudo pode ocorrer: raios, céu, terra, sol, água, estrela, vida, luz ou escuridão... tudo, a qualquer instante, pode ser, pode determinar, pode se transformar. Na fragilidade do instante, o nada pode

nos envolver, nos levando ao vácuo da falta, ao vazio na inércia ou à negação da ação.

Atitude pequena daquele que se nega a aprender, daquele que se sente empurrado contra a parede das escolhas e prefere pairar no frescor do nada. Porém, o amanhã incerto mira flecha certa que atinge no peito os incautos, fazendo nascer a chaga da inutilidade e germinando a preguiça que faz barreira na lei sagrada da evolução.

Livre-arbítrio? Até onde fizer valer a necessidade ou até o ponto em que perdê-lo já não é mais escolha.

Ano Novo para fazer valer o tempo. Para construir e aprender. Ser e deixar ser. Libertar-se e deixar livre aquela alma que anseia fazer o voo rasante do desejo.

Ano novo para descobrir nova morada dentro de si mesmo. Olhar no espelho e limpar as marcas da teimosia e da arrogância. Encontrar propósito.



Ano novo para compartilhar, somando e multiplicando as bênçãos e oportunidades. Estender a mão sem pedir aplauso. Sem promessas, talismãs ou desejos que não serão cumpridos, a regra é construir um manual para si onde as metas são cuidadosamente planejadas e os desejos têm força de se transformar em ação. Não me refiro a um caderninho; falo aqui de conexão com sua verdade, com seu coração e com sua alma. Falo de buscar nova roupagem para antigos desejos e sonhos sem mistificar devaneios impensados.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 08/12/2025"

Entende por que iniciei o texto pedindo licença para estarmos juntos aqui?

Roupa branca, sete pulos no mar, dinheiro no sapato e uma infinidade de simpatias ou rituais não farão por você aquilo que somente você pode fazer. Ah, mas você não faz nada disso? Claro que faço. O problema não reside aí. O que “pega” — se me permite o linguajar — é o ficar esperando milagre. Em vez disso, crie oportunidade, aprenda algo novo, saia da famosa zona de conforto. Sintoneize mente e coração. Queira de verdade. A evolução é para todos, mas as oportunidades, cada um que busque as suas.

Isso é mágico. Misticismo puro da vida quando se compreende que ficar parado de nada resolve.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 08/12/2025"

Amanhã é outro dia

Conheci um grande homem que sempre trazia essa frase nos detalhes das circunstâncias. Na simplicidade dele — era um homem pouco letrado, mas dono de um coração raro — sempre acreditou na força dessas palavras. E isso o tornou tão especial.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 08/12/2025"

No ano novo que já raiou, queira fazer algo realmente novo. Não precisa ser grandioso. Precisa ser novo. Apenas. Quando decidimos movimentar de dentro para fora, a vida desenha novos rumos. Aparecem estradas novas a serem exploradas, desafios novos a vencer. Esse é o segredo de estar vivo. A vida que estaciona não tem mais função. Precisa ser recolhida e reprogramada. Simples assim.



IMAGEM GERADA POR IA *usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 08/12/2025



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 08/12/2025"

Se o ano é novo, pinte novas cores, arquitete novos projetos. Você só é o mesmo se quiser. Viver sem planos torna pálida a esperança de construir e deixa tímida a alegria de ser útil a si mesmo e ao outro. Porque a vida só tem utilidade enquanto isso é fato.

Tudo passa

Deixando as piadas de lado, tratar o tema com seriedade exige maturidade e direção. Maturidade exige auto-disciplina e responsabilidade. Isso não se alcança fazendo da vida apenas um parque de diversões.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 08/12/2025"

Aproveitar cada fase e as oportunidades que vêm com ela é como abrir um presente e desfrutar dos benefícios de tê-lo para si. Afinal, com ou sem poesia, a vida é breve. Se a felicidade bater à sua porta neste novo ano, brinque com ela e depois guarde-a naquela caixinha dourada para sempre lembrar dela. Ela vai passar. Se a tristeza cruzar seu caminho, silencie e mature a dor. Depois converse com ela e aprenda. Ela também vai passar.

Entende que a vida é assim? E é assim para mim e para você também, afinal somos humanos, ainda bem, imperfeitos... Então aprenda a gerenciar as emoções, a compreender o seu momento e levante a cabeça.

Temos um 2026 inteiro pela frente.

Viver é mágico demais para desperdiçar a oportunidade com cara feia e reclamações.

Feliz novo ano de novo.

Colunista Cris Gomes.

CRISTINA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





10



BETH BALTAR



Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba - Brasil. Mestre em Biblioteconomia (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Pós-Doutora em Ciência da Informação (USP). Líder do Grupo de Pesquisa Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação, certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Representação da Informação e do Conhecimento e na Literatura de Cordel. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, ocupando a cadeira nº 52, do patrono Ariano Suassuna.

Sincretismo Religioso em Versos do Cordel

Diferentes tradições narrativas europeias e orientais apresentam conteúdos para a Literatura de Cordel, com significativa presença de temas religiosos, sejam eles cristãos ou cristianizados: nas histórias de Carlos Magno e das figuras a ele ligadas, como Rolando — Roldão é o nome que aparece na poesia popular —, Oliveiros e Ferrabrás, no ciclo carolíngio, há a questão da conversão dos muçulmanos ao cristianismo; e nas histórias relacionadas ao Rei Arthur, no ciclo arturiano, há a busca do Santo Graal, o suposto cálice utilizado por Jesus na última ceia e no qual José de

Arimateia teria recolhido o sangue de Jesus durante a crucificação.

Portanto, fica evidente que a Literatura de Cordel no Brasil é tanto uma reinterpretação de uma tradição europeia, especialmente em relação a temas religiosos, quanto um registro dos mitos do universo rural brasileiro. Ela se situa entre a religião e o povo, servindo como meio de transmissão de crenças religiosas, além de outros tipos de conhecimento, informando a população sobre as notícias em uma época em que a comunicação era bastante precária.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SE-AART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/12/2025"

Algumas classificações propostas para o estudo da Literatura de Cordel assinalam a presença da temática religiosa, seja em seu caráter moralizante, seja com o registro dos costumes e mitos do mundo rural brasileiro, apresentando os seguintes elementos: as festas religiosas; o registro de milagres e outras manifestações sobrenaturais; misticismo e santos do sertão; representantes religiosos, como Padre Cícero e Frei Damião; as figuras cristãs de Maria, de Jesus, da Santíssima Trindade e os santos oficiais; a figura do diabo, sendo principalmente enganado e outros aspectos da devoção católica, cuja sensibilidade contemplativa do imaginário popular e o influxo da religiosidade são fatores frequentemente explorados e aplicados, levando aos leitores uma mensagem salvífica.

Na Literatura de Cordel, observa-se uma combinação de elementos religiosos, cujos símbolos são reinterpretados e incorporados a uma cultura diferente. Isso é chamado de sincretismo religioso, que consiste na fusão de elementos culturais, religiosos e ideológicos que se fundem para criar uma nova cultura, religião ou sociedade. Isso se reflete em temas como celebrações populares, adoração a santos e divindades, fé, peregrinações, entre outros elementos da religiosidade popular, especialmente no Nordeste do Brasil.

A Festa Junina é uma celebração religiosa que homenageia os santos católicos mais populares: Santo Antônio, São João e São Pedro. No imaginário popular, Antônio se tornou o bonachão santo das coisas perdidas, sobretudo nos países europeus, e o casamenteiro, principalmente em Portugal e no Brasil. Simpatias, promessas e orações específicas marcam a devoção a ele. E sua presença nos festejos juninos está geralmente ligada a essas tradições — a Igreja fixou o 13 de junho, data da morte dele, como dia consagrado ao santo; João Batista é o santo máximo das comemorações juninas e o catolicismo celebra em 24 de junho o seu nascimento; São Pedro, comemorado no dia 29 de junho, data em que foi martirizado, que nas celebrações populares brasileiras, encerra o ciclo dos santos juninos. Além de figura religiosa, São Pedro é referência para os pescadores e guardião das portas do céu, na tradição cristã.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/12/2025"





A Literatura de Cordel descreve também em versos as tradições como a Lavagem das Escadarias e a fé no Senhor do Bonfim, também sincretizado com Oxalá no Candomblé, enaltecendo a cultura popular da festa, a procissão, a dança e os ritos religiosos, por meio das narrativas.

A lavagem das escadarias do Bonfim é considerada a segunda maior manifestação popular da Bahia. O ritual se repete todos os anos desde 1754, reunindo milhares de pessoas no Largo do Bonfim, bem em frente à igreja, no alto da Colina Sagrada.

A festa acontece na última quinta-feira antes do final do novenário, sendo marcada pela lavagem da escadaria e do adro da igreja por baianas vestidas a caráter, trazendo na cabeça água de cheiro, muito disputada entre os fiéis, para lavar o chão e flores para enfeitar o altar. Mais do que uma festividade, a Lavagem do Bonfim consolidou-se como um símbolo da resistência da fé, da esperança coletiva e do compromisso com o fortalecimento dos laços comunitários.

O poeta Elton Magalhães nos encanta com o “Cordel para o Senhor do Bonfim”.

Convido todo o Brasil –
País de povo festeiro –
Para agora acompanhar
O poeta em seu roteiro:
Narrando causos diversos
Que se dão sempre em janeiro.

Eu sei que todos já sabem.
Que lá na velha Bahia
De Gregório, de Caetano,
De seu Zé e de Maria
O janeiro é mês sagrado.
Pois lá não cessa a folia.

Tão distinto é o baiano.
Que por ser tão assanhado.
E também religioso
Nos deixou um bom legado:
Juntou em diversas festas
O profano com o sagrado.

Aqui eu vou defender
Que, de todos, para mim.
O evento mais bonito
Do começo até o fim
Certamente é a lavagem:
A lavagem do Bonfim!

Trazida do além-mar.
Lá por mil e setecentos
A estátua do Senhor
Foi usada em cumprimento
De promessa e, assim,
se iniciou esse evento.

De origem tão cristã
A festa se transformou;
O negro escravo daqui
No jogo também entrou
E assim o candomblé
À lavagem se juntou.

Depois do dia de Reis
Na segunda quinta-feira
O baiano veste branco
Junta samba, capoeira.
Macumba e água de cheiro:
Manda ver na brincadeira!

Lá no alto da colina
(Pra quem não gosta de andar)
É de fato emocionante
Ver a multidão chegar
Formando um tapete branco
Em reverência a Oxalá.

Mas devoto de verdade
Pra seguir a procissão
Não se preocupa em andar
No meio da multidão
Por longos oito quilômetros:
Certamente é muito chão!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAETAI, sob a direção de Aryel Soares Reis, Criada em 04/12/2025"



Imagem divulgada Google

Vão de tênis e bermuda
(algumas ousam de saia)
E o trajeto é muito simples:
Vai da Conceição da Praia
À Igreja do Bonfim...
Quem não aguenta, desmaia!

A partir desse momento
O poeta tentará
Resumir neste cordel
Casos que ele viu por lá
Atento a tudo na festa.
Pra também participar.

E pela primeira vez
Acompanhou o trajeto
Do começo até o fim.
Virou massa de concreto –
Saiu de lá satisfeito
E carregado de afeto.

Já na Conceição da Praia
O famoso sincretismo
Mostra a força da lavagem:
Depois do catolicismo
Vem a voz do candomblé,
Hinduísmo e espiritismo.

Além da LBV
(Que promove a caridade)
E a Igreja Messiânica
Pedindo paz e irmandade
Fazendo, assim, dessa festa.
Palco da diversidade.

Acompanhando o trajeto
Com atabaque, agogô.
Descem os Filhos de Gandhi;
Apresentam seu valor
Cantando hinos de paz
“Ora iê-iê, atotô”...

Na ala dos protestantes
Benedito “de Jesus”
Grita alto: “Oh, senhor!
Somente tu nos conduz!
Não vim aqui criticar
Mas só ele é quem traz luz!”.

E na boca da colina
Encontro um legislador
Que faz fama na cidade.
Já que também é pastor.
Ele não gosta de gays.
Mas lá tocava tambor.

O ponto alto da festa
É certamente a lavagem
Na escadaria da igreja
E, diga-se de passagem.
Lá, quem manda é a baiana.
Carregando na bagagem.

Flor de arruda, alfazema.
(Bem guardado na quartinha)
Outras carregam pipoca
E, em meio à ladainha.
Exaltam seus protetores,
Dançam sem perder a linha.

Depois de lavada a igreja
Todo o povo, por direito.
(Já que pagou as promessas;
Na fé se deu ao respeito)
Vai agora comer água
E isso ele faz bem feito!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/12/2025"



A Festa de Iemanjá é outra manifestação religiosa, que ocorre principalmente em Salvador — Bahia, no dia 02 de fevereiro, uma das divindades cultuadas no Brasil de matriz africana e na umbanda. É o orixá da vida e das águas e as oferendas levadas a ela são flores, espelhos, pentes, velas e perfumes, colocados e lançados ao mar em pequenas embarcações, além de orações e cânticos.

Na Literatura de Cordel, Iemanjá é retratada como a “Rainha do Mar”, simbolizando a maternidade, fertilidade e proteção.

PRENDAS PARA IEMANJÁ

Vou levar flores bonitas.
Para rainha do mar.
Vou com meu vestido branco.
Só para homenagear.
Vou levar minha oferenda
Ofertando cada prenda
Com intenção de agradecer.

Bela rainha das águas
Dê-me a sua proteção.
Proteja bem minha estrada
Conforte meu coração
E traga-me de verdade
A dona felicidade
E ponha na minha mão.

(Poetisa Dalinha Catunda)



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/12/2025"



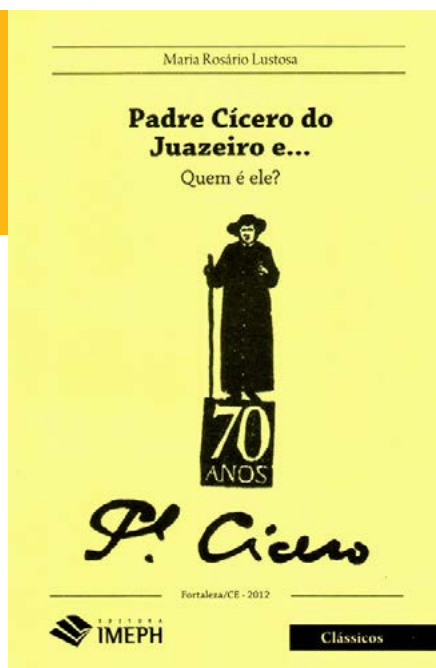
IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 04/12/2025"

Outra tradição religiosa católica, que ocorre todos os anos, no segundo domingo de outubro, em Belém — Pará, é o Círio de Nazaré. Considerada a maior expressão religiosa do Norte do Brasil. A procissão em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré e a fé dos devotos são apresentadas em versos de cordel:

VIVA O CÍRIO DE NAZARÉ!

Viva esse momento lindo!
De alegria e muita fé
Todos na mesma corrente
No barco, na corda, a pé
Festa igual essa não há
Viva Belém do Pará!
Com as bênçãos de Nazaré.

(Poeta Joel Marinho)



As romarias do Juazeiro do Norte — Ceará, dedicadas ao Padre Cícero e a outros santos populares, atraem romeiros de todo o Brasil, também são temas abordados na Literatura de Cordel. O líder religioso e político do Ceará, conhecido como “Padim Ciço”, é apresentado como santo, pastor, conselheiro e milagreiro, inspirou a devoção e a fé de romeiros. No cordel “Padre Cícero do Juazeiro e... Quem é ele?”, é uma obra da poetisa Maria Rosário Lustosa.

Foi um grande patriarca
Conselheiro e confessor
É chamado de padrinho
Como terno protetor
Que a todos acolhia
Com seu carinho e amor.

Um homem inteligente
À frente de sua era
Recebeu o Juazeiro
Uma vila de tapera
E por sessenta e dois anos
Construiu uma quimera.

Juazeiro é um milagre
Que padre Cícero fundou
De pequenina cidade
Em grande se transformou
Continua recebendo
O romeiro que ele amou.

Ele até disse uma vez:
— Filho do Crato eu sou
Mas Juazeiro é meu filho,
Assim ele se expressou
Mostrou sua sapiência
Quando se justificou.

Como padre conselheiro
Foi por Deus iluminado
Quem conversava com ele
Saía bem confortado
E quem a ele escutava.
Ficava orientado.

Ele fez do Juazeiro
Uma terra prometida
Amava muito esta terra
E por ela dava a vida.
O romeiro que chegar
Tem por certeza a guarida.

Defender o oprimido
Foi sua maior missão
Amparou o desvalido
Com empenho de cristão
Compadeceu-se do pobre
Com amor no coração.

Observa-se, portanto, o sincretismo religioso na Literatura de Cordel, demonstrando por meio de versos e rimas, as festas religiosas, a importância da fé e as tradições e crenças da cultura popular brasileira.

BETH BALTAR

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS



05



Fátima Moniz



Maria Fátima Glória Moniz Manuel, nome literário Fátima Moniz, nasceu em Luanda a 24 de Março de 1969, cresceu e passou sua infância em Benguela, cidade que considera seu lar. Mestre em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes do Brasil e licenciatura pelo Isced de Benguela opção História. De 2011 a 2019 trabalhou como Agente Consular no Consulado de Angola no Rio de Janeiro. Dá conferências regulares no Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Organiza todos os anos Oficina de Poesia para Crianças e adolescentes com a chancela da União dos Escritores angolanos, do Encontro de poetas da CPLP e do Mirex. Cadeira 510 da Academia de Ciências e Letras do Brasil. Prémio Doutor Honoris Causa pela Academia de Ciências e Letras de Espanha.

RIQUEZA IMATERIAL:

Festas da ilha de Luanda, a Festa da Kianda

Estamos a publicar e divulgar conhecimentos e saberes sobre a África. A Memória imaterial das nossas gentes. A festa da Kianda contribui

para a construção de uma nova epistemologia e uma nova hermenêutica dos estudos africanos, livre e longe de estereótipos e de um olhar folclórico e exótico.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

A Ilha de Luanda tem festas que variam de rituais tradicionais a eventos modernos, como a Festa da Kianda, significa a sereia da Ilha de Luanda. Sendo uma celebração cultural importante em Novembro, que venera a divindade das águas.

venerar a divindade das águas e garantir a segurança dos pescadores.

A Ilha do Cabo, mais conhecida por Ilha de Luanda, é um cordão litoral, em Angola, composto por uma estreita língua de terra com 7 km de comprimento que, separando a cidade de Luanda do Oceano Atlântico, cria a Baía de Luanda.

- Festa da Kianda: Um ritual de Novembro para

A Ilha de Luanda, ou simplesmente, a Ilha como a chamam os habitantes de Luanda, encontra-se ligada à cidade por um pequeno no sopé da Fortaleza de São Miguel. É por excelência o local de divertimento e lazer dos luandenses e das demais pessoas que desejam conhecer a ilha do cabo, podendo aqui encontrar-se uma grande variedade de equipamentos turísticos, dos bares aos restaurantes junto ao mar e das discotecas aos hotéis, sem esquecer os mercados de rua, as inevitáveis praias e a marina.



Imagem - divulgação Google

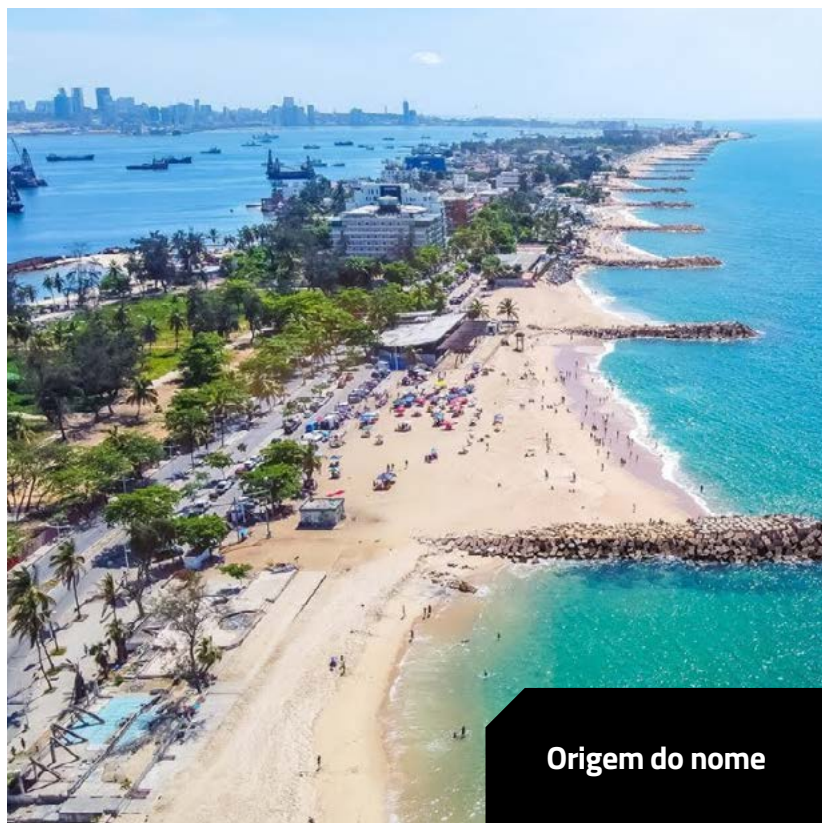


Imagem - divulgação Google

Origem do nome

Cerca de 1570, Duarte Lopes escreveu, na sua "Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas", que o lugar chamava-se "Loanda, que quer dizer, naquela língua, terra rasa, sem montes e baixa", levando a concluir que o local se chamaria assim por ser um areal raso. No entanto, estudos etimológicos da palavra levam a outra conclusão.

Na ilha está localizada a Igreja da Nossa Senhora do Cabo, a mais antiga de Angola, fundada em 1575 pelos quarenta portugueses que viviam na ilha antes da mudança da cidade de Luanda para o continente, feita por Paulo Dias de Novais.

A Ilha de Luanda faz parte do município de Luanda, na província de mesmo nome, sendo administrativamente parte do bairro Da Ilha e do distrito urbano da Ingombota.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

Seguindo o princípio da derivação das línguas bantu, o prefixo *lu* é aplicado em palavras que descrevem regiões alagadas, como ilhas, braços e bacias de rios etc., seguido da estilização ortográfica das características topológicas dessa região. Dessa forma, surge a palavra *luando*, que, por se referir a uma ilha, um vocábulo feminino, ao ser aportuguesada deu o actual "*Luanda*", vocábulo obtido através da aglutinação de *lu* + (*nd*) *ando*, onde *ando* é o étimo comprimido de *ndandu*, que significa "*mercadorias*", "*objecto de comércio*", "*valores*" etc., relativo aos produtos retirados da ilha, como o peixe ou os pequenos búzios

ali apanhados, normalmente conhecidos como *njimbo* ou *zimbo* e que eram a moeda corrente do Reino do Congo. Segundo este estudo, a ilha teria o nome de *Luando* por ser um local de comércio situado num areal.

Uma outra versão refere que o nome deriva de "*axiluandas*" (*homens do mar*), nome supostamente dado pelos portugueses aos habitantes da ilha, porque, quando ali chegaram e lhes perguntaram o que estavam a fazer, estes teriam respondido *uwanda*, um vocábulo que, em quimbundo, significa "*trabalhar com redes de pesca*".



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

Em que se resume a festa da Kianda:

As embarcações ou chatas param e são recepcionadas por mulheres e homens mais velhos, conhecedores desta cultura e que receberam os ensinamentos dos seus pais e avós, numa orientação mais tradicional, chamando e evocando o nome de seus antepassados e pedindo um ano bom e de muita fartura, igualmente pedindo prosperidade a todos que usam aquele mar. Proporcionando um encontro ecuménico assistido por várias pessoas. As canções, bebidas são despejadas ao mar, como forma de agradecimento. Com vestes vermelhas, panos e kimones vermelho e branco dão força a esta Cerimónia, que normalmente é feita de madrugada e são testemunhas seus familiares unicamente, ficando depois aberto aos visitantes, com barracas de bebidas e comida e muito peixe grelhado com farinha de mandioca e outros quitutes (iguarias).

"A Festa da Kianda é uma explosão de cores, ritmos e espiritualidade que celebra a conexão profunda entre o povo da Ilha de Luanda e as águas sagradas da deusa do mar, Kianda."



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKTAI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 01/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAKTAI, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



COLUNA *Vai um livro aí?* Resenhas

07



ARELY SOARES



Arely Soares Reis, professora de Língua Portuguesa e Inglesa, é uma profissional de atuação versátil. Natural de Caxias (Maranhão), ela se destaca como escritora, revisora e tradutora. Autora da obra *Re-tratos Poéticos*, Arely utiliza o pseudônimo "Menina Poetisa" para disseminar seus poemas nas mídias sociais. Apaixonada por leitura, com especial apreço por romances clássicos, e por arte, ela complementa sua produção literária, que se estende a colaborações em antologias, revistas e canais digitais.

Prezados leitores, sejam calorosamente bem-vindos à coluna "Vai um Livro Aí?", na 35ª edição da Revista Internacional The Bard.

É com grande satisfação que lhes damos as boas-vindas neste novo ano. Nosso propósito é proporcionar-lhes experiências profundas por meio de obras que cativam, promovem a transformação e expandem a mente.

Que tal iniciar sua trajetória de 2026 com leituras que enriquecerão seu percurso?

Para inaugurar mais uma jornada literária, apresentamos "O Apanhador no Campo de Centeio", de J. D. Salinger. Considerado um clássico da literatura ocidental, este livro

é uma obra de impacto global, frequentemente reconhecido como o "marco zero" na literatura Young Adult (YA). O autor capta e transmite, de forma inédita, a angústia e a alienação juvenil. É uma narrativa profundamente focada nas emoções e nas indagações inerentes à fase adolescente.

Para concluir, convidamo-los a deleitar-se com o incrível romance "Orgulho e Preconceito", de Jane Austen. Este clássico da literatura inglesa serve como um espelho dos séculos passados, mas sua mensagem permanece extremamente relevante para a sociedade contemporânea. A autora tem a habilidade de transformar temas como: orgulho, preconceito, amor, respeito e empatia em um grito social que deve ser debatido amplamente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 16/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 16/12/2025"

Convidamos você a recomençar suas leituras com dois romances que ecoam por vozes distintas: A de (Salinger) em que o indivíduo busca sentido em meio à desilusão adulta, e onde se encontra a voz de um ser que anseia ser compreendido em seu universo interno. A outra de (Austen) que oferece a sensibilidade para ir além do olhar e romper o preconceito, gerando sentimentos genuínos e universais ao ser humano.

Através da nossa coluna "Vai um livro aí?", estamos abrindo um portal para que suas histórias alcancem leitores ao redor do mundo. É uma oportunidade para que suas histórias sejam lidas e façam parte de uma comunidade literária global. Para participar, basta enviar um

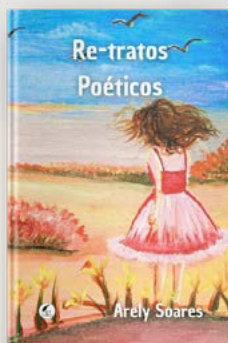
exemplar do seu livro e seguir a revista nas redes sociais.

A colunista escolherá o momento certo para publicar sua obra. É uma chance de divulgar seu trabalho e conectar-se com leitores globais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Arely Soares Reis, Criada em 16/12/2025"

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE



LIVRO: O APANHADOR NO CAMPO DE CENTEIO

AUTOR: J. D. SALINGER



CLICK AQUI

Quantas vulnerabilidades e anseios cabem em nosso íntimo? Independentemente da idade, somos seres em constante questionamento, carregando um turbilhão de emoções que oscilam entre a angústia e a esperança.

A obra "O Apanhador no Campo de Centeio", de J. D. Salinger é um clássico inegável da literatura mundial, conquistou gerações ao tocar nos mais profundos conflitos existenciais. A narrativa em primeira pessoa nos apresenta Holden Caulfield, um jovem que desnuda e critica ferozmente a hipocrisia social. Seu olhar introspectivo encarna a rebeldia inerente à juventude. É desse anseio que surge o desejo do protagonista de resguardar a inocência da infância da deterioração do universo adulto, uma aspiração que se reflete de maneira literal no título da obra.

A linguagem coloquial do livro é uma de suas maiores virtudes, desenhando traços fiéis do universo adolescente. Essa autenticidade gera imediata intimidade e interesse com o leitor.

Embora escrito para adultos, o romance se tornou um ícone entre adolescentes, abordando com originalidade e profundidade a busca por identidade, a alienação social e a perda da inocência.

A voz de Holden é tão potente que provoca um impacto imediato: suas decepções com o mundo adulto forçam o leitor a refletir sobre a insensibilidade e a busca por conexões autênticas.

Querido leitor, "O Apanhador no Campo de Centeio" é um verdadeiro espelho da angústia humana. Se você procura uma leitura que critique a materialidade e que o faça mergulhar na jornada de quem está perdido e anseia se encontrar, este é o livro. Uma obra essencial para quem busca compreender o destino da alma.

POST NO SITE



LIVRO: ORGULHO E PRECONCEITO

AUTORA: JANE AUSTEN



CLICK AQUI

Já se questionou por que, ao conhecermos alguém, é tão mais cômodo emitir um juízo precipitado em vez de nos concedermos a chance de desconstruir o preconceito?

Esta é a essência cativante de "Orgulho e Preconceito", um clássico imortal de Jane Austen. Sua escrita inconfundível aborda questões sociais que transcendem o tempo, mantendo-se como uma chama acesa que provoca reflexão e debate na sociedade contemporânea.

O enredo é centrado no embaraçado relacionamento entre Elizabeth Bennet e o abastado, porém altivo, Sr. Darcy, ambientado na Inglaterra do século XIX. A trama expande nossa visão para pressões sociais, a imposição do matrimônio, e a busca por amor e respeito genuínos.

A riqueza dos personagens, especialmente a notável família Bennet e suas cinco filhas, e sua eloquência convicta transportam o leitor diretamente para a época, permitindo-lhe presenciar cada momento.

Esta narrativa não se limita ao romance; ela explora a fundo temas cruciais ainda para o nosso tempo: casamentos por conveniência, a exaltação do amor verdadeiro, e a importância do intelecto e da conduta respeitosa.

Austen nos demonstra que o orgulho e o preconceito humano são barreiras que frequentemente impedem que um sentimento, em especial o amor, se manifeste e floresça. A obra ensina sobre o amadurecimento diante do juízo alheio e a necessidade de reconhecermos as próprias falhas para prosperarmos.

Com uma autenticidade marcante e a forte voz feminina, este é um livro atemporal que espelha a sociedade em qualquer época. Não é por acaso que ele frequentemente retornou às telas de cinema.

Que tal iniciar o ano rompendo a barreira do orgulho e preconceito e embarcando neste romance inesquecível?

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





05



Luiz Solrak Lima



Natural de Pernambuco. Escritor, poeta, professor de Língua portuguesa e Literatura. Autor do livro de poesia "Terra Alheia" ganhador de dois Prêmios Municipais em 2023. Criador de conteúdo digital por amor aos livros e produtor cultural por amar a arte como um todo essencial. Diretor e Produtor Cultural do Curta metragem "Legião Estrangeira" lançado em fevereiro de 2025. Editor Digital e Colunista da Revista Internacional The Bard. Amo ler, ensinar, encontrar amigos e está em constante mudança.

Entre o Pé e o Chão: O Ritmo que transcende



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"

Eu tinha oito anos quando descobri, quase por acidente, que o corpo guarda memórias que nenhum livro escolar menciona. Na quadra da escola pública do meu interior litorâneo nordestino, onde o sol parecia medir forças com a nossa disposição infantil, dancei coco de roda pela primeira vez. O instrumento feito do endocarpo do coco, provavelmente ideia da professora, e que utilizei o coco que minha mãe havia utilizado para fazer o peixe do almoço do dia anterior, ras-

pado, polido e pintado por mim e supervisionado pelo meu pai. Esse instrumento é que daria o som, quando batemos uma parte na outra. Não sabia, naquele momento, que estava repetindo um gesto que atravessava séculos. Muito menos que estudiosos como Câmara Cascudo, em Dicionário do Folclore Brasileiro (1954), já haviam descrito essa dança como uma das mais antigas manifestações populares do Nordeste, marcada pela pisada forte e pelo canto responsorial.

Para mim, era somente diversão e, claro, uma oportunidade de tentar deixar minha mãe mais orgulhosa e a professora feliz com a execução do projeto. Mas, como descobri anos depois, enquanto lia Edison Carneiro, em *Folguedos Tradicionais* (1967), o coco nunca foi somente brincadeira: nasceu das práticas de trabalho, das comunidades negras, indígenas e mestiças, e das formas de expressão que surgiram como resposta criativa às durezas da vida cotidiana, ou seja, era minha comunidade representada em uma dança, que trabalha-

va a preservação da memória de um povo.

A memória afetiva dessa experiência comprova que cultura não se aprende somente em livros ou salas de aula. O corpo registra ritmos, cheiros, vozes, olhares e provoca lembranças que se tornam referência para a vida adulta. A quadra da escola, os colegas, a música e a pisada forte permaneceram como uma espécie de diário corporal que me conectava às minhas raízes mais profundas.

Hoje, quando conto isso a meus alunos, eles me olham como quem encontra poesia onde antes só havia suor. O que eles não percebem é que, no Nordeste, suor e poesia sempre andaram de mãos dadas. É essa memória viva, carregada de afetos, que mantém a tradição pulsante, longe de qualquer mistificação ou didatismo acadêmico.

O Nascimento do Ritmo: Entre Poços, Areias e Ancestralidades

Se há algo que aprendi com a cultura popular, e com a bibliografia séria que a acompanha, é que o coco de roda não tem um único berço. Ele foi gestado em múltiplas mãos, pés e vozes. Renato Almeida, em *História da Música Brasileira* (1942), já destacava que o coco emergiu entre populações litorâneas e rurais, muitas delas envolvidas no extrativismo do coco e em trabalhos de pisadura do barro. O ritmo marcava tanto

o labor quanto a convivência comunitária. E era exatamente esse meu mundo. Hoje escrevo essa coluna, com um pouco de minha experiência, memória de um pai extrativista de frutos e frutas para vender e sobreviver e um pescador hábil tanto em instrumentos quanto em técnicas de pescarias. Esse mesmo pai que mencionei anteriormente, que fiscaliza a finalização do meu coco para dançar o coco de roda.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"

Câmara Cascudo reforça que o coco tem raízes africanas evidentes, especialmente na estrutura responsorial dos cantos, mas também incorpora elementos indígenas, como a roda e o caráter ritual das danças circulares. A mistura, como sempre acontece no Brasil, não foi pacífica: ela veio das relações complexas e muitas vezes violentas entre povos escravizados, indígenas e camadas pobres da colônia.

A criação coletiva do coco evidencia também a inventividade popular. Cada região adaptava o ritmo, os instrumentos e as letras às suas realidades, tornando a dança ao mesmo tempo local e universal. Edison Carneiro resalta que a improvisação do congado não era somente lúdica, mas também um modo de comunicação social: críticas, avisos e histórias do dia a dia eram transmitidos através do canto, garantindo coesão e resistência cultural.

O Sudeste e o Efeito Colateral da Saudade: A Migração do Coco

Quando me mudei para o Sudeste na vida adulta, reencontrei o coco de roda, mas desta vez com outro figurino. Em vez da quadra da escola, surgia nos palcos universitários, nas praças independentes, nos festivais de cultura tradicional. O que para mim era infância, para muitos era antropologia aplicada, identidade performada.

Esse fenômeno não é acidental. Como mostram estudos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, especialmente em *A Invenção do Nordeste* (1999), a presença nordestina no Sudeste se ampliou com as grandes migrações dos anos 1950 em diante. Com as pessoas vieram suas práticas, seus sotaques, sua culinária e, claro, suas danças. O coco se espalhou pela Zona Leste de São Paulo, pelas periferias do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, pelas festas de migrantes e pelas rodas de cultura.

Ao mesmo tempo, pesquisadores e grupos culturais começaram a registrá-lo, estudá-lo, valorizá-lo. Percebe-se que o coco funciona como fio condutor entre regiões: é a memória do Nordeste que se reinventa fora de seu território original, mantendo vivos símbolos, afetos e modos de vida. A migração da dança evidencia que a cultura não é estática; ela se desloca e se adapta, sem perder suas raízes.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"

E pensar que tudo isso estava invisível para a criança que eu era, somente mais um dançarino tímido tentando acompanhar o ritmo. Ao mesmo tempo, a experiência me ensinou que a tradição não se constrói somente no passado: ela se renova a cada roda, a cada passo, a cada voz que ecoa pelo chão de barro ou asfalto.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"

O curioso é que aquilo que no Nordeste às vezes é tratado como "coisa simples do povo", no Sudeste vira "experiência estética ancestral". Não reclamo. É bonito ver a tradição ganhando novos sentidos. Mas não deixa de ser irônico que a mesma dança que eu praticava com sandália de borracha hoje receba iluminação cênica e debates acadêmicos. O coco sempre soube viajar e talvez viaje melhor do que muitos de nós.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"

Hermilo Borba Filho, com seu olhar teatral sobre o povo, insistia que nas manifestações populares existe uma "força inventiva" indestrutível. E ele tinha razão: basta uma roda, um ganzá improvisado, um canto que puxe o primeiro verso, e a memória volta. Não importa se no terreiro da zona rural ou num centro cultural da Vila Madalena.

Entre o Riso, o Ritmo e o Registro: A Teimosia do Imaterial

Como professor e produtor cultural, sei que o patrimônio imaterial não se preserva por decreto, embora esses ajudem. Ele se mantém vivo porque continua sendo praticado, sentido, dançado. Maria Cecília Londres Fonseca, em *O Patrimônio em Processo* (1997), é clara ao afirmar que bens imateriais só sobrevivem quando há comunidade ativa os mantendo. E o coco, assim como outras tradições nordestinas, como o maracatu, o reisado, a ciranda, o cavalo-marinho, permanece justamente por causa dessa teimosia coletiva.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"

Essa força inventiva evidencia que o patrimônio imaterial não é somente lembrança; é prática, improvisado e criação contínua. O coco nos ensina que cultura não é só conhecimento, mas também vivência corporal, social e afetiva. Cada roda reafirma a identidade de quem participa e fortalece o elo entre passado e presente.

Se hoje lembro dessa apresentação escolar com certo humor de uma criança desengonçada e tímida, é porque rir também é um modo de lembrar. E o coco, com sua pisada forte, me ensinou desde cedo que identidade cultural se aprende com o corpo antes de qualquer diploma. O tambor do coco é o pé e a memória é o chão. Enquanto houver quem dance, o coco continua.



A Voz que dança: Lia de Itamaracá e o Coco de Roda

Lia de Itamaracá dançou e dança, fazendo com que o coco de roda continue; é guardiã viva da memória do coco de roda pernambucano. Desde minha infância, ouvi sua voz como um convite para entrar na roda, sentir o ritmo e perceber que cultura não se aprende somente em livros, mas se experimenta com o corpo e o coração. Práticas como o coco se fortalecem na interação comunitária, e Lia encarna essa tradição, transmitindo histórias, afetos, cotidianos e ancestralidade a cada verso que entoa:

“Estava no bar do Hermínio em Ilha de Itamaracá/ Cantando coco de roda” (Pelos olhos do Mar — Pout-porri de cocos — Lia de Itamaracá e Daúde-2025)

É impossível não ser puxado para a roda quando essas palavras ecoam, como se o chão e o corpo lembrassem de tudo que a memória insiste em manter viva. O coco de roda nasceu do trabalho, da convivência comunitária e da resistência cultural de populações diversas. Lia, ao interpretar e con-

duzir as rodas, mantém viva a improvisação, o canto responso-rial e a interação do grupo, mostrando que tradição é prática, invenção e memória em movimento. Cada gesto, cada palma, cada improviso é registro de um passado que se reinventa no presente. São quase uma cartilha para dançar e existir na roda. Sua trajetória também evidencia a circulação da cultura nordestina para além do seu território.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/12/2025"





Ao apresentar-se fora de Pernambuco, Lia transforma o cotidiano em patrimônio reconhecido, sem perder a autenticidade da roda. Há um certo humor irônico nisso: o que no Nordeste é natural, em outras regiões se torna “experiência estética ancestral”, e Lia transita entre esses mundos com simplicidade e firmeza. É impossível não perceber que tradição é alegria compartilhada.

Por fim, Lia de Itamaracá nos ensina que a memória imaterial não se preserva só por decreto, mas por prática e afetividade. Enquanto houver rodas de coco, sua voz e seu canto continuarão vivos, reafirmando que tradição, resistência e alegria andam juntas. O coco, assim como a voz de Lia, permanece, corpo, música e história unidos em uma dança que nunca se encerra.

LIVROS DO AUTOR

Acesse a Vitrine The Bard



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

LUIZ SOLRAK LIMA

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





16



Tônia Lavínia



Tônia Lavínia é uma escritora mineira, autora do romance erótico *Deliciosamente Libertino* (2020) e da trilogia *Meu Nome é Maximus*, cujo título mais recente, *Maximus Infernus*, foi lançado em abril de 2025.

Apaixonada por música clássica, arte, vinho e dias chuvosos e frios, transforma o silêncio das estações — especialmente o inverno e a primavera — em cenário para histórias intensas, sensuais e cheias de alma.

Vamos falar de...

O Desejo em Páginas de Banca

“Ele não a beijou. Limitou-se a olhar por tempo demais — e isso bastou para despir a alma dela.” — Coleção Bianca, década de 80



Desnuda em Palavras nasce da necessidade de nomear aquilo que o corpo sabe antes da língua. Nesta coluna, desvendarei os gestos, os silêncios e as palavras que encostam no desejo — às vezes para cobri-lo, às vezes para expô-lo. Entre a memória dos romances que moldaram nossos arroubos e a urgência do presente, cada texto será um pequeno rito: leitura, lembrança, entrega.

Há um lugar tênue entre o olhar e o gesto — um espaço que o corpo reconhece antes mesmo que a pele se mova. Nos romances de banca — Sabrina, Bianca, Júlia

— esse espaço era território sagrado: onde o amor esperava, o desejo respirava, e a mulher aprendia a sonhar com o que ainda não se cumpria.

O toque que não aconteceu tem peso. Vive nas entrelinhas, nos quase, nos “se”. É ali que o erotismo se faz palavra — quando o corpo não age, mas a mente já está nua. No vácuo deixado pela ausência, inventamos histórias, vestidos, cheiros. Ali, o corpo ensaia mil paisagens possíveis, e o desejo se transforma em literatura íntima — um narrador que corre pelas bordas do que poderia ter sido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

Hoje, quando volto a essas histórias, percebo que o verdadeiro prazer estava na espera. No olhar que prometia. No gesto que se conteve. E é desse silêncio cheio que nasce o erótico: não do que se cumpre, mas do que se imagina.

Aprendemos, então, a eroti-

zar a possibilidade.

A promessa de um contato se torna, ela própria, um corpo.

E nesse corpo de possibilidade há liberdade: ser tocada pelo pensamento é também ser dona do próprio caminho.

Leitoras e Tabus

“Afastando-lhe as pernas esguias e bem torneadas, James acomodou-se entre elas, encaixando o sexo vibrante na flor latejante e úmida”

“Trecho retirado de um dos livros da série Julia”

As mulheres que folheavam Sabrina, Bianca e Júlia nos anos 70 e 80 eram, muitas vezes, invisíveis para a sociedade. Escondiam os livros na bolsa, debaixo da cama, entre revistas mais “aceitas”. Ler sobre desejo, amor intenso e encontros proibidos era um ato silencioso de coragem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

Havia tabus claros: a sexualidade feminina era quase sempre privada, disfarçada de sonho, reprimida, e qualquer gesto de curiosidade real podia ser malvisto. Mas essas leitoras encontravam nesses romances um espaço seguro para sentir, imaginar e experimentar, ainda que só na imaginação. Cada página era uma porta entreaberta para o próprio corpo e a própria vontade.

Naqueles anos, o simples ato de uma mulher ler sobre desejo era um desafio silencioso às re-

gras da sociedade. Falar sobre sexo era quase proibido; sentir prazer, impensável. O corpo feminino era regulado, vigiado, e a imaginação era o único espaço privado onde se podia ousar.

As leitoras de Sabrina, Bianca e Júlia navegavam entre culpa e fascínio. Escondiam os livros de familiares, professores, colegas — porque até imaginar amor intenso e encontros proibidos já era considerado transgressão. Ler sobre o que se desejava, mas não se podia viver, era, paradoxalmente, libertador e perigoso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

Esses romances davam palavra ao silêncio. Dedicados à fantasia, ao erotismo e à emoção, criavam uma intimidade secreta: mulheres descobriam a própria sensualidade sem precisar que ninguém visse, sem precisar se justificar. Os tabus

eram tantos que cada página virada era, em si, um pequeno ato de rebeldia poética.

Com o tempo, essa leitura transformou-se em autoconhecimento e liberdade. O que era proibido pas-

sou a ser reconhecido como natural: o desejo, o corpo e a imaginação feminina ganharam voz. E é dessa herança que nasce grande parte do que escrevo hoje — uma celebração do erótico como experiência consciente, sensível e sem culpa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

O gênero que floresceu

"Cuidado, você está brincando com fogo. Para um homem rico como Adam Steinbeck, as mulheres não passam de brinquedos. E você está caindo direitinho na armadilha — diziam as amigas de Caroline",

Trecho de um dos livros da série Sabrina" Escrita por Anne Mather, conta a história de Caroline, que se envolveu com um homem rico,

chefe da empresa onde trabalhava.

Com o êxito desse primeiro lançamento, surgiu, em 1978, a série Júlia. Seu volume inaugural, Escrava do Amor, de Violet Winspear, apresentava Lorna — uma jovem indomável e determinada, em busca de liberdade, que decide aventurar-se sozinha pelo deserto.

“Acabou sendo capturada por um orgulhoso e dominador xeque árabe — belo, intenso e perigosamente sedutor — que a levou para sua tenda e fez dela sua cativa, prisioneira do amor”, descreve a sinopse.

Logo em seguida veio a série Bianca, inaugurada com o livro Prisioneira do Deserto, também de Violet Winspear. Nele conhecemos Diane, que, ao visitar o Saara, é raptada por um poderoso xeque.

“Khasim ben Haran era um homem imponente e autoritário, movido pelo desejo de vingança pela morte da mãe. Porém, o mesmo homem que a amedrontava com ameaças cruéis era também aquele que a enfeitiçava”, anuncia a contracapa.

A abertura desse espaço para o gênero permitiu que outras narrativas semelhantes florescessem, como as séries Momentos Íntimos e Jéssica. Com o passar dos anos, as histórias de teor erótico ganharam novas leitoras e mais liberdade para explorar o desejo feminino.

Um exemplo marcante dessa continuidade é o fenômeno Cinquenta Tons de Cinza, de E. L. James, publicado mundialmente em 2011. Tanto nessa obra quanto em suas continuções — Cinquenta Tons Mais Escuros (2011) e Cinquenta Tons de Liberdade (2012) —, acompanhamos Anastasia Steele viver uma paixão arrebatadora com o dominador Christian Grey.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"



Ler-se

O que começou como segredo, escondido entre capas e bolsas, transformou-se em liberdade. As mulheres que antes liam Sabrina, Bianca e Júlia às escondidas agora podiam folhear essas páginas à luz do dia, sem medo ou culpa. Cada palavra que antes precisava ser sussurrada se tornou um ato de afirmação — do corpo, da mente, da imaginação.

A leitura evoluiu junto com a percepção sobre o próprio desejo. O erotismo deixou de ser apenas fantasia para se tornar experiência e reflexão, ensinando a nomear sentimentos, reconhecer vontades e aceitar o prazer como natural.

O que antes era transgressão tornou-se reconhecimento de si mesma: ler deixou de ser fuga e passou a ser autodescoberta.

Esses romances, nascidos nas bancas, abriram caminho para a literatura erótica feminina que hoje se assume sem véus. A mulher que lia para sonhar passou a ler para se reconhecer e, mais tarde, para escrever e afirmar sua própria voz.

O gesto de virar uma página permanece, mas o significado mudou: de escapismo, tornou-se retorno a si mesma.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"



IMAGEM GERADA POR IA usando SEART AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025



Nota da Autora — Tônia Lavínia

Houve um tempo em que o desejo se escondia entre as páginas finas de um romance de banca. As mulheres liam com o coração acelerado, temendo o julgamento, mas encontrando ali uma fresta de liberdade. Sabrina, Bianca, Júlia — nomes que soam como confidências — foram as primeiras a nos ensinar que o corpo também pensa, que a imaginação também é um território erótico.

Hoje, o erotismo já não precisa se disfarçar de amor impossível. Ele se reconhece como força criadora, como escrita que nasce do corpo e volta a ele. O que antes era lido às escondidas, agora é

celebrado em voz alta. E se ainda há quem tente medir o desejo por moldes antigos, há também quem escreva — e leia — para provar que o prazer é, antes de tudo, uma forma de consciência.

Esses livros, tão julgados e tão amados, foram a iniciação de muitas mulheres na arte de sentir e sonhar. E talvez o mais bonito seja perceber que, no fundo, continuamos a mesma busca: compreender o mistério entre a palavra e a pele, entre o que se diz e o que se deseja.

Porque o erotismo, afinal, é isso — uma escrita que respira.

POST NO SITE



Identidade Libertina



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

"O Corpo Lembra"

Oi... Sou eu...

Ainda estou aqui, sentindo você dentro do meu corpo, tudo como se fosse a primeira vez.

O tempo passou, mas o toque não.

Há um inverno lá fora, e mesmo assim, em mim, tudo queima.

Um calor feito de mil tochas acesas percorre a pele quando penso no seu nome.

Às vezes, finjo que esqueci. Mas basta o vento tocar a nuca, e o corpo se lembra.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"

Ele te procura em silêncio, nas frestas, nas horas que demoram a passar.

Há um espaço entre o respirar e o lembrar — e é ali que você vive.

Você deixou algo em mim que o frio não apaga.

Mesmo no silêncio, ainda ouço o som do seu riso, e ele me atravessa como um fogo antigo.

Não é ausência, é presença escondida.

É chama que insiste em arder no meio do inverno.

E eu deixo.

Porque há calores que não se apagam — apenas dormem, à espera de um pensamento para reacender.

Tônia Lavínia



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 01/12/2025"



Imagem de Nêlum por Freepik

Eu te sinto

Eu te sinto

Ainda sinto você antes mesmo de fechar os olhos.

O espaço entre nós é pequeno e infinito ao mesmo tempo.

Seu cheiro, seu toque imaginado — tudo faz meu corpo se lembrar do que a memória insiste em manter aceso.

Cada respiração minha carrega você — não como presença, mas como desejo suspenso, quente, impossível de ignorar.

É fogo que corre pelas veias, chama que dança na pele, e mesmo o silêncio parece me sussurrar seu nome.

Não é apenas falta.

É presença em cada curva do meu corpo, em cada pausa, em cada sombra de lembrança que se recusa a se apagar.

O desejo mora no que não foi, no que fica entre nós, nos segundos que se prolongam, no frio que

aquece por dentro.

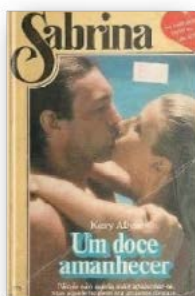
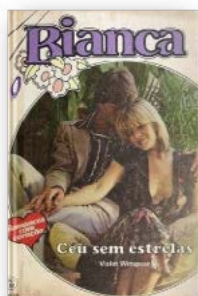
E eu me deixo queimar, lenta, inteira — porque você ainda vive em mim, nas tochas que acendem sem que ninguém veja.

Tônia Lavínia



Imagem de The Yuri por Freepik

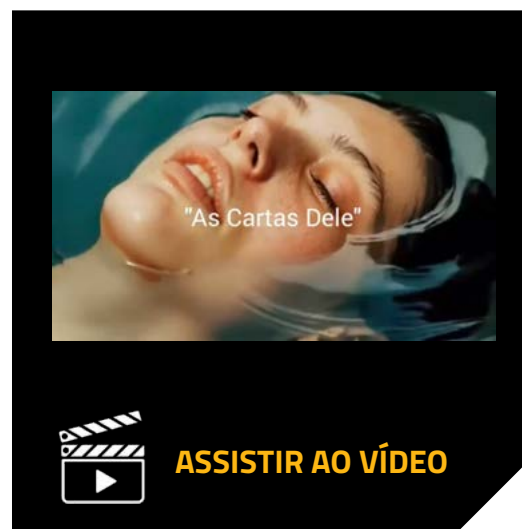
Livros da Série Bianca, Julia e Sabrina:



Vídeo no Youtube:

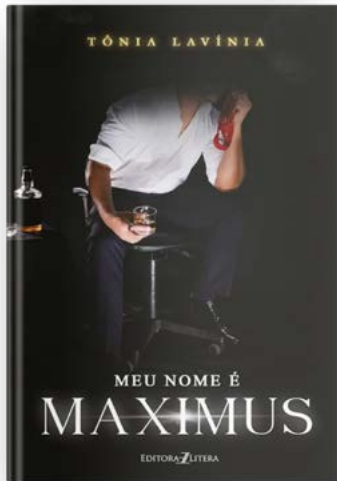
“As Cartas Dele”

por Tônia Lavínia.

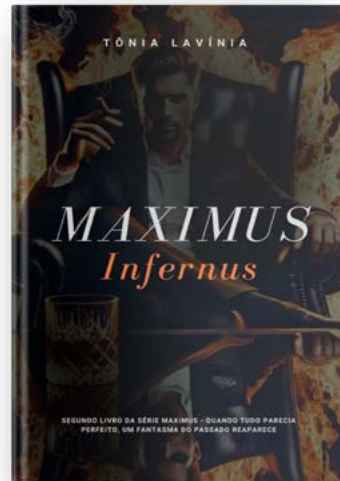


LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



Clique aqui

COLONISTA TÔNIA LAVÍNIA

YOUTUBE

KWAI

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

MEMÓRIA:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"



35ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2026

Uma viagem nos tempos:

"a expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"

**36^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MARÇO & ABRIL DE 2026**

PERÍODO DE 03 DE DEZEMBRO À 31 DE JANEIRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

07



FABIANA FRANCISCO



Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira". Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins..."

O que é um miniconto?

Um miniconto é uma narrativa extremamente breve, geralmente entre 300 caracteres às vezes até menos, que apresenta ao leitor uma situação, conflito ou revelação com economia de linguagem, sugerindo mais do que diz explicitamente.

O miniconto é uma forma narrativa ultracurta, que concentra o poder do texto no essencial: uma ideia, uma imagem, uma sensação

ou uma reviravolta. Diferentemente de um conto tradicional, ele não explica muito, sugere, insinua, provoca o leitor a preencher as lacunas.

Como colunista da The Bard, convido novas vozes para a coluna "Nem te conto" um espaço para minicontos arrebatadores, inesperados, poéticos ou brutais. Se sua escrita pulsa em poucas linhas e deixa ecos na mente do leitor, queremos você.

Características principais do miniconto:

- **Brevidade extrema:** às vezes uma frase já basta.
- **Economia de palavras:** tudo o que não é vital é cortado.
- **Implicitude:** aquilo que não é dito também conta.
- **Impacto:** um soco suave (ou não tão suave) no leitor.
- **Minimalismo narrativo:** foco em um momento, uma revelação, uma virada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/12/2025"

O que um bom miniconto faz:

- Deixa algo ecoando depois da leitura;
- Abre espaço para interpretações;
- Joga com a surpresa ou com a sugestão;
- Permite ao leitor participar ativamente da criação de sentido.

Exemplo famoso de referência estética:

Um dos mais icônicos é atribuído a Hemingway:

“Vende-se: sapatos de bebê, nunca usados.”

Ele é poderoso não pelo que diz, mas pelo que faz o leitor imaginar.

Dica de ouro para quem quer escrever minicontos:

Pense não em narrar uma história inteira, mas em recordar um instante significativo, como se fosse o frame mais intenso de um filme.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/12/2025"

Exemplos de gêneros para minicontos:

1. Fantasia: criaturas, magia, mundos imaginários.
2. Realismo psicológico: emoções internas, conflitos subjetivos.
3. Terror: o estranhamento, o medo, o inquietante.
4. Romance / drama amoroso: afetos, encontros, perdas.
5. Ficção científica: futuro, tecnologia, distopia.

Entre outros...



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/12/2025"

Microcontos



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/12/2025"

1. Fantasia

Espelhos do destino

Quando a feiticeira quebrou o espelho proibido, não viu seu reflexo — viu centenas. Todas eram ela, mas em vidas que jamais vivera. Sorriu. Escolheu a mais perigosa e atravessou o vidro.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/12/2025"



2. Realismo psicológico

Silêncio interno

Ele abriu a porta de casa e percebeu que ninguém o esperava. O silêncio o recebeu como um cão fiel. “Enfim”, pensou. Agora poderia ser quem era — ou talvez nunca descobrir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/12/2025"

3. Terror

Ecos do além

A criança ouviu alguém chamando seu nome no quarto vazio. Respondeu baixinho, e a voz respondeu de volta. Pela primeira vez, ela percebeu: era sua própria voz... mas anos mais velha.

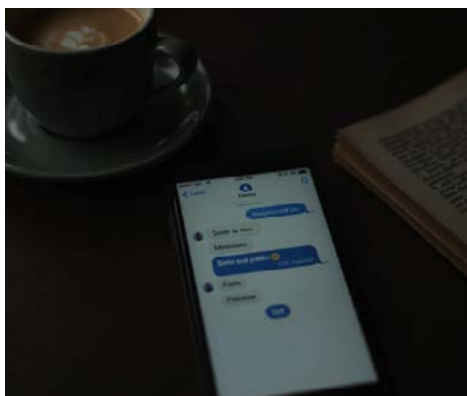


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/12/2025"

4. Romance / drama amoroso

Mensagens não enviadas

Ela escreveu: "Sinto sua falta." Ele digitou: "Também." Nenhum enviou. O amor deles durou inteiro entre mensagens não lidas e palavras que jamais chegaram.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/12/2025"

5. Ficção científica

Memória a venda

No futuro, memórias eram mercadoria. Ele vendeu as suas para pagar o aluguel. Quando recebeu o dinheiro, já não sabia para quê, nem quem era.

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Contadores de



01



FAGNER LIMA



Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil — sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa. Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.

Em 2008 foi criado pelo jornalista Fagner Lima o projeto “Turma do Faguinho”. Composto por quatro CDs lançados entre 2009 e 2022. Além dos produtos audiovisuais, o grupo roda por cidades da Região Metropolitana do Recife e outras regiões de Pernambuco em apresentações ao vivo.



Imagem de arquivo pessoal - Fagner Lima



Há mais de uma década, o grupo acumula centenas de apresentações, milhares de visualizações em canais como “YouTube” e “Instagram” e centenas de CDs vendidos, além de três indicações na categoria infantil do Prêmio da Música Pernambucana, promovido pela Associação dos Cantores e Intérpretes de Pernambuco, a Acinpe, nas edições de 2019 e 2022.

Em 2019, a “Turma do Faguinho” investiu pesado nas redes sociais, através de sua página no Instagram. Com o intuito de turbinar o canal de comunicação, foram produzidos vídeos musicais voltados para as crianças de 0 a 5 anos. Os clipes trazem uma compilação das canções gravadas pelo grupo com mensagens de respeito, religiosidade e educativas.



Imagem de arquivo pessoal - Fagner Lima

Com a repercussão positiva da exibição no YouTube, a “Turma” produziu um novo projeto no final de 2019, reunindo os videocliques das canções. Em 2020, o trabalho foi lançado em formato físico (CD e DVD). Os produtos foram comercializados nos eventos que contam com a presença de Fagner Lima e os personagens Faguinho e Tigre Camarada.

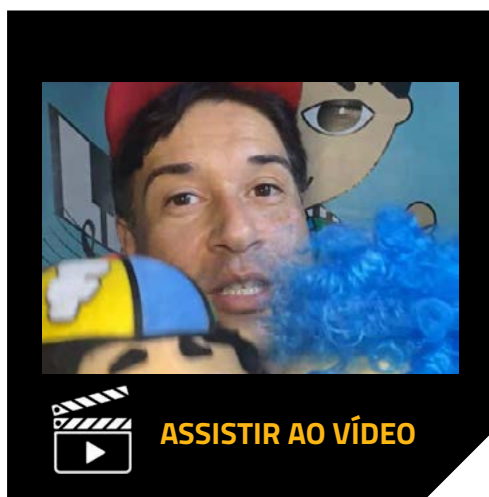
No quarto trimestre de 2022, a “Turma do Faguinho” voltou a lançar um novo trabalho. O terceiro álbum de inéditas chegou as principais plataformas digitais contendo cinco músicas. “Dança do João Bobo”, “Eu sou especial para Deus”, “Sim ou não”, “Deus é bom” e “Calendário” seguem a risca a receita de sucesso do projeto, unindo letras simples e mensagens positivas.

Em 2024, Fagner Lima continua colecionando frutos do seu trabalho. Além de receber o terceiro prêmio consecutivo como melhor animador da cidade de Jaboatão dos Guararapes, eleito por votação popular nas redes sociais, ele acaba de lançar seu quarto álbum de música inéditas, intitulado “Festa”, que traz canções que celebram datas comemorativas como Natal, São João e aniversário. O audiovisual de seis faixas ainda brinca com as cores, fala de educação e coloca todo mundo para “Tirar o pé do chão”. O novo trabalho já acumula milhares de audições nas plataformas digitais.



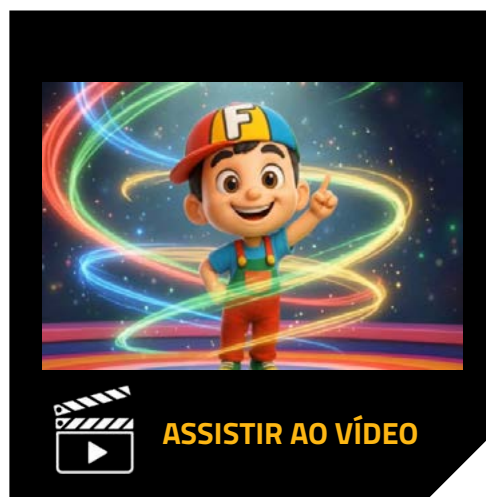
Imagem de arquivo pessoal - Fagner Lima

"A TARTARUGA E A LEBRE"



ASSISTIR AO VÍDEO

"CORES DO CORAÇÃO"



ASSISTIR AO VÍDEO

INSTAGRAM

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



JAYSA RIBEIRO – A EDUCADORA QUE TRANSFORMA VIDAS ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS

Pedagoga formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e especialista em Gestão Escolar, Educação Infantil, Educação Especial e Inclusiva e Supervisão Pedagógica. Atualmente, é mestrande em Ciências da Edu-

cação pela Christian Business School.

Professora, escritora e contadora de histórias, dedica sua trajetória à promoção da leitura, da inclusão e do encantamento no universo infantil.



JAYSA RIBEIRO

Professora, escritora e contadora de histórias

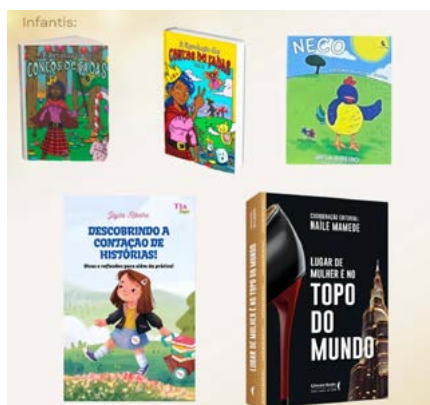


Imagem de arquivo pessoal - Jaysa Ribeiro

Autora dos livros:

- Neco, a história de um galo cantor
- Luna, uma fada diferente
- Luna no baile real
- O casamento de Zé Medroso e Severina

Autora dos eBooks:

- A Magia da Leitura
- Descobrimos a Contação de Histórias

É também coautora do best-seller internacional “Lugar de Mulher é no Topo do Mundo”, lançado em Dubai e Nova York.

Com sensibilidade e dedicação, Jaysa Ribeiro transformou o amor pela educação em um caminho de inspiração. Com mais de duas décadas de atuação na área, ela é exemplo de profissional que une conhecimento, empatia e criatividade, promovendo o aprendizado por meio das histórias que encantam e educam.

Nesta edição da coluna “Contadores de Histórias”, Jaysa compartilha sua trajetória e fala sobre o poder transformador das narrativas na vida de crianças, famílias e educadores.

“A contação de histórias é, para mim, linguagem, afeto e transformação. É o lugar onde ensino, aprendo e me reencontro com a minha própria essência.”

Jaysa Ribeiro



IMAGEM GERADA POR IA. "Imagens SÉRIAS" sob a direção de JB Wolf. Criada em 03/01/2026



Imagem de arquivo pessoal - Jaysa Ribeiro

Paralelamente, também atuou na rede estadual, ministrando aulas no curso de Magistério e desempenhando funções técnico-pedagógicas.

Em 2012, Jaysa foi aprovada no mestrado em Educação pela UFPE, decisão que marcou uma nova etapa de sua carreira, voltada à pesquisa e à formação de novos educadores.

Dedicada à educação há mais de duas décadas, Jaysa Ribeiro construiu uma trajetória marcada pela paixão pelo ensino, pela leitura e pela arte de contar histórias.

Pedagoga formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ela iniciou sua caminhada em 1999, quando ingressou no curso de Magistério na Escola Estadual Marcelino Champagnat. Foi

nesse período que descobriu sua verdadeira vocação: ser professora.

Em 2001, começou a atuar na rede privada de ensino, no município de Moreno (PE), e, a partir de então, não parou mais. Em 2005, retornou ao Colégio Disneylândia, onde estudou por doze anos, iniciando como auxiliar da Educação Infantil e, posteriormente, assumindo a coordenação escolar.



Imagem de Wavebreak Media por Freepik

Alguns anos depois, conquistou aprovação nos concursos públicos de Jaboatão dos Guararapes (2015) e Pombos (2018), conciliando as duas redes até 2023.

Atualmente, realiza um sonho profissional ao atuar exclusivamente em Jaboatão, onde é professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e secretária escolar.

A contação de histórias surgiu em sua vida durante a pandemia, em 2020, quando descobriu uma nova forma de comunicar e encantar.

“Encontrei na literatura infantil uma maneira de ampliar meu trabalho como educadora, dando vida a histórias que inspiram e celebram o poder da imaginação”, afirma.



Imagem de arquivo pessoal - Jaysa Ribeiro



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/01/2026"



Imagem de arquivo pessoal - Jaysa Ribeiro



Imagem de arquivo pessoal - Jaysa Ribeiro

Para Jaysa, ser contadora de histórias é tocar vidas. Ela vê na narrativa oral um elo entre gerações e um instrumento de transformação. “Me sinto uma professora que busca educar sem parecer aula, curar sem precisar de remédio e tocar corações sem precisar tocar nas pessoas”, destaca.

Entre os desafios de produzir conteúdo infantil nos dias atuais, ela aponta o impacto das telas e o imediatismo das novas gerações. Mesmo assim, acredita que o contador de histórias do futuro será aquele que conseguirá unir tradição e tecnologia, mantendo

viva a essência da contação.

Mais do que uma educadora, Jaysa Ribeiro é uma multiplicadora de sonhos. Em suas histórias, crianças aprendem que são capazes de transformar o mundo ao seu redor, e professores re encontram o sentido da missão de ensinar. “O que mais desejo é que cada criança acredite no seu próprio poder”, resume.

Com um olhar sensível e uma trajetória inspiradora, Jaysa reafirma o valor da leitura, da imaginação e do afeto como caminhos de transformação — dentro e fora da sala de aula.

Vídeos no Youtube:

"DONA CORUJA SABIDA"



"A LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA"



"A HISTÓRIA DE URIEL"



"QUAL O SABOR DA LUA?"



INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





01



RUTE ELLA DOMINICI



Escritora, ensaísta, poeta e pensadora, dr.h.c. em Literatura Francesa, fez da palavra um ofício de resistência e autopoiese. Já compôs poemas gastronômicos em cardápios, letras para melodias clássicas e sacras, além de colunas culturais em jornais e academias. Sua trajetória passa por antologias no Brasil, Portugal e Genebra, e foi voz de liderança feminina em eventos literários. Recebeu o Prêmio Selo Off Flip em Conto (2025). Autora de *Mar Germinal* e *Lava Incontida*, transforma a literatura em convite ao autoconhecimento e à alma em perspectiva, conquistando leitores que buscam uma voz autêntica e inspiradora.

ALTER EGO E ARQUÉTIPO FEMININO



IMAGEM GERADA POR IA "usando SIAART-AI, sob a direção de JB Wolf, Criada em 03/01/2025"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SIAART-AI, sob a direção de JB Wolf, Criada em 03/01/2025"

Sinopse do Ensaio – "Alter Ego e Arquétipo Feminino"

Este ensaio explora a alma feminina, revelando como arquétipo e alter ego se manifestam na literatura através de Emma Bovary, Ângela

Pralini e Macabéa, além da jovem de *O Aman-te*. Ao analisar desejo, lucidez e corporeidade, mostra como a mulher cria, reflete e transforma experiências em expressão artística. Em diálogo entre literatura francesa e brasileira, revela como o feminino atravessa tempo e espaço, unindo consciência, emoção e criatividade.

Na coluna de Alma em Perspectiva, o leitor encontrará reflexões poéticas e ensaísticas sobre a alma contemporânea — seus silêncios, paradoxos e renascimentos. Sugere um diálogo entre literatura, psicanálise, filosofia e pensamento, aproximando a arte da vida cotidiana. Entre caos e resiliência, a escrita se torna instrumento de transmutação, onde o sensível e o racional dançam em torno do ser em mutação, revelando a beleza contida na vulnerabilidade e na consciência.



Emma Bovary e a Ilusão como Espelho

Emma Bovary nasce da insatisfação. Em *Madame Bovary*, Flaubert cria o retrato de uma mulher que busca no amor o que o mundo não lhe permite ser. Sua paixão por ideais românticos é, antes de tudo, uma ânsia de transcendência — um desejo de viver além das bordas do cotidiano.

Emma reflete o arquétipo da mulher sonhadora, aprisionada pela estética do desejo. Seu alter ego é o próprio romance que a consome: ela quer ser personagem da vida que lê.

O espelho de Emma é o olhar alheio — o olhar masculino, social, moral. A tragédia surge quando ela confunde a imagem com a essência. Sua queda é simbólica: o veneno que ingere é o mesmo ideal que a alimentava.

Flaubert, sem saber, escreveu o primeiro manifesto da alma feminina moderna — fragmentada entre o real e o sonhado, entre o querer ser e o dever ser.

Ângela Pralini: O Sopro e a Consciência

Em *Um Sopro de Vida*, Clarice Lispector cria Ângela Pralini como extensão e espelho do próprio ato de escrever. Ângela é a mulher que nasce da palavra, da respiração da autora. É o ser que se faz e desfaz na consciência — o arquétipo da criação e do despojamento.



Introdução: Entre o Sopro e o Espelho

Entre o sopro e o espelho, a mulher se reconhece naquilo que o reflexo não diz. A literatura torna-se o território onde o invisível da alma ganha corpo. Em cada autora e personagem feminina, um gesto de recriação: o silêncio que se converte em voz, a ausência que se faz presença.

O espelho, símbolo de consciência e vaidade, é também o abismo da identidade. A mulher que se vê refletida nas páginas de Flaubert, Lispector ou Duras não é apenas personagem — é arquétipo e alter ego, projeção e matéria de si mesma.

A escrita feminina, nesse sentido, é um ato de libertação espiritual: ela desvela o ser escondido entre o desejo e o verbo, entre o corpo e o espírito.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de JB Wolf, Criada em 03/01/2026"

Clarice rompe com a forma e expõe o invisível. O corpo e a mente de Ângela se tornam metáforas da alma em processo de revelação. Ela não quer ser compreendida, quer existir.

Em Ângela, a mulher se torna verbo e respiração — consciência em estado de revelação.

Ângela, Emma e Macabéa são faces do mesmo espelho simbólico onde Sophia Poët também se reflete — cada uma, à sua maneira, projetando o arquétipo da mulher que se escreve para existir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/01/2026"

Macabéa e o Silêncio da Existência

Macabéa, de A Hora da Estrela, representa o extremo oposto de Emma: a mulher sem espelho. Ignorada pelo mundo e por si mesma, vive na pobreza e na inocência de quem nunca soube desejar.

Seu arquétipo é o da pureza desamparada — a alma que existe sem voz, sem glamour, sem narrativa própria. Clarice a coloca sob a narração masculina de Rodrigo S.M., denunciando

a condição da mulher silenciada.

Mas é justamente no silêncio que Macabéa transcende. Ao morrer, ela se torna estrela: a luz que se acende quando tudo parece apagado.

Em sua humildade e anonimato, ela alcança o que Emma buscava — uma forma de eternidade. A tragédia de Macabéa é sagrada, porque revela o poder do invisível.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/01/2026"

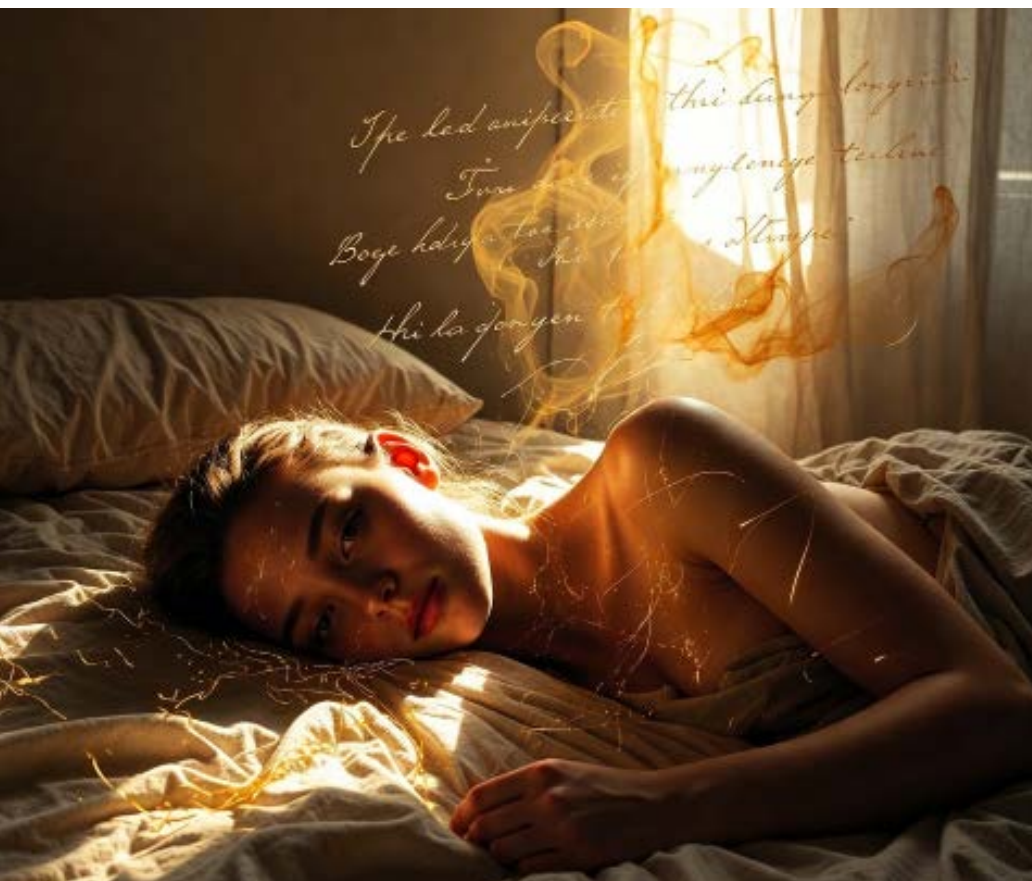


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/01/2026"

Convergências e Paradoxos Femininos

De Emma a Ângela, de Macabéa à jovem de O Amante, o feminino percorre uma espiral entre corpo e espírito, desejo e lucidez. A jovem de Duras carrega o erotismo como iniciação — não o pecado, mas o despertar da consciência através do corpo.

Em todas elas, há uma busca por se tornar linguagem. O feminino é o que se escreve para existir.

O espelho torna-se metáfora do inconsciente — o lugar onde o eu se reconhece no outro. A mulher é o próprio espelho, não o reflexo.

“ O espelho é a metáfora perfeita para a busca feminina: um reflexo do inconsciente, onde o eu se reconhece no outro.

Nessa tessitura simbólica, surge a mulher contemporânea: múltipla, resiliente, em trânsito entre a razão e o sentimento.

As personagens aqui delineadas são espelhos da alma feminina: fragmentos de um mesmo rosto que se reflete e se interroga. Cada uma fala de um arquétipo — a mulher que cria, a que se sublima, a que acolhe a sombra e a que dança entre o delírio e a lucidez.

Elas se entrelaçam na tessitura simbólica do texto, onde a autora se vê refletida em sua persona poética, e o heterônimo surge como extensão da consciência feminina em estado de vigília.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/01/2026"

A Mulher Contemporânea: Sophia Poët e o Arquétipo do Ser em Mutação

Sophia Poët representa a mulher madura das metrópoles — artista, pensadora, espiritual e consciente da própria complexidade.

Seu arquétipo é o da sacerdotisa urbana: aquela que concilia esperança e criação, introspecção e presença, transmutando dor em sabedoria.

Em Sophia, a literatura é refúgio e espelho; o alter ego é a própria busca do equilíbrio entre o humano e o divino.

Ela sintetiza as vozes de Emma, Ângela e Macabéa, convertendo suas dores em luz. A mulher de hoje carrega nelas o espelho e o sopro — a memória do silêncio e o desejo da fala.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/01/2026"



Sophia Poët é o espelho curado de Emma Bovary e o sopro consciente de Ângela Pralini.

De Emma herda o desejo de transcendência, de Ângela, o verbo que se entrega e assim Sophia, equilibrada já não é personagem, e sim autora da própria alma.

Assim, a escrita feminina continua sendo um ato de esperança: uma travessia onde o verbo cura, o sentir liberta e o espelho revela a alma que nunca deixou de criar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEANART-AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/01/2026"

INTENSIDADE DO SER

ERUPÇÕES

Ainda há lava dentro de mim,
fermentando silêncio, desejo e memória.
O chão treme sob o peso das lembranças,
e o céu se inflama em nuvens rubras.

Cada suspiro é magma que se move,
cada lágrima é rio de fogo e água.
O corpo inteiro é cratera aberta
onde o tempo se dobra, incerto
e impetuoso.

Não há repouso para a vida —
a erupção continua, invisível e viva,
nas veias do humano, na alma do mundo,
em todas as manhãs que ainda
não nasceram.

E assim sigo,
entre cinzas e brasas,
esperando o próximo vulcão,
a próxima lava,
o próximo instante de fogo
que me recria.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/01/2026"

Fechamento e Poema

Entre a lava e o mar, a palavra se
faz ponte.

A mulher escreve, e o espírito
humano floresce através dela.

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA RUTE ELLA DOMINICI

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





01



RENATO MOTA



Desenhista. Autor de ficção de fantasia. Desenvolvedor de jogos para computador e consoles. Produtor de universos fantásticos e surreais, com caminhos para todos os afetos em interseções com nossa realidade. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Design Gráfico pela Uninter. Coursou Psicanálise pela Associação Psicanalítica do Brasil. Na The Bard é colunista de Desvendando a fantasia. Conheça mais do trabalho do artista em @ren_arrais - linktr.ee/rmaljogos

O Cristal Encantado e as camadas da fantasia

Fantasia é um termo ligado a criações de imagens mentais e narrativas com elementos mágicos ou surpreendentes, inclusive, o termo a fantasia se refere à condição de incapacidade total ou parcial de criar imagens mentais, sejam elas de ordem surreal ou não. Desde pinturas rupestres antigas até as mais modernas obras cinematográficas, seguimos, como humanos, fantasiando, contando histórias e aumentando um ponto a cada vez que contamos um conto. O encantamento nos ajuda a abrir nossos horizontes de imaginação e assim, ousamos criar o não existente, tornando o impossível possível. Contemos, recontemos e encantemos!

Então, hoje, trago aqui algumas linhas sobre um título que me encanta. “O Cristal Encantado”. Tanto o filme de 1982 quanto a série que saiu na Netflix trazem um mundo inteiro de criaturas maravilhosas como gigantes de pedra, construídos para armazenar mensagens, seres vindos das estrelas, enormes araias voadoras, aranhas telepáticas e tecnologias que, de tão incomuns, parecem mágicas (e, às vezes, são) mesmo aos olhos dos habitantes daquele mundo distante. Thra, o planeta em que se passa a história de “O Cristal Encantado” é o lar de belas histórias dentro de outras igualmente belas, com muitas camadas de entendimento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArt.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

Sobre fantasia

De uma forma geral, numa obra artística, seja da natureza que for, chamamos de fantástico aquilo que nos faz experimentar o estranhamento. O texto fantástico nos mostra possibilidades fora da nossa compreensão, obrigando-nos a expandir nossos horizontes de imaginação, como nos mundos de Narnia (C.S. Lewis) e na Terra Média (J. R. R. Tolkien), por exemplo. Ou admitir que possa existir algo muito maior do que possamos imaginar como nos contos de terror cósmico de H. P.

Love Craft, na ficção científica e nas histórias sobrenaturais.

Segundo David Roas (2014), a expressão artística, dentro da categoria “fantástico”, nos questiona os limites da realidade e o que entendemos como lógica, mostrando que pode haver universos inteiros de verdades desconhecidas que muitas vezes são ameaçadoras e incompreensíveis, e que jamais poderemos entender e menos ainda controlar ou nos defender delas.

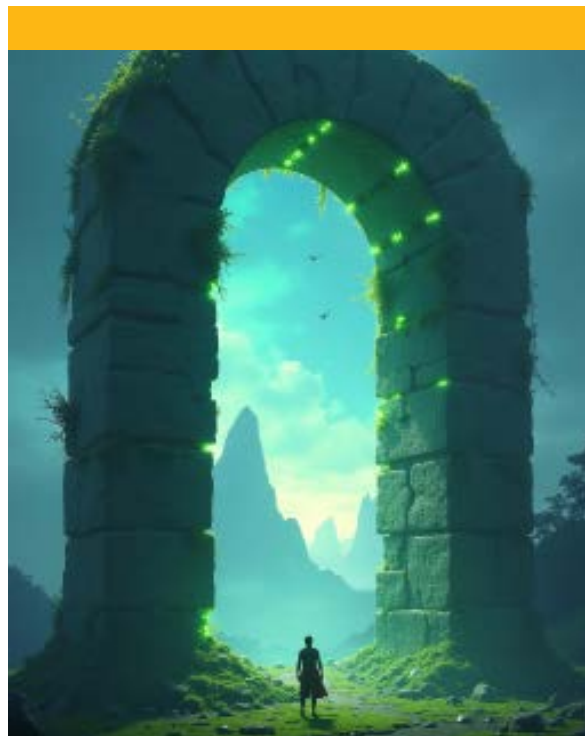


IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

O fantástico vai, assim, abranger uma enorme quantidade de estilos e subgêneros, como sobrenatural, terror cósmico, ficção científica, espada e magia. A fantasia é um desses braços do fantástico, mas muitas vezes acaba sendo desafiador separar exatamente cada uma dessas categorias. Colocar, por exemplo, “Willow na Terra da Magia” (1988, dirigido por Ron Howard) na mesma prateleira de “Conan, o Bárbaro” (1982, dirigido por John Milius) pode ser complicado, mas há quem classifique os dois como espada e magia, sendo que o primeiro pode também receber a marcação de fantasia, e o segundo, muito dificilmente, poderia ser classificado como tal.

A palavra fantasia é, desde Platão, ligada à criação mental, usada no sentido de “aparição”. Para Aristóteles, é uma faculdade ou habilidade que abrange a sensação e o pensamento para criar representações. Já para a psicanálise freudiana, fantasia é uma forma de realidade psíquica ou mundinho particular, que serve como mecanismo de defesa diante de uma realidade difícil de encarar ou mesmo como forma de combinar e recombinar elementos simples para se chegar a novas formas de resolver problemas. De uma forma geral, trata-se de imaginação em ação.

A fantasia como forma de expressão literária e audiovisual é muito comumente ligada à fuga da realidade (vide “Alice no País das Maravilhas”), atribuída ao público infantil e, como se fosse uma coisa ruim, relegada à pura inutilidade, por tratar de coisas que não existem na realidade compartilhada pela maioria das mentes humanas.

Quando falo sobre “realidade compartilhada pela maioria das mentes humanas”, sinto que preciso dar um pouco mais de explicação. Ainda dentro do que diz David Roas (2014), a realidade é basicamente inalcançável e temos consciência apenas do que entendemos do mundo. Assim acrescento que, se (e somente se) existe realmente um mundo compartilhado, não necessariamente as pessoas o entendem da mesma forma.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

Um amigo que encontrei: falando de fantasia - VEJA UM TÍTULO QUE CONECTE A FANTASIA

Conversa sobre seres fantásticos com um amigo que encontrei

Há uns meses, lá na Bienal do Rio, conheci um rapaz chamado Mogüe, escritor e desenhista. O livro que comprei a ele era sobre um camaleão que contava histórias de um lugar chamado Lá Longe (Contos de Lá Longe, Mogüe, 1Quital, 2025). Minha conversa com ele pode soar meio estranha para algumas pessoas, então, deixo claro que tanto eu, quanto meu novo amigo somos autistas. Folheando algumas páginas e olhando as ilustrações, questionei-o: “- Por que há tão poucos personagens humanos em suas histórias?” A resposta dele foi formidável: “- Já tem humanos em todo lugar. Por que eu desenharia mais?”

Para ele, a escrita e o desenho eram formas de fugir das dores da realidade, e levar um pouco dessa fuga para quem precisasse, e eu concordo que as funções da fantasia na literatura incluem a fuga da realidade e a apreciação estética. O gosto pela leitura passa, quase inevitavelmente, por essa apreciação, afinal, você não vai trazer um atlas de anatomia humana para crianças que começaram a sole-

trar tomarem gosto pela leitura, bem como não vai trazer histórias de terror com cabeças rolando, para crianças de oito anos. Ou pelo menos, suponho que não na maioria dos casos. Então, a leitura dita “útil” (a exemplo de geografia, matemática e biologia) deveria vir depois de se formar o leitor fluente. Assim acrescento que essa inutilidade da fantasia só vai até a página dois e é, na verdade, bem útil.

Em contos de fadas, livros infantis ou mesmo quando crianças começam a escrever e contar histórias inventadas por elas mesmas, mesmo quando começam com “era uma vez” e terminam com “e foram felizes para sempre”, (e mesmo que estas sentenças não tenham nada a ver com o que está escrito entre elas) costumam aparecer questões do cotidiano, como problemas de família, medos e ansiedades. Essa seria mais uma utilidade para a inutilidade da fantasia: pensar sobre assuntos difíceis, como quem treina para lidar com as situações reais.



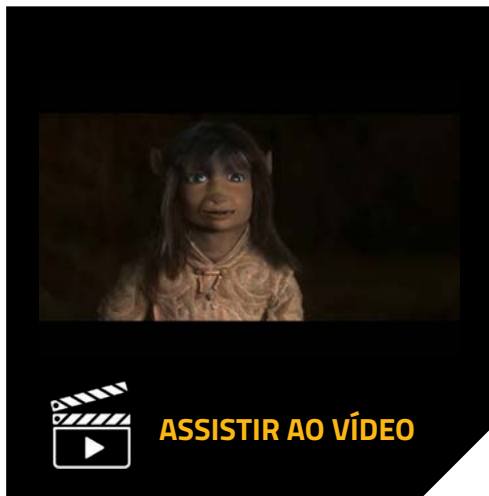
IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

É aqui que entra o texto que trago. Uma das produções mais inutilmente úteis que já vi na vida chama-se “O Cristal Encantado” (ou “The Dark Crystal” no original).



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

"THE DARK CRYSTAL"



O cristal encantado

Falar dessa produção me pareceu uma tarefa particularmente desafiadora, começando pela classificação. “O Cristal Encantado” pode ser enquadrado como uma aventura de fantasia sombria, mas alguns elementos da obra podem complicar essa classificação, pois tem criaturas vindas de outro mundo (sendo que a história já se passa em outro mundo) e outros elementos de ficção científica. O filme foi dirigido por Jim Henson e Frank Oz, produzido pela ITC Entertainment e Henson Associates, e distribuído pela Universal Pictures. A história se passa em um

mundo chamado Thra, cheio de seres estranhos como aranhas gigantes, cogumelos carnívoros e povos (representados com bonecos fofinhos) como os gelflings, os podlings e outros não tão fofos, como os skeksis. Nesse mundo, os gelflings estão em extinção, pois foram predados pelos skeksis. No filme, um gelfling chamado Jen tem a missão de restaurar o cristal encantado e assim, devolver a ordem e o bom funcionamento ao mundo de Thra. Como o filme de 1982 começa no meio da coisa, considero importante um pouco de contexto.

História de Thra

A primeira forma de vida que observou o mundo e pensou sobre ele foi Aughra, criada pelo Cristal e nascida da terra, para “dar olhos” à natureza. Como um anjo ou um deus destinado a uma função específica, Aughra nasceu sabendo quem era. Os gelflings, uma raça cujos povos povoaram grandes áreas do mundo, tinham a habilidade de compartilhar sonhos e informações com um toque de mãos e ensinaram essa habilidade a Aughra.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

Por partenogênese, ou seja, lá que outro processo, Aughra teve um filho chamado Raunip. Algum tempo depois, ocorreu uma grande conjunção de estrelas, o que deveria dar mais poder ao Cristal que alimenta Thra e, nessa ocasião, chegaram os seres das estrelas, chamados urSkeks. O brilho dos visitantes cegou Aughra, mas eles a curam e a ensinam a olhar para as estrelas, dando-lhe um magnífico observatório de onde ela consegue ver os confins do universo.

Os urSkeks são mostrados como uma representação da sabedoria e da busca pelo conhecimento, mas não da perfeição plena. Eles cantam canções e com isso erguem castelos, cidades e fortalezas imponentes em torno do Cristal e ensinam os gelflings, podlings e outras raças a prosperar. Raunip, filho de Aughra, tem suspeitas sobre os urSkeks, afinal, o que seres tão avançados queriam com o mundo de Thra ou com o Cristal?



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

Depois de mais um tempo, houve uma nova grande conjunção de estrelas e, na presença do Cristal, cada um dos urSkeks se partiu em duas metades: um urRu e um skeksis, aparentemente sem memórias e mantendo-se, até certo ponto, interligados, de modo que, se um morre, a contraparte também se desfaz.



Os urRu de forma geral, eram mansos e gentis, já os skeksis eram agressivos, egoístas e gulosos. Em pouco tempo, os urRu foram morar em um vale distante de onde estava o Cristal e os Skeksis ficaram estudando a fonte da vida de Thra e consumindo a natureza, sem nenhum senso de preservação. Uma pequena e bela alfinetada útil, deixada no meio da "inutilidade" fantasiosa da obra, nos lembrando da nossa própria situação, não é? Gente de fora, que vem trazendo civilização e cibilização para um povo supostamente bárbaro e acaba devastando os recursos naturais da região.

Achando pouco, os skeksis, com suas experiências e estudos, danificaram o Cristal e a natureza do mundo começou definhando. Doenças estranhas apareceram, animais enlouqueceram

e pragas devoraram colheitas. Das experiências com o Cristal, os skeksis aprendem a extrair energia e a manter a própria vitalidade, mas tudo isso tem um custo: eles passaram a apodrecer aos poucos e em breve morreriam. Nesse ponto, os skeksis desenvolveram uma forma de transformar os gelflings em uma espécie de remédio que os revigora, cura feridas e interrompe o processo de apodrecimento, e mais uma vez, os skeksis agem como se os recursos naturais fossem inesgotáveis, deixando os gelflings à beira da extinção, escravizando os podlings e outras espécies, inclusive, criando uma espécie nova, destinada à escravidão, feita a partir dos restos de aranhas gigantes e trazidos a vida pela energia do Cristal: os garthim. Eles não sentem medo, dor ou remorso e são grandes, fortes e cascos.



Aqui começa a aventura de Jen e Kira

Um gelfling sobrevivente, chamado Jen, é criado pelos urRu e recebe deles um pingente. É o fragmento do Cristal danificado. Jen tem a missão de viajar com os urRu até a fortaleza criada em torno do Cristal que alimenta Thra para restaurar o equilíbrio natural do planeta.

Jen e os urRu vão em direção à fortaleza, mas se separam quando são interceptados pelos garthim. Jen é ajudado por Aughra, que é levada por engano pelos garthim. Jen segue seu caminho e é salvo por Kira, uma jovem Gelfling, também sobrevivente, que foi criada pelos podlings.

Os dois gelflings seguem caminho juntos e entram na fortaleza dos skeksis. Um dos skeksis tenta usar Kira para fazer a “essência de gelfling”, mas algo dá errado com a máquina. Kira mata o seu carrasco skeksis, o que também provoca a morte de um urRu. Depois de muita luta, Kira e Jen colocam no lugar o fragmento do Cristal, restaurando-o e causando uma grande emissão de luz e energia. Ao mesmo tempo, os urRu chegaram à fortaleza dos skeksis, e a energia liberada com a restauração do Cristal reúne os skeksis e os urRu em suas formas originais, os urSkeks.

Nesse conflito, Kira é mortalmente ferida, mas os urSkeks restauram sua vida. Agora, o mundo de Thra irá aos poucos se restaurar e os urSkeks retornaram para as estrelas, ou vão para sabe-se lá onde eles queiram bagunçar mais.

No site oficial de “O Cristal Encantado” ainda há mais informações sobre o que aconteceu em Thra, depois que o cristal foi restaurado, como outras disputas, conflitos e mais um retorno, com uma nova ruptura do cristal, iniciando mais um ciclo de buscas sabe-se lá quantos anos depois da bagunça feita pelos urSkeks.

IMAGEM GERADA POR IA “usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026”



Como se fosse pouco o que é simplesmente bonito, ou, para além da página dois

Nessa obra, não se vê a pura fuga da realidade, como um olhar desatento pode acusar. Existem formas mais simples de alcançar essas fugas, com uso de substâncias, que, definitivamente, não é recomendado. Vejamos algumas camadas de encantamento e fantasia na obra audiovisual.

A princípio, a beleza: bonecos esculpidos em argila ou plastilina, depois usados para criar moldes e finalmente, refeitos em silicone ou outro tipo de borracha, com inserção de pelos, escamas e pinturas no acabamento, manipulados como robôs por controle remoto ou por manipulação direta, com desenhos surreais em cenários criados com igual esmero e a imaginação de todo um eco-sistema...

Sim, é bonito mesmo. E como disse meu amigo Mogüe, “já tem humanos em todo lugar.” Numa obra como “O Cristal Encantado”, ou em outras obras de fantasia como os livros de Tolkien, o conceito de humano, no sentido de gente, se expande, incluindo as chamadas “raças”, como elfos, anões, gelflings e podlings. Vai haver quem considere a ideia de raças como uma forma de excluir grupos de pessoas, de tirá-los da condição humana, justificando o extermínio de povos X ou povos Y, mas há também as obras que colocam esses povos em pé de igualdade, como uma forma ensinar o público a aceitar as diferen-

ças: é o caso de “O Cristal Encantado”.

Não raro na obra aparecem princesas guerreiras e mulheres estudiosas e indomáveis que se negam a ocupar o lugar de donzelas indefesas do tipo que veem o monstro e ficam gritando até serem salvas por algum homem que tem idade de ser pai delas e geralmente é recompensado com beijos. Definitivamente não. Aqui, as garotas pegam espadas, vestem armaduras, controlam as forças da natureza e enfrentam o que vier. Vide os exemplos de Aughra e Kira.

Em “O Cristal Encantado”, temos contato com questões desde as mais filosóficas como o fascínio (ou mesmo terror) com o desconhecido, na forma da chegada dos urSkeks, até as mais cotidianas, como a preservação da natureza, disputas de poder, problemas entre pais e filhos, conflitos entre nações usurpadoras e nações escravizadas. Tais questões são frequentes e aparecem tanto no filme de 1982 quanto na série de 10 capítulos que foi lançada na Netflix (e cancelada, apesar de ter ganhado um Emmy de melhor série infantil em 2020), isso sem falar em livros, histórias em quadrinhos, games e no site deles. O que temos aqui é um mundo complexo, cheio de camadas e em constante crescimento, com metáforas que remetem à realidade de praticamente qualquer sociedade humana.



IMAGEM GERADA POR IA, usando SEARTAI, sob a direção de J.B. Wolff. Criada em 05/01/2025.

Sobre a classificação

Essa parte eu deixei para o final para não interromper o fluxo da narrativa. Temos um mundo fantástico com uma biologia absolutamente distinta da nossa, alimentada por um Cristal que, até agora, os moradores de Thra não sabem se é mágico ou se não tem informação suficiente sobre ele para entendê-lo, com uma realidade invadida pelo inimaginável, aqui apresenta-

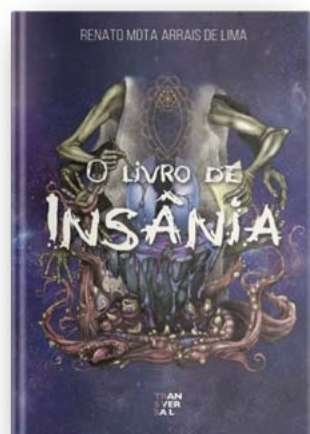
do como os seres estelares urSkeks, o que insere elementos fantásticos ficção científica e terror cósmico ao mostrar os gelflings e outras criaturinhas adoráveis diante de seres tão diferentes e poderosos.

De uma forma geral é a criação de um mundo, desligado do nosso: imaginação ativa; uma fantasia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

LIVRO DO AUTOR



[Clique aqui](#)

COLONISTA RENATO MOTA

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



POST NO SITE





01



NATÁLIA CARMO

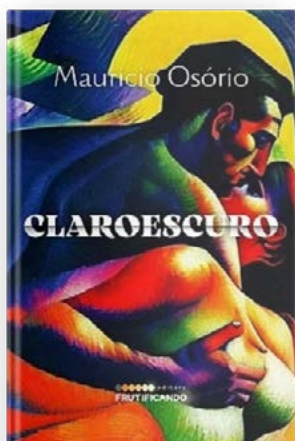


Professora de Língua Portuguesa, escritora e neuropsicopedagoga. Formada em Letras e mestra em Educação, atua no ensino da linguagem, leitura crítica e cultura brasileira. Produz conteúdo sobre literatura e formação de leitores. Entre suas obras destacam-se “O Amor Acaba e Recomeços”, acredita no poder transformador das palavras.



Momento Resenha é uma pausa no tempo: um lugar onde a literatura brasileira encontra leitores curiosos. Em cada edição, mergulho em uma obra para revelar suas camadas, seus silêncios, seus brilhos e

suas sombras. Resenho livros como quem abre janelas, deixando que as palavras ventilem, provoquem e iluminem. Uma coluna para quem acredita que ler é entrar em muitas vidas ao mesmo tempo.



RESENHA CRÍTICA DA OBRA CLAROESCURO DO AUTOR MAURÍCIO OSÓRIO

Em *Claroescuro*, Maurício Osório inaugura sua primeira obra solo entregando ao leitor uma poesia que se constrói, como o próprio título sugere, a partir do diálogo entre luz e sombra, tanto no plano estético quanto no existencial. Inspirado na técnica artística do claro-escuro, utilizada desde o Renascimento para intensificar contras-

tes e revelar volumes por meio da luz, o autor transpõe esse jogo visual para o campo literário, dando forma a um conjunto de poemas que buscam compreender as nuances do ser, as ambivalências do humano e a necessidade quase paradoxal de iluminar para compreender, mas também de obscurecer para sentir.

A obra se abre com uma questão norteadora: “há necessidade da felicidade ser visível aos nossos olhos?”; não apenas como provocação filosófica, mas como fio condutor para o percurso reflexivo proposto. A pergunta posiciona o leitor entre dois polos: o que se mostra e o que

se esconde, o que se sente e o que se representa, o que é essencial e o que é performático. Já neste primeiro gesto, Osório sinaliza sua intenção de não entregar respostas, mas instigar leituras, provocar deslocamentos e acionar a potência interpretativa do leitor.



IMAGEM GERADA POR IA “usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026”



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026”

A obra está dividida em quatro partes, cada uma com identidade própria, mas interligadas por um eixo central: a busca pela compreensão do ser a partir dos ciclos da vida, da morte e da natureza humana. As seções seguem a seguinte organização: na primeira parte o tema da circularidade da existência se apresenta como ponto de partida. Aqui, os poemas funcionam como movimentos iniciais, delineando ritmos, dúvidas e a percepção do todo. Na segunda parte o autor aprofunda a investigação sobre a presença e a ausência, sobre o ser e o não ser. A poesia aqui parece

dialogar com o filosófico, especialmente com a fenomenologia, área de estudo evocada discretamente no posfácio analítico. Na terceira parte talvez a parte mais sensorial, onde os elementos naturais desempenham papel simbólico intenso. É possível perceber soar um sujeito lírico que se experimenta através da água, do vento, da terra e da luz. Na última parte é uma seção mais plural, onde o poeta experimenta tonalidades, formas e ritmos variados, ampliando sua proposta estética e demonstrando maturidade literária.

Essa estrutura não é arbitrária: ela reflete o movimento contínuo do claro e do escuro, do mostrar e velar, do surgir e desaparecer, ciclo que compõe a própria experiência humana e que o autor busca transformar em linguagem.

Um dos aspectos mais fascinantes da obra é o diálogo explícito com o conceito oriental de yin-yang, como aparece em uma das análises internas do livro. O claro-escuro, enquanto técnica visual, se aproxima naturalmente dessa filosofia chinesa que entende os opostos como complementares. Assim como yin e yang, claro e escuro não se

anulam, mas coexistem e se definem mutuamente. Nos poemas, isso se manifesta em versos que tratam a luz como símbolo da revelação e a sombra como símbolo da interioridade, evidenciando que o ser humano se constrói por meio dessa coexistência.

O eu-poético trabalha essas dualidades: vida e morte, presença e vazio, silêncio e som, razão e emoção. Em muitos momentos, o poema parece nascer justamente do atrito entre esses elementos contrastantes, como se a luz apenas se tornasse visível ao tocar a sombra, e vice-versa.

Assim como Caravaggio ou Rembrandt utilizavam o contraste para lançar o olhar do observador a pontos específicos da cena, Maurício Osório faz o mesmo com a palavra: destaca imagens, tensiona emoções e conduz o leitor a zonas de profundidade psicológica. Os versos se iluminam e obscurecem alternadamente, criando uma narrativa poética que é menos linear e mais sensorial, quase tátil.

Há uma estética da sugestão, do gesto interrompido, da luz que nunca revela totalmente aquilo que toca. Essa escolha estilística reforça o caráter reflexivo da obra: não se trata de explicar o mundo, mas de habitá-lo com consciência ampliada.

Osório escreve com elegância, precisão e uma sensibilidade que não dispensa o rigor reflexivo. Seus poemas são acessíveis, mas profundos; sutis, mas intensos. Predominam: metáforas solares e sombrias, movimentos circulares e enunciados introspectivos. O ritmo varia: há poemas breves, quase epigramáticos, e outros mais longos e contemplativos. Essa variação cria uma leitura dinâmica, onde cada poema funciona como um fragmento do todo, retomando a ideia do yin-yang e do claro-escuro como complementares.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

Claroescuro é, acima de tudo, uma obra sobre ver e sentir, sobre aquilo que a luz revela e aquilo que a sombra protege. O contraste não é apenas estético, mas emocional, filosófico e espiritual. Maurício Osório entrega ao leitor uma poesia madura, consciente de suas escolhas e profundamente comprometida com uma reflexão honesta sobre o ser humano.

Não é uma obra para leitura apressada: ela exige pausa, silêncio, contemplação. E, justamente por isso, atinge seu propósito, ilumina e obscurece, conduzindo o leitor a reconhecer que a felicidade, a dor, a lembrança e o desejo raramente se mostram por inteiro. Talvez, como sugere a pergunta inicial, não seja necessário que a felicidade seja sempre visível: às vezes ela reside na penumbra, naquilo que ainda está por vir. Claroescuro é uma experiência literária sensível, pungente e intelectualmente profunda. Uma obra que merece ser lida, relida e sentida em seus múltiplos matizes.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/01/2026"

LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

COLUNISTA NATÁLIA CARMO

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





DAS CULTURAS TRADICIONAIS

01



NAZARETH ARRAIS



Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP) – Cajazeiras, Paraíba - Brasil. Mestra em Letras (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE), certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Semiótica Discursiva e do Conto de Expressão Popular.

Contação de histórias tradicionais populares: no Era uma vez..., a memória cultural inscrita em prosa



*Vamos tomar um café
Ouvir uma história
Na calçada da casa grande
À noite
Quando as estrelas são mais
vivas.*

*Depois falar de sonhos
Do passado,
Do presente
Até chegar o sono
Para nos encontrarmos no sonho.*

Nazareth Lima Arrais, 2011.

O convite poético é uma imersão no encanto provocado pelas lembranças do tempo de infância, quando ouvia do meu pai e do amigo dele, comumente durante as “bocas da noite”, as mais criativas e atraentes histórias. Trata-se, portanto, da poesia que gera em cada ouvinte participante do evento a que chamamos de contação de histórias.

São histórias do povo. A professora Fátima Batista (2021, p. 15) escreve que a palavra “povo é singular, mas o seu conteúdo é plural” porque remete a uma variedade de unidades de significação, às vezes, até contrárias. A pessoa do povo que toma a palavra durante a contação para narrar suas histórias é parte de um grupo heterogêneo de valores culturais vários e, portanto, assim se caracteriza também a contação.

IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026”

A ação de contar é uma constante e uma necessidade humana. Estar vivo já é condição para a existência de narrativas. E nessa ação de contar, a criatividade é sempre um elemento presente porque também é parte da natureza humana, eis porque, no ato de contar, usamos tanto um vocabulário próprio, aprendido ou criado, quanto buscamos estratégias para o contar.

Os momentos de contação de histórias têm palco inicial especialmente no ambiente rural quando as famílias, amigos, amigas, pessoas da comunidade se reuniam para ouvir histórias. Qualquer reunião era, e ainda é, justificativa para o habilidoso contador executar sua performance: durante as plantações, as colhetas e as debulhas, como também em momentos de descanso como referido na epígrafe “Ouvir uma história/Na calçada da casa grande/À noite/Quando as estrelas são mais vivas”, porque é a hora, depois da labuta, de soltar a imaginação e a criatividade.

Nazareth Lima Arrais (2011,

2020) defende que essas narrativas são relatos curtos com poucos personagens e de origem incerta. É difícil e improvável determinar onde se originaram os contos populares, assim como o evento de contação, uma vez que, por sua natureza, faz parte de toda e qualquer civilização.

O fato é que essas histórias são reinventadas e contadas hoje não apenas por contadores do povo, mas contadores também reinventados em academias e outros espaços formais, cujos ouvintes também recebem palco mais sofisticado em relação a um antes. Hoje, vamos conversar um pouco mais sobre a contação de histórias.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"

Linguagem e ideologias em convergência para conseguir adesão do ouvinte

Assentadas nas condições de oralidade em reuniões informais, por exemplo, surgem as narrativas orais de expressão popular, sustentando-se em fatos da vida real em toda sua complexidade, ao mesmo tempo em que nos faz duvidar deles, graças as possibilidades de engendramentos arquitetadas pelo imaginário humano.

Da mesma maneira e pela razão da origem, muitas designações também recebe essa forma

de expressão do povo. O Era uma vez... num reinado muito distante... permeiam as Histórias da Carochinha, Histórias de Trancoso, Histórias da Velha Totonha (que tem até registro de José Lins do Rego com livro de mesmo nome), entre outras categorizações a depender, muitas vezes, de uma figura histórica ou de valor afetivo que caracteriza a contadora ou o contador dessas histórias em uma determinada comunidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"

Durante a contação, a memória é um recurso importante para quem enuncia. Maria de Lourdes Patrini (2005, p. 106) escreve que “A reminiscência é a base da tradição que transmite os eventos de geração a geração”. Os ouvintes das histórias testemunham a construção sonora de “imagens e ideias de sua lembrança” que fluem da voz dos contadores e das contadoras, que usam uma linguagem característica de seu grupo, de acordo com “o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade”. O evento possibilita “partilhar a lembrança das experiências do cotidiano e a sabedoria adquirida ao longo da vida” como forma de cultura manifestada.

Nesse contexto, destacamos o ponto de vista de Néstor Garcia Canclini (1983, p. 29), para quem a palavra cultura veicula a ideia de elaboração de fenômenos que a favoreçam, “pela representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistemas sociais”. Isso significa dizer que cultura se refere a “todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido”. O autor acrescenta ainda que a concepção de cultura não concebe os processos culturais como adequados, ou mesmo os sociais como materiais.

Para Garcia Canclini (1983, p. 29), a representação e reelaboração simbólica, como estruturas mentais, bem como as operações de reprodução ou transformação social remetem a práticas e instituições “que, por mais que se ocupem da cultura” envolvem uma materialidade. Isto porque, para o autor, toda produção de sentido está inserida em estruturas materiais.

A contação de histórias, por exemplo, mesmo as institucionalizadas formalmente, é um evento cultural que mobiliza processos de representação e reelaboração simbólica na medida em que fazem parte desse momento de elaborações discursivas linguísticas e extra-linguísticas, quando corpo, voz e movimentos, são orquestrados para dar vida e sentido aos fatos narrados em prosa oral.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"

Primeiros registros de contos tradicionais orais em alguns lugares do mundo

Era preciso registrar para não se perder no tempo essas histórias que encantam. E foi assim que a sensibilidade pela valorização dessas narrativas começou com os registros de Charles Perrault, no século XVII, publicando a primeira coletânea de contos populares franceses. Já no século XIX, Jacob e Wilhelm Grimm publicaram uma antologia de Contos de Fadas, resultando em dois volumes, um em 1812 e outro em 1814, na Alemanha.

Depois dos irmãos Grimm, outras publicações de contos populares foram surgindo, a exemplo de Hans Christian Andersen na Dinamarca, em 1835; Joseph Jacobs também reuniu histórias na Inglaterra, Irlanda e Índia, a partir de 1890. Também Adolfo Coelho, em 1879, Teófilo Braga, em 1883, e Consighieri Pedroso, em 1910, publicaram antologias de contos populares em Portugal. Bernardino Barbosa publicou, em 1914, Contos populares de Évora. Em 1946, M. Aurélio Espinosa publicou Contos populares espanhóis, na Espanha (Silveira, 2004). Estes são alguns dos que se interessaram por esse discurso oral além Brasil.

Em território brasileiro, destacamos Silvio Romero que publicou Contos Populares do Brasil,

em 1885, e com o mesmo título da antologia de Romero, Lindolfo Gomes publicou uma obra em 1918. Depois, Luís da Câmara Cascudo publicou, em 1946, Contos Tradicionais do Brasil. Maria Claurênia Silveira (2004) relata que Roberto Benjamin, em 1994, coordenou o Projeto Conto Popular e Tradição Oral no Mundo da Língua Portuguesa que foi inaugurado com a Coletânea Contos Populares de Pernambuco pela Editora Massangana em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco. Também os Contos de Dona Esmeralda foram publicados por Doralice Alcoforado e Edil Costa, em 1998, pelo Instituto de Letras, UFBA; no mesmo Estado, Maria do Socorro Simões e C. Golder, em 1995, Cejup, UFPA, registrou narrativas de contadores da região Norte na Série Pará Conta, com três volumes de contos de Belém e em Abaetetuba. No Ceará, precisamente em Crato e Juazeiro, Francisco Assis de Sousa Lima publicou, em 1985, Conto Popular e comunidade narrativa. Na Paraíba, a Jornada de Contadores de Histórias da Paraíba, integrada por Maria José Figueiredo, Myriam Gurgel, Ivando Nóbrega, Iracema de Figueiredo Lucena entre outros, ouviu mais de 300 narradores, em 27 cidades (Maia, 1995).



IMAGEM GERADA POR IA "sumo SEAMPT AI, sob a direção de LB Wolf, Criada em 07/01/2026"

Prevalência das narrativas tradicionais populares nas diferentes e evoluídas formas de vida

É preciso continuar contando e ouvindo. No entanto, hoje a tradição do contar tem se modernizado: com ambientes urbanos dentro ou fora de escolas, eventos próprios de contação onde contadores do povo, ou até mesmo profissionais formados com orientação para técnicas do contar, performam para narrar essas histórias. Além disso, um espaço aberto para a contação é a web onde pessoas se reúnem com esse fim.

Maria de Lourdes Patrini (2005, p. 137) explica que na contemporaneidade a tradição do contar se atualiza e consequentemente “o contador, o conto e a oralidade” também. A autora argumenta que a natureza viva da tradição é confirmada pelas variadas formas de interpretação do passado. Sobre a tradição oral do conto, mesmo com as evoluções, as mudanças e as rupturas, o fundo narrativo – o essencial – continua a fazer parte integrante da vida das pessoas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArtAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAArtAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"

A contação de história, para Maria de Lourdes Patrini, adquire novo enquadramento além das reuniões nos terreiros ou alpendres de casas de campo. Ela escreve que é preciso destacar que uma grande parcela da prática do contador da cidade é advinda de de uma formação e a uma motivação para apresentar profissionalmente a arte e o prazer do contar.

E porque são do povo, para o povo e pelo povo, como já dizem os grandes estudiosos como Câmara Cascudo, essas histórias literárias de expressão popular veiculam diversificados valores, experiências e expectativas de vida coletiva, materializados na voz de um contador individual que ali imprime também seu ponto de vista. É nessa posse pelo contador, porta-voz do povo, que o conto ganha e perde informações concomitantemente a depender do que acredita aquele que o enuncia.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"

Quando lemos o prefácio de Contos tradicionais do Brasil, de Luís da Câmara Cascudo (2004, p. 11, [1986]), encontramos que: “De todos os materiais de estudo, o conto popular é justamente o mais amplo e mais expressivo.” E isso se justifica porque essas narrativas manifestam conhecimentos históricos, etnográficos, sociológicos, jurídicos e sociais. Para Câmara Cascudo, as principais características dos contos são: a antiguidade,

o anonimato, a divulgação e a persistência. Significa, com isso, que essas narrativas são imemoriais, sem uma autoria individual, uma vez que é contada pelo povo que passa, pela oralidade, de geração a geração, o que caracteriza a persistência. Como um museu de memórias, defendemos que os contos são potenciais recursos didáticos. Nele, os valores, crenças e costumes pontencializam a adesão do ouvinte.

Classificação dos contos populares

Para facilitar a compreensão, Luís da Câmara Cascudo (2004 [1986]), com base na classificação de Aarne-Thompson, sistematizou doze classificações para o conto popular levantado no Brasil: Contos de encantamento, Contos de exemplo, Contos de animais, Facécias, Contos religiosos, Contos etiológicos, Demônio logrado, Contos de adivinhação, Natureza denunciante, Contos acumulativos, Ciclo da morte, Tradição.

Nos contos de encantamento, vamos encontrar sempre a magia e a presença do sobrenatural como é o caso de A Bela e a Fera, em que a bela filha mais nova de um velho pai é obrigada a viver com uma fera por ter roubado uma flor do jardim que pertencia à fera. Esta, na verdade, era um belo príncipe encantado cujo feitiço foi quebrado pelo beijo da moça.

Os contos de exemplo intentam passar um ensinamento. A menina dos brincos de ouro é um exemplo dessa classificação dada por Luís da Câmara Cascudo. A menina recebe uns brincos de ouro de presente da mãe como metáfora dos ensina-

mentos, das lições de vida. Inicialmente ela negligencia esses saberes e passa por situações de violência, sendo, posteriormente recuperada pela própria mãe.

Nos contos de animais, vamos encontrar sempre a presença de animais personificados, a exemplo do conto A raposa e as uvas. A raposa tenta pegar um cacho de uvas que está num galho alto da videira, não conseguindo, desiste e diz que, na verdade, não o queria.

As facécias são anedotas, piadas. Na tradição popular, essas histórias querem provocar riso às vezes usando certas palavras nem sempre provocadoras de riso, por se tratar de uma condição da pessoa. Em O conselho do Doutor Doido, o doutor era consultado pelas pessoas quando estas queriam resolver um caso específico. Esta história trata-se de um rapaz que se enamora de três mulheres e, não conseguindo saber com quem fica, vai até o doutor que lhe diz: “- Quem sempre foi, sempre é! Besta velha não se acostuma com pasto novo. Quem nunca foi, vai-se fazer!”



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAMART-4I, sob a direção de J.B Wolff, Criada em 07/01/2026"

Os contos religiosos apresentam sempre uma intervenção divina. Um exemplo é a história Viva Deus e ninguém mais. Era um velho pescador que vivia repetindo Viva Deus e ninguém mais/ Quando Deus não quer/No mundo nada se faz!. Por essa razão, o rei armou-lhe uma cilada, mas não conseguiu contrariá-lo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolff, Criada em 07/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"

Os Contos etiológicos intentam explicar a origem de certas características, propriedades ou comportamento de determinado ente natural. É o caso, por exemplo, do conto A Festa no Céu, que explica a razão de os sapos terem o couro grosso e parecido que foi emendado.

Contos do Demônio lo-grado apresentam uma disputa, mas o Demônio sempre perde. Um exemplo desse tipo de conto é As paerguntas de Dom Lobo, em que uma en-

tidade maligna faz perguntas a um jovem e ele as responde todas.

Os Contos de Adivinhação requerem do herói a solução de uma adivinhação comumente chamada de enigma, interpretação de gestos e decifração da origem de determinados objetos. Um exemplo é A princesa adivinhona. O conto narra a história de uma princesa que, embora tivesse fama de inteligente, não conseguiu adivinhar as perguntas de um moço que ela colocou à prova.

Natureza denunciante é uma classificação que reúne os contos, cujos crimes são revelados pela denúncia de recursos da própria natureza como A menina enterrada viva, presente na minissérie Hoje é dia de Maria, lançada em 2005, sob a direção e roteiro de Luiz Fernando Carvalho e auxílio de Luiz Alberto de Abreu e Carlos Alberto Soffredini. Uma madrasta enterra a enteada e no lugar nasce uma roseira de onde se ouve uma canção que conta o crime.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"

Os Contos Cumulativos são construídos por fatos sucessivamente encadeados e articulados, formando depedência um do outro. Em O macaco perdeu a banana, para recuperá-la do oco do pau, o macaco sai pedindo a ajuda de seres que lhe negam ajuda e são, portanto, ameaçados por quem tem o poder de destruí-los, até que a Morte vai ajudá-lo e, com isso, o macaco recupera a banana.

Os contos que fazem parte do Ciclo da morte apresentam sempre uma disputa entre o diabo e

a Morte, esta sempre vencendo. Luís da Câmara Cascudo levanta um único conto O Compadre da Morte. A narrativa conta a história de um homem que tinha tantos filhos que já não conseguia encontrar quem pudesse ser padrinho, o que o fez convidar a Morte. Como presente para o afilhado, a Morte deu riqueza e a condição de médico ao pai. Este para salvar o filho do rei e a si próprio engana a Morte duas vezes, não conseguindo enganá-la pela terceira vez, o que o leva à morte.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"



Por Tradição, Luís da Câmara Cascudo considerou enunciados que não são histórias nem lendas, mas têm citações nas narrativas tradicionais como A Música dos Chifres Ocos e Perfurados. Trata-se de uma música que pode ser ouvida nas capoeiras de Mamanguape, Mesorregião da Zona da Mata Paraibana, e que são emitidas pelos chifres dos veados cansados de fugir da perseguição dos caçadores.

A classificação dada por Luís da Câmara Cascudo, como podemos observar, considera critérios como: tema, origem geográfica, presença humana ou animal nas histórias, fantasia, crenças, para dizer apenas alguns. Nesse sentido, o levantamento, cuja escuta foi diretamente dos contadores, e os agrupamentos em classes, veiculam valores culturais diversificados inscritos na memória popular.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"





Depois de Luís da Câmara Cascudo, o professor e pesquisador Bráulio do Nascimento (2005), seguindo também a classificação de Aarne, organiza um Catálogo do Conto Popular Brasileiro, com quatro classificações: Contos de animais, Contos comuns, Facécias e anedotas, Contos de fórmula. E como subclassificação dos Contos comuns, o autor categoriza: Contos maravilhosos, Contos religiosos, Novelas (Contos românticos) e Contos do Ogro estúpido. Podemos observar que essas classificações de Bráulio estão contidas nas de Câmara Cascudo.

Ambas as classificações talvez não atendam toda a riqueza das narrativas populares do Brasil, mas atendeu ao levantamento feito por eles na época. É importante atentar para o fato de que a essência das histórias é a mesma, o que muda é a roupagem estético-cultural com que cada uma é revestida.

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 07/01/2026"

COLONISTA NAZARETH ARRAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





O Mundo DA FANTASIA



01



KAROL ARTIOLLI



Apaixonada por fantasia e mitologias, é autora do livro *O Destino da Espada: A Saga de Ériko Alek*. Nascida em Campinas, interior de São Paulo, começou sua jornada literária ainda na infância, quando se aventurava em diários e contos poéticos. Com uma reviravolta em suas crenças, dedicou-se desde os 12 anos ao estudo aprofundado das mitologias; uma paixão que a acompanhou por toda a vida e a inspirou viajar pelo mundo em busca dos cenários fantásticos descritos por Homero e Virgílio. Gamer nas horas vagas, ela encontrou na escrita sua verdadeira vocação, incorporando em suas obras fantásticas a fascinação por mitos. Na *The Bard*, investiga como o mundo da fantasia se reinventa — nas páginas, nas telas e nas mãos de quem cria, inspirando e provocando reflexões.

Como Videogames Expandiram o Mundo da Fantasia e Transformaram Gamers em Leitores

Olá, queridos leitores.

Por muito tempo, os videogames foram vistos como rivais da literatura, mas a história mostrou outro caminho: muitos jogos levaram os gamers aos livros.

Todos os enredos podem ter esse poder, desde FPS ao terror, mas o que mais se destaca, nesta gigantesca indústria de entretenimento, são aqueles que abordam o mundo fantástico.

Horas intermináveis de gameplays, quests secundárias marcantes, mapas de mundo abertos com incontáveis tesouros, relíquias e segredos, e lores que ficam pelo caminho, fazem os fãs, sedentos da arte, buscarem alívio em outras fontes refrescantes, e as encontram no seio do conheci-

mento da humanidade: nas páginas dos livros.

São buscas por mapas, perfis de personagens, conhecimento de mundos, suas minuciosas estruturas, mitologias, tudo aquilo que ficou para trás, ou mesmo suas prequelas. São detalhes que elevam e expandem suas jogatinas.

Hoje, irei introduzi-los a dois temas que me fascinam: Fantasia e videogames. E não afirmo sem conhecimento de causa, escrevo por experiência própria. De uma jogadora e escritora, quero abrir sua mente para o que considero um dos meus pilares para escrever.

Então, sente-se em sua cadeira gamer, coloque a trilha do Senhor dos Anéis, e vamos para a aventura!



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"

DO JOYSTICK ÀS PÁGINAS DOS LIVROS

a fantasia que salta das telas para os livros

Jogos que nasceram da literatura

Não é segredo para ninguém que uma mídia pode se inspirar em outra para ganhar asas. Mas é quando somos transformados no protagonista?

Talvez o exemplo mais emblemático seja *The Witcher*. A história teve início em 1985, quando o autor polonês Andrzej Sapkowski publicou apenas pequenas histórias soltas do bruxo.

As publicações foram um sucesso e os leitores começaram a pedir por mais. Porém, mesmo com a dimensão que seus romances conquistaram, os livros ainda eram desconhecidos por boa parte do público.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"



Foi só com a adaptação para jogos, em 2007, que as obras de Sapkowski ganharam a curiosidade de jogadores do mundo todo. Os games, apesar de serem considerados adaptações não-canônicas, dão sequência aos acontecimentos dos livros, o que fez com que muitos apaixonados pelo bruxo, feiticeiras, grifos, dragões e magias, procurassem pelos romances, transformando o escritor polonês em uma referência em literatura fantástica.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"

Outro exemplo é o escritor russo Dmitry Glukhovskiy. Ele começou a escrever *Metrô 2033* aos 18 anos, em 1997, mas o livro só foi lançado em 2005.

Tornou-se um sucesso na Rússia e depois, ao redor do mundo. Mas brasileiros, acostumados com os graciosos braços confortáveis do português tupiniquim (me incluo nisso), não se interessaram por uma obra de língua russa que, apesar de não ser puramente fantasia, e sim, uma ficção científica, se passa em uma Moscou após uma catástrofe nuclear, levando os sobreviventes a se refugiarem de monstros mutantes, em estações de metrô.

Foi em março de 2010, que o livro de Glukhovskiy tornou-se um FPS de Survival Horror. A história fascinante de Artyom, tentando sobreviver em uma Moscou devastada, ganhou o coração dos amantes de distopias pós-apocalípticas, levando-os a procurar pelos romances russos.



Já Dante's Inferno é outro caso marcante. Baseado no livro de mesmo nome, o jogo explora, com maestria, a fantasia do inferno medieval descrito pelo escritor italiano Dante Alighieri e, de fato, compartilha muitas semelhanças com o poema épico do século XIV.

Jogadores, que nunca leriam o clássico, foram marcados pelas travessias dos Portões do Inferno e cada círculo obscuro, enfrentando monstros, feiticeiros e o próprio Diabo, fazendo-os saltarem das chamas infernais e buscarem as nuvens do paraíso nas páginas d'A Divina Comédia.

Aqui, vale ressaltar, que o protagonista do jogo é Dante, um guerreiro das Cruzadas que foi morto em combate. Assim, além dos poemas de Alighieri, os gamers (me incluo nisso também) buscaram nos livros mais informações sobre As Cruzadas e seus Templários.



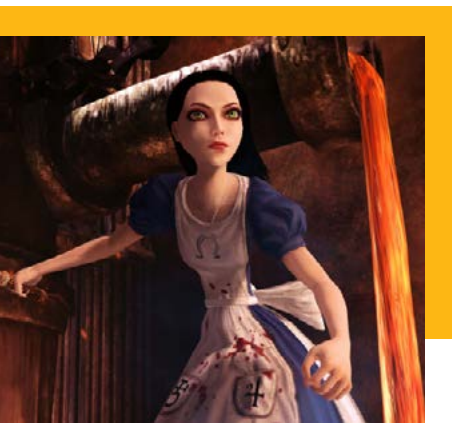


Imagem de Theenemy por Google

O jogo American McGee's Alice, lançado em 2000, reinventa a fantástica história de Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas, porém bem mais macabro que a versão "infantil" do escritor.

No enredo do jogo, Alice retorna ao País das Maravilhas com 18 anos, depois de receber a visita do coelho branco em um manicômio. Mas o mundo mágico está distorcido e mortal, devido ao governo terrível da Rainha de Copas.

A protagonista, sendo guiada pelo Gato Cheshire, usa magias, bombas e brinquedos para destruir seus inimigos.

Não preciso nem dizer que o jogo não era para crianças, mas os jovens e adultos que desfrutaram do grande sucesso das plataformas — e, por algum motivo sombrio, não conheciam a fundo a história da garotinha inglesa —, procuraram as obras de Lewis para entender como Alice foi parar em um hospital psiquiátrico.

E por que não falar de Lovecraft? O escritor nunca teve muita fama em vida, mas sua influência nos games é absurda! De tantos jogos baseados no que se tornou quase um subgênero, posso citar Bloodborne (meu Soulslike favorito) e Call of Cthulhu – H.P. Lovecraft.

A fantasia de horror cósmico, criada pelo autor americano Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), enfatiza coisas estranhas e sobrenaturais, com temas de pavor cósmico, conhecimento proibido e perigoso, loucura, influência humana na humanidade, religião e superstição, destino e inevitabilidade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"

No RPG Call of Cthulhu – H.P. Lovecraft, lançado em 2018, controlamos um investigador particular e veterano de guerra Edward Pierce, que sofre com pesadelos cada vez mais bizarros. Contratado para investigar um caso, ele precisa partir para a Ilha Darkwater. Ali, se envolve profundamente na estranha cultura local e, entre uma pista e outra, descobre o Necronomicon, transformando a vida do investigador em um caldeirão de visões e manifestações cósmicas, incluindo o Leviatã e o próprio Cthulhu.

Já em Bloodborne, um Soulslike de Dark Fantasy, nos encontramos em Yharnam, uma cidade

gótica/vitoriana e em ruínas. Somos um viajante buscando uma cura que, segundo rumores, só essa cidade tenebrosa possui. Porém, descobrimos que Yharnam vive um pesadelo de feras, nos tornando Caçador da noite para o dia. À medida que exploramos, descobrimos segredos sombrios da cidade, desvendando uma história repleta de antigos rituais de sangue dos Great Ones (uma clara referência aos Great Old Ones de H.P.), criaturas de pesadelo e os horrores dos mágicos Eminentes. Nos levando ao medo do desconhecido e a loucura por saber demais, recebendo, até mesmo, a visita da Presença da Lua.

Em ambas as adaptações, os jogadores mergulham na fantasia bizarra criada por Lovecraft, levando-os a buscar detalhes de seu horror cósmicos em seus escritos, principalmente em suas obras mais populares: O Chamado de Cthulhu e Nas Montanhas

da Loucura.

Minha experiência com H.P. foi justamente depois de jogar Bloodborne. Em busca de conhecer mais sobre a história do jogo e seu desenvolvimento, descobri que a mente brilhante do cria-

dor do game, Hidetaka Miyazaki, é muito influenciada pelas obras de Lovecraft, e suas Dark Fantasy sempre têm uma pitada de horror cósmico. Então, como boa escritora, leitora e gamer que sou, fui atrás das obras do senhor Howard.

Jogos que geraram literatura própria

Mas não é só a literatura que inspira jogos: os games também inspiram livros.

Dragon Age, por exemplo, é um RPG de fantasia sombria. O primeiro jogo da série, Dragon Age: Origins, lançado em 2009, segue a história de um recruta recente de uma lendária ordem de guerreiros conhecida como Grey Wardens. Nossa missão no jogo é salvar o reino de Ferelden de ser invadido pelo Darkspawn. Após o sucesso estrondoso do game, a BioWare desenvolveu outros três jogos e não parou por aí. A forte narrativa construída neste vasto universo, fez com que os desenvolvedores o expandissem. A saga conta com romances, HQs e guias oficiais, incentivando os jogadores a consumirem o material literário para explorar a lore além do jogo.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPTX, sob a direção de J.B. Wolf, Criada em 08/01/2026"



Posso incluir também, neste tópico, Dark Souls. Uma fantasia medieval sombria, onde lutamos contra cavaleiros, dragões, fantasmas, demônios e mais uma infinidade de outras entidades monstruosas ou sobrenaturais.

Sendo do mesmo criador do citado Bloodborne, já sabemos que o jogo não nos entregará muitas explicações sobre sua história e/ou personagens.

Com a recepção extraordinária por parte de jogadores do mundo todo, a desenvolvedora FromSoftware e Hidetaka Miyazaki expandiram ainda mais o universo, lançando outros dois jogos, incluindo as DLCs, e, claro, criando o Abyssal Archive, que são basicamente enciclopédias baseadas no primeiro sucesso da franquia. Uma leitura obrigatória para os fãs do Soulslike de sucesso.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPTX, sob a direção de J.B. Wolf, Criada em 08/01/2026"





Falando em fantasia medieval, a série de jogos The Elder Scrolls é referência em imersão e liberdade narrativa, onde temos a autonomia de criar o herói, escolher facções e redefinir destinos. Morrowind, Oblivion e Skyrim ganharam vários prêmios de Jogo do Ano e, mundialmente, já foram vendidos mais de 40 milhões de cópias. Esses jogos, de mundos abertos imensos, foram inspirados em mitologias nórdicas e é claro que também ganharam uma coleção de livros. As obras são ambientadas 40 anos após os acontecimentos de The Elder Scrolls: Oblivion, e cerca de 160 anos antes de seu sucessor: Skyrim. Eles contam histórias independentes, mas usando a mitologia e os elementos do universo original desenvolvido pela Bethesda. Portanto, os jogadores podem mergulhar fundo na história por trás da série de jogos de fantasia mais bem-sucedidos e aclamados de todos os tempos, através de várias e várias páginas.

E um caso mais recente é o League of Legends. De um simples jogo competitivo online, nasceu um universo vasto chamado Runeterra, detalhado em contos, HQs e no romance Ruination. A transição foi tão forte que o próprio público gamer, acostumado com batalhas rápidas, passou a buscar narrativas longas e densas.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"

Quando o jogo desperta a curiosidade por mitologias

Há ainda os jogos que nos fazem voltar ao passado.

Outro assunto que adoro e passei a maior parte da minha vida estudando, são as mitologias.

Posso citar, sem medo de errar, que God of War foi a porta de entrada para muitos gamers procura-

rem os deuses gregos nas páginas das Ilíadas e da Odisseia. A série de jogos de ação-aventura foi iniciada em 2005 e segue o protagonista espartano Kratos que, por influência de Ares, foi levado a matar sua família. Isso desencadeia uma série de eventos que levaram às guerras contra os panteões mitológicos gregos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"

Com o sucesso, outros jogos foram lançados e, mais recentemente, nosso guerreiro vingativo acaba desembarcando em terras nórdicas. Mas aqui, ele já está velho e cansado, e busca o caminho da redenção, o que inadvertidamente coloca-o em conflito com os deuses nórdicos, enquanto tenta impedir o Ragnarök. Não preciso nem dizer que milhares de jogadores buscaram nas Eddas islandesas a fonte de inspiração desse jogo extraordinário.

E, é claro, o grande impacto na indústria: a união de Hidetaka Miyazaki com George R. R. Martin, criando, assim, Elden Ring. O jogo tem um universo extremamente rico e vasto, com versões de deuses e criaturas mitológicas, gigantescas batalhas medievais e tudo o que uma boa fantasia merece: magias, dragões, gigantes, ogros, espadas mágicas e narrativa complexa, levando muitos fãs a buscarem comparações em lendas arturianas, literatura gótica e nos próprios livros de Martin: As Crônicas de Gelo e Fogo.

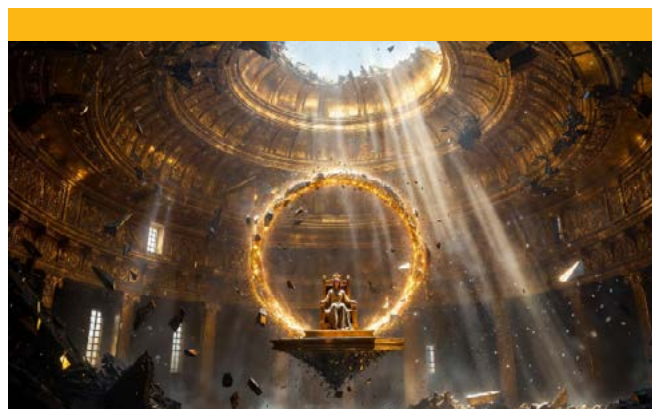


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"

O elo entre jogar e ler

A verdade é que os videogames não mataram os livros, ao contrário, eles introduziram os gamers ao universo maravilhoso da literatura.

Os mundos mágicos, apresentados nos jogos, fizeram os jogadores buscarem suas origens, desdobramentos, respostas e suas influências. Muitos começaram com o controle, mas terminaram folheando páginas e, no meu caso, criando minha própria mitologia em um livro de fantasia épica.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/01/2026"

No fim, a literatura e o videogame não são rivais: são complementos um do outro. E é nesse vai e vem, entre jogar e ler, que a fantasia se fortalece e se expande.

Nessa aventura, descobrimos que a fantasia continua a ser o que sempre foi — um espelho dos nossos medos e esperanças — mas agora o joystick pode ser só o primeiro capítulo.

LIVRO DA AUTORA



[Clique aqui](#)

COLUNISTA KAROL ARTIOLLI

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

MEMÓRIA:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"



35ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2026

Uma viagem nos tempos:

"a expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"

**36^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MARÇO & ABRIL DE 2026**

PERÍODO DE 03 DE DEZEMBRO À 31 DE JANEIRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

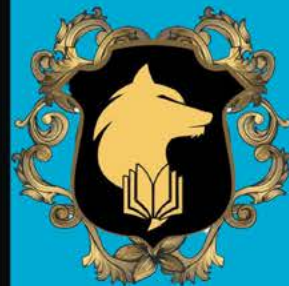
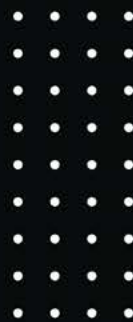
*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*
- *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- | | |
|---------------------------|--------------------------------------|
| ✓ Direitos Autorais | ✓ Direito Civil |
| ✓ Propriedade Intelectual | ✓ Direito Empresarial |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito da Saúde |
| ✓ Direito do Consumidor | ✓ Direito Administrativo |
| ✓ Direito Trabalhista | ✓ Contratações Públicas - Licitações |

Contatos:

☎ 61-98479-6687

✉ adv.lilianbarbosa@gmail.com

📷 [@advogada.lilian](https://www.instagram.com/advogada.lilian)





VALLETI
BOOKS

Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨
————— ✨
————— ✨

CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM

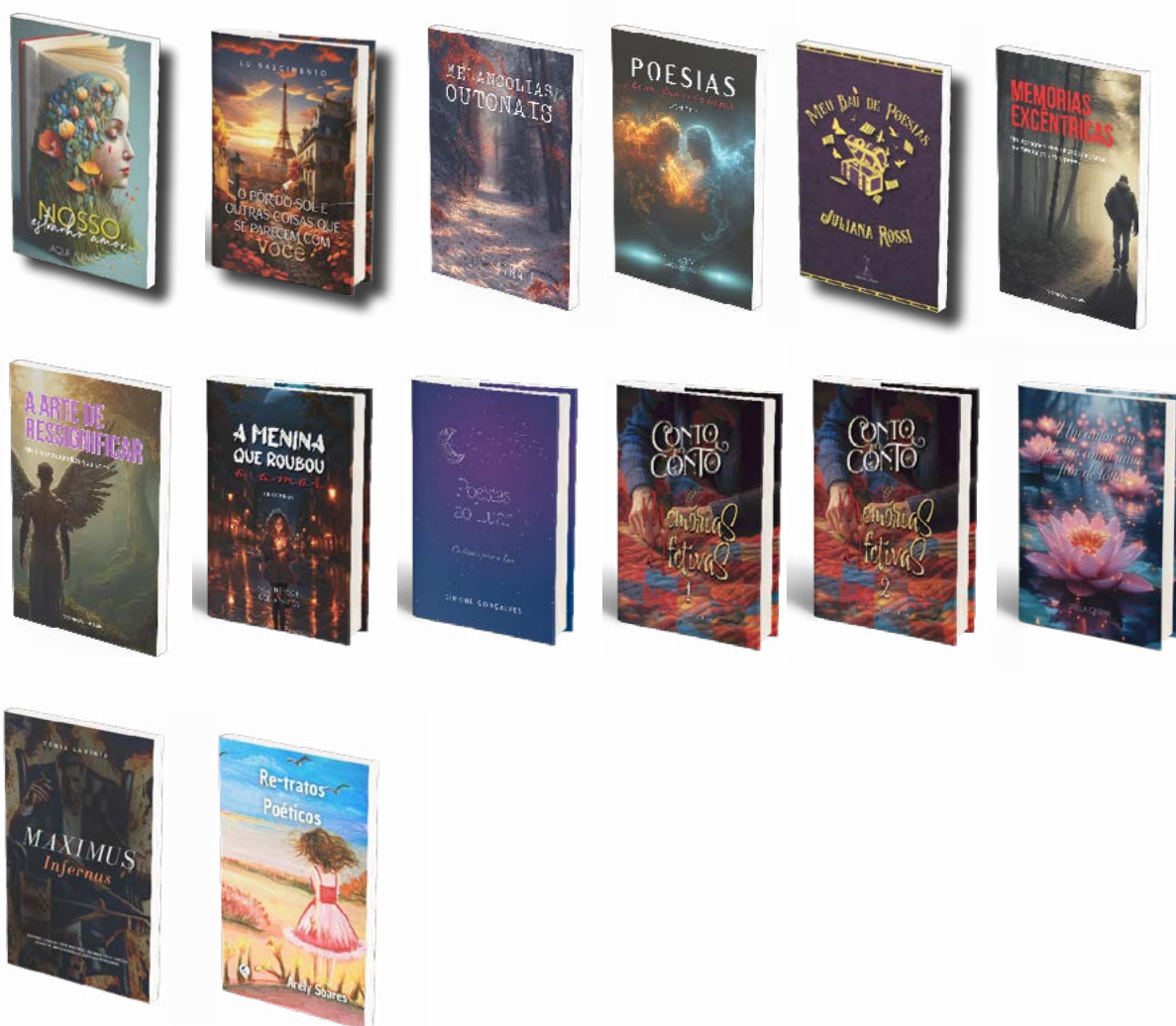


WHATSAPP



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPARG, nascida em João Pessoa Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO “Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade — marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



TÔNIA LAVÍNIA é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: “Deliciosamente Libertino e da Série “Maximus”. Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.



Maximus é a personificação da sofisticação, vivendo entre a beleza das telas raras, esculturas icônicas, livros que guardam segredos e a música clássica que embala sua alma. Em Milão, ele é um homem de poder e mistério, mas seu mundo perfeito é abalado quando surge Lorde Sinclair, um vilão sedutor e sensual, cheio de desejos libertinos. Sinclair, movido pela luxúria e pelo desejo de poder absoluto e vingança, é um homem que usa sua sensualidade como uma arma para manipular e conquistar. Sua maldade é disfarçada por um charme irresistível, e ele vê no caos e no sofrimento dos outros um prazer profundo. Ao contrário de Maximus, Sinclair não ama, ele deseja e sua obsessão por vingança envolvendo um jogo perigoso de dominação e controle. Enquanto Maximus luta para proteger seu mundo e os segredos que tanto valoriza, ele percebe que Sinclair está disposto a destruir tudo o que ele construiu. A paixão de Sinclair não é de amor, mas de domínio. Maximus Infernus é uma história de luxúria, poder e traição, onde os desejos mais sombrios se entrelaçam com as complexas emoções humanas, e o vilão não tem limites para alcançar o que deseja.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



ARELY SOARES REIS é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Re-tratos Poéticos, Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Mia Koda

**Acesse os links
clicando no botão abaixo**



Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.

Clique aqui



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações. Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe. A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui



O livro "Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.

Clique aqui



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui



COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

Clique aqui



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Márcia Neves

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Poesia - o lugar encantado das crianças
História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

 **amazon.com.br**



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

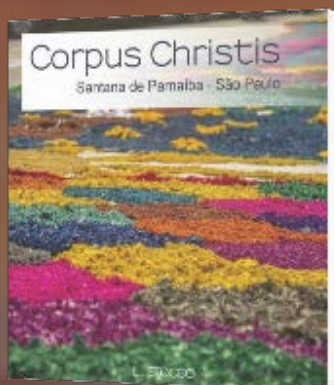
**Acesse o link
clcando na capa do LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



“Fui Mandado Embora”, de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com



Espaço

VITRINE

THE BARD



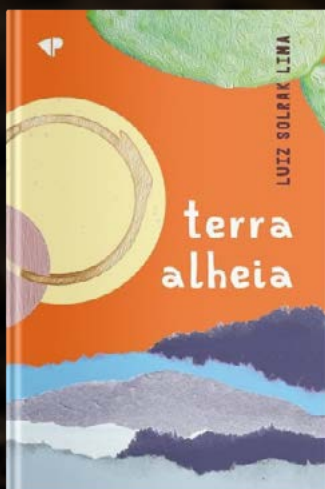
COLUNA

Escritor

Luiz Solrak Lima

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Terra alheia
de Luiz Solrak Lima**



Terra Alheia é um lembrete poético de como mudanças podem ser necessárias ao mesmo tempo que transformadoras. E essas transformações demanda de cada indivíduo perdas e ganhos na sua estrutura cultural composta de sua linguagem, de seus costumes e de sua ligação com a terra natal. Com isso o livro faz um convite poético para sentirmos o saudosismo, o estranhamente espacial e o estado crítico dos múltiplos eus-líricos que compõem os poemas. O livro, no seu ano de lançamento, ganhou o Prêmio Cultural de Americana -SP 2023 e o Prêmio Destaque Cultural de Americana-SP 2023.

Clique aqui

**Livro Carne, suor e sangue
de Luiz Solrak Lima**



Neste romance de carne exposta e alma ferida, Luiz Solrak Lima escreve com sangue o destino de Janaína e Geane. Personagens que sangram, amam e resistem em silêncio. Nos corredores de um casarão esquecido ou nas ruas, sua dor ecoa nos passos de Geane, criança que é espelho físico da mãe, extensão silenciada de um passado que insiste em arder. Uma narrativa cortante sobre corpos usados, silenciados. Ler é tocar o grito que nunca foi ouvido.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

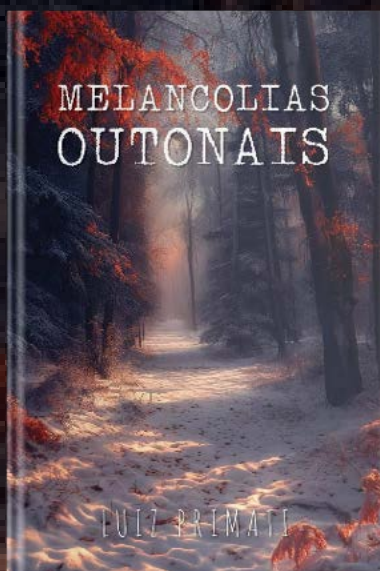
THE BARD

Escritor

Luiz Primati

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro “Melancolias Outonais”
de Luiz Primati**



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Um homem italiano apaixonante... Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador. Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas. Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte. Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz: Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade. Acredite, se você não quer, ele faz querer. Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história. Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição... O universo de Maximus.

Clique aqui



Maximus personifica sofisticação, cercado por arte, literatura e música clássica em Milão. Seu mundo perfeito é ameaçado por Lorde Sinclair, um vilão sedutor que usa sua sensualidade para manipular e busca vingança. Enquanto Maximus defende seus segredos, Sinclair quer destruir tudo que ele ama, transformando a paixão em dominação. "Maximus Infernus" explora luxúria, poder e traição, onde desejos sombrios se entrelaçam com emoções humanas.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

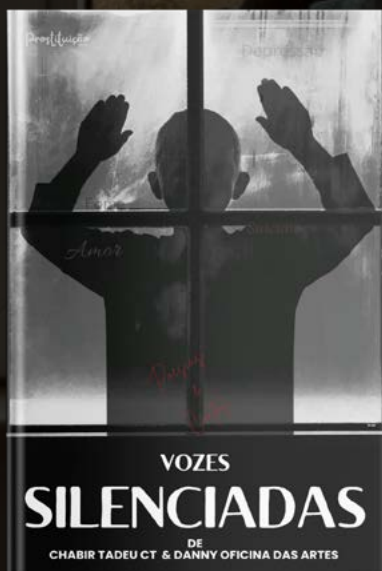
THE BARD

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**E-BOOK
VOZES SILENCIADAS**



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes. "Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Sueli Lopes

Acesse o link
clicando no botão abaixo



Nossos Outonos: Uma analogia entre os ciclos da vida e as estações do ano, adornada de crônicas e ilustrações do outono, nos vilarejos ingleses e nos parques londrinos. Nessa jornada, há um convite e sugestões a você, leitor, para desvendar o lugar das histórias, onde a escrita é o recurso que determinará o seu percurso das águas. Que você saia da ilha. Seja qual for o seu deserto, traga água a ele, comece pela escrita. Ela é o início da materialização de suas ideias. Deixe fluir, pois suas ondas irão amenizar a seca de afeto que invade o mundo. Bem-vindo/a ao oceano de metáforas, ao mar da catarse. Bem-vindo-a às ondas que amenizam os desertos da humanidade.



Crônicas do Aqui e Agora: Crônicas criadas no ordinário, no simples, no cotidiano, com destaque à nossa forma de ver o mundo, tão inerente às nossas crenças, fé, alma, capacidade de contemplar. Uma sugestão de que os lugares que frequentamos e a forma que os enxergamos, são uma excelente fonte de escrita, e das mais afetuosas. As crônicas transitam entre a Estação de St Pancras, Londres, à travessia literária do Rio Tejo, Lisboa. Uma excelente fonte de escrita humanizada.



Rubem, Um Gato Descolado: o túnel secreto: Rubem é um ex-gato de rua, adotado por um milionário e culto senhor londrino, de quem se torna herdeiro. Ele descobre um túnel secreto, um portal, que lhe dá poder para viajar no tempo e no espaço, nos levando, de forma bem lúdica, ao encontro de escritores, histórias e lugares incríveis. "O Gato que viajara no tempo e no espaço" é um gato intelectual, descolado, que adora livros e visitas culturais. É caridoso, tem muita compaixão e se interessa pelo resgate de animais abandonados. A história mostra como é importante fazermos as pazes com a nossa própria história de vida, e muitas respostas que Rubem busca, só vai encontrar na literatura, em seus encontros com Ernest Hemingway, Bukovski, Allan Poe e Guimarães Rosa.



A Alma dos Lugares, a Memória Ancestral e os Cinco Sentido: um jeito afetuosos de fazer turismo literário e cultural: Crônicas de turismo literário na França, Inglaterra e Portugal. Quando o escritor se envolve com a alma do lugar, não escreve apenas sobre a paisagem que vê, mas também sobre as camadas invisíveis que compõem aquele espaço. O lugar se transforma em personagem, a história local dialoga com a experiência individual, e o resultado é uma narrativa profundamente humanizada, que conecta leitor, escritor e espaço de forma íntima. Ao explorar a alma dos lugares, descobrimos também partes ocultas de nós mesmos. E ao escrever sobre esses lugares, damos voz às histórias que eles contêm, perpetuando suas memórias e, de certa forma, reescrevendo nossa própria história, enriquecida pela troca e pelo encontro.

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Stella Gaspar

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

**Livro Um amor em poesias
como uma flor de lótus
de Stella Gaspar**



“Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus”, de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



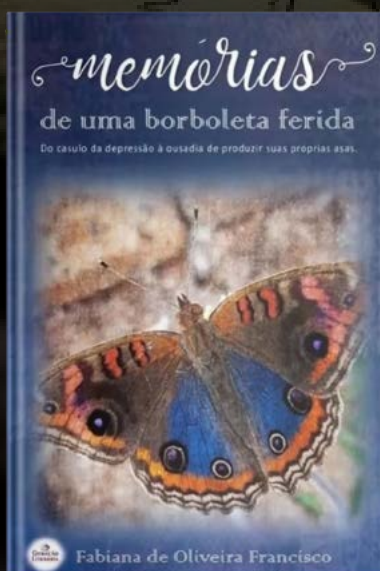
COLUNA

Escritora

Fabiana Francisco

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

**Livro Memórias de uma
borboleta ferida
de Fabiana Francisco**



“Memórias de uma borboleta ferida” é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.

Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.

Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto”.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



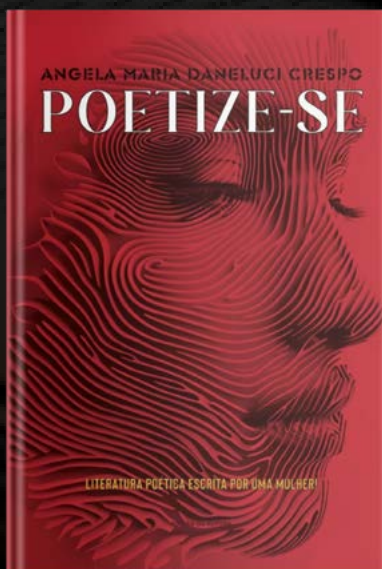
COLUNA

Escritora

Angela Daneluci

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**

**Livro Poetize-se
de Angela Daneluci**



Em "Poetize-se", somos convidados a embarcar numa jornada através das palavras, quando a poesia se torna um espelho das nossas próprias emoções e experiências. Neste livro, cada verso é uma porta aberta para o universo íntimo da autora, que nos guia por paisagens emocionais profundas e reflexões que tocam o cerne da nossa humanidade. Com uma linguagem lírica e sensível, a autora revela a beleza escondida nos detalhes do cotidiano, transformando o ordinário em extraordinário através da magia das palavras. "Poetize-se" não é apenas um convite à contemplação, mas também uma celebração da vida em todas as suas nuances, da alegria efervescente à melancolia sutil. Cada poema é uma pequena joia lapidada com cuidado e dedicação, transmitindo uma gama de sentimentos que ressoam com o leitor, tocando-o profundamente. Com uma voz única e autêntica, a autora nos leva a explorar os mistérios da existência e a descobrir a beleza escondida nos recantos mais obscuros da alma.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD

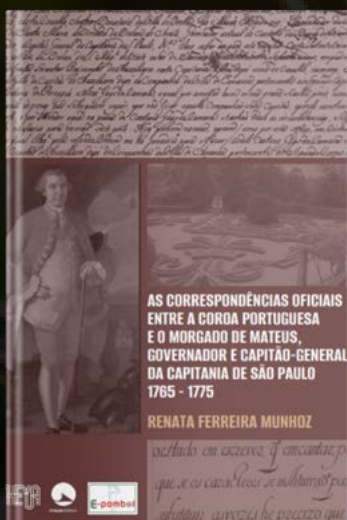


COLUNA

Escritora

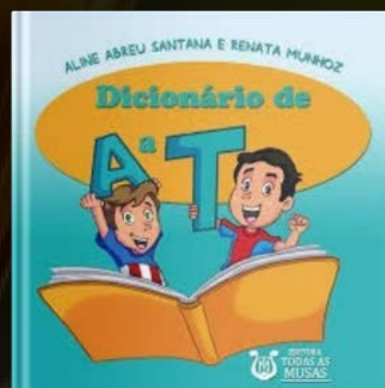
Renata Munhoz

**Acesse o link
clicando no botão abaixo**



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portuguesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretudo do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos versando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos. Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de texto curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.





Espaço

VITRINE

THE BARD



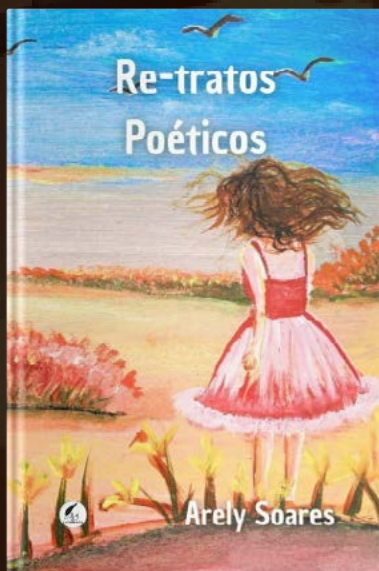
COLUNA

Escritora

Arely Soares Reis

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro Re-tratos Poéticos



Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Rute Ella Dominici

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro Mar Germinal



"Mar Germinal" é uma coletânea de poemas que explora temas como a natureza, o amor, a solidão, a existência humana e a conexão entre o mundo interno e externo. Escrito com linguagem fluida e rica em metáforas, o livro convida o leitor a viajar pelas emoções e paisagens descritas nas palavras. Cada poema é um universo próprio, trazendo reflexões profundas sobre a vida, a arte e a busca pelo sentido.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritor

Renato Mota

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro O Livro de Insânia



Depois de uma semana exaustiva, Seu Narto acabou preso. Na prisão, ele viu uma passagem que o levou ao mundo de Insânia, um lugar com criaturas fantásticas e cidades em ilhas flutuantes. No caminho, Seu Narto encontrará seres estranhos e divindades que lhe mostrarão seu destino: derrotar a Loucura do Mundo e restaurar as funções regentes do universo de Insânia. Como ele, com um metro de altura, poderia enfrentar monstros liderados por um vilão e salvar seja lá o que for? Se quiser voltar a Mossoró, Seu Narto deverá cumprir suas tarefas antes do “fim do tempo de Insânia”, uma profecia que nem mesmo as deusas sabem interpretar.

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Natália Carmo

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**



Clique aqui

Re(começos) é um livro que retrata em crônicas, poemas, prosa poética e reflexões uma mulher que decide deixar para trás tudo o que a fazia sofrer. Determinada a recomeçar, ela parte em busca de um novo re(começo), longe de tudo que a prendia ao passado. Nesta jornada de autodescoberta e superação, essa mulher encontra desafios, principalmente, a força dentro de si mesma para reinventar sua vida e encontrar a felicidade.



Clique aqui

O livro o amor acaba, nos traz reflexões profundas e filosóficas, com fortes influências dos romancistas da primeira a terceira geração. É o novo clássico da literatura pós-moderna que enfatiza a fragilidade do amor e dos sentimentos em um arcabouço literário que transforma nossas convicções em atemporais por meio de interpretação em forma de frases, crônicas e poemas. Você verá o que a arte pode fazer, a arte por intermédio das palavras. Nossas relações a nossa ótica perfeccionista é uma cegueira, pois não somos perfeitos, e sempre buscamos o mundo platônico, o mundo das ideias em que todas as coisas são perfeitas.





COLUNAS E COLUNISTAS



Espaço

VITRINE

THE BARD



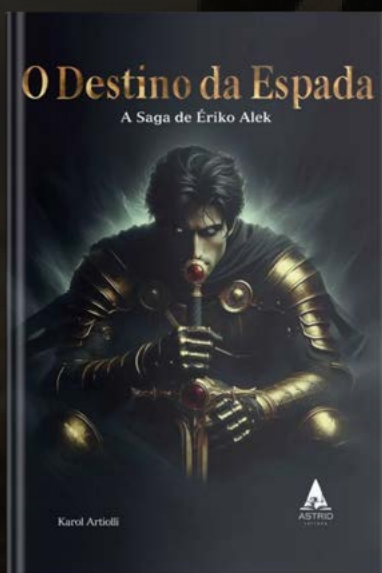
COLUNA

Escritora

Karol Artioli

**Acesse o link
clcando no botão abaixo**

Livro O Destino da Espada



Clique aqui

Você fugiria do seu destino... ou enfrentaria até os deuses para mudá-lo?

Quando Leja, sua esposa grávida, é ameaçada por uma profecia mortal, Ériko Alek parte em uma jornada épica pelos seis mundos em busca de uma única esperança: encontrar os Construtores, seres ancestrais capazes de reescrever os caminhos do destino. Mas para isso, ele precisará atravessar desertos malditos, confrontar reis cruéis e enfrentar o poder sombrio de uma espada que carrega não apenas magia... mas uma maldição antiga.

Nascido com uma missão e marcado por uma maldição, Ériko descobrirá que lutar contra o destino pode significar descobrir verdades que jamais quis encarar.

Neste romance fantástico recheado de ação, drama, reflexões e personagens inesquecíveis, Karol Artioli constrói um universo rico em mitologias originais, dilemas humanos e jornadas internas. O Destino da Espada é o primeiro volume de uma saga que vai conquistar fãs de Tolkien, George R. R. Martin e Leigh Bardugo.

LANÇAMENTO

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2026

MEMÓRIA:

"A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo"



35ª
EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MARÇO & ABRIL DE 2026

Uma viagem nos tempos:

"a expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano"

**36^a
EDIÇÃO**



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MARÇO & ABRIL DE 2026**

PERÍODO DE 03 DE DEZEMBRO À 31 DE JANEIRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.